

VESTÍGIOS DA TERRA

BETH REVIS

Autora best-seller do *The New York Times*



GODSPEED QUASE FOI DESTRUÍDA PELO
CAOS. MAS É CHEGADA A HORA DE
ENCONTRAR UM LAR.

novo século®



VESTÍGIOS DA TERRA

Shades of Earth

Trilogia Através do Universo – Livro 3

Beth Revis

Copyright © 2012 by Beth Revis
Título original: Shades of Earth
Tradução Sonia Strong
Capa Monalisa Morato

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54 de 1995)

Novo Século Editora – 2014

Versão ePub: AZ

1: AMY

— Espere — digo, com um aperto no coração.

O dedo de Elder paira sobre o botão de lançamento. Ele olha para mim, e posso ver a preocupação em seus olhos criando rugas nos cantos e fazendo-o parecer velho e triste. O planeta brilha através do vidro favo de mel à nossa frente — azul, verde e branco e brilhante e tudo o que eu sempre quis. Mas a emoção que faz meu estômago revirar é o medo.

Terror.

— Estamos prontos para isso? — pergunto, minha voz é apenas um sussurro.

Elder se inclina para trás, longe do botão de lançamento.

— Tiramos de *Godspeed* tudo que podemos transportar para o planeta — ele diz. — Tudo foi amarrado.

— Até as pessoas — digo. Usamos os grandes e pesados cabos, como aqueles que Elder usou para sair da nave no traje espacial, para amarrar as pessoas, da melhor maneira possível, ao redor das câmaras crio, contra as paredes, em qualquer lugar que pudéssemos ter certeza de que não seriam lançadas ao redor do módulo como bolas de borracha quando pousarmos em Terra-Centauri. É improvisação na melhor das hipóteses. Estou preocupada que nossos cintos de segurança improvisados não sejam suficientes, mas era tudo o que podíamos fazer. Estamos tão preparados como jamais estaremos.

Mas não foi isso que eu quis dizer quando perguntei se estávamos prontos.

Eu quis dizer: estamos prontos para o que há lá embaixo?

Eu estou pronta?

Sondas foram enviadas ao planeta — muitas delas antes mesmo de *Godspeed* chegar — e todas elas mostraram que Terra-Centauri era habitável. Mas há uma grande diferença entre ser habitável e ser um lar.

E há monstros.

Chacoalho a cabeça, tentando apagar esse pensamento perturbador. As últimas sondas relataram algum tipo de perigo desconhecido, algo que Órion

chamou de “monstros”. Algo tão ruim que o primeiro Eldest decidiu que seria melhor prender todos em *Godspeed* em vez de aterrissar.

O que é pior? Monstros... ou paredes?

Passei três meses presa às paredes da nave espacial que parecia mais uma jaula do que meu lar. Mas pelo menos eu estava viva. Quem sabe o que o haverá no planeta, que novos perigos vamos enfrentar?

Tudo o que tenho agora são perguntas, medo e um grande planeta azul, verde e branco olhando para mim.

Temos que ir. Temos que enfrentar o mundo lá embaixo. Será melhor morrer rapidamente com apenas o gosto da liberdade em nossos lábios do que viver muito fingindo não ver as paredes que nos aprisionam.

Digo para mim mesma: valerá a pena. Não importa o preço a ser pago, será o suficiente escapar de *Godspeed*. Digo essas coisas para mim mesma e tento acreditar nelas.

Luzes piscam para mim no painel de controle. Elder e eu nos sentamos diretamente em frente a ele, com uma enorme alavanca de metal no chão entre nós. A Ponte principal — a grande sala projetada para controlar toda a nave — tinha seis cadeiras e dezenas de painéis de controle, mas essa pequena ponte tem apenas dois de cada. Espero que seja o suficiente.

Espero que nós sejamos o suficiente.

Estico a mão — em direção à janela com o planeta brilhante ou em direção ao painel de controle, não sei qual dos dois — e Elder agarra minha mão trêmula.

— Podemos fazer isso — ele diz, e não há dúvidas em sua voz.

— Temos que fazer isso — digo.

— Juntos?

Concordo com a cabeça.

Nossos dedos pressionam juntos o botão para iniciar o lançamento.

2: ELDER

Uma voz computadorizada feminina enche a ponte.

— Início do lançamento do módulo espacial.

A respiração de Amy é ofegante.

— Retransmissão da sonda com entrada direcional detectada. Sequência de aterrissagem manual ou automática? — o computador pergunta. Dois novos botões se acendem no painel de controle à frente: um iluminado com um **M** vermelho, o outro com um **A** verde.

Aperto o botão **A** com firmeza.

— Sequência de lançamento automático iniciada — o computador diz alegremente. Um ruído de trituração, de metal batendo contra metal, reverbera pelo módulo. O som parece como se dentes serrilhados gigantes estivessem roendo o telhado.

— O que é isso? — Amy grita. Ela se agarra em seu assento como se ele fosse uma âncora que pudesse mantê-la segura. Os braços de metal da cadeira ficam manchados com suas impressões digitais, seu corpo pressionado contra o grosso enchimento de espuma.

Minha mente gira, pensando nas possibilidades. O barulho soa como se algo estivesse se quebrando — sinistro e aterrador. Meu estômago se embrulha enquanto o módulo se move para baixo e para frente, como se ele estivesse sobre um braço gigante movendo-o para cima e para baixo, separando-o de *Godspeed*.

Estou pressionado contra o meu assento, sem fôlego. Berros e gritos de medo do outro lado da porta do módulo chegam até a ponte. Amy olha para mim, o rosto pálido e preocupado.

— Isso foi normal — digo, sem ter certeza se eu estou tentando mostrar confiança a ela ou a mim.

— Estamos separados da nave principal agora.

Algo acima de nós faz um barulho — ka-TUNK, e o módulo mergulha alguns metros antes de se estabilizar.

— Estamos separados da nave principal agora — digo. Amy ri, mas o som

é estridente e nervoso, morrendo rapidamente em seus lábios.

— Iniciar foguetes de separação — o computador diz com naturalidade. Três pequenos foguetes, construídos na parte superior do módulo, são disparados e nos empurram para baixo, e nossa visão muda, o planeta surgindo na janela, enchendo a nossa vista.

— Estou feliz por termos a janela — diz Amy, olhando através do vidro favo de mel à nossa frente. As estrelas brilham, e o planeta — nosso novo lar — brilha acima de nós. Em alguns dos textos antigos de Terra-Sol, o planeta é chamado de bola de gude azul e branca. Mas isso não poderia estar mais longe da verdade. Talvez em uma foto, o planeta possa se parecer com uma bola de gude. Mas aqui, com ele pairando à minha frente, ele parece quase vivo. As cores são vibrantes, em um contraste gritante com o negro vazio do universo.

Mas, ainda que seja bonito, não estamos lá ainda. O módulo dá novamente um impulso para frente, e gritos e berros — sons curtos e abafados de pessoas que não podem conter seu medo — irrompem além da porta da ponte.

— Vamos acabar com isso — digo sombriamente.

— Sistema de manobra orbital verificado — o computador gorjeia.

Amy ofega quando um som de estrondo Bum! enche o módulo.

Quero agarrá-la, envolvê-la em meus braços e sussurrar que tudo ficará bem. Mas não posso me mover. Ouço meu coração bater em meus ouvidos tão alto que não consigo ouvir mais nada. O módulo sabe o que fazer — sondas que foram enviadas de *Godspeed* para Terra-Centauri, agora estão enviando sinais para os sistemas do módulo, orientando-o para o ponto de pouso mais seguro e com o melhor ambiente para aterrissarmos. Tudo o que temos a fazer é nos amarrar para a viagem.

Uma sensação de mal-estar sobe pelo meu estômago e se irradia; a mesma sensação que tenho — tinha — quando caía em queda livre naquele exato momento antes do tubo gravitacional entrar em funcionamento e me levar até o nível seguinte da nave. Sinto-me levemente tonto.

Meu cérebro grita: estou caindo! Entro em pânico, meus braços e pernas agitando-se, tentando me agarrar a algo, qualquer coisa, mas não há nada além de ar, e, de todo modo, isso não importa, porque não estou caindo. Estou flutuando.

— Droga! — grito, olhando para a minha cadeira agora vazia, exatamente

fora do meu alcance, enquanto flutuo alguns metros acima dela.

Um riso nervoso escapa dos lábios de Amy, mas seus olhos estão arregalados de medo.

— Você não se prendeu à cadeira? — ela pergunta. Seu cabelo está flutuando ao redor de seu rosto em uma nuvem vermelha, mas os cintos largos e acolchoados ao redor de seu colo e peito a mantêm presa em sua cadeira.

— Eu... esqueci — digo. Meus braços e pernas balançam descontroladamente, mas não estou me movendo. Claro! O replicador de gravidade ficou na nave principal. Viro minha cabeça em direção à porta fechada da ponte. Eu me pergunto como meu povo se sente agora, quando tirei tudo deles, incluindo a gravidade.

— Espere! — Amy diz, o riso ainda em sua voz. Ela solta seu próprio cinto de segurança e quando começa a subir, desliza o pé para prendê-lo no cinto e estica os dois braços na minha direção.

— Cabelo estúpido — ela murmura, soprando um fluxo de ar para fazer os fios dourados e laranja-avermelhados voarem para longe de seu rosto. Seu cabelo flutua em torno de sua cabeça como um halo de tentáculos suaves, subindo e descendo. Isso me lembra o dia em que a vi pela primeira vez, quando seu cabelo de pôr-do-sol flutuava em torno de seu rosto como uma nuvem de tinta.

— Comunicação com a sonda detectada — o computador gorjeia. — Sonda indica área de aterrissagem adequada. Estabelecer conexão entre o módulo e a sonda? Selecione sim ou não.

Dois botões se acendem: um N vermelho e um S verde.

— Diabos! — digo, estendendo a mão para o painel de controle. É inútil, meu corpo é uma massa sem peso, e o painel de controle está irremediavelmente fora de alcance.

— Fique quieto! — Amy grita comigo. Seu tornozelo está quase escapando da alça de seu cinto de segurança. Não é o suficiente — ela está se esticando para me agarrar, mas estou pairando exatamente fora de seu alcance.

— Por favor, selecione: sim ou não — o computador me avisa.

— Ah, droga — murmura Amy. Ela tira o pé do cinto, dá um impulso da cadeira, e lança-se no ar.

Ela se choca comigo — eu voo até bater contra o teto da ponte, e ela dá um impulso para longe de mim, em direção ao chão. Eu ricocheteio para baixo, passando alguns metros longe do meu assento, mas meus dedos deslizam sobre a borda metálica do painel de controle, e eu dou um soco no botão S, que está piscando.

Amy rosna em frustração ao saltar do chão até o teto novamente. Ela dá outro impulso, tentando chegar a seu próprio assento.

Agarro-me ao longo da borda do painel de controle, movendo as mãos até chegar ao meu assento e, em seguida, deslizo para ele e aperto o cinto de segurança ao redor do meu colo e meu peito.

— Iniciar sistema de manobra orbital — o computador continua automaticamente, ignorante e indiferente, alheio à maneira como meu corpo está tremendo, ele treme tanto que não acho que poderia ficar em pé agora, mesmo se houvesse gravidade.

O módulo começa a deslizar, movendo-se. As estrelas mergulham para fora de nossas vistas, e o planeta preenche completamente a janela de vidro favo de mel. É como se todo o meu corpo tivesse sido imobilizado enquanto bebo a imagem com os meus olhos. É diferente, de alguma maneira, ver o planeta sem a escuridão do espaço em torno dele. Como se as cores fossem se embrulhar ao nosso redor e nos engolir por inteiro.

— Oh! — Amy respira, um suspiro quase inaudível, enquanto agarra os braços do assento e puxa a si mesma para baixo. Ela coloca novamente o cinto de segurança e o prende.

Um monitor pisca à sua frente, mostrando três pontos vermelhos brilhantes sobre um desenho do módulo.

— Esses devem ser os foguetes que nos movem — ela diz. Ela toca a tela, e as pontas de seus dedos ficam com um brilho vermelho por causa das luzes.

Uma das luzes pisca e se apaga — Amy suspira, tirando a mão — e nossa visão muda novamente, inclinando-se para cima a tempo de vermos o lar que estamos abandonando.

Godspeed.

A nave parece quebrada, aleijada, sem o módulo em sua parte inferior.

A emoção entope minha garganta. Eu — eu não esperava por isso. Não esperava olhar através da janela do módulo enquanto partia e pensar em tudo o

que estava deixando para trás, perguntando-me se tinha valido a pena.

Godspeed. Toda minha vida está... estava naquela nave. Tudo. Cada lembrança que tenho, cada sentimento, todas as coisas importantes que dizem respeito a mim vieram daquelas paredes gastas de metal.

E eu a estou abandonando.

E as mais de 800 pessoas que ainda estão a bordo dela.

Um pensamento louco enche minha mente: quero esticar a mão, cancelar os foguetes, apontar o módulo de volta para *Godspeed*. Não quero ir. Não quero abandonar meu lar.

Mas então as luzes vermelhas do monitor começam a piscar novamente e várias explosões dos foguetes alinham o módulo na posição de descida.

Entre isso e a leveza da ausência de gravidade, fico desorientado — a única imagem constante na minha frente é Terra-Centauri.

— É tão estranho — diz Amy. — É como se estivéssemos de cabeça para baixo, voltados para o planeta, mas não sinto que estamos de cabeça para baixo. — Ela passa a mão sobre os cabelos, inutilmente, tentando alisá-los para baixo, mas ele simplesmente flutua para cima novamente.

— Saindo de órbita — o computador diz.

As três grandes luzes vermelhas piscam e ficam acesas. O módulo é empurrado para frente, em linha reta, em direção ao planeta. Olho para Amy: seus olhos estão arregalados de medo, os dedos curvados sobre a borda dos braços de seu assento. Mas eu sei — é isso o que ela quer. Dar a ela Terra-Centauri é a única maneira que terei de fazê-la realmente feliz, para compensar o fato de que minhas ações descuidadas a prenderam na jaula de *Godspeed* junto com indivíduos como Luthor e outras pessoas que nunca serão capazes de aceitá-la.

— Reentrada na atmosfera — anuncia o computador.

— Pronto? — sussurra Amy.

— Não — confesso. Quero dar a Amy o planeta, mas gostaria que não tivesse sido à custa do único lar que eu já conheci.

O módulo aumenta de velocidade, visando um ângulo para baixo, em direção ao planeta.

As três luzes vermelhas no monitor à frente de Amy brilham. Algumas

luzes menores, espalhadas entre as maiores, piscam — mais foguetes estão sendo disparados, aumentando nosso impulso em direção a Terra-Centauri.

— Interface de entrada adquirida — o computador diz.

O planeta preenche a janela. Azul-verde-branco. Posso ver o nariz do módulo, um verde acinzentado fosco que começa a mostrar um brilho vermelho. Algo cor de prata brilha no canto do meu olho, mas quando viro minha cabeça para ver o que é, o módulo mergulha novamente. Flashes cor de laranja, amarelo e vermelho cintilam ao redor da janela.

Olho para Amy. Sua pequena cruz de ouro flutua em volta de seu pescoço. Ela a agarra com uma mão, segurando-a com tanta força que os nós dos dedos ficam esbranquiçados. Sua boca se move silenciosamente, formando palavras que não consigo ouvir.

Luzes piscam caoticamente no painel de controle — foguetes estão disparando alternadamente, transformando nossa descida em um ziguezague angular, projetado, eu suspeito, para diminuir nossa velocidade. Ocasionalmente vislumbro o planeta, mas a maior parte das janelas mostram borrões laranjas e vermelhos — chamuscas? Ou apenas o calor da reentrada na atmosfera? Eu não sei, não sei, e por todas as estrelas, como é que pude pensar que conseguiríamos pousar um maldito módulo sozinhos?

Algo se choca contra a lateral do módulo — ou pelo menos essa é a sensação quando o módulo chacoalha e repentinamente se desvia do curso. Uma dúzia de luzes pisca, e o computador gorjeia.

— Sinal de aterrisagem interrompido. Modo manual ligado.

— O que está acontecendo? — Amy grita.

Luzes vermelhas no teto da ponte se acendem, lançando um brilho sangrento em torno de nós. Olho para Amy e posso ver que ela percebeu a mesma coisa que eu: algo está errado.

— Impacto com o solo: T menos 15 minutos — o computador diz em um tom de voz perfeitamente calmo.

— Impacto com o solo? — Amy repete, sua voz alta e rouca. — Vamos bater!

Meu coração para quando percebo que ela está certa. Agarro o pequeno volante que se projeta para fora sob o painel de controle e faço a única coisa que faz sentido — puxo-o para trás com toda minha força, esperando que de alguma

forma eu possa pelo menos evitar que o módulo atinja o planeta de frente. O horizonte balança de um lado para o outro em nossa tela, e mais luzes se acendem no painel de controle.

— Oitenta quilômetros acima da superfície — o computador diz. — Desaceleração ativa iniciada.

Várias das luzes piscam e se apagam, e o módulo parece cair — ou talvez seja apenas a volta da gravidade, arremessando-nos de encontro às nossas cadeiras com toda força. Amy grita, uma breve explosão de som que não é nada, além de terror vocalizado.

Algo — um foguete falhando? Um mau funcionamento do computador? — joga o módulo para fora do curso novamente. Posso ver características da superfície do planeta agora: montanhas e lagos e penhascos.

E vamos bater contra eles.

3: AMY

Ouvi dizer que quando você está em uma situação de vida ou morte, como um acidente de carro ou um tiroteio, todos os seus sentidos se elevam a um nível quase sobre-humano, tudo desacelera e você fica hiperconsciente do que está acontecendo ao seu redor.

À medida que o módulo se inclina em direção à terra, o exato oposto é verdadeiro para mim.

Tudo fica em silêncio, até mesmo os gritos e berros das pessoas no outro lado da porta de metal, os estrondos que eu rezo para que não sejam corpos caindo, o assobio dos foguetes, os xingamentos de Elder, meu coração batendo.

Não sinto nada — nem o cinto de segurança enterrando-se em minha carne, nem minha mandíbula cerrada, nada. Todo o meu corpo está dormente.

Cheiros e gostos desaparecem.

A única coisa em meu corpo que funciona são os meus olhos, e eles estão cheios da imagem diante deles. O chão parece pular em nossa direção enquanto nos movemos ruidosamente em sua direção. Através da imagem borrada do mundo abaixo de nós, vejo o contorno da terra — um continente. E, imediatamente, meu coração pula com o desejo de conhecer esse mundo, de torná-lo o nosso lar.

Meus olhos são inundados pela imagem do planeta — e meu estômago se contrai com o conhecimento de que esse é um litoral que nunca vi antes. Eu podia girar um globo terrestre e ainda assim ser capaz de reconhecer a maneira como Espanha e Portugal se estendem em direção ao Atlântico, a curva do Golfo do México, a extremidade pontiaguda da Índia.

Mas esse continente — ele mergulha e se curva de maneiras que não reconheço, serpenteando em um mar desconhecido, criando penínsulas de formatos que nunca vi, espalhando-se por ilhas em um padrão que não consigo identificar.

E é somente depois que vejo isso que percebo: esse mundo pode um dia tornar-se o nosso lar, mas ele nunca será o lar que deixei para trás.

— Diabos, diabos, diabos! — Elder grita, puxando o volante com tanta

força que as veias em seu pescoço saltam.

Eu engulo em seco — isso não é hora de ser sentimental.

— O que devemos fazer? — grito acima do som de bips e alarmes no painel de controle.

— Não sei; diabos, eu não sei!

Um penhasco marrom-amarelado aparece acima de nós, aparentemente paralelo ao módulo, e somente quando passamos por cima é que percebo que não vamos colidir com ele.

— Impacto com o solo: T menos cinco minutos, módulo fora do curso da sequência de pouso inicial — o computador diz em uma voz perfeitamente suave, e eu gostaria que ele fosse uma pessoa para que eu pudesse dar-lhe um soco.

— Nós vamos bater? — Suspiro, desviando meu olhar da imagem através da janela de vidro favo de mel para olhar para Elder.

O rosto pálido de Elder está contraído. Ele balança a cabeça, e sei que ele não quer dizer: Não, não vamos bater. Ele quer dizer: Eu não sei, talvez.

Meus olhos dirigem-se para uma tela circular no painel de controle — ela mostra uma linha do horizonte que mergulha e gira caoticamente.

Um botão aceso perto de mim pisca, e leio as palavras gravadas nele: ESTABILIZADOR. Isso soa bem? Eu não sei — mas Elder está se esforçando para manter o módulo estável, isso não pode piorar as coisas, e eu não sei se deveria, mas eu o aperto.

O horizonte mergulha totalmente para baixo e, em seguida, totalmente para cima, chacoalhando-me como uma espécie de combinação perversa entre montanha russa e o brinquedo em forma de xícara de chá⁽¹⁾ da Disney World. Luzes indicadoras nos mostram foguetes minúsculos que estão disparando na parte inferior do módulo, deixando-nos mais estáveis até que este para de sacudir e diminui a velocidade.

— Mas que diab... — começa Elder, mas ele é interrompido quando os foguetes irrompem, e nós caímos diretamente do céu.

Grito enquanto mergulhamos em direção ao solo.

Elder esmurra um conjunto de controles, depois outro. Estamos caindo tão rapidamente que a imagem fora da janela fica borrada, e tudo o que posso ver

são cores escuras misturadas.

O horizonte mergulha novamente quando os controles que Elder esmurrou funcionam — e então falham — e estamos caindo em direção ao solo. Os foguetes dispararam, lançando jatos vermelho-amarelados de fogo ao nosso redor.

— Informação dos sensores de terra: local de pouso adequado — o computador diz por sobre o som dos alarmes. — Iniciar foguetes de pouso: sim ou não?

O **S** verde e o **N** vermelho se acendem novamente.

— Aperte-o! — grito enquanto Elder esmurra seu punho contra o **S**.

Posso ver correntes branco-azuladas de fogo à nossa frente, o módulo balança e então fica mais lento, os movimentos bruscos me deixando sem ar. E, assim, de repente, todos os meus sentidos voltam a funcionar. Tudo se torna real novamente. Sinto gosto de cobre na minha boca — mordi meu lábio com tanta força que o sangue correu — e já percebi que terei uma contusão do cinto de segurança demasiado apertado sobre meu peito e em torno de meus quadris. O barulho do outro lado da porta parece ensurdecedor, mas consigo identificar gritos individuais de dor e medo dos 1.456 passageiros na sala de crio.

E, então, paramos.

Nós não aterrissamos — estamos pairando sobre as copas das árvores — mas não estamos mais avançando. Não vamos bater.

O módulo não está completamente estável, e posso ouvir um som de assobio — shh-shh — sob os nossos pés: os foguetes estão disparando para baixo, em direção ao chão, mantendo-nos acima da superfície.

— Aterrissar módulo? Por favor, selecione sim ou não — diz o computador em um tom de voz calmo.

Elder e eu trocamos um olhar. Não há significado, não há palavras por trás do olhar — apenas um sentimento compartilhado. Alívio.

Em vez de esticar a mão em direção ao **S** verde piscando, ele agarra a minha mão. Seus dedos deslizam entre os meus, e eles estão escorregadios de suor, mas seu aperto é firme e forte. Não importa o que vai acontecer, o que nos espera do outro lado — nós o enfrentaremos juntos. Elder leva nossas mãos unidas em direção ao último botão, e nós o apertamos.

O silvo desaparece lentamente enquanto o módulo vai em direção ao chão. Sei que em algum momento de nossa louca descida, a gravidade voltou, e tudo parece pesado novamente, especialmente o cinto de segurança que me prende. Abro o cinto e corro para as janelas de vidro favo de mel. Posso ver que o nosso pouso dizimou a área — as árvores mais próximas de nós não são nada mais além de cinzas fumegantes — e o chão é preto e brilhante, quase como se tivesse derretido. Árvores — Árvores! Árvores de verdade, chão de verdade, um mundo de verdade! Bem aqui!

Com uma guinada repentina que quase me derruba, os foguetes são desligados e caímos os últimos poucos metros até a superfície do planeta.

— Bem — diz Elder, olhando através da janela para a terra queimada —, pelo menos não morremos.

— Não morremos — repito. Olho para cima, para os seus olhos brilhantes. — Não morremos!

Elder agarra meu pulso, puxando-me para seu colo. Eu me derreto contra o calor e a segurança de seus braços, e os nossos lábios se encontram em um beijo repleto de medo, paixão e da esperança que esse novo mundo traz. Nós nos beijamos como se fosse o primeiro e o último beijo de uma só vez. Nossos lábios se encontram em desespero; nossos corpos se enroscam um no outro, com uma espécie de fúria fervorosa que existe apenas na alegria de sobreviver à morte certa.

Eu me afasto, ofegante, sem ar. Olho nos olhos de Elder... e por um breve momento, não vejo nada, exceto o garoto que me ensinou sobre primeiros beijos e segundas chances. Mas, então, a imagem muda, e eu não o vejo. Eu vejo Órion. Saio apressadamente do colo de Elder, e mesmo que diga a mim mesma que Elder não é Órion, não posso esquecer a forma como Elder insistiu que Órion viesse conosco no módulo, como se seus crimes deversem ser recompensados com um planeta inteiro, em vez de apenas gelo.

Elder se aproxima de mim novamente enquanto tenta se levantar do assento — mas não consegue.

— Cinto de segurança estúpido — ele resmunga, soltando-o.

Eu me viro.

O mundo está lá, do outro lado da janela de vidro.

O mundo.

Nosso mundo.

— Nós conseguimos — digo.

— Sim — Elder responde, incapaz de manter a surpresa longe de sua voz.
— Conseguimos...

Suas palavras são um sopro de ar quente na parte de trás do meu pescoço.

Eu me viro para encontrar seus olhos, mas minha visão passa por ele e vai até a porta que leva ao corredor, que leva à sala crio.

— Meus pais — sussurro.

Finalmente posso ter meus pais de volta.

4: ELDER

Sem dizer outra palavra, Amy se vira e corre através das portas seladas. Seus passos fazem barulho no chão de metal, o som sobrepondo-se aos gritos distantes dos 1.456 passageiros na sala crio. Respiro profunda e tremulamente. Ainda não posso acreditar que nós realmente conseguimos. Apesar da minha incompetência, apesar de tudo o que tenha causado nosso pouso forçado quase desastroso...

Faço uma pausa. O que foi aquilo que quase nos fez cair? Foi quase como se algo tivesse nos atingido...

— Isso conclui o pouso do módulo espacial — o computador diz. — Por favor, transfira o comando operacional da missão para o oficial de maior patente criogenicamente preservado assim que a reanimação seja completada. Não saia do módulo até que recebam a ordem para fazer isso. Obrigado por contribuir com a missão do Intercâmbio de Recursos Financeiros.

A voz do computador estala e morre, deixando-me em silêncio. Em seu lugar, o monitor no painel de controle se acende, piscando uma única frase:

Código de autorização militar: - - - - -

Essa palavra — militar — faz o meu estômago se embrulhar com a mesma intensidade causada pela parada repentina do módulo antes. Órion estaria em meu lugar se não tivesse ficado com tanto medo dos militares de Terra-Sol a ponto de tentar matá-los, convencido de que eles nos transformariam em escravos ou soldados.

É difícil pensar em Órion da mesma forma que Amy: um assassino psicopata. Porque se eu não tivesse Amy, eu poderia ter sido Órion. Que escolha eu teria tido? Eu seria como ele. . . ou como Eldest.

E não importa o que aconteceu, não posso evitar, mas acredito que Órion e suas táticas eram preferíveis à Eldest e suas mentiras.

O pedido de autorização militar pisca para mim, esperando por um código que não tenho. Dou uma longa olhada cheia de ansiedade ao mundo além da janela, ao céu sem fim, e depois viro as costas para ele. Já posso sentir o medo e a dor crescentes nas vozes de meu povo, e o próximo passo pertence aos

congelados na sala crio, não a mim.

Quando eu chego à sala crio, Amy está na frente das câmaras de seus pais, inclinando-se sobre o meu povo, amarrados à fileira de câmaras crio. Enquanto eles se libertam dos cabos que os prendiam para sua segurança, Amy passa por eles, os olhos saltando sobre as instruções com propósito tão determinado que ela não percebe como o meu povo está lutando, esforçando-se para ficar em pé depois de terem sido amarrados às câmaras.

Estou cercado pelo caos. Kit, nossa médica, tem um grupo de pessoas trabalhando, soltando os cabos que usamos para amarrar as pessoas a objetos presos. Imediatamente, torna-se evidente que os cabos não foram uma boa ideia. Meu estômago se contorce enquanto Kit coloca a articulação do ombro de um homem de volta no lugar, e quase todo mundo tem o mesmo tipo de expressão chocada, horrorizada que só vi em vídeos de resgate em tragédias de Terra-Sol.

Uma mulher perto de mim começa a gritar, o som ricocheteia pelas paredes de metal da câmara crio, penetrando em cada ouvido com o seu horror.

O grupo de ajudantes de Kit corre para frente, desembaraçando-a dos cabos que a prendem, mas é óbvio que é muito tarde — uma marca vermelha profunda contorna o seu pescoço. O cabo que deveria salvar a vida dela escorregou e a sufocou.

Dou um passo em direção à mulher. Seus gritos pararam, substituídos por soluços.

Amy suspira, um som quase inaudível, mas eu me viro para descobrir qual o problema.

Ela me dá um sorriso satisfeito de triunfo, e só então percebo que as pequenas portas na frente das câmaras crio estão todas abertas.

— Diabos, você tem que fazer isso agora? — pergunto, caminhando em direção a ela.

— Sim — ela diz ferozmente.

— Todos eles? — pergunto. Eu quase poderia entender sua necessidade de despertar seus pais, mas não precisamos adicionar cerca de uma centena de pessoas congeladas à cacofonia de vozes ao nosso redor.

Há dezenas de feridos e pelo menos um — não, dois, não, mais do que isso — mortos. Não temos tempo para nos preocupar com os malditos congelados — não agora, não depois de passar por um pouso forçado.

Começo a dizer isso a Amy, mas então ela diz.

— Eles podem ajudar. — Acho que ela acredita nisso, mas não acho que ela tenha pensado nisso até que eu a questionei.

Kit vem até mim. Há um corte em sua cabeça e o sangue está escorrendo na lateral de seu rosto, mas não parece muito ruim.

— Está tudo bem?— ela pergunta, fazendo sua testa enrugar-se.

Olho à minha volta. Todos parecem ter um olhar vidrado em seus olhos — choque, eu percebo. É claro que apesar das amarras terem evitado que as pessoas fossem jogadas ao redor da câmara durante a aterrissagem forçada, elas também cortaram a pele das pessoas ou escorregaram em torno de seus pescoços ou chacoalharam-nas de forma tão violenta que causaram trauma em seus pescoços.

— Sim — rosno. — Tudo está maravilhoso.

— Não, eu quero dizer o pouso. É o planeta? — Kit não sabe como dizer o que ela está realmente perguntando.

Um lado dos meus lábios se curva para cima, e por um momento, não vejo as paredes de metal em volta do desespero do meu povo, enquanto eles tentam se recuperar da aterrissagem. Vejo apenas o céu.

— Sim — digo a ela. — Essa parte realmente é maravilhosa.

Ela dá um suspiro de alívio, e sei com o que ela estava realmente preocupada: será que tudo isso valeu a pena? E eu me pergunto — valeu? Lembro-me de Shelby, a transportadora que me ensinou a pousar. Sem ela, nós realmente teríamos batido. Qualquer que seja a causa de termos sido arremessados para fora do curso, a única razão pela qual não morremos foi por causa do treinamento que ela me deu.

E por causa das escolhas que fiz, ela está morta de qualquer maneira.

As filas de câmaras-crio assobiam enquanto voltam à vida. Com um estrondo ruidoso, as câmaras se projetam para fora, colocando pernas de apoio no chão. Braços robóticos finos deslizam sobre a parte superior da caixa crio, levantando as tampas de vidro e sugando-as de volta para dentro das câmaras.

Um zumbido mecânico enche a sala, abafando os sons de dor e medo vindos dos passageiros. Os braços de metal se esticam de volta sobre as crio câmaras, dessa vez com agulhas afiadas saindo por um lado. Os braços mecânicos movem-se para baixo, enfiando as agulhas no gelo. Posso ver

pequenas trilhas de bolhas — jatos de ar quente? — borbulhando através do criolíquido congelado. A água já escorre, acumulando-se no chão. Uma inclinação tão leve — eu nunca havia notado antes — drena a água embaixo das câmaras.

Os olhos de Amy estão colados nas câmaras crio 41 e 40 — as de seus pais.

Não precisamos disso. Os congelados só causarão problemas agora. Nós precisamos ajudar os feridos.

E... e eu preciso dela. Preciso de Amy comigo, não olhando para algumas caixas congeladas. Mesmo agora, posso sentir a maneira como cada pessoa, exceto Amy está olhando para mim, esperando que eu seja tudo o que eles precisam que eu seja. E não tenho certeza se consigo fazer isso sem ela ao meu lado.

— O que eu posso fazer? — pergunto de qualquer maneira, afastando-me de Amy, indo em direção a Kit.

Kit me leva até a parede oposta, onde ela organizou uma espécie de triagem e onde estão as enfermeiras que podem ajudar com os pequenos cortes e contusões, mas ainda há dezenas de pessoas com necessidades muito mais urgentes. As amarras eram muito estreitas; elas cortaram a carne das pessoas, e até mesmo eu, com meus olhos inexperientes, posso ver que eles vão precisar de pontos. Mais de uma pessoa tem um ombro deslocado, como o homem que Kit ajudou antes, e há tantas pessoas sentadas contra a parede que eu não tenho certeza se é porque elas se machucaram e não conseguem ficar em pé ou se é outra coisa, algo menos grave, ou mais.

Vejo os olhos de Kit. Ela está desesperada. Até poucos dias atrás, ela era apenas uma aprendiz — Doc é quem deveria estar aqui, aquele que poderia de forma eficiente resolver os problemas de todos. Mas Doc era um problema em si mesmo.

Nas mãos de Kit, posso ver adesivos quadrados verde-claros. Phydus.

— Não — digo, a palavra em tom de comando. Phydus era uma parte de *Godspeed*; ela nos drogou até a submissão durante séculos. Ela não tem lugar aqui, não tem lugar em qualquer mundo sem muros ou mentiras.

Kit abre a boca para protestar, mas ela deve ter visto algo de Eldest em mim agora, porque, silenciosamente, ela coloca os adesivos de Phydus de volta em seu bolso.

— Amy — grito sobre meu ombro.

— Em um minuto — ela grita de volta, sem fôlego, os olhos ainda em seus pais congelados.

— Amy — ordeno.

Ela olha para mim com mágoa em seus olhos.

— Precisamos de ajuda.

— Em um minuto — ela diz novamente.

— Agora.

O olhar venenoso que ela me atira mostra que ela também pode ver algo de Eldest em mim.

Mas ela deixa as câmaras crio e aproxima-se de nós. Sua atitude mal-humorada muda quando ela percebe os feridos em torno de nós, aparentemente pela primeira vez.

— O que posso fazer para ajudar? — ela pergunta, e sua voz sincera.

Atrás dela, as câmaras crio pingam enquanto o gelo derrete.

5: AMY

Kit me faz observá-la enquanto ela dá pontos em um homem com um corte na perna.

— Qual é o seu nome? — pergunto, tentando distrair o homem e a mim mesma da quantidade de sangue esguichando de seu joelho.

— Heller — ele resmunga. Ele é da geração de meia-idade das pessoas de *Godspeed*, mas enquanto a maioria dos outros que têm quarenta anos está começando a mostrar a fragilidade da idade, Heller parece como se seus ossos fossem feitos de aço e sua pele fosse de couro. Ele olha para a sua ferida com desdém, como se estivesse zangado pelo seu corpo tê-lo traído ao demonstrar fraqueza.

— O que aconteceu, Heller? — Não quero ver a maneira como Kit puxa o fio cirúrgico unindo sua carne, estranhamente pálida com manchas de sangue vermelho. Meus olhos se voltam em direção às caixas crio derretendo, e forço-me a prestar atenção ao homem ferido diante de mim. Já me distraí demais.

— Diabos, não sei — ele rosna. — Eu estava sentado lá, todo amarrado, e uma folha de metal deslizou sobre minha perna, abrindo um corte nela.

— A porta de uma das escotilhas dos coelhos quebrou — Kit diz, apertando os pontos com o fio cirúrgico. — Ela machucou várias outras pessoas, também.

— O que aconteceu com os coelhos?

Kit vira a cabeça em direção à parede perto do laboratório de genética. Uma dúzia de manchas brilhantes vermelha e branca pontilha a parede de metal cinza. Eu engulo de volta a bile subindo na minha garganta.

— Você observou isso? — Kit me pergunta, dando um nó em torno do ponto. — Viu como eu fiz isso?

— Exatamente como costurar tecido — eu digo. Não que eu tenha costurado muito na minha vida, mas tive que aprender a fazer a bainha de minhas calças na nave.

— Exatamente como costurar tecido. — Ela me dá a agulha e a linha cirúrgica. — Agora vá fazer o mesmo com a próxima pessoa.

— Você quer que eu costure alguém?

Kit acena.

— E aquela espuma? — pergunto, pensando na última vez que estive aqui, quando Doc atirou em mim, e como Kit esguichou espuma em minha ferida e a fechou, melhor do que com pontos ou qualquer curativo.

— Não temos muito dela. Devemos poupá-la para casos de emergência.

— Isto é uma emergência!

Kit balança a cabeça, já ajoelhada ao lado da pessoa mais próxima.

— Não é emergência suficiente.

Fico em pé sem jeito, por um momento, sem saber o que fazer comigo mesma. Elder está por perto, mas concentrado em ajudar os outros. Meu coração se enche de orgulho pela forma como eles se voltam para ele, a confiança evidente em seus rostos, apesar de tudo.

Uma mulher perto da parede geme. Seus olhos estão focados nos três corpos mortos alinhados contra a parede do módulo a seus pés, as pessoas que não sobreviveram à aterrissagem. Acho por um momento que sua exclamação de dor foi por causa disso, mas depois vejo o rio de sangue serpenteando por seu braço.

Eu me agacho ao lado dela, mas ela mal registra a minha presença. Enrolo a manga de sua camisa — há um corte irregular na parte de trás de seu ombro, o vermelho fazendo um contraste gritante com sua pele marrom escura.

— Vou costurar você, ok? — pergunto, esperando que minha voz pareça confiante.

Ela olha para mim, um olhar de medo em seus olhos. Eu me pergunto se ela não quer que eu a ajude por causa de quem eu sou e de minha aparência, mas ela se vira de novo, trazendo seu ombro em direção a mim, oferecendo-se como um sacrifício.

— Você sabe como fazer isso? — ela pergunta, com a voz sem expressão.

— Sim — minto, porque sinceramente, o que mais eu deveria dizer a ela?

A primeira vez que puxo o fio muito apertado, ele rasga sua pele. Ela sibila de dor, e tento me desculpar, mas ela está balançando a cabeça, de olhos fechados, desejando, eu sei, que aquilo simplesmente acabe.

— Qual é o seu nome? — pergunto, tentando as mesmas táticas de

distração que usei com Heller.

— Lorin — ela diz. Eu começo a conversar com ela, mas depois percebo a forma como seus lábios estão pressionados tão firmemente juntos, com os olhos apertados e fechados.

Ela não quer falar.

Enfio a agulha de novo, para dentro e para fora, para dentro e para fora, para dentro e para fora, e então posso respirar novamente porque está finalmente pronto.

— Obrigada — ela murmura.

Pulverizo o corte com desinfetante e começo a trabalhar na próxima pessoa.

Perco a noção do tempo e de quanto tempo me resta até que meus pais despertem, meu corpo trabalhando como uma máquina, enquanto tento separar minha mente de minhas ações. Tento não pensar sobre como a agulha perfura a carne e não pano; tento não perceber o som molhado do fio deslizando através da pele sangrenta. Estou tão concentrada no que estou fazendo que quando um grito alto e estridente ecoa através da câmara dou um pulo, deixando cair a agulha.

Como todo mundo, olho para cima — mas tudo que vejo é o teto de metal.

— Isso veio de fora — diz Elder, sua voz é profunda e baixa enquanto ele se agacha ao meu lado.

Meus olhos se arregalam.

— O que foi isso?

— Alguma coisa lá fora — ele repete.

O homem cuja perna eu estava costurando olha para nós, o medo em seus olhos. — É um daqueles monstros sobre os quais Órion nos alertou? - pergunta ele, e tenho vergonha de admitir que foi a mesma coisa que eu, e provavelmente todos, estava pensando.

Olho ao meu redor. Todos os 1.456 pares de olhos estão nos observando. Estão observando a ele. Elder. Estão esperando que seu líder reaja. Se ele demonstrar medo agora, seu novo mundo começará com medo.

Elder abaixa a voz.

— Eu tenho que ir — ele me diz em um quase sussurro. — Vou lá fora — diz, desta vez em voz alta o suficiente para todo mundo ouvir.

Agarro seu pulso, deixando-lhe uma marca de mão sangrenta.

— Por quê?

Outro grito estridente ecoa acima de nós. Seja o que for, está perto.

Elder me puxa para cima, arrastando-me para longe do homem que eu estava costurando.

Uma das enfermeiras de Kit se ajoelha ao lado dele e assume meu trabalho, desinfetando a agulha que deixei cair.

— Lembra-se da forma como o módulo foi tirado do curso? — Elder me pergunta suavemente. Aceno com a cabeça. — E se não foi um acidente?

— Nós fomos, o quê? Atacados? — Minha voz soa duvidosa. — E você estava com raiva de mim por tentar acordar os congelados? Se nós fomos atacados, precisamos deles ainda mais!

— Shh! — Elder diz, olhando por sobre meu ombro. Mas ninguém me ouviu. Ainda assim, Elder parece concordar que a ideia de sermos atacados parece um pouco ridícula. O módulo pareceu ter sido empurrado para fora do curso, mas ele também é velho. Um dos foguetes poderia ter explodido. Algo poderia ter apresentado defeito.

— Temos que saber o que vamos enfrentar — diz Elder.

Eu mordo meu lábio.

— Eu vou — ele repete.

— Então eu também vou — digo isso imediatamente, sem pensar, mas assim que as palavras saem de minha boca, meus olhos se voltam para as câmaras crio. Não vai demorar muito agora.

Elder percebe. Ele toca no meu braço.

— Você deve ficar — ele diz. Acho que ele está dizendo isso apenas para que eu não me sinta culpada. — Eu tenho que ir.

Quando olho em seus olhos, sei que o seu senso de responsabilidade supera cada medo que tenho.

— Bem — digo —, pelo menos vá armado.

6: ELDER

— Não sei atirar — lembro a Amy enquanto ela procura uma arma no arsenal.

— É fácil — ela diz. Ela enfia uma pesada arma de metal em minhas mãos. — Eu já a carreguei. Aponte essa extremidade em qualquer coisa que estiver lá fora e puxe o gatilho. Bang. Isso é tudo o que você precisa fazer.

Ela coloca dois pequenos objetos verdes, ovais, em minha mão.

— Granadas de impacto — ela diz diante de meu olhar curioso. — Se a arma não funcionar, apenas jogue essas coisas. Elas vão explodir assim que atingirem alguma coisa.

Meus olhos se arregalam. As granadas não parecem frágeis, mas a ideia delas explodindo não me deixa confortável.

— E pegue isso — Amy acrescenta, pegando uma arma grande, com um tubo do tamanho do meu braço.

— Basta! — digo. — Mal consigo carregar essas aqui. Só vou lá fora para olhar.

Outro grito penetrante ecoa pelo ar.

— Espere — Amy diz, seus olhos me implorando. Seus dedos se curvam em torno de meu braço, segurando meu pulso, segurando-me com mais força do que eu sabia que ela possuía. — Por favor. Apenas espere que meu pai acorde. Os militares podem cuidar de seja lá o que for que está lá fora. Esse é o trabalho deles.

— E qual é o meu trabalho? — pergunto gentilmente, libertando-me de seus dedos. — Proteger meu povo. Tenho que fazer isso.

Meu povo precisa ver o seu líder enfrentando o mundo lá fora e quaisquer perigos que ele contenha. Se eu fizer isso, então eles também podem. Mas se eu ficar aqui, encolhido, esperando que os congelados nos salvem, isso irá se tornar seu primeiro instinto.

— Cuide-se.

Amy diz essas palavras como uma oração. Seus olhos não encontram os

meus, então ela se inclina, rápida, e beija-me levemente nos lábios. Seu rosto se enrubesce. Tudo o que eu quero fazer é agarrá-la e esmagá-la contra mim, para dar-lhe um beijo que seja digno de seu rubor.

— Ficarei bem. — Somente depois que digo isso é que percebo que provavelmente não é verdade. Minha primeira reação quando ouvi o som estridente lá fora foi olhar para acalmar o medo no rosto do meu povo. Mas agora minha boca está seca e meu estômago dá reviravoltas, como se o medo dentro dele fosse ácido venenoso. Acho que é o arsenal. Estar rodeado por tantas armas lembra-me que há uma razão pela qual nós as temos.

Minha mão vai até o *com-wi*^[2] embutido atrás da minha orelha esquerda, e eu pressiono o botão. Em vez dos habituais bipe, bipe-bipe, não há nada, exceto um clique quando o botão é pressionado e liberado. Franzo a testa e aperto o botão de novo, com tanta força, que faço uma careta de dor.

Droga. A rede do *com-wi* existia na nave. Meus dedos correm ao longo da borda do botão, uma protuberância perfeitamente circular que tem sido parte do meu corpo desde que me lembro. Agora inútil. A maldita coisa é inútil. Está implantado em minha carne, seus fios passam ao lado de minhas veias, e nunca mais vai funcionar novamente.

Amy pega a minha mão, puxando-a para longe do botão sob a minha pele.

— Você não precisa dizer nada a eles — ela diz. — Todos sabem o que você está prestes a fazer por eles.

Nunca me senti tão desconectado de... tudo. É uma coisa saber que a nave está inacessível, mas agora a conexão que eu tinha com o meu povo que está aqui também se foi.

Espero até Amy estar de volta na sala crio antes de me virar em direção à ponte. Acho que não conseguiria manter o meu medo escondido dela ao abrir a porta e não queria que ela me visse hesitar. Não tenho um código de autorização militar, mas Shelby me mostrou como ativar manualmente o sistema de emergência. Não posso fazer muita coisa, mas poderia lacrar as portas do módulo, definir uma sequência de alarme ou iniciar o sistema de extintores de incêndio em caso de fogo. E posso abrir as portas.

Fico em pé, apoiado contra o painel de controle, olhando através do grosso vidro favo de mel da janela. Ele está embaçado com a condensação agora, mas ainda posso ver o nosso mundo. Toco o vidro grosso, surpreso com o calor que ele emana.

Sei, a partir de imagens de Terra-Sol que vi, que os arbustos super altos são chamados de árvores e que a madeira deles é o mesmo tipo de madeira da qual foi feita a mesa que eu usava quando trabalhava nas tarefas que Eldest me dava. Sei que o solo, embora enegrecido da nossa descida, não vai ser o solo liso, argiloso, uniformemente processado que enchia o Nível dos Alimentadores.

Mas não estou olhando para nada disso.

Estou olhando para fora, além do terreno queimado e das árvores quebradas, seus galhos girando e se contorcendo como fios emaranhados, além do horizonte e para o céu.

E não importa o quanto meus olhos se esforcem, não há paredes. Nem uma única maldita parede.

Algo escuro brilha no céu azul, algo não natural, e meu aperto em torno da arma que Amy me deu se intensifica.

Dou minha ordem ao computador: abrir as portas.

Funciona. Um som, como se algo estivesse se quebrando, ecoa por toda a ponte. Agarro-me ao painel de controle para me equilibrar — mas minha desorientação não é causada pelo movimento do módulo. É por causa da janela se quebrando. Assim como vi uma vez o teto do Nível do Guardião se dividir ao meio, o vidro da janela favo de mel eleva-se em uma das extremidades, erguendo-se como uma tampa com dobradiças.

As peças de vidro individuais eram mantidas juntas por soldas de metal, mas agora percebo que o metal é realmente parte de um intrincado dispositivo mecânico. Os segmentos hexagonais do vidro se movem e mudam de formato, criando uma rampa que desce pelo lado direito do módulo. O ângulo é íngreme, mas o vidro é longo o suficiente para passar por cima do terreno queimado até chegar à terra amarelada além dele.

Passo pelo painel de controle, tocando, com a minha mão, a borda exposta do módulo.

O metal entre o vidro funciona como um corrimão — consigo caminhar facilmente, descendo a rampa íngreme formada pelas peças da janela, e pisar no novo mundo.

A brisa morna sopra em minha direção, enchendo meu nariz com o cheiro de cinzas e terra, levantando as pontas do meu cabelo. O ar é denso e úmido, mas o vento é tão suave como os beijos tímidos de Amy; e embora ele quase não

toque minha pele, ainda assim estimula-me profundamente. Desço a rampa correndo, derrapando, até parar quando meus pés tocam o solo do novo mundo. O solo arenoso desliza sob meus pés, fazendo-me sentir como se eu pudesse me plantar na terra, tanto quanto uma das árvores sinuosas.

Minha visão se eleva. Como eu pude pensar que as placas de aço pintadas de azul e branco no teto do Nível dos Alimentadores imitavam o céu? Não imitam. O céu pintado não se parece em nada com os tons de azul e cinza acima de mim, os delicados fios de nuvens que se movem diante de meus olhos. Nunca entendi como Amy podia sentir tanta falta de Terra-Sol, por que *Godspeed* nunca foi o suficiente para ela. Qual é a diferença entre o ar de uma nave espacial e o ar de um planeta?

Tudo.

Os dois sóis acima de minha cabeça lançam seus raios para baixo, tão brilhantes que olhar para eles me faz ver pontos pretos. Dois sóis. Terra-Centauri está localizado em um sistema estelar binário, diferente de Terra-Sol, que tinha apenas um sol. O sol maior está um pouco mais alto no céu do que o menor. O menor tem uma cor vermelha-alaranjada, uma cor que me lembra do cabelo de Amy, na verdade; e o maior é de cor branca, brilhante, lembrando-me de sua pele.

Um ruído agudo perfura meus ouvidos, e viro minha cabeça em direção à floresta. Algo se move nas sombras escuras, mas quando tento enxergar através dos galhos das árvores, ouço outro som.

Um grito horrível, selvagem, ecoa pelo céu.

Viro-me, olhando na direção do som.

E vejo o monstro sobre o qual Órion nos alertou.

A coisa parecida com um pássaro pousa apenas alguns metros à minha frente, mas é tão pesado que posso sentir o baque de seu corpo reverberando no chão arenoso. A criatura ergue-se sobre mim, sua cabeça longa e pontuda inclinada para o céu, antes de olhar para baixo e abrir seu bico duro, expondo dentes parecidos com serras.

A pele verde, parecida com couro, tão escura que é quase preta, dá lugar a garras escamosas e asas membranosas. É um monstro horrível que parece ter sido feito a partir de pedaços de criaturas de Terra-Sol — uma cabeça de dinossauro em cima do corpo de um lagarto com garras de raptor e asas como as

de um morcego.

Meu primeiro instinto é enfiar o dedo no meu com-wi e conseguir ajuda, mas é claro que ele não funciona.

A coisa estende suas asas — cada uma tem duas vezes a minha altura — adornadas com duas garras curvas em forma de dois dedos acima das articulações em ângulo agudo.

As garras se afastam e agarram o ar em minha direção. Os pés da fera se agarrando ao solo arenoso enquanto ela se inclina para frente, abre a boca e emite um grito estridente e agudo, que parece reverberar em meus ossos. Mesmo que a criatura esteja longe o suficiente para que eu não possa alcançá-la, posso sentir seu hálito quente na minha pele, ver um pedaço de sua língua escura erguendo-se enquanto ela guincha para mim.

Apalpo-me, procurando a arma, as granadas, qualquer coisa.

A criatura lança-se para frente, pegando impulso do chão e atingindo-me com a sua cabeça dura, ossuda. Caio no chão, o monstro em cima de mim, seu corpo tão pesado que não consigo recuperar o fôlego.

Ela inclina seu longo pescoço de cobra em minha direção, suas mandíbulas abertas, os dentes pretos, afiados como serras, espumando levemente à medida que se aproximam de meu rosto.

Ouço um tiro.

A fera vira a cabeça, assustada. Uma bala passa por ela, atingindo-a nas costas. Suas garras se fecham e rasgam a minha pele junto com o tecido de minha camisa.

Outro tiro, e a coisa-pássaro se ergue, arremessando-se contra a minha caixa torácica, ao saltar para as árvores. Suspiro enquanto ela usa as garras para subir em uma das árvores e decolar, batendo suas asas volumosas enquanto um último tiro ecoa atrás dela.

— Entre na nave! — Amy grita da ponte do módulo. — Depressa!

Eu me levanto apressadamente. O sangue pinga do meu peito, e minha camisa está em farrapos, mas as feridas não são nada comparadas ao que poderia ter acontecido. Amy agarra meu braço quando chego ao topo da rampa e me empurra para dentro do módulo.

7: AMY

Assim que a porta se fecha, viro-me em direção a Elder, procurando ferimentos. Tudo o que posso pensar é Quase o perdi. Qualquer outro pensamento — a excitação sobre o planeta, a ansiedade pela volta de meus pais, o medo dos monstros lá fora — desaparece enquanto meus olhos e meu coração se concentram no sangue escorrendo pelo peito de Elder. Ele afasta as minhas mãos, tirando a camisa e usando-a para enxugar o sangue dos arranhões. Eles não parecem profundos, apenas irregulares e de bordas rasgadas. Pego um pouco do desinfetante, que Kit me deu para usar e ajudar com os pontos, e o pulverizo sobre Elder.

— Como você sabia que devia vir aqui fora e me ajudar? — Elder pergunta, ainda sem fôlego.

— Ouvi aquela coisa parecida com um pterodátilo gritar — parecia muito mais perto do que antes. Faço uma pausa. — O que era aquilo?

Elder balança a cabeça, olhando para a camisa em farrapos.

— Um dos malditos monstros de Órion, acho. Você viu alguma coisa na floresta?

Balanço a cabeça.

— O que havia na floresta?

— Eu... Eu não sei. — Elder finalmente olha em meus olhos. — Você acha que uma daquelas coisas bateu na lateral do módulo quando estávamos pousando? Era grande o suficiente para nos tirar do curso.

— Não sei — digo, imitando Elder. Estou só começando a perceber o quanto eu simplesmente não sei. Como, por exemplo, que diabos era aquela coisa? Parecia uma espécie de pterodátilo, com uma cabeça pontiaguda, asas enormes e garras afiadas, mas havia também algo distintamente alienígena nele.

Alienígena. Tudo nesse planeta vai parecer dessa forma para nós. Tento não tremer, minhas mãos instintivamente segurando a arma ainda quente.

Eu deveria ter sido capaz de atingir aquela criatura; eu deveria tê-la matado. Mas estava muito assustada, com medo de que pudesse atingir Elder acidentalmente.

E com medo dela.

Elder toma a arma de minhas mãos.

— Vou colocar isso de volta no arsenal — ele diz. — E acho que deveria dar uma olhada no que temos lá.

Tento tirar a imagem da fera da minha mente enquanto vou em direção à câmara crio, mas continuo vendo a maneira como ela abriu a boca, abaixando-a em direção ao rosto de Elder...

Kit me agarra assim que entro novamente na sala crio. Algumas pessoas olham para cima com medo — elas sabem que Elder estava lá fora e ouviram o grito do monstro depois que ele saiu do módulo. Eles acham que seja lá o que for, ela o pegou. — Ele está bem — consigo dizer. — Está tudo bem.

Eles ficam felizes em acreditar na mentira, pelo menos por enquanto.

— Quase pronto — diz Kit, tirando o cabelo do rosto e deixando uma mancha de sangue em sua testa. — Dois ossos que precisam ser endireitados, e então as enfermeiras e eu vamos verificar as mulheres, apenas por precaução...

Meu estômago se contrai. Quase esqueci das mulheres grávidas.

— Há alguma outra coisa que eu possa fazer? — pergunto.

Kit dá um sorriso fraco.

— Você já foi de grande ajuda.

Eu a observo enquanto ela caminha em direção ao último grupo de pessoas à espera de ajuda médica. Minhas mãos estão sujas de sangue, meus braços estão cansados, e eu só quero me enrolar na cama e esquecer esse dia. Talvez tudo isso tenha sido um enorme erro.

— Amy? — pergunta uma voz que conheço, uma voz que amo, uma voz que pensei que nunca mais fosse ouvir novamente, oh Deus, oh Deus, oh Deus!

Viro-me, e ali em pé, exatamente como eu me lembrava dele, está meu pai.

— Papai! — grito e me jogo em seus braços.

E os braços dele, seus braços, eles me envolvem, puxam-me para perto dele com força, e tudo fica bem, tudo está maravilhoso, porque finalmente, finalmente, tenho meu pai de volta.

Estou soluçando e rindo e engasgando e gaguejando e chorando e falando, tudo ao mesmo tempo.

— Amy — ele diz, um tom de riso em sua voz. — O que está acontecendo?

Dou um passo para trás. Meu pai está usando um avental verde cirúrgico, não muito diferente daquele que Doc tentou colocar em mim quando acordei. Posso ver que quase todas as caixas crio estão vazias agora que as pessoas estão começando a se levantar, tirando os aventais dos pequenos braços de metal sobre as caixas para se vestirem com eles.

E mamãe.

Corro para ela. Derrapo em volta das caixas crio abertas e dos outros congelados que estão começando a acordar. Mamãe. E embora eu tenha sonhado com os olhos abertos em vê-la um milhão de vezes, meus sonhos não eram nada, nada, comparados ao fato de vê-la de verdade.

Mamãe está rindo — sua voz falha devido à falta de uso — mas a música de sua risada está lá e me envolve do mesmo jeito que seus braços.

— Eu lhe disse que não seria tão ruim — ela sussurra em meu cabelo.

Abafo um soluço. Ela não sabe. Ela pensa que eu acabei de acordar também. Ela acha que estive dormindo ao lado dela. Ela não sabe sobre os três meses que vivi na nave, os três meses durante os quais pensei que nunca iria vê-la novamente.

As mãos de mamãe enquadram o meu rosto, e percebo que elas ainda estão frias como o gelo.

Olho além de seu ombro, em direção ao corredor que leva à sala de armas, a ponte, o lado de fora. Quero Elder aqui; quero apresentá-lo aos meus pais. Quero que ele entenda por que eu precisava deles, como tudo está melhor agora que eles estão comigo. Mas ele não está aqui.

— Oh, querida — minha mãe diz, com os olhos cheios de alegria. — Nós conseguimos! Finalmente conseguimos! Ela me puxa para perto dela novamente, cingindo-me em um abraço apertado.

— Há todo um mundo novo para descobrirmos juntas — ela diz contra o meu cabelo.

— Senti tanto sua falta — sussurro, o som rachado quando minha voz falha.

Mamãe se afasta, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— O que você quer dizer?

De repente, percebo o silêncio que permeia a sala. As pessoas da nave estão observando os congelados despertarem com desconfiança, e os congelados estão olhando as pessoas da nave com um pouco de receio, com cautela.

Meu pai chega mais perto, e esse movimento faz com que todos olhem para nós. — Por que você está vestida assim? — ele pergunta, vendo minha túnica e calças feitas de tecido manual.

Viro-me para encarar minha mãe e me esqueço de todos, exceto de nós três.

Esse é o meu mundo: minha mãe, meu pai e eu.

— Eu acordei cedo — digo, olhando nos olhos verdes de mamãe que todos dizem ser exatamente iguais aos meus.

Um franzir de sobrancelhas ensombrece seu rosto.

— Quanto tempo mais cedo? — meu pai pergunta.

A resposta desaparece de meus lábios. No começo, pensei que seriam cinquenta anos mais cedo e que eu e meu pai estaríamos tendo essa conversa quando eu fosse uma mulher velha. Então pensei que seria uma vida inteira mais cedo e que eu morreria antes de ter tido essa chance.

— Três meses mais cedo — digo, porque até esse momento, não tinha percebido que o relógio havia parado.

— Três meses? — minha mãe ofega.

— Mais de cem dias — eu respondo. Perdi a conta no final, quando percebi que os dias em *Godspeed* não importavam mais, porque eles estavam acabando.

— O que aconteceu? — minha mãe pergunta, pegando meu pulso.

Abro minha boca, mas as palavras não saem. Ela está segurando meu pulso exatamente no mesmo local que Luthor me segurou. O que aconteceu? Prometeram-me um mundo, mas acordei com uma jaula.

Há tanta coisa que quero dizer a ela. Eu preciso lhe contar.

Mas quando olho para o rosto dela, eu sei: não importa. Não agora, não nesse momento. O que importa agora é isso: estamos, todos nós, estamos aqui, juntos, vivos, juntos.

Papai chega mais perto de nós, deixando cair uma mão sobre o meu ombro. Ele abre a boca, e não tenho certeza do que eu esperava que ele dissesse, mas

não é isso:

— O que está acontecendo?

E o momento que compartilhamos se derrete como gelo, escorrendo pelo ralo no chão.

Meu pai olha para a multidão de observadores silenciosos de *Godspeed* — os feridos, os assustados.

— O que está acontecendo? — ele repete, a autoridade vibrando em seu voz. Ele está procurando um líder, e Elder não está aqui.

As pessoas de *Godspeed* não sabem como reagir. Por um momento, vejo minha família, o meu povo, a maneira como eles fazem as coisas. Estranhos. Esquisitos. Eles simplesmente saíram de suas câmaras crio — câmaras crio que as pessoas da nave nem sabiam que existiam até recentemente, e agora há esse homem com a pele pálida como a minha, olhando para eles, exigindo informações deles. Se eles tinham medo de mim, o que eles devem achar do meu pai? Das outras 96 pessoas da Terra que estão saindo de seus túmulos gelados para assumir o controle?

Depois de um momento, Kit dá um passo à frente. Ela não fala, no entanto. Seus olhos se viram para mim.

Lentamente, meu pai se vira, procurando por uma resposta em meu rosto.

Minha mãe acaricia o meu cabelo uma última vez até que a tensão no ar a faz dar um passo para trás. Ela se move para ficar ao lado de meu pai, e percebo a forma como as mãos deles se tocam.

— Amy? Por que você estava lá, com essas pessoas? O que aconteceu? — ele pergunta, cada pergunta em um volume mais baixo até que a última é somente para os meus ouvidos.

— Venha comigo — digo. — Essa é uma discussão que prefiro ter em particular.

Em vez disso, meu pai olha em volta, verificando as câmaras.

— Eu não sou o único no comando — ele diz. — Robertson ou Kennedy.

— Estão mortos — digo.

Seus olhos voltam-se para mim e, por um momento, eu não o reconheço. Ele nunca me olhou assim antes. Ele nunca me olhou como se fosse um coronel, em vez de meu pai.

— O que está acontecendo? — ele ordena.

— Pa-pai — eu gaguejo ao dizer o nome. — Houve... quero dizer, a nave... não é como nós pensamos que seria. Essas pessoas nasceram na nave — digo, movendo meu braço em direção a Kit e os outros. Observo seu rosto cuidadosamente, esperando pelo momento quando ele finalmente vai notar que todos de *Godspeed* têm a mesma aparência. Seus olhos se estreitam em um olhar calculista. — Você não entende. Muita coisa aconteceu. E nós simplesmente fizemos o módulo aterrissar. Ele... quase bateu no solo. E há muitas pessoas feridas e temos um líder, mas...

Os olhos de meu pai se suavizam ao ouvir-me gaguejar uma explicação. Ele me puxa para mais perto, envolvendo-me com sua força, e sinto-me segura pela primeira vez em mais de três séculos.

— Quero saber mais — ele me diz em voz baixa. — Conversaremos mais tarde. — Sobre minha cabeça, ele grita — Bledsoe!

Uma mulher, distante de nós algumas fileiras, fica em posição de alerta. Eu suspiro — eu a conheço. Ela é a mulher que Órion quase matou, aquela que Elder e eu salvamos enquanto Theo Kennedy se afogava em sua caixa crio. Minha mente volta à lista que fiz três meses atrás. Emma Bledsoe, trinta e quatro anos, uma Fuzileira Naval dos Estados Unidos, originalmente da África do Sul.

— Senhor — Bledsoe responde ao meu pai.

— Iniciar Operação Gênesis — ele diz.

Não sei o que é a Operação Gênesis, mas Emma Bledsoe obviamente sabe: ela imediatamente começa a chamar indivíduos — outros militares que estavam congelados e a instruí-los a ficarem em fila no espaço entre as pessoas de *Godspeed* e as que vieram da Terra.

Eu olho sobre as cabeças dos militares e vejo os olhos de Kit. Ela está lutando para manter suas enfermeiras trabalhando no restante dos feridos, mas há um medo real na maneira como ela mantém seu corpo rígido, na forma como ela não dá as costas totalmente para nós. Medo do meu povo — medo do meu pai.

— Pai — digo —, há um grande número de feridos. O acidente foi...

— Senhor! — Bledsoe chama de volta, interrompendo-me antes que eu tenha a chance de mencionar a teoria de Elder de que as coisas com aparência de pterodátilo causaram o acidente.

Sua voz é alta e clara, mas ela tem um estranho sotaque — britânico, talvez,

ou australiano.

— Há três vítimas entre os shipborns^[3]. — Ela se move até ficar em pé perto dos corpos das pessoas que não sobreviveram à aterrissagem.

— O que aconteceu? — Meu pai me ignora enquanto se move através da multidão para inspecionar os corpos. — Essa mulher parece que foi estrangulada. No meio da multidão, posso ver a amiga da mulher morta soluçando em silêncio, enquanto meu pai rudemente inclina a cabeça da mulher para olhar as marcas em torno de sua garganta.

Percebo Lorin, a mulher cujo ombro eu costurei, de pé ao lado, olhando para um dos homens mortos. Ela se afasta nervosamente quando Bledsoe e meu pai se aproximam de mim, com medo demais para tentar passar por eles. Seus olhos em pânico encontram os meus, e atiro-lhe um sorriso solidário.

— O que aconteceu? — meu pai grita novamente.

— Tivemos que usar amarras para prender as pessoas durante a aterrissagem — Kit diz, tentando manter o tremor longe de sua voz. — Ela deslizou em torno de seu pescoço, e...

— Por que vocês não usaram os cabos magnéticos? — meu pai pergunta asperamente.

— Cabos... magnéticos? — Kit pergunta.

Meu pai anda pesadamente até a parede — Lorin guincha de terror e sai correndo de seu caminho — e se inclina para o chão. Seus dedos tocam ao longo do metal em forma de azulejos, e ele faz alguma coisa — um movimento do pulso, o toque de um botão — e o painel de metal se ergue. De dentro, ele retira um punhado de tiras de lona com grandes fivelas pretas.

— Há três mil cabos armazenados aqui justamente para que você possa prender o seu povo nos pisos e paredes em caso de aterrissagem de emergência. Por que vocês não os usaram? — Sua voz é zangada, acusadora.

— Nós... não sabíamos que eles estavam aí — Kit diz mansamente, os olhos arregalados com o choque.

Não posso tirar os olhos dos mortos. Que jeito estúpido, estúpido de morrer. Mortos somente porque não sabíamos sobre os malditos cabos.

— O capitão deveria saber sobre os procedimentos adequados para o lançamento de emergência do módulo — diz meu pai. Ele transpira frustração e

raiva, e embora esteja usando um tolo avental médico verde que abre na parte de trás, ainda carrega mais autoridade do que eu jamais vi nele antes e todos, as pessoas de *Godspeed* e aquelas da Terra, estão prestando atenção em cada uma de suas palavras.

— Não é assim — digo. — Você não entende, pai, as coisas...

Ele me corta com um olhar, e eu calo a boca.

— Isso está uma bagunça — ele rosna. — Bledsoe, onde está o pessoal médico?

— Aqui, senhor — diz Bledsoe, afastando cinco pessoas. — Três homens e duas mulheres.

— Dr. Gupta — meu pai diz, dirigindo-se a um dos homens. — Faça sua equipe ajudar aos feridos — meu pai ordena.

Os profissionais médicos dão um passo à frente, mas já posso ver que isso não vai funcionar. Se as pessoas de *Godspeed* ficaram preocupadas comigo, com a minha pele pálida e cabelo vermelho, pelo menos tiveram três meses para ver que eu não era uma ameaça. Posso ver essas pessoas através de seus olhos, e embora eu saiba que é bobagem, entendo por que recuam para longe do homem indiano, por que eles não entendem a mulher com o sotaque do sul, por que eles correm para Kit em vez de permitir que um homem negro enfaxe suas feridas. Quero ficar e ajudar — mas que bem eu poderia fazer?

— Vamos nos vestir — meu pai diz a Bledsoe. Em turnos, as pessoas das câmaras crio vão até os baús na parede do fundo e começam a vestir-se com as roupas que trouxeram da Terra. Meu pai e o resto dos militares usam uniformes.

Suas roupas, tão diferentes das túnicas e calças feitas em casa pelos moradores de *Godspeed*, somente servem para separá-los ainda mais.

Fibras sintéticas e cores brilhantes aparecem como manchas entre os marrons e pretos usados pela maioria dos membros da tripulação da nave.

As pessoas de *Godspeed* são mais de dez vezes o número de pessoas da Terra, mas estão apertadas todas juntas ao longo de uma parede. A sala está pegajosa e quente, e o ar cheira a suor e medo. E raiva.

Abro minha boca para chamar meu pai para perto de mim — se ele não puder provar que está lá para ajudar, que ele não é a ameaça que Órion disse que seria, ele será rotulado de inimigo. Mas então ele se vira para Bledsoe e diz:

— Vamos inspecionar o arsenal.

Já é ruim o suficiente que, de repente, 97 pessoas da Terra tenham acordado e estejam assumindo o controle, mas a adição de armas a essa mistura não vai acabar bem.

A porta do arsenal está fechada e trancada, e não abre quando meu pai digita o código no teclado.

— Qual o problema, senhor? — Bledsoe pergunta.

Meu pai balança a cabeça e digita o código novamente. Ele ainda não funciona. E por que deveria? Órion o reprogramou há muito tempo.

— Pai, eu preciso falar com você — digo, tentando imitar a autoridade em sua voz.

— Não agora, Amy.

Esperei três meses que pareceram uma vida inteira para ele dizer o meu nome, mas não pensei que ele fosse fazer isso junto com essas palavras.

— Agora — insisto.

— Amy — meu pai diz, afastando-se do painel de controle para me encarar —, acho que você não entende. Estamos em uma missão. Este é o trabalho. Temos de averiguar a situação, conversar com o líder do shipborns, e assumir o controle da área periférica.

— Mas pai, eu...

— Amy, eu gostaria de parar tudo e falar com você. Eu adoraria ser seu pai agora. Mas essa é uma situação crucial, e o que eu realmente preciso fazer é descobrir por que esse código foi alterado e conversar com o líder dos shipborns.

— Bem — diz Elder enquanto abre a porta do arsenal — então ainda bem que estou aqui.

8: ELDER

A primeira coisa que noto é a dúvida gravada no rosto do homem.

— Pai — Amy diz a ele. — Quero que você conheça o líder de *Godspeed*, Elder.

Ela me olha com atenção, e levo um momento para perceber que ela está analisando meus ferimentos. Dou um puxão na túnica limpa, tomando cuidado para não estremecer quando a pele ferida pelas garras da fera entra em atrito contra a roupa áspera.

— Elder — Amy continua —, esse é o meu pai, coronel Robert Martin. Ele está... após a morte dos outros dois congelados, ele está no comando dos militares de Terra-Sol. — Sua voz treme quando me apresenta o seu pai. Posso ver que ela não havia percebido que ele seria o próximo da lista para comandar os congelados.

Dou um passo à frente, minha mente acelerada, tentando lembrar a maneira correta de cumprimentar formalmente um militar de Terra-Sol. Eu não preciso me curvar, preciso? Isso parece tão antiquado — mas, então, ele também é.

Antes que eu possa fazer qualquer coisa, porém, o homem se vira para Amy.

— Eu não tenho tempo para suas brincadeiras — ele diz. — Onde está o verdadeiro capitão?

Amy olha para ele, seus ombros jogados para trás e seus olhos piscando.

— Elder é o líder — ela diz, novamente, um tom áspero em sua voz.

O Coronel Robert Martin me lança um olhar de desdém.

— Ele é um garoto.

— Senhor — digo, minha voz cheia de escárnio —. Eu sou o líder de *Godspeed*, e se você quiser passar por uma das portas trancadas nesse módulo, incluindo a porta para o arsenal onde você está tentando entrar agora, terá que mostrar um pouco mais de respeito.

Uma das sobrancelhas do coronel se levanta, mas ele não discute.

— Preciso acessar o computador do módulo — ele exige.

Com os diabos, é claro que ele quer.

Explico a situação: como as janelas de vidro se abriram para criar a rampa, como não há proteção contra o enorme pássaro reptiliano que queria arrancar meu rosto, como o computador está lá fora, na ponte agora exposta.

— Entendo — o Coronel Martin fala com uma voz que parece entediada com a minha avaliação dos monstros —, e nós estaremos armados, mas é essencial que eu tenha acesso ao computador.

Saio da frente da porta do arsenal, deixando o coronel Martin e a mulher que o acompanha selecionarem as armas. Amy me lança um olhar interrogativo.

— Deixe-me lidar com isso — sussurro, esperando que meus olhos comuniquem minha necessidade de que ela me deixe conhecer seu pai em meus próprios termos. Se o coronel Martin quer falar com um líder, não quero que ele se lembre de que sou mais jovem do que sua filha.

Amy não parece feliz com isso, mas acena a cabeça e volta para a sala crio. Quando o Coronel Martin e a mulher terminam de se armar, eu os levo pelo corredor até a porta da ponte.

O pai de Amy segue direto para a ponte, uma mão descansando quase casualmente sobre a arma presa na cintura. A mulher que está com ele, uma mulher alta, esbelta, com pele mais escura do que eu sabia ser possível, segue-o sem sequer olhar para mim. Eu fecho a porta para a ponte, tentando ignorar o quão vulneráveis estamos agora aos perigos que nos espreitam dos céus.

Posso ver imediatamente que o coronel Martin e a mulher não se impressionam com o mundo que se estende diante deles. Quando o vidro em favo de mel se separou da ponte mais cedo, fiquei tão subjugado pelo senso de liberdade sem limites que meu desejo era atirar-me de cabeça, saboreando cada coisa descoberta. Eles são ambivalentes na melhor das hipóteses. Uma brisa quente flutua por nós, e quero fechar os olhos e saborear o cheiro das plantas e da terra que ela carrega, mas nenhum dos dois sequer a nota.

— Não é tão diferente da Terra, é? — a mulher diz em voz baixa. Sua voz tem um sotaque tão forte que eu nunca a teria entendido se já não estivesse acostumado ao de Amy.

O Coronel Martin grunhe.

— Exceto por essa droga de O Senhor das Moscas^[4] que está acontecendo.

A mulher murmura algo que não posso ouvir, então desce até a borda da

ponte. Ela posiciona o rifle em um pequeno tripé e o aponta acima de nós, para os céus. Há mais duas armas e uma série de granadas ao alcance dela. Pelo menos eles ouviram quando eu disse que a coisa-pássaro era perigosa.

— Então você é o líder dos shipborns — Coronel Martin fala para mim.

— Então você é o pai de Amy.

— Eu sou o coronel Martin, e como o general Robertson e o Brigadeiro Kennedy estão fora de ação, sou o oficial de maior patente para essa missão. Essa é a tenente-coronel Emma Bledsoe.

Eu levo um momento para processar essa informação. Isso significa que Órion não apenas visava os militares — ele estava seguindo a ordem de comando de cima para baixo, matando as pessoas mais importantes em primeiro lugar. Eu deveria ter reconhecido a tenente-coronel Bledsoe quando a vi sob o gelo, mas certamente não esperava que o coronel Martin pudesse ser tão diferente de sua filha, uma vez acordado. Não vejo nada de Amy em seus olhos julgadores, sua postura rígida.

— Eu sou Elder^[5] — digo simplesmente.

— Elder de quê? — o Coronel Martin pergunta asperamente.

— É o meu nome. Elder. E também o meu título. É assim que chamamos o líder da nave.

O coronel Martin solta um suspiro, olhando para mim. Pelo canto dos olhos, noto a expressão da tenente-coronel Bledsoe. Ela é muito mais jovem que o coronel Martin e não tão boa em esconder suas emoções: posso ver a apreensão em seus olhos escuros, a preocupação nas linhas de sua boca.

— Então, você é o encarregado dessas pessoas lá? — pergunta o Coronel Martin.

— Sim. — Não digo a ele que sou o líder há apenas alguns meses, que o meu reinado terminou com o lançamento do módulo espacial, que o meu reino estava tão dividido que um terço das pessoas ficou em *Godspeed*. Não quero falar sobre isso de forma alguma; gostaria que ele fizesse o que é preciso fazer no computador, para que possamos sair. Meus olhos se viram para o céu; meus ouvidos estão esperando ouvir um grito de gelar os ossos. Porém, não quero que ele veja o meu medo, então tento me concentrar no que ele está falando.

— Eu não sei que situação levou alguém tão jovem como você a chegar à liderança — continua ele. — Não sei o que aconteceu para minha filha acordar

precocemente e se envolver nessa confusão. Mas posso imaginar, a julgar pela aterrissagem desleixada que vejo aqui e os feridos e mortos de seu povo, que as coisas não têm corrido muito bem.

— Chega — digo, a palavra saindo como um grunhido.

O rosto do Coronel Martin se torna uma máscara de compaixão.

— Eu só quis dizer... está claro que isso foi difícil. Para todos, sim, mas especialmente para você, como um líder que foi requisitado cedo demais.

Olho para ele, tentando não demonstrar minhas emoções. Tudo o que ele está dizendo é verdade, mas isso não é tudo. Sim, tem sido difícil. Mas eu aceitei a responsabilidade sabendo que seria difícil, e isso é diferente da imagem que ele está tentando fazer de mim.

Não é como se eu pudesse ter desistido, mesmo se tivesse outra escolha.

— A situação em questão é simples — ele continua. — Precisamos estabelecer um líder tanto para os shipborns como para as pessoas nascidas na Terra. Eu gostaria de sugerir que você passe a liderança para mim agora, para que possamos começar essa missão com o pé direito.

Meu primeiro pensamento: Esse homem não se parece em nada com Eldest, ele não soa como ele, mas pensa exatamente da mesma maneira.

O coronel Martin senta-se no banco em frente ao painel de controle — o mesmo lugar onde Amy se sentou quando pousamos a nave. Ele vira a cadeira para que fique de frente para o outro banco e dá um tapinha nele.

— Sente-se, filho — diz ele gentilmente.

E eu me sento. Acho que agora entendo por que Amy queria tanto seu pai de volta. O Coronel Martin fala com tanta segurança em sua voz que quase acredito que ele possa fazer os meus problemas desaparecerem, simplesmente ordenando que eles desapareçam.

Quase.

— As coisas são muito diferentes de como eu esperava que fossem — ele fala, as palavras pesadas. — Eu não deveria estar no comando.

Eu também não.

— Não estou pronto para isso.

Eu também não.

— Mas tudo mudou agora.

Eu sei.

O coronel Martin volta para a cadeira, olhando para o céu.

— Colônias sempre tiveram dificuldades para sobreviver. Quando a América foi colonizada, os colonos estavam separados por um oceano e meses de viagem de qualquer ajuda da casa que haviam deixado para trás. Estamos separados por muito mais.

Sigo o seu olhar para o céu, mas não estou pensando em Terra-Sol e em como está distante. Estou pensando em *Godspeed*. Ela está muito mais perto, mas tão impossível de alcançar quanto Terra-Sol.

— Muitas pessoas morreram nas primeiras colônias. Eles chamaram a América de “Novo Mundo”, mas essa é a coisa real, hein, filho? Nem mesmo Roanoke^[6] pode competir conosco.

— Por que você está me dizendo isso? — pergunto. Não me importo em parecer rude.

— Filho, eu preciso que você pense sobre a situação aqui. Percebo que as coisas foram acontecendo enquanto os terráqueos como eu estavam congelados e que você teve que assumir o comando. Não deve ter sido fácil.

“Não, não, não, não, não”, disse Shelby. Pouco antes de eu deixá-la morrer.

— E você pode não acreditar em mim — o coronel Martin acrescenta — mas eu sei quanta pressão você deve estar aguentando. Essas pessoas, os shipborns, é óbvio que esperam que você resolva todos os seus problemas. Mas você não pode resolver todos os problemas deles, não é?

Três pessoas do meu povo estão mortas agora, no final do corredor, e isso é minha culpa. Bartie e mais de 800 pessoas ainda estão em órbita em torno de Terra-Centauri, e eles vão viver e morrer nos restos da *Godspeed*, e isso é minha culpa também.

— Filho — diz o Coronel Martin, e não posso evitar, gosto do jeito como ele diz isso. — Acho que você sabe o que precisa fazer.

“Eles vão nos transformar em escravos ou soldados”, disse Órion. Eles planejam nos usar ou nos matar.

— Não vou simplesmente entregar meu povo a você — digo, virando-me para a porta que leva até o módulo. Um vento do planeta passa pelos meus

cabelos, fazendo-me sentir mais forte.

— Eu não estou sugerindo isso, filho.

— Pare de me chamar de filho. Eu não sou filho de ninguém.

— Elder — o Coronel Martin diz o meu nome como se ele deixasse um gosto amargo em sua boca. — Isso é mais do que eu ou você. Não podemos deixar nossos egos nos controlarem.

— Não vou deixar o meu ego me controlar — digo. — Não deixe que o seu o faça. Posso ser mais jovem do que você, mas há mil quatrocentos e cinquenta e seis pessoas dentro da nave que me apoiam.

O coronel Martin se levanta e deixa a cadeira girar ao redor de si mesma.

— Sei disso — ele fala, o leve toque de gentileza tendo desaparecido de sua voz. — Eu apenas achei que poderia argumentar com você...

— Você pode — eu digo simplesmente. — Você está certo, não tem sido fácil. E estou bem consciente de que eu não estou na melhor posição. — Como eu poderia não estar ciente disso, considerando a maneira como Bartie se rebelou? A maneira como as pessoas preferiram ficar na nave a seguir-me? A forma como as três pessoas do meu grupo morreram apenas porque confiaram em mim?

— Não estou contra você — acrescento. — Mas não acho que seja necessário que seja só eu ou você. Estou disposto a deixar que você nos guie, mas não vou dizer ao meu povo para obedecer cegamente a você.

— Mas vai me dar apoio? Concordar com as minhas ordens?

— Se eu as considerar razoáveis, sim. Estarei ao seu lado.

Se ele percebe a mudança sutil que faço de suas palavras, ele não comenta.

— A primeira ordem do negócio é simples: precisamos estabelecer comunicação com a Terra.

— Nós não temos comunicação há gerações — falo.

— O quê? — o Coronel Martin grita.

— Há séculos que não temos qualquer notícia da Terra.

Atrás dele, vejo a tenente-coronel Bledsoe mover os lábios, formando a palavra séculos. Mas o coronel Martin não demonstra emoção.

— Há isso aqui, entretanto — digo, movendo-me até o computador na

ponte. O metal está quente ao toque, aquecido pelos sóis gêmeos. A tela pisca, aguardando o código de autorização militar.

O coronel Martin avança para o computador, então hesita. Ele não quer fazer isso na minha frente. Levanto uma sobrancelha enquanto olho para baixo. Ele se vira para o computador e rapidamente digita o código.

A tela ganha vida enquanto eu dou um passo à frente para ver melhor. O pai de Amy relutantemente se move para o lado para dar espaço para mim. Por vários minutos, tudo que a tela mostra é um globo girando e uma barra piscando PROCESSANDO... SINAL RECEBIDO... PROCESSANDO. Então, a tela treme, e o globo se abre, revelando uma imagem de satélite. RECEBENDO COMUNICAÇÃO aparece na tela.

O coronel Martin dirige um olhar triunfante na minha direção, mas estou concentrado na tela. Será que é realmente tão fácil? Um código de dez dígitos e, de repente, estamos falando com Terra-Sol, como se não houvesse anos-luz entre nós?

Uma voz enche o ar, e palavras digitadas na tela transcrevem a mensagem. Minha respiração para na garganta. Não temos comunicação de Terra-Sol há gerações. Mas então... aqui está uma voz, viajando por todo o universo só para falar conosco.

E para fazer tudo isso acontecer bastava só um maldito código de autorização militar.

Parabéns, *Godspeed*! Você chegou em segurança ao seu destino final, o planeta circulando o sistema binário de Centauri.

A voz profunda fala em um tom monótono, lento, mas eu ainda sou grato pelas palavras transcritas rolando na tela.

Sabemos que sua jornada foi longa, mas estamos animados em informá-los que as sondas enviadas antes da aterrissagem da nave indicaram não apenas um mundo habitável, mas também rico em recursos ambientais! Dessa forma, estivemos ocupados na Terra, tentando encontrar uma forma adequada de ajudar no crescimento e desenvolvimento da colônia que vocês estão começando.

Eles querem ajudar a colônia? Por que não se preocuparam em ajudar a nave? Quando perdemos a comunicação tantos anos atrás, por que Terra-Sol não trabalhou para restabelecer a comunicação? Sei que deveria estar maravilhado com esse novo link de comunicação que se abriu, mas, sinceramente, tudo o que

sinto é raiva. Eles poderiam ter nos ajudado antes da aterrissagem. Por que eles nos abandonaram, aprisionando-nos nas estrelas, esperando que pousássemos por conta própria?

Desde que a nave-arca interestelar, *Godspeed*, saiu da Terra, nós continuamos com os avanços nas viagens espaciais de longo prazo. Uma estação espacial remota já está em órbita ao redor do planeta que vocês estão ocupando, o que os ajudará na comunicação via satélite mais rápida entre os planetas. Além disso, sua primeira tarefa é localizar uma das sondas enviadas da nave — as sondas são equipadas com tecnologia avançada e ajudarão em nossa comunicação.

Toda a atenção do Coronel Martin está concentrada na tela, mas eu só queria que o alto-falante ficasse quieto tempo suficiente para que pudéssemos fazer algumas perguntas.

No momento do seu desembarque, um sinal foi transmitido diretamente para o Intercâmbio de Recursos Financeiros. Tenham a certeza de que, mesmo agora, o IRF está preparando uma nave com ajuda e suprimentos para sua colônia. A tecnologia avançada significa que esse transporte deve chegar até a sua localização muito em breve.

Olho espantado para a tela do computador. Em breve? O que significa isso? Três séculos se passaram para *Godspeed* chegar ao planeta.

Olho para o coronel Martin. Suas mãos se contraem perto dos controles. Ele está dividido — interrompemos e pedimos por mais esclarecimentos ou esperamos o fim do discurso?

A voz se torna grave enquanto prossegue.

Além disso, é essencial informá-los dos perigos que existem no planeta. Primeiro, gostaríamos de lembrá-los que tanto o módulo de fuga quanto *Godspeed* estão equipados com recursos de proteção adequados e, em caso de necessidade, não hesitem em se manter trancados até que nossa ajuda chegue até vocês.

A estática interrompe a mensagem momentaneamente. O Coronel Martin verifica os controles, mas não tem certeza sobre qual deles utilizar.

É essencial que vocês retomem a comunicação conosco através da sonda assim que possível, para que possamos repassar de forma mais precisa as informações que reunimos sobre a atual população de ameaçadores...

Há um pop! e mais alguns sons crepitantes, e de repente a voz é cortada, abafada pela estática. Um assobio estridente atinge meus ouvidos enquanto a tela fica negra. O ar fica estranhamente silencioso, nossa comunicação com Terra-Sol cortada mais uma vez.

— O que aconteceu? — pergunto enquanto o Coronel Martin se curva sobre o computador.

— Não tenho certeza... — ele digita na tela, mas ela fica escura. — Talvez os sistemas de comunicação tenham sido danificados quando você quase caiu com o meu módulo.

Antes que eu possa comentar sobre sua declaração de propriedade sobre minha nave, tiros explodem atrás de nós, tão inesperados que eu dou um pulo. Bledsoe se agacha no chão da ponte, usando a parede para firmar o braço, enquanto faz mira cuidadosamente. Sigo o seu olhar e vejo a coisa pairando acima de nós, suas garras estendidas, já ansiosa para nos rasgar em pedaços. Outro tiro, seguido de um grito lancinante. A coisa-pássaro muda de direção, mas não é abatida.

— Que diabos é isso? — diz o Coronel Martin. Sua própria arma já está empunhada, os dedos brancos ao redor do gatilho.

— Esse é o mesmo tipo de criatura que vi antes — digo, tentando manter minha voz calma. — Amy disse que ela se parecia com um — tento lembrar a palavra que ela usou — com um dinossauro, um, um... um ptero... ?

— Eu sei com o que se parece, droga, mas o que é isso?

Escondo meu sorriso. Então finalmente encontramos algo que é capaz de quebrar o exterior frio do Coronel Martin.

— Antes de desembarcar, fomos avisados sobre... — Faço uma pausa. Parece bobo dizer isso, mas não há outra palavra para isso. — Monstros.

O coronel Martin observa a criatura pairando acima de nós. É enorme — mesmo tão longe, ela esconde uma parte da luz dos sóis.

Bledsoe atira uma última vez, mas é claro que o monstro voou longe demais.

— Talvez eu tenha caído com a nave — digo —, mas acho que, talvez, uma dessas coisas tenha nos tirado do curso.

— Não desperdice munição — o Coronel Martin grita para Bledsoe. Ela

não abaixa a arma, mas vejo-a deslizar o dedo para fora do gatilho. — Devemos entrar, não é seguro aqui. Eu quero saber mais sobre a maldita “população de ameaçadores”, seja lá o que for — ele continua, virando-se para mim. — Bledsoe e eu vamos sair com um grupo de mais oito homens. Se encontrarmos uma das sondas, seremos capazes de estabelecer uma ligação de comunicação segura, consistente, com a Terra e obtermos uma ideia melhor do que estamos enfrentando.

O Coronel Martin se dirige para a porta. Bledsoe retorna lentamente, a mão ainda na arma.

— Elder, preciso de você para manter seu povo tranquilo — o Coronel Martin diz isso como uma ordem, não um pedido.

— Eu vou com você — digo.

Coronel Martin faz uma pausa, com a mão na porta.

— Nada de civis.

— Meu povo precisa ver que somos iguais. Eles precisam saber que estou envolvido, e tenho o direito de saber sobre o que você vai falar com a Terra.

— É claro — o Coronel Martin concorda. — Mas nesse momento, o importante é que eles tenham alguém a quem recorrer. Você precisa ser o núcleo forte, a rocha em que eles podem confiar.

— Eu...

O Coronel Martin abre a porta e empurra-me para dentro, Emma Bledsoe logo atrás. Ela bate a porta e a tranca. O ar dentro da nave tem um gosto amargo e metálico em comparação com a brisa quente e fresca que acabamos de deixar para trás.

— Preciso de você aqui, Elder — diz o Coronel Martin. — Preciso de alguém em quem eu possa confiar para proteger a nave.

— Mas...

— Estou deixando-o com uma carga preciosa: nossas pessoas. Seu povo. Você dá conta do recado?

— Sim — digo — mas...

— Bom, bom, estou feliz em ver que você concorda — ele diz antes de se dirigir para o arsenal.

Não posso deixar de pensar que acabei de me transformar no peão no qual

Órion temia que eu me transformasse desde o início.

9: AMY

Vou de encontro à Emma quando volto pelo corredor.

— O que aconteceu? — Suspiro. — Quando ouvi os tiros e o grito de mais uma daquelas coisas que parecem um pterodátilo, afastei-me de minha mãe e corri de volta para a ponte.

Ela me olha surpresa.

— Nada — ela diz. Ela passa por mim e começa a gritar ordens para os militares, homens e mulheres reunidos nas câmaras crio.

Acho que o meu coração só começa a bater novamente depois que vejo Elder e papai no arsenal, seguros. Meu pai está inteiramente concentrado em selecionar armas. Elder parece resignado, quase petulante, mas ele me atira um sorriso que faz meu coração bater de forma irregular novamente.

— O que está acontecendo? — pergunto, ainda sem fôlego. Noto que a porta para a ponte está trancada.

— Amy, está tudo bem. Volte para a sua mãe — diz meu pai. Eu o ignoro e viro-me para Elder.

— Nós vimos um dos m... — Elder começa a dizer “monstros”, mas se interrompe. — Vimos outra criatura. Mas ela não chegou perto de nós.

Eu olho a .44 [47](#) na mão do meu pai.

— Você vai caçá-lo?

Meu pai parece surpreso.

— Estamos apenas nos protegendo. Dez de nós irão encontrar a sonda e tentar restabelecer a comunicação com a Terra.

Espere, restabelecer? Viro-me novamente para Elder. Seus olhos me dizem tudo que preciso saber.

— Você falou com a Terra? — grito. — Isso é... uau! Isso é incrível! O que eles disseram? Como é a Terra agora? O que eles vão fazer?

— O link de comunicação falhou — diz Elder. — Mas eles vão enviar ajuda. Eles acham... — Ele franze a testa. — Eles acham que podem conseguir ajuda para nós.

Minha boca se abre.

— De verdade?

Elder acena com a cabeça, mas nem de longe parece estar tão animado quanto eu. Terra! Depois de todo esse tempo, a Terra está falando conosco novamente!

— Amy, preciso trabalhar. Volte para a sua mãe.

Meu pai coloca a .44 no coldre e começa a mexer no suprimento de granadas e bombas em outra prateleira.

— Eu vou com você! — digo, dando um passo para dentro do arsenal. Elder me lança um olhar carrancudo, mas eu o ignoro. — Pai, deixe-me ir também! Preciso ir lá fora. O planeta está logo ali e eu nem o vi ainda, não de verdade!

— Não — diz meu pai, sem olhar para cima.

Recuo como se sua única palavra fosse um tapa no meu rosto.

— Pai — digo com urgência na voz. — Deixe-me ir com você. Não vou atrapalhar. Vou pegar uma arma, eu posso ajudar. Apenas deixe-me ir.

Meu pai olha para mim, e por um momento tudo o que ele faz é olhar para meus olhos suplicantes.

— Não — ele diz finalmente.

— Mas...

— Não. Volte para a sua mãe.

— Pai!

Elder dá uma sacudida minúscula de cabeça, dizendo-me para desistir. Meus olhos se estreitam.

Posso ver que meu pai o proibiu de ir também — mas ele já foi lá fora. Ele já viu o mundo. Ele nem queria fazer isso, mas já o viu.

Giro nos calcanhares e saio do arsenal. Sei que estou sendo infantil. Sei que estou sendo irracional, imatura e ridícula. Mas não posso evitar.

Antes eu estava simplesmente concentrada em salvar Elder, mas agora quero ver Terra-Centauri com meus próprios olhos.

Eu preciso.

Paro na porta da sala crio e dou um suspiro profundo. Eu me forço a realmente ver o que está acontecendo.

A sala crio está lotada, mas dividida de forma desigual. As cerca de mil e quinhentas pessoas da nave estão reunidas contra uma parede, o mais longe possível das câmaras crio. As pessoas da Terra se ocupam com tarefas domésticas — desembalando caixas de armazenagem, montando equipamentos científicos em mesas feitas com as bandejas deslizantes das câmaras crio, falando uns com os outros. Há uma energia nervosa em ambos os lados da sala, mas há medo também. Sempre há o medo do desconhecido.

Emma passa por mim com oito outros membros do grupo dos militares, cada um deles com uma expressão séria no rosto. Os soldados estão totalmente uniformizados agora e armados até os dentes. Eu me lembro do grito estridente das criaturas voadoras, e um arrepio espontâneo corre pela minha espinha. Terra-Centauri não está aqui para a minha diversão. Sei que meu pai estava certo em me proibir de ir com ele, não importa o quanto eu não goste disso.

Ainda assim, quando eu o descongelei, não pensei que ele fosse me manter trancada no módulo. As câmaras crio estão vazias agora, como conchas esquecidas jogadas em uma praia.

Todas, exceto uma. A de Órion.

Meus olhos se desviam para a porta do laboratório de genética do outro lado da sala crio. Deslizo facilmente através da multidão de pessoas que estavam congeladas enquanto vou em direção ao laboratório de genética. Assim que chego à porta, digito o código de entrada e passo meu polegar sobre o escâner biométrico. Poucas pessoas têm acesso a essa sala, mas Elder se certificou de que eu pudesse entrar quando quisesse.

Quando entro, a porta se fecha atrás de mim.

Agora estou sozinha com meus pensamentos e um relativo silêncio.

E Órion.

Dou um passo à frente, até a câmara de congelamento de Órion. Ao contrário das câmaras onde meus pais estavam congelados, essa é uma unidade autossuficiente. Ela fica em pé, e uma pequena janela circular mostra o homem dentro do gelo.

Meus passos ficam lentos à medida que chego mais perto dele.

Eu não queria admitir isso, mas estou começando a ver Órion nas feições

de Elder.

Meu olhar se dirige ao grande cilindro do outro lado da sala, onde dúzias de fetos minúsculos poderiam ser arrancados da gosma dourada e serem transformados em outro clone de Elder.

Não outro Elder... apenas uma outra pessoa com o mesmo corpo. A mente de Elder não é nada parecida com a de Órion.

Eu nunca poderia amar Órion.

Quando Elder tirou-me da minha câmara crio, ele não percebeu que iria me acordar e que eu não poderia ser congelada novamente. Mas Órion sabia. E ele sabia, quando tirou Robertson e Kennedy de suas câmaras, que eles iriam morrer engasgados com os tubos e o líquido crio em suas gargantas, seus olhos esbugalhados e as mãos arranhando o vidro.

Ele sabia.

Olho para o timer sob o rosto de Órion. 05:23:34... 33... 32... 31...

Curvo-me e rapidamente digito os números para trazer o timer de volta para 24:00:00.

Mais vinte e quatro horas congelado. Elder era capaz de programá-lo para uma contagem regressiva mais longa, mas o timer está com mau funcionamento. Eu o verifico todos os dias agora.

Forço-me a olhar seu rosto congelado, seus olhos cobertos pelo gelo. Não quero que ele esteja aqui em absoluto, separado do novo planeta por nada além de gelo.

Mas se não posso ver o novo mundo, pelo menos posso ter certeza de que ele também não pode.

10: ELDER

Eu me dou ao luxo de aproveitar um momento de ar fresco, antes de trancar a porta da ponte atrás de dez soldados que saíram para enfrentar o novo planeta. Não sei quanto tempo fico lá, minha testa pressionada contra o metal frio.

Já começou.

Posso sentir o pouco controle que eu tinha sobre a situação deslizando por entre meus dedos.

Fecho os olhos, expirando profundamente. Não posso me permitir pensar dessa maneira. Não posso viver os temores de Órion.

Ouçó ruídos vindos da sala crio, interrompendo meus pensamentos sombrios. A princípio acho que é apenas o volume natural de 1.500 pessoas apinhadas em uma sala gigante, mas então uma voz grita em fúria sobrepondo-se a todos os outros sons. Eu me levanto e corro para a sala crio.

— O que aconteceu? — uma voz de mulher grita enquanto abro caminho através da multidão que se reuniu em torno da última fileira de câmaras crio.

Amy está na frente de uma mulher alta, nascida na Terra, com braços longos e finos e uma cabeça gigante de cabelos espessos. A voz da mulher é abafada por soluços grossos, úmidos e ofegantes, enquanto ela geme novamente.

— O que a-aconteceu?

Amy levanta as duas mãos para o alto e tenta dar um passo atrás, mas ela está presa por uma fileira de câmaras crio.

Os congelados estão agrupados em torno dela, e o meu povo está olhando para eles com uma desconfiança nervosa em seus olhos.

Amy diz alguma coisa em voz muito baixa para que eu entenda, mas a resposta da mulher é dita em voz tão alta que todos na sala crio podem ouvir.

— Ele foi assassinado?

Oh, diabos.

Ando mais rápido, empurrando para o lado as pessoas em meu caminho enquanto vou em direção à Amy e à mulher. Quando chego perto dela, Amy vira a cabeça em direção à mulher que está gritando e sussurra:

— Essa é Juliana Robertson.

Robertson — o mesmo sobrenome de um dos congelados que Órion desconectou.

— Meu marido! — Juliana grita, uma mão pressionada contra a porta fechada da câmara crio número 100.

Então a mão dela se transforma em um punho. Ela gira ao redor de si mesma, agarrando Amy pela túnica e puxando-a para perto.

— O que aconteceu? — ela diz ferozmente. — Conte-me quem foi o desgraçado que matou meu marido!

Os olhos de Amy estão arregalados de medo.

— Foi — ela faz uma pausa. Eu sei que ela ia dizer “foi um acidente”, mas ela não consegue falar a mentira.

— Quem? — Juliana Robertson ruge no rosto de Amy. Amy vacila, e eu empurro Juliana para o lado, puxando Amy para perto de mim. Ela perde o interesse em nós e se vira para enfrentar a multidão de pessoas da nave reunidas ao seu redor. — Qual de vocês, esquisitos, fez isso? — ela grita, e fico momentaneamente preso à ironia de que ela acha que somos esquisitos por termos uma aparência semelhante quando essa é a mesma palavra que as pessoas usavam para descrever Amy por ser diferente. — Quem foi o covarde que matou meu pobre marido enquanto ele dormia? Mostre-se a mim! Ela é toda fúria, apenas ódio furioso.

Meu povo não sabe como responder a ela. Para eles, os congelados são perigosos. Muitos deles concordam com Órion e suas ações. E Juliana usa as mesmas roupas verdes-e-marrons que o resto dos militares — ela é um soldado, ainda mais perigosa devido à sua formação.

Seus olhos se voltam para mim — eu sou aquele que deve protegê-los.

Juliana segue o olhar deles dirigindo-se para mim, mas ela não entende o que isso significa. Ela pensa que o olhar deles é acusador, algo próximo de uma confissão do assassinato de seu marido.

Ela se atira em mim, gritando, e antes que eu tenha a chance de reagir, seu punho conecta-se com a minha face esquerda, fazendo minha cabeça virar para trás. Eu cambaleio para longe, levantando as duas mãos em defesa.

— Não toque em Elder! — Um dos shipborns, um homem chamado Heller,

ex-fazendeiro do Nível dos Alimentadores, grita no momento em que ela salta para frente, agarrando o braço de Juliana enquanto ela o balança para trás para me atingir novamente.

— Não, espere — tento dizer.

— Não a machuque! — Outro dos ex-congelados grita enquanto entra na briga.

E simplesmente assim: caos.

As pessoas da Terra podem ser ferozes, mas o meu povo os superam 15-1 em termos numéricos. Enquanto a briga aumenta, o grupo de congelados recua até estarem com as costas contra as câmaras crio. Gritos e uivos abafam todos os outros sons. Uma mulher que imagino ser a mãe de Amy — elas têm os mesmos olhos verdes — a agarra pelo pulso, arrastando-a para longe da multidão crescente. Engulo seco, sentindo como se houvesse um caroço em minha garganta. É minha culpa que a situação no módulo de transporte tenha se degradado até virar uma luta, exatamente como em *Godspeed*. Sou eu que não consigo manter Amy segura. Empurro meu dedo contra meu com-wi — inutilmente; ele não funciona aqui.

Subo na mesa mais próxima, gritando.

— Parem! PAREM!

Mas não adianta.

Essa é uma luta nascida da raiva e do medo.

Punhos batem contra a carne; sangue jorra de novas feridas. Uma cadeira é lançada no meio da multidão e, em seguida, atirada contra uma câmara crio com um estrondo ensurdecedor.

Juliana Robertson, seu cabelo em desalinho selvagem, grita enquanto se atira em direção a mim, mas é apanhada por uma das pessoas do meu povo, que a arremessa contra uma câmara de congelamento. Eu desço da mesa, jogando-me no meio de corpos que lutam e sendo espancado por meu esforço.

— BASTA! — o coronel Martin ruge da porta. As pessoas mais próximas dele param, mas a luta continua. — EU DISSE BASTA! — ele grita novamente, andando diretamente até o meio da multidão. — PAREM!

E eles param.

Os militares que haviam sido deixados no interior do módulo conosco

param de lutar. Até mesmo Juliana Robertson. Sangue escorre de ambas as suas narinas e os olhos estão vermelhos, mas ela abre os punhos e recua silenciosamente.

— O que diabos está acontecendo? — grita o coronel Martin. Seus olhos saltam entre mim e Juliana e de volta para mim. Atrás dele, os 10 homens e mulheres que levou com ele para procurar a sonda se espalham enquanto a luta se dissipa.

— O meu marido — diz Juliana com os dentes cerrados. — Ele foi morto, senhor.

O coronel Martin inclina a cabeça.

— Eu sei.

Os olhos de Juliana piscam.

— Você está dispensada. Vá para a área de armazenamento e esfrie a cabeça.

— Senhor, ele era meu marido.

— Eu sei — o Martin coronel diz. — E meu amigo. Você está dispensada.

— Eles o mataram.

— Dispensada — a voz do coronel Martin não permite discussão, e Juliana gira em seus calcanhares, invadindo a sala onde os baús foram armazenados. Vários outros membros do corpo militar a acompanham.

Meu povo olha para mim, e viro a cabeça para o outro lado da sala crio. Eles olham de volta para mim, mas noto a maneira como suas costas ainda estão duras, suas mandíbulas ainda enrijecidas. Eles permanecem prontos para a luta. Não é o fim, apenas uma pausa.

O coronel Martin anda até mim, a fúria em seus olhos.

— Isso é o que você chama de liderança? — ele rosna em voz baixa. — Isso é o que você chama de controle?

— Não — mastigo a palavra e, em seguida, acrescento —, Senhor.

Amy e sua mãe se aproximam agora que a luta acabou. Algo no rosto do coronel Martin suaviza-se quando ele as vê.

O coronel Martin dá um passo à frente, chamando a atenção de todos.

— Todos, shipborns e terráqueos, tenho novidades. Mas, antes, um aviso:

se não trabalharmos juntos, nunca seremos capazes de sobreviver nesse planeta.

Suas palavras são altas e firmes, mas ele não grita. Ainda assim, observo enquanto o instinto de lutar deixa o meu povo, e eles permitem que a raiva vá embora para ouvi-lo.

— Nós encontramos a sonda, a menos de dois quilômetros de distância, à beira da floresta onde pousamos. Não fomos capazes de nos comunicar com a Terra, mas tenho esperança de que possamos entrar em contato com o nosso planeta-mãe em breve.

Ele respira profundamente. Todos os olhos estão virados em sua direção.

— Além disso, vimos as criaturas que vocês ouviram aqui de dentro do módulo. São grandes aves reptilianas e parecem ser predadores possivelmente carnívoros.

Com suas palavras, um frio atravessa toda a multidão. Todos os pesadelos que já tiveram sobre o planeta foram transformados em realidade.

— Temos de estar sempre conscientes dos perigos que esse planeta contém. E devemos lutar contra isso, não uns contra os outros.

O coronel Martin olha em volta dele, para o caos que a luta causou — mesas e cadeiras derrubadas, poças do sangue, roupa rasgadas.

— Está claro que não seremos capazes de permanecer confinados ao módulo transporte indefinidamente, apesar da proteção que ele nos oferece. Por isso, nossas primeiras missões serão destinadas à sobrevivência: encontrar comida, água e abrigo. Todos precisam contribuir para essa tarefa. Os trabalhos terão início amanhã.

Ele me lança um olhar enojado.

— Tentem não se matar, enquanto isso.

11: AMY

Papai me puxa para o lado logo depois de interromper a luta desastrosa.

— Há algum lugar onde possamos conversar? — ele pergunta gravemente.

— O laboratório de genética — digo, girando a cabeça em direção a ele. Por um momento, os olhos de Elder se encontram com os meus por sobre a sala cheia de tensão e pessoas. Se pudéssemos ter apenas um momento para nós, talvez pudéssemos começar a dar sentido a esse mundo. Mas Elder tem cerca de 1.500 pessoas que precisam que ele responda suas perguntas agora. E eu tenho uma.

Papai me segue até o outro lado da sala crio e não comenta nada, mesmo quando o escâner biométrico da porta reconhece minha assinatura genética. Ele espera que a porta se feche atrás de nós antes de dizer qualquer coisa.

— Quem é esse? — ele pergunta, aproximando-se da câmara de congelamento. Órion foi capturado no meio da ação, suas mãos arranhando o vidro, os olhos arregalados sob o gelo.

— Esse é o homem que matou o marido de Juliana Robertson. E ele tentou matar você também.

Meu pai se vira para mim.

— Muita coisa aconteceu enquanto eu estava dormindo. Preciso que você me conte.

Não preciso perguntar por que ele está pedindo isso a mim e não ao Elder. Ainda assim, quase hesito em falar. Estou minando a posição de Elder ao contar a meu pai o que sei, ao invés de insistir que ele fale diretamente com Elder?

Não... não. Meu pai precisa saber a verdade sobre Órion, e sei que Elder hesitaria em explicar todos os seus pecados. Meu pai não precisa de desculpas — ele precisa saber exatamente por que Órion é perigoso. Explico a ele, da melhor forma que posso, quem Órion é e por que ele achava que assassinar os congelados do exército poderia salvar seu próprio povo. Não conto a ele que o plano de Elder é que meu pai e o resto dos congelados julguem e punam Órion. Faço parecer como se o castigo de Órion fosse estar congelado — eu não o quero acordado, nem mesmo para ser julgado. Quero que ele viva por séculos

preso no gelo, assim como eu tive que viver.

Meu pai balança a cabeça, tentando entender por que Órion deixaria seus amigos derreterem até a morte. Ele dá um passo à frente, colocando uma mecha do meu cabelo vermelho atrás da minha orelha.

— Você já passou por tanta coisa — ele diz, com a voz embargada pelo pesar.

Minha mão direita vai inconscientemente até o meu pulso esquerdo, esfregando-o, reconstituindo a área onde uma vez, há três meses, ele foi ferido quando fui forçada a descer até o chão, presa entre a terra e um homem que se deleitava com o mal que cometia.

Meu pai envolve os braços ao meu redor.

— Os shipborns — ele começa suavemente —, eles são diferentes do que eu esperava.

— Eles são diferentes do que eu esperava também.

— Qualquer coisa que possa me ajudar a entendê-los...

Solto o meu pulso e engulo as palavras que quero dizer.

Meu pai começa a andar, um hábito que peguei dele.

— Essas pessoas — ele diz —, elas parecem todas iguais, têm um garoto como seu líder, e há menos pessoas do que esperávamos a essa altura.

Ele me lembra um animal enjaulado, virando bruscamente em cada parede e andando até a parede seguinte. E se os registros da sonda estiverem certos, a viagem até aqui não demorou trezentos anos... a sonda indica que mais da metade de um milênio se passou.

Então, esse é o tempo pelo qual *Godspeed* orbitou o planeta sob o domínio tirânico do sistema do Eldest: duzentos anos extras. Seis, talvez sete ou oito Eldests? E um Elder, que se recusou.

— O que aconteceu nesses cinco séculos? — Meu pai continua, mas ele está falando mais com ele mesmo do que comigo. — O que eles fizeram com eles mesmos? Obviamente algum tipo de modificação genética. Mas suas regras de sociedade mudaram com o tempo também...

— Eles andaram mexendo com modificadores genéticos — digo. A atenção de meu pai se volta para mim; ele está me ouvindo com uma intensidade que eu nunca vi nele antes. — Quero dizer, eles fizeram alguma coisa para se tornarem

monoétnicos, obviamente, mas eu sei que os bebês são injetados com material de modificação genética antes de nascerem. — Meu pai não diz nada, sua atenção fascinada está me deixando um pouco nervosa, um pouco tagarela. — Disseram-me que era para evitar problemas. Eles consideram a raça como uma fonte de conflito, e a religião e qualquer outra coisa que os faça discordar ou lutar.

O olhar de meu pai torna-se contemplativo.

— Você soa como um deles — ele diz finalmente.

— O quê?

— Veja só como você disse isso — ele diz.

— O quê? — Ele joga as palavras de volta para mim acusadoramente.

— Você tem um sotaque agora.

— Eu não tenho!

Ele olha diretamente para mim.

— Você tem.

Faço uma carranca. E nem sei por que isso importa. Talvez eu soe como um deles. Quem se importa?

— O que mais você pode me contar? — Meu pai olha para mim. — O que você aprendeu enquanto estava acordada?

Aprendi que a vida é tão, tão frágil. Aprendi que você pode conhecer alguém por apenas alguns dias e nunca esquecer a impressão que ele deixou em você. Aprendi que a arte pode ser bonita e triste ao mesmo tempo. Aprendi que, se alguém ama você, ele vai esperar que você o ame de volta. Aprendi que por mais que você queira algo, isso não determina se você vai consegui-lo ou não, que “não” pode não ser o suficiente, que a vida não é justa, que meus pais não podem me salvar, que talvez ninguém possa.

— Não muito mais — murmuro.

— Ora, vamos lá. — Meu pai faz uma pausa, de frente para mim. — Qualquer detalhe, não importa quão pequeno, pode me ajudar a entender esses shipborns.

Não gosto do jeito como ele os chama de “shipborns”, como se por ter nascido na nave, eles fossem de alguma forma menos humanos do que as pessoas nascidas na Terra.

— O que você realmente quer saber — eu disse — é como se assegurar que nós não matemos uns aos outros, certo? A briga ainda está demasiado recente em nossas mentes. Somos um barril de pólvora; apenas uma faísca e isso pode nos explodir.

Meu pai acena com a cabeça, esperando que eu continue.

— Vamos lá fora — digo de uma vez, minha voz já suplicante. — Deixe todo mundo ver o planeta. Deixe-os ver o que está além das paredes. Essas pessoas, eles nunca tiveram nada além de uma gaiola de aço. Se você abrir a porta, se você deixá-los ver o mundo, eles vão adorar e irão fazer o que for preciso para fazer essa missão funcionar. Eles vão fazer o que for preciso para construir um novo lar para si mesmos.

— Não é seguro — meu pai começa, mas eu o interrompo.

— A coisa mais perigosa que você pode fazer agora é manter aquela porta trancada. Abra-a ou eles mesmos irão derrubar as paredes.

Meu pai envia grupos de cem pessoas, mais ou menos, lá fora, com um militar armado para cada 10 pessoas. Enquanto ele organiza os grupos, dou um sorriso triunfante para Elder. Ele desvia o olhar, franzindo a testa.

— Qual é o seu problema? — pergunto em voz baixa enquanto meu pai começa a organizar os primeiros grupos que irão sair.

— Nada. — Elder não olha em meus olhos.

— Não — digo com tanta força que Elder vira seu olhar para mim com surpresa. — Você não vai ficar de mau humor e simplesmente não me dizer o que há de errado. O que está incomodando você?

— Isso não parece um pouco... manipulador? — ele pergunta.

— O quê?

Elder olha para a porta, onde meu pai está dando ordens aos militares em posição de sentido na frente dele.

— Meu pai? — pergunto, incrédula. — Você acha que ele está manipulando todo mundo?

— É algo que Eldest faria — diz Elder, novamente evitando meus olhos. — Dê ao povo algo grande para distraí-los do que realmente é importante.

— E do quê exatamente você acha que meu pai está tentando distrair todo mundo? Do planeta? Porque isso é exatamente o que ele está dando a eles. E

essa foi minha ideia, não dele.

Elder não responde, a princípio.

— Sinto muito — ele finalmente diz, embora eu não tenha certeza se acredito nele. Ele se vira para mim. — Sinto muito — ele diz, dessa vez com sinceridade. — Eu realmente não acho que o seu pai seja como Eldest.

Dou um sorriso amarelo, mas nós dois sabemos de onde vêm os seus pensamentos sobre isso. De Órion. Mesmo congelado, não podemos fugir dele.

Meu pai é cuidadoso ao deixar claro que as primeiras pessoas que irão sair do módulo são as da nave, apesar dos protestos dos cientistas como minha mãe, que estão ansiosos para começar a pesquisar e explorar o planeta. Elder pelo menos é grato por isso, acho, e sei que a maioria das pessoas de *Godspeed* está contente pela oportunidade.

Não que todos estejam dispostos a fazê-lo. Pouco mais da metade das pessoas da nave se atrevem a ir lá fora, mesmo com o guarda armado. Estão cheios de medo e se sentem confortados pelas paredes que conheceram por toda a vida. O módulo está começando a cheirar mal, com o cheiro de odor corporal e lixo. Meu pai fez Emma retirar os três corpos das pessoas que não sobreviveram ao pouso no planeta e levá-los para fora para serem enterrados, mas há pouco o que se pode fazer para ajudar com os outros odores. Eu não sei o que o Elder e papai irão fazer quando chegar a hora de deixar o módulo permanentemente. Kit parece estar exausta, e seu estoque de adesivos médicos amarelos anti-ansiedade já está se esgotando.

Percebo que ninguém está usando um adesivo verde-claro de Phydus.

Elder e eu estamos no último grupo a sair — juntamente com as pessoas da Terra, que estavam esperando impacientemente. Os cientistas se aglomeram na porta avidamente. Minha mãe já carrega frascos de amostras em ambas as mãos, e o sorriso em seu rosto é largo o suficiente para fazer o meu rosto doer. Papai está perto da porta da ponte, contando silenciosamente enquanto cada um de nós passa por ele.

Enfio minha mão na de Elder quando chegamos perto da ponte. Ele olha nervosamente para meu pai, cujos olhos não perdem nada, mas eu não o solto.

— Pronta? — Elder pergunta quando passamos pela porta que leva ao novo mundo.

Estou ansiosa demais para responder. Uma onda de calor me atinge — mas

é a brisa morna de um final de dia de verão, não o ar sufocante, difícil de respirar e claustrofóbico do módulo.

Emma Bledsoe está de guarda no painel de controle, um rifle de longo alcance de prontidão, enquanto ela varre a floresta e o céu procurando mais monstros pterodátiles — ou qualquer outra coisa que possa estar se escondendo no crepúsculo. Contemplo a vista diante de mim, aproveitando muito mais do que da última vez que saí do módulo. Então, eu estava muito consumida pelo meu medo por Elder e meu horror do monstro pterodátilo para perceber muito de qualquer outra coisa. Mesmo agora, tenho que empurrar para baixo o meu terror ao pensar em quais criaturas poderiam residir na escuridão crescente e forçar-me a ver o que esse mundo tem para oferecer. A floresta ao redor do módulo é diferente de qualquer floresta que já vi antes. Em vez das árvores terem um grosso tronco com ramos que se elevam para o céu, cada uma dessas árvores tem dezenas de pequenos troncos finos, todos emaranhados juntos. Os troncos não são mais grossos do que a minha perna, mas eles se torcem e se entrelaçam em densos bosques. Os ramos são nós enrolados com pontas desfiadas de folhas verdes — mas as folhas são finas e largas e quase se parecem como se pequenas toalhinhas tivessem sido colocadas sobre os ramos para secar.

— Amy? — Elder diz, trazendo-me de volta à realidade. Dou um passo à frente.

As marcas do pouso do módulo de transporte são claras: dizimamos um grande pedaço de terra. O solo arenoso diretamente sob o módulo está queimado e negro, como se tivesse sido fervido e depois congelado novamente. A fumaça sobe em preguiçosas gavinhas, e fico feliz que a rampa seja longa o suficiente para nos levar até o local onde o solo pode estar preto, mas pelo menos não está borbulhando.

Quando meus pés tocam o chão, suspiro. Terra. Terra, real e verdadeira sob meus pés. A primeira coisa que eu faço é fechar os olhos. Inspiro profundamente — imagino meus pulmões se enchendo com mais do que o ar, com a terra, as árvores, com um oceano. E, em seguida, expiro, e tudo isso é ainda maior do que antes. Ar. Não ar reciclado — uma brisa fresca, limpa, com aroma de terra, plantas e muito mais.

Embora haja dezenas de pessoas ao meu redor, muitas delas olhando para o céu ou encolhidas próximas ao módulo, esperando que um dos monstros parecidos com um pterodátilo desça do céu e as agarre, tudo o que estou ciente é de Elder segurando a minha mão e do mundo que se estende diante de nós.

E sei que o que eu disse ao meu pai era verdade: vamos provar esse mundo, e vamos fazer o que for preciso para transformá-lo em nosso lar.

— Não é incrível? — pergunto a Elder.

Ele acena com a cabeça em silêncio. Seus olhos estão olhando para cima também, mas sei que ele não está procurando por entre as nuvens escuras pelo monstro que pode descer do céu e nos atacar. Ele está olhando para as paredes que não estão lá, que nunca estarão lá.

— Cuidado!

Com nós dois olhando para o céu, quase pisamos em um homem pequeno agachado sobre a terra, uma piscina de gesso branco aos seus pés.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Como resposta, o homem, um dos biólogos da missão, cuidadosamente levanta o gesso, revelando uma enorme pegada.

— O coronel Martin me deu permissão para começar a coletar evidências das formas de vida do planeta — diz o cientista.

Eu reconheço essa pegada — é do pássaro dinossauro que atacou Elder quando ele saiu logo depois que pousamos. Quando o biólogo suavemente levanta o gesso, posso ver as longas marcas que as garras do monstro deixaram no chão. Torrões de solo arenoso amarelo grudam-se à figura, mas quando o cientista começa a escová-la, eu reprimo um estremecimento. Eu me lembro quando essas garras se enterraram na carne de Elder.

Elder toca em seu peito, como se ainda estivesse sentindo a dor sob as ataduras do curativo que Kit fez nele. Sem palavras, nos distanciamos enquanto o cientista pula para mostrar o molde de gesso para seus colegas. Começo a voltar para perto da nave, mas Elder me puxa para longe da multidão crescente, mais perto da floresta.

— Isso ainda dói? — pergunto.

Elder coloca a mão no peito.

— Não muito — ele resmunga. Sua atenção parece estar concentrada nas árvores.

— O que você está procurando?

Elder sacode a cabeça, seus olhos esquadrinhando a vegetação no chão da floresta.

— Quando fui atacado... — ele diz, vagorosamente — pensei ter ouvido...

Ele se inclina para baixo, olhando fixamente para o chão. As sombras das árvores e a luz fraca do crepúsculo atrapalham sua visão. Ele se arrasta para frente.

— Você vê isso? — ele diz em um quase sussurro.

Agacho-me perto de Elder. Na base da árvore mais próxima, vejo o que poderiam ser pegadas de animais, embora elas não sejam em nada parecidas com quaisquer pegadas de animais que eu já tenha visto antes. A maioria das pegadas é indistinguível — qualquer que seja o animal que andou por aqui, ele cruzou essas trilhas diversas vezes. Mas, na base da árvore há uma pegada perfeita, afundada por cerca de um centímetro no solo macio, com linhas distintas e formas claras: três dedos sulcados na frente de uma pegada oval marcada por linhas entrecruzadas.

A mão de Elder paira sobre a pegada. A metade de trás da impressão tem aproximadamente o tamanho da palma de sua mão, os dedos alongados — ou garras — estendendo-se alguns centímetros além dos dedos.

Que tipo de animal deixa pegadas como essa? O pássaro monstro tinha garras curvas, mas as garras escamosas desse animal parecem ter bordas serrilhadas, como se pudessem rasgar a minha carne apenas ao tocar na minha pele.

— Devemos pedir ao cientista para fazer outro molde de gesso — digo, ficando em pé.

Quando Elder se levanta também, uma voz profunda diz.

— Você precisa ficar com o grupo. — Um jovem com farda militar dá um passo à frente, saindo da floresta, exatamente sobre as pegadas de animal que Elder estava examinando. Elder grunhe de frustração, mas o homem não parece se importar.

O homem é jovem — ele não pode ser muito mais velho do que eu, definitivamente, tem vinte e poucos anos. Tem olhos surpreendentemente azuis que desmentem seu cabelo escuro. Eu vagamente o reconheço como um dos homens que meu pai trouxe de volta com ele da missão que foi procurar a sonda, mas não sei o seu nome ou posição. Quando percebe que estou olhando para ele, lança-me um sorriso rápido antes de voltar sua atenção de volta para o módulo e dar a meu pai, que está nos observando, um sinal com a mão de que está tudo

certo. Sem querer, fico ruborizada. Ele usa uma farda sem nome nem posto visível. Antes que eu possa perguntar quem ele é, meu pai me interrompe.

— Fique perto do grupo! — ele grita de cima da ponte no módulo. O soldado se vira para continuar a sua patrulha.

Elder olha furtivamente para o meu pai enquanto me arrasta de volta para o módulo. Puxo seu braço, abaixando-me e indo em direção ao outro lado. Há militares desse lado do módulo também, mas pelo menos estamos longe do olhar vigilante de meu pai.

E então eu noto os sóis. Dois deles. Não sei como eu não percebi antes — quem pensaria em olhar para o sol? — mas eles estão baixos no céu agora, lançando a área em uma espécie de crepúsculo escuro azul-esverdeado.

Dois sóis.

Dois.

Claro, eu sabia — eu sempre soube — que Terra-Centauri teria dois sóis. Eu havia até mesmo notado as duas esferas gigantes e brilhantes da janela do módulo. Há uma diferença, porém, em ver duas grandes estrelas de uma nave espacial e ver dois sóis brilhantes da terra.

— É tão... tão lindo — digo, incapaz de evitar o tom de reverência da minha voz. A mão de Elder aperta a minha em resposta.

Eu me viro para olhar para ele e vejo a admiração que sinto em meu coração espelhada em sua expressão. Meus lábios se erguem em um sorriso tão incontrolável que sinto como se meu rosto nunca fosse parar de sorrir. A mão de Elder solta a minha e desliza até o meu braço, deixando arrepios em seu rastro.

Minha respiração fica ofegante.

Inclino-me para frente, na ponta dos pés, e uma brisa quente da terra vinda da floresta parece me empurrar para seus braços. Nosso beijo não tem nada da paixão furiosa que compartilhamos no pouso do módulo. Isso é diferente — isso é como a onda de um oceano, passando sobre nós, afogando-nos em seu calor, deixando-nos sem fôlego e com olhos brilhantes.

Um dos sóis afunda no horizonte, o outro ainda agarrado à borda do mundo, derramando sua luz que se apaga. Algumas estrelas brilhantes são visíveis. E uma das estrelas — a mais brilhante, que se move visivelmente no céu — chama minha atenção.

É *Godspeed*? Se nós tivéssemos um telescópio poderoso o suficiente, poderíamos ver o aço estilhaçado na Ponte destruída?

Eu me movo para beijar Elder novamente, mas ele se afasta. Olho para trás a tempo de ver meu pai silenciosamente saindo do meu campo de visão.

Viro de costas para ambos exatamente quando o último sol desaparece no horizonte e o mundo mergulha na escuridão.

12: ELDER

À medida que caminhamos de volta, em direção à rampa que conduz ao módulo, a voz de uma mulher, a mãe de Amy, corta a tranquilidade da nossa primeira noite em Terra-Centauri.

— Olhe! — ela diz.

Amy ofega enquanto seu olhar segue o dedo indicador de sua mãe. O chão... está brilhando.

É sutil, mas está lá: sob a marca enegrecida do chão queimado e borbulhante, posso ver, fracamente, um brilho quente que ilumina e vem da terra. Ele me lembra de quando o Nível dos Alimentadores queimou, de como as paredes do Distrito de Alimentação arderam, vermelho-amarelado sob as brasas enegrecidas.

— O que está fazendo com que ele brilhe assim? — Amy sussurra.

Não tenho ideia — estou muito distraído com o que vejo ao lado do módulo.

Dou um passo à frente — o chão sob os meus pés parece endurecido, como azulejo ou vidro, não como o solo arenoso do qual é feito o resto do mundo. Os foguetes no módulo literalmente derreteram o solo.

Amy me segue.

— O que você está olhando? — ela pergunta.

Eu aponto.

— O símbolo?

Ela se move até o módulo, tocando a placa de aço gigante gravada com uma águia de asas duplas.

Embaixo dela, em letras grossas, está o nome da nave. O lar que deixei para trás.

GODSPEED

— Esse é exatamente o símbolo do IRF — digo. — Estava no Nível dos Alimentadores, também. Mas não é isso que...

— Estava no Nível dos Alimentadores? — Amy interrompe. — Eu nunca o vi lá.

— Havia uma pequena pedra e um marcador de metal no centro exato da nave.

Ela tinha uma placa, que era chamada de Ponto Zero. — Dou de ombros. — Ela ficava no meio de um dos campos das vacas.

Amy reprime um estremecimento; ela nunca gostou das vacas de *Godspeed*.

— Mas não é isso o que eu estava olhando — digo, apontando para a direita da chapa de aço, para a área que está quase escondida atrás da rampa. — Veja.

Há duas enormes marcas escuras na parte inferior e do lado da nave. Elas parecem ser as sequelas de explosões — amassados profundos com marcas escuras que se irradiam em torno delas.

— O que é isso? — Amy pergunta, estendendo a mão em direção à marca. Ela tem facilmente o tamanho de seu braço inteiro, mas está muito acima dela para ser tocada.

— Não sei — murmuro. — Mas estou disposto a apostar que foi isso que nos tirou do curso. — Franzo a testa. — Não sei dizer se os amassados foram causados pelo mau funcionamento de nossos próprios foguetes ou se batemos em alguma coisa.

Ou se algo nos atingiu.

— Você acha que eu estava certo? — sussurro. — Foi uma daquelas coisas-pássaro? Ou poderia ter sido...

— Todos para dentro! — o coronel Martin grita. A tenente-coronel Bledsoe e seus homens rapidamente empurram todos para a passarela de vidro, todos alegremente inconscientes de nossas suspeitas.

A mãe de Amy a chama, fazendo-a ir até a lateral do módulo. Amy me dá um sorriso de desculpas, enquanto se afasta para ir ao encontro de sua mãe, que está parada perto da borda do chão queimado. Quando Amy se aproxima, ela a apanha em um abraço excitado.

— Esse lugar não é fascinante? — a mãe dela diz entusiasmada. — Estive coletando espécimes. Não pude esperar. Seu pai está furioso por que demorei

tanto, mas ele vai se recuperar.

— Para dentro! — o coronel Martin grita novamente. Bledsoe espera até que nós três estejamos na ponta da rampa de vidro, somos os únicos civis que ainda estão do lado de fora.

O jovem soldado que encontramos anteriormente se aproxima de nós.

— Hora de ir — ele diz. — Não é seguro aqui.

Amy pisca para ele.

— Você não vai se apresentar antes — ela diz.

Há algo em seu tom de voz que me faz estreitar os olhos para esse intruso.

Ele segura a mão para ajudá-la a subir a rampa, e seus dedos permanecem em seu cotovelo.

— Soldado Chris Smith ao seu dispor — ele diz com um sorriso que me deixa inexplicavelmente irritado. — Eu me reporto ao seu pai.

— Assim como todo mundo — ela responde, seu próprio sorriso iluminando seu rosto.

— Exceto por mim.

Minhas palavras fazem Chris e Amy parar. O olhar dele me avalia enquanto me olha, e me sinto ainda mais irritado com o fato de que essa pessoa ache que tem o direito de me julgar.

— Vamos — digo, estendendo a mão para Amy.

Ela habilmente se esquia de mim, um novo interesse em seus olhos quando olha para Chris.

— Estou surpresa que alguém com a minha idade seja qualificado para a missão — ela diz.

— Eu tenho 20 anos. — A voz de Chris é profunda. — Quase não consegui me alistar.

— Você estava com o grupo que foi encontrar a sonda, certo? — Amy continua.

Antes que Chris possa responder, a mãe de Amy enfia um pote de areia que ela recolheu nas mãos de Amy, completamente alheia ao sorriso que Chris extraiu dela.

— Deve ser algum tipo de fosforescência — ela diz animadamente. — É

claro — ela continua enquanto eles caminham pela rampa —, o que eu quero saber é se há uma fonte de bioluminescência na areia. — Chris encontra o meu olhar e revira os olhos enquanto a mãe de Amy continua falando, mas simplesmente faço uma carranca. — Você sabe, talvez seja causado por uma reação química, talvez o calor do pouso do módulo... ela sacode outro vidro de areia e os pequenos pedaços fosforescentes me fazem lembrar das estrelas no céu.

Sua voz se distancia quando ela atinge o topo da rampa e vê o coronel Martin, seus olhos escuros e irritados virando-se em minha direção e, em seguida, voltando para sua esposa. Amy não percebe quando sua mãe lança um olhar desconfiado para mim e agarra a jarra com mais força perto dela, enquanto ela puxa a filha para um apertado abraço de um braço só e a leva através da ponte para o interior do módulo.

Seus olhares foram claros.

Não sou confiável, mesmo com amostras de areia.

A tenente-coronel Bledsoe permanece na porta com o coronel Martin e Chris.

— Eu quero conversar mais sobre os problemas tecnológicos que estamos tendo — o coronel Martin murmura para Chris, puxando-o para mais perto do painel de controle na ponte.

Chris acena com confiança; ele deve ser um especialista em tecnologia ou algo assim.

— Tudo bem — ele diz — mas primeiro você deveria ver isso. Ele entrega ao pai de Amy um cubo claro com um brilho dourado que reflete a luz da parte de dentro do módulo.

Quando o Coronel Martin percebe que estou olhando, ele bate a porta da ponte atrás de mim.

Tento não engasgar com o cheiro quando entro na sala crio. Eu não havia me permitido realmente perceber o cheiro antes, mas faz menos de vinte e quatro horas e o módulo já está quase insuportável. Perto dali, um dos homens mais velhos — Heller, aquele que me defendeu contra Juliana Robertson — mexe-se desconfortável.

— Malditos pontos — ele diz, tocando a ferida irregular em sua perna.

— Nada para fazer além de dormir — o homem ao lado dele fala, seu

chapéu de aba larga já cobrindo sua face.

Heller grunhe e descansa o queixo no peito.

Eles estão certos. Agora que as portas do módulo se fecharam, a única coisa a fazer é dormir ou se preocupar, e estou cansado de me preocupar. Entretanto, não é fácil dormir no chão de metal duro.

Não há espaço suficiente para todos se deitarem, especialmente porque há o que parece ser um muro invisível entre o meu povo e os terráqueos, então o meu povo tenta encontrar formas de dormir sentado, encostado à curva do módulo ou outra forma. À nossa frente, os terráqueos abaixaram as mesas feitas com suas bandejas crio, limpando-as, fazendo camas usando cobertores e sacos de dormir que extraem de um compartimento de armazenamento sob o assoalho.

Não é o ideal, mas é luxuoso em comparação com as condições de vida no outro lado da nave.

Gostaria de poder fazer mais pelo meu povo — qualquer coisa.

Sem realmente pensar sobre isso, encontro-me indo em direção a Amy. Quando a alcanço, no entanto, vejo que ela e sua mãe estão discutindo enquanto sua mãe espalha sacos de dormir sobre as mesas das câmaras crio 40, 41 e 42.

— Não é justo — Amy diz a sua mãe.

— O que não é? — ela pergunta, alisando o saco de dormir.

Amy olha para cima quando me aproximo, e sua mãe segue seu olhar.

— Há somente cem sacos de dormir — Amy diz.

— De que maneira isso não é justo? — Apesar de Amy e sua mãe terem parecido estar irritadas antes, agora a mãe fala com palavras brandas, cuidadosamente medidas.

Amy a interrompe.

— Mãe, esse é Elder. Vocês não foram oficialmente apresentados. Elder, essa é a minha mãe, Dra. Maria Martin.

Acho que a Dra. Martin não precisava ser apresentada a mim. Ela não faz mais do que acenar com a cabeça em reconhecimento à minha presença, e a máscara educada sobre seu rosto não revela seus verdadeiros pensamentos. Só posso adivinhar o que o coronel Martin disse a ela.

A Dra. Martin alisa o saco de dormir sobre a câmara crio de Amy mesmo que não seja preciso. Debaixo de sua própria câmara crio, percebo os frascos de

amostras de areia brilhante que ela coletou antes de voltar para o módulo.

Não posso deixar de olhar para eles, pensando — como a mãe de Amy — exatamente o que é que faz com que a areia brilhe como as estrelas.

— O IRF forneceu os recursos básicos que seriam necessários quando a nave pousasse e nós acordássemos. Há apenas cem deles, o suficiente para cada um de nós — a Dra. Martin diz. — Como a IRF iria saber quantas pessoas haveria quando pousássemos? Além disso, eles sabiam que iriam partir, não é? — Ela vira sua atenção para mim, ainda com a expressão vazia de civilidade que cobriu seu rosto anteriormente. — É claro que Elder e seu povo prepararam seus próprios suprimentos e fizeram seus próprios preparativos. Eles tiveram séculos para se prepararem para esse momento.

Penso naqueles últimos dias antes do lançamento do módulo. Foi caótico. Todo mundo ainda estava se recuperando do tumulto na Cidade e da decisão de Bartie de ficar. Algumas pessoas tinham vindo para o módulo no último minuto, correndo para a entrada no fundo da lagoa pouco antes que eu fechasse a porta, levando apenas umas poucas coisas com elas. Ninguém trouxe uma cama. E os poucos que trouxeram cobertores ou mantas, os trouxeram mais como lembranças do que como coisas para dormir.

— Há dois extras — diz Amy. Os dois sacos de dormir que seriam para Robertson e Kennedy, os que Órion matou. — Elder pode ficar com um deles. E talvez o outro possa ficar para Kit?

Balanço a cabeça. De jeito nenhum vou dormir melhor do que o meu povo.

— Nós estamos bem, Amy — digo. — Sua mãe está certa. Nós deveríamos ter nos preparado quando partimos.

Amy abre a boca para protestar, mas sua mãe a interrompe.

— Está vendo? Os shipborns estão bem; ele mesmo disse. Agora prepare-se para dormir.

Posso ver que Amy quer discutir, mas balanço minha cabeça, apenas um pouco. Não quero que ela discuta, não por minha causa, não por um saco de dormir. Amy dá um passo à frente, estendendo a mão em direção à minha — não sei se ela quer me seguir de volta para o meu lado do módulo ou me manter no lado dos Terráqueos — mas conheço o meu lugar no módulo, e ela conhece o dela. Relutante, afasto minha mão da dela e ando até onde está meu povo. A Dra. Martin usou uma máscara para esconder a sua desconfiança quando falou

comigo; posso usar uma agora para esconder o quanto eu preferiria estar com Amy.

13: AMY

Brrk! Brrk!

Levanto de uma vez, enrolada no saco de dormir, enquanto um alarme dispara na sala crio e luzes de advertência vermelhas piscam no teto.

— O que está acontecendo? — pergunto a minha mãe, esfregando o sono dos meus olhos.

Papai já está correndo pela sala crio em direção à ponte. Um segundo depois, Elder o segue. Eu arranco o saco de dormir que envolve minhas pernas e salto, correndo em direção ao corredor.

Emma Bledsoe me alcança antes que eu chegue à porta.

— Vamos deixar o coronel Martin cuidar de... — ela começa, mas eu me livro dela e corro, derrapando no corredor. Ela me segue.

— O que é isso? — grito por sobre o som do alarme. Meu pai olha para cima enquanto Elder digita algum tipo de código no painel de controle da ponte.

— O módulo vai entrar em travamento — diz Elder, xingando enquanto o alarme continua apesar dos códigos que ele está digitando no computador.

— O que aconteceu? — meu pai ruge, e pela primeira vez noto Chris em pé ao lado da porta.

— Estive de plantão durante toda a noite, senhor — ele diz, confuso. — Ninguém esteve aqui. O alarme simplesmente começou a tocar.

— Os sensores do módulo estão com problemas — diz Elder. — Estão detectando mudança rápida da pressão.

— Mas a pressão não está mudando — diz meu pai, estendendo a mão, como se esperasse que a pressão do ar caísse de repente.

— Eu sei — diz Elder. — É por isso que eu disse que os malditos sensores estão quebrados.

— Você pode interromper os malditos alarmes? — meu pai grita.

— Travamento em quinze minutos e contando — a voz do computador nos interrompe antes que o alarme continue.

Elder joga as mãos para cima.

— Mesmo se eu pudesse consertá-lo, eu não poderia fazê-lo voltar a funcionar novamente em quinze minutos. Essa porta vai entrar e travar, de uma maneira ou de outra.

— Por quanto tempo?

Elder dá de ombros, frustrado.

— Eu não sei. Depende se o problema está acontecendo por causa dos sensores, ou se há algo mais errado.

— Temos que tirar todos daqui, então — papai diz, franzindo a testa. Sua frustração é evidente, mas isso não é justo. Ele não pode esperar que Elder saiba tudo o que há para saber sobre as operações mecânicas de um módulo de transporte que tem literalmente séculos de idade. Meu pai olha para o céu, e eu me lembro dos horríveis gritos guinchantes das aves alienígenas, os enormes amassados do lado do módulo. Eles poderiam, de alguma forma, ter feito com que os sensores tivessem sido desligados?

Emma parece estar pensando a mesma coisa.

— Senhor — ela diz — mas e a vida selvagem nativa do planeta? Qualquer presença alienígena poderia ser uma ameaça para a população.

Meu pai parece estar mergulhado em pensamentos profundos por um segundo, mas então Chris o interrompe.

— As ramificações negativas de confinar a tripulação da nave e a nossa própria nesse módulo de transporte por um período indeterminado de tempo, com comida e água limitados e sem banheiros, será uma ameaça maior do que qualquer coisa que o planeta possa plausivelmente oferecer. Posso assegurar-lhe, senhor, que o maior perigo reside no confinamento de todos no módulo, não na sua evacuação.

Meu pai se vira. Ele ouviu o suficiente.

— Chris, Emma, comecem a evacuação agora. Todos devem deixar o módulo. Imediatamente. Todos os militares devem ajudar com a evacuação, e então pegar tantas armas quanto for possível carregarem quando saírem.

O computador acrescenta.

— Quatorze minutos, trinta segundos.

— Depressa! — meu pai grita.

— Vou tentar conseguir mais tempo para nós — diz Elder, voltando-se para o computador.

Quero ajudá-lo de alguma forma, mas sei que simplesmente o atrapalharia. Em vez disso, eu corro atrás de Emma. Os militares já estão em pé e à espera de ordens. Assim que Emma lhes diz o que fazer, eles se dispersam, puxando as pessoas para o corredor e ordenando-lhes que saiam pela porta. As pessoas da nave que estão perto do corredor são as primeiras a ir — surpresas demais para protestar, eu acho. Os cientistas tentam trazer seu equipamento com eles.

Corro para mamãe.

— Não há tempo — digo, tirando o microscópio de sua mão. Sinceramente, um microscópio?

— Amy, o que está acontecendo? — ela pergunta, impaciente, como se isso tudo fosse uma brincadeira que eu tivesse organizado. O alarme faz uma pausa quando o computador anuncia.

— Treze minutos antes do travamento.

— Nós temos que ir. Agora! — digo.

— Por quê? — Minha mãe pega o microscópio de volta.

— As portas vão entrar em processo de travamento! — grito quando o alarme reinicia. — Você vai ficar presa aqui dentro!

Minha mãe empalidece.

— Por quanto tempo?

— Eu não sei!

Minha mãe finalmente entende a mensagem. Ela deixa o microscópio sobre a mesa e começa a empurrar os outros cientistas em direção ao corredor. A porta tem fechaduras automáticas fortes o suficiente para manter o vácuo do espaço do lado de fora. Estamos presos em um planeta com somente os poucos bens que trouxemos — se aquela porta travar e o computador estiver com problemas, não há nada que possamos fazer para abri-la novamente.

O módulo se tornará um túmulo.

— Andem! Andem! Andem! — Emma grita com o grupo de shipborns agarrados à parede. Eu corro ate lá.

— Nós temos que ir! — grito.

Eles olham para mim, confusos. Eles estão dispostos a ouvir-me, mas não a Emma — eu não sou um deles, mas eles me conhecem, pelo menos, e confiam em mim... mais ou menos. Mas eles não entendem que o módulo está se voltando contra eles, pois eles o veem como sua única fonte de proteção.

— Vão para onde Elder está. Ele está lá fora, vocês têm que sair! — algo do que digo deve penetrar em suas mentes, pois eles seguem os cientistas que já estão saindo pela porta.

Assim que algumas pessoas começam a sair, os outros as seguem. Emma e os militares começam a carregar as pessoas e as jogam no corredor. Ninguém está se movendo rápido o suficiente.

Os alarmes ficam mais fracos quando o computador diz.

— Oito minutos e contando.

Nós nunca iremos sair a tempo. Há muitas pessoas assustadas demais para se mover. Assustadas demais para sair.

Kit me agarra.

— Diga a Elder que essas pessoas vão ficar — ela grita.

— O quê? Elas não podem!

— Elas não vão sair! — Kit diz. — Elas estão petrificadas! Levará semanas antes que elas estejam prontas para deixar o módulo!

— Elas têm que ir! — grito para ela enquanto o alarme toca incessantemente. — Se elas não saírem, elas podem nunca mais sair daqui! O módulo vai prendê-las aqui dentro!

Chris, Emma e outros do grupo dos militares se aproximam do grupo que está apoiado contra a parede. Seus olhos estão aterrorizados, abertos e piscando, enquanto olham para a esquerda e para a direita. Uma mulher perto de mim está com as costas grudadas contra o metal, as mãos segurando os rebites levantados ao longo dos lados. Sua cabeça é empurrada contra a parede, e um fio de sangue pinga de seu braço esquerdo — eu a reconheço. Essa é Lorin, uma das mulheres cujo ferimento no braço eu costurei quando o módulo pousou. Ela se jogou de forma tão violenta contra a superfície implacável do módulo que alguns de seus pontos abriram.

— Lorin — digo em uma voz tão calma quanto possível, enquanto os alarmes soam. — Nós precisamos ir.

Ela balança a cabeça, os olhos arregalados, a boca formando palavras sem som.

— Nós precisamos ir — digo. Olho para os outros apoiados contra a parede. Eles nunca viveram sem paredes, no entanto, não posso deixá-los morrer por trás delas.

— Chega disso — Emma rosna, empurrando-me para o lado enquanto agarra Lorin pelo pulso e começa a arrastá-la à força da sala.

Lorin grita, tentando se livrar de Emma com todo o peso de seu corpo. Ela tropeça, e Emma a arrasta de joelhos por alguns passos até Lorin se libertar e sair correndo até o outro lado do módulo, suas costas novamente contra a parede enquanto ela balança a cabeça, não, não, não.

— Sete minutos — o computador interrompe.

— Vocês, vão até o arsenal — digo. — Precisamos de todas as armas que pudermos transportar. Kit e eu podemos cuidar das pessoas restantes.

Emma parece que vai protestar, mas ela joga as mãos para cima em resignação e leva o restante dos militares para o arsenal.

— Como? — Kit começa, mas eu a interrompo.

— Onde estão os adesivos verdes? — grito, minha voz já rouca de tentar me fazer ouvir acima do ruído do alarme.

— O quê? — Kit grita de volta.

— Phydus!

Kit procura na bolsa de remédios, pegando punhados de adesivos verdes. Dispostos ou não, eu coloco um adesivo em cada uma das pessoas restantes que se recusam a deixar o módulo. Melhor dar-lhes uma pequena dose da odiosa droga do que deixá-los aqui para morrer. Eles cambaleiam em direção à porta — não rápido o suficiente, e eu grito com eles para se apressarem.

Consigo chegar até Lorin por último — ela continua tentando se esquivar do meu alcance, mas quando o alarme anuncia o último minuto, eu a agarro e grudo um adesivo em sua mão. Seus olhos ficam vidrados. Arranco-a de lá, arrastando-a atrás de mim enquanto corro para a porta.

— Trinta segundos para o travamento — o computador diz alegremente. — Vinte e nove... vinte e oito...

Corro para a porta, mais desesperada do que já estive em qualquer corrida

ou competição na escola, puxando a forma inerte de Lorin atrás de mim. Eu não ficarei presa dentro desse maldito módulo.

Elder está na porta que dá para a ponte.

— Depressa! — ele grita.

O computador continua a contagem regressiva.

— Dez... nove... oito...

Empurro Lorin à minha frente através da porta — ela cai, mas chega do outro lado.

— ... quatro... três...

Eu me jogo através da porta.

A porta se fecha atrás de mim.

O alarme para, mas meus ouvidos ainda estão vibrando com o som dele.

— Você está bem? — Elder pergunta, levantando-me. Kit, ofegante, ajuda Lorin a ficar em pé.

— Sim — digo, esfregando meu cotovelo. Devo tê-lo batido contra o chão de metal.

— Quanto tempo essa maldita porta vai ficar trancada? — meu pai pergunta, olhando para ela como se isso fosse uma afronta pessoal.

— Eu disse a você. — Elder diz tão zangado quanto meu pai. — Eu não sei.

Meu pai faz uma carranca. Ele não está feliz com tudo isso, mas não há nada que possa fazer. Meus olhos se movem de um para o outro. Não é justo que meu pai culpe Elder... mas, ao mesmo tempo, gostaria que Elder soubesse um pouco mais sobre como reverter o travamento.

Meu pai envia Emma para reunir os militares, e então, pede a Elder para juntar seu povo em um grupo. Kit segue Elder descendo a rampa, levando Lorin pela mão.

Meu pai coloca a mão sobre o meu ombro, mantendo-me para trás.

— Não faça isso novamente — ele diz.

— Fazer o quê? — pergunto, ainda esfregando meu cotovelo.

— Não se coloque em uma posição na qual você irá se sacrificar por

aquelas pessoas. Se algumas delas tivessem ficado presas no interior, isso teria sido culpa delas mesmas. Se você tivesse ficado presa lá dentro...

— Nós todos saímos no final — digo, estreitando os olhos para ele.

— Pegue isso. — Meu pai pressiona algo frio e duro na minha mão. Uma arma. Um revólver calibre .38 de dupla ação⁽⁸⁾ em um coldre de lona. — Lembre-se do que eu lhe ensinei — ele diz. — Basta puxar o gatilho. Não é preciso armá-lo. Use as duas mãos quando você for apontar.

— Eu sei — digo, pensando sobre quando atirei em Doc. A bala atravessou o joelho dele. Essa arma está fria e adormecida, mas a lembrança daquele momento engana o meu nariz e o faz sentir cheiro de pólvora e sangue, fazendo com que meu estômago fique embrulhado.

— Fique perto de Chris — ele acrescenta em voz baixa. — Eu confio nele mais do que em qualquer um daqueles shipborns.

— Eles não são maus — digo. — São apenas pessoas.

— Eles não são o nosso povo.

14: ELDER

O Coronel Martin está em pé na parte superior da ponte, exposto enquanto nos reagrupamos. Todos têm um olhar vidrado e chocado. Meu povo passou seu primeiro dia aqui colidindo com o planeta e no segundo dia sendo empurrado para fora por um alarme.

Eu olho feio para Kit, para os adesivos verdes que estão grudados nos braços, pescoços e mãos das últimas pessoas a deixar o módulo. Na minha mente, sei que essa foi a única maneira de fazer com que os retardatários saíssem, que se eles não tivessem sido forçados a sair, algumas dessas pessoas poderiam nunca mais ter saído. Só porque eles tiveram a coragem de entrar no transporte não significa que tinham a coragem de sair dele.

Engulo de volta o gosto amargo em minha boca. Os adesivos são temporários, digo a mim mesmo. São necessários apenas nesse momento, só porque foram realmente necessários. Eu me viro, procurando por Amy, dolorosamente consciente do quanto eu quero que ela confirme minha resolução.

Mas ela está em pé em cima da ponte, entre sua mãe e Chris. Ela se inclina e diz alguma coisa em voz baixa para Chris, algo que o faz sorrir.

Viro minha cabeça para longe deles.

— Obrigado a todos por nos ajudar a sair do módulo rapidamente e sem problemas — o coronel Martin grita à multidão, sua frustração anterior com meu povo mascarada por sua face pública militar. — Nesse momento, a melhor coisa que podemos fazer é encontrar um lar permanente para toda a colônia. Não sabemos quanto tempo o módulo vai permanecer trancado e assim não podemos contar com ele para ser nosso abrigo de longo prazo. Assim, temos de encontrar uma área que tenha defesas naturais e de fácil acesso à água doce.

Uma excitação nervosa enche o ar. Há tantos de nós aqui que estamos pressionados contra as árvores da floresta onde pousamos. Nunca pensei que pudesse sentir claustrofobia fora da nave, mas o grande número de pessoas amontoadas no mesmo lugar me deixa desconfortável.

— Estaremos seguros se ficarmos juntos — o coronel Martin diz. — Somos um grupo grande, e é minha esperança de que qualquer criatura que possa atacar um de nós, individualmente, fique assustada com o tamanho de nosso

grupo.

Em torno de mim, meu povo começa a resmungar. Eles notaram a escolha de palavras do coronel Martin — sua esperança de que fiquemos a salvo — e não se sentem confortados por ela. Vários deles se viram para mim e eu, como um covarde, não tiro meus olhos do coronel Martin. Eventualmente, os outros seguem o meu exemplo.

— Nós iremos nessa direção — ele aponta à frente, ligeiramente para a direita —, já que a sonda indicou que podemos achar água doce nas proximidades. Militares: grupo 1 na liderança comigo, grupo 2 atrás, grupo 3 circulando pelo restante do perímetro, grupo 4 patrulhando à frente.

Os militares imediatamente se dividem enquanto os cientistas ficam agrupados com o meu povo no meio da clareira arenosa perto da nave. Um pequeno grupo de soldados desaparece entre as árvores para explorar os perigos à frente. O coronel Martin começa liderando o grupo para frente, mas nenhum indivíduo do meu povo se move. Na nave, cada centímetro quadrado era perfeitamente medido. Mesmo as colinas eram perfeitamente espaçadas, fileiras simétricas de elevações medidas no chão. Essa terra não é nada parecida. Ela se inclina para frente de forma aleatória. Rochas, seixos, arbustos e árvores gigantes estão espalhados sem aparente rima ou razão.

— Desculpe-me — a tenente-coronel Bledsoe chama. — Sinto muito, você poderia, por favor, não se afastar?

Um dos Alimentadores, Tiernan, encara Bledsoe por um momento, a confusão em seus olhos, e então continua vagando mais perto da beira da floresta. Ele está curioso, mas hesitante, parado nas sombras dos troncos das árvores que se torcem como nós em uma corda.

Bledsoe rosna em frustração e começa a caminhar em direção a Tiernan. Antes que ela chegue até ele, eu a intercepto.

— Ele não consegue entender você — digo.

— Por que não? — ela diz irritada. — Estou falando inglês, não estou?

— Sim. Mas... o seu sotaque. É ainda mais forte do que o de Amy, rápido e com um tom nas palavras que as torna difícil de entender.

— Sou da África do Sul — diz Emma, e esforço-me para lembrar do surrado globo terrestre no Centro de Aprendizagem. — Passei a maior parte da minha infância no sul da França, no entanto. Minha mãe é britânica. Oh! — ela

acrescenta, surpresa. — Ela era britânica; meu pai era líbio. — Ela diz as palavras no passado como se elas deixassem um gosto amargo em sua língua.

— Entendo — respondo. Não quero que ela saiba que quase não me lembro dos nomes dos principais países de Terra-Sol, sem falar no fato de que seus habitantes podiam falar a mesma língua e ainda assim soarem de forma diferente.

Ela acena com a cabeça e volta a comandar os antigos passageiros de *Godspeed*, a velocidade de sua fala apenas marginalmente mais lenta do que antes.

Eu suspiro. Pelo menos ela está tentando.

Agarro Tiernan, arrastando-o de volta para o grupo, e começo a passar minhas instruções para o meu povo: ficar na trilha, continuar, não deixar ninguém ficar para trás.

Certifico-me de que todos na multidão estão prontos para ir. Kit permanece na parte de trás com aqueles usando os adesivos de Phydus, as únicas pessoas do grupo que não estão de olhos arregalados e fascinados por esse mundo novo. Pergunto-me o quanto eles vão se lembrar ou se quando Kit tirar seus adesivos de Phydus, eles irão lembrar-se apenas do terror e do pânico que sentiram quando a droga foi pressionada contra sua pele.

Um homem de pele escura e cabelos pretos se aproxima de Kit.

— Sou o Dr. Gupta, um dos oficiais médicos da missão — ele diz formalmente, com um sotaque estranho, estendendo a mão. Kit a aperta, a surpresa evidente em seu rosto. — Se entendi bem, você também é uma profissional da área médica? — ele pergunta.

Observo os dois, enquanto andamos pelo caminho cheio de emaranhado de árvores.

Kit parece tímida a princípio, mas logo está alegremente discutindo as diferenças de tecnologias médicas. Dr. Gupta fica fascinado pelos adesivos de Phydus, e Kit está ansiosa para comparar informações com outro médico — seu período de treinamento com Doc mal havia começado quando ela o deixou para vir a Terra-Centauri.

Não posso evitar sorrir — ver os dois conversando me faz ter esperança que as pessoas de Terra-Sol e o meu povo possam em breve encontrar alguma coisa em comum.

— Essas árvores parecem tão familiares. — Eu escapo por entre a multidão, seguindo o som da voz de Amy. — Mas, ainda assim, de alguma forma, diferentes.

— Elas são — uma profunda voz masculina responde a ela.

Faço uma pausa, andando atrás de algumas pessoas que estão atrás de Amy e do jovem militar, Chris. Quando Kit estava falando com o médico nascido na Terra, fiquei feliz, mas ver Amy e Chris juntos me faz sentir como se minhas entranhas estivessem se retorcendo.

— Tenho que admitir, estou surpresa — Amy continua.

As árvores me parecem incomuns — mas nunca vi uma árvore de Terra-Sol para comparar com essas, a não ser em fotos e vídeos.

— Elas são como figueiras-de-bengala^[9] — diz Amy. — Você sabe, porque se parecem com um grupo de pequenas árvores atadas todas juntas.

Eu não sei o que são figueiras-de-bengala, mas Chris acena em concordância.

— Diferentes, porém — diz ela novamente —, tudo me faz lembrar da Terra, mas não exatamente. Como isso. Ela puxa um punhado de musgo, parecido com cordas emaranhadas, dentre as folhas das árvores, pendurados em nosso caminho. — É como musgo espanhol^[10], mas roxo e pegajoso, ao invés de seco e de cor acinzentada.

Chris arranca as cordas pegajosas de mão de Amy.

— Essa coisa está em todos os lugares — ele diz, fazendo um grande show e quase colocando a planta no rosto de Amy.

— Eca, coloque isso longe de mim! — Amy diz, batendo nas cordas roxas de brincadeira.

— Por quê? Você não gosta? — Chris brinca, balançando-as mais perto dela.

Quero arrancar o musgo roxo fibroso das mãos de Chris e enfiá-lo em sua garganta, mas não faço isso. Fico para trás, carrancudo, e mesmo sabendo que estou me comportando feito um louco, não posso evitar em continuar a ouvir a conversa deles.

— Eu me pergunto que tipo de animais há nesse planeta — ela continua, alegremente, ignorando o olhar de adoração no rosto de Chris.

— Você quer dizer outros que não sejam as enormes aves reptilianas que tentam comer as pessoas? — Chris pergunta, sua voz brincalhona ainda a flertando. Reviro os olhos.

— Sim. — Amy olha para cima e ao redor das copas das árvores. — Deve haver outras aves. Animais. Algo que coma essa coisa roxa, que faça ninhos nos ramos das árvores. Esquilos, cobras, veados e coelhos.

— Essa não é Terra-Sol, Amy — Chris a lembra suavemente.

— Oh, eu sei — diz Amy. — Mas simplesmente parece que... alguma coisa está faltando.

— Tenho certeza de que existem outras criaturas — diz Chris, e ele realmente parece convencido disso. — Mas o coronel Martin estava certo: a maioria dos animais se esconderia, quando quase duas mil pessoas estão passando através da floresta. E, além disso, aquelas aves reptilianas precisariam de algo para comer antes que nós, pessoas saborosas, chegássemos aqui!

Amy grita quando Chris se atira em direção a ela, em uma falsa ameaça. Ela pula para trás, tropeçando sobre uma raiz de uma árvore exposta. Chris a agarra e a puxa para perto dele, envolvendo-a em seus enormes braços musculosos para mantê-la em segurança.

Chega. Distancio-me, determinado a sair do alcance da voz deles.

— Seus olhos — ela diz, olhando para ele. Faço uma pausa, incapaz de me obrigar a desviar o olhar da imagem de Amy com toda a sua atenção concentrada em outro cara.

— O que há com eles? — Chris pergunta, um pouco na defensiva.

— Eles são um pouco estranhos.

— Uau. Que maneira de dar em cima de um cara. — Chris balança a cabeça em falsa descrença.

— Não, estou falando sério. — Amy o empurra de brincadeira.

— E quem disse que eu não estava?

— Não, verdade. Eles são tão azuis.

— E os seus são tão verdes — ele diz, imitando Amy. — Não sei como você consegue enxergar com eles.

Não espero que ela responda. Posso enxergar muito bem e não preciso ficar por aqui e observar enquanto Amy admira os olhos de outro cara. Vou até o

outro lado da multidão e abro caminho até a frente do grupo. Tento suprimir a fúria ciumenta que está aumentando em meu coração.

Posso ter o mundo inteiro agora, mas ele não é o suficiente, se eu não puder compartilhá-lo com ela.

15: AMY

— Não deixem a formação! — um dos guardas militares grita.

Faço uma pausa, olhando para trás. Kit está tendo problemas para manter o controle dos shipborns usando os adesivos de Phydus; Lorin, em particular, mostra-se errática. Ela continua a andar para frente, mesmo que o grupo vire em outra direção. Um dos médicos, Dr. Gupta, está ajudando-a, mas dou a Chris um sorriso solidário e fico para trás.

— O que posso fazer? — pergunto a Kit.

— Apenas fique de olho neles — ela diz. Ela empurra o cabelo para longe da testa. É quente e úmido, como um dia de verão na Flórida.

Puxo Lorin para mais perto de mim, puxando-a para fazê-la manter o ritmo. Se uma daquelas coisas parecidas com um pterodátilo decidisse nos atacar, ela atacaria aqui, no final do grupo, onde estão os mais fracos de nós. Olho em volta, procurando Elder, mas não o vejo. Não, espere — lá está ele. Na frente do grupo, com Emma e papai. Com os líderes.

Onde ele deveria estar, digo a mim mesma. Mas não posso evitar desejar que ele estivesse aqui na parte de trás comigo.

— O que há de errado com essas pessoas? — Chris pergunta, sem o tom de brincadeira que ele havia adotado anteriormente, enquanto olha para Lorin atentamente.

Abro minha boca para contar a ele sobre Phydus, e então fecho. Como ele vai reagir? Nesse momento, Phydus é necessário, e está muito quente para começar a filosofar.

Um grito estridente atravessa o ar úmido.

Paro imediatamente, mas Lorin continua caminhando para a frente. O Dr. Gupta a persegue enquanto estendo a mão para a minha arma. Os soldados mais próximos de nós pegam as suas próprias armas.

— Lá! — alguém grita do meio do grupo.

Um enorme pássaro parecido com um réptil faz círculos ao nosso redor lentamente, como um abutre mirando uma refeição.

É como se ele soubesse que eu estava pensando sobre isso.

Levanto a .38 e estou prestes a pressionar o dedo no gatilho quando meu pai começa a gritar.

— Ninguém atira! — Ele ordena a partir da frente do grupo. — A não ser que ele ataque!

A coisa guincha novamente, descendo mais alguns metros. Posso ver suas garras maciças e curvas.

Alguém perto da frente dá um tiro. Meu pai xinga o soldado de dedo frouxo.

O pássaro do tamanho de um dinossauro grita com raiva, mudando de direção tão rapidamente que tenho de desviar o olhar da arma para manter os olhos em seus movimentos. Momentos depois, ele se foi. Coloco minha arma no coldre e só agora percebo que Chris não puxou, ele mesmo, uma provavelmente porque estava preocupado em não aborrecer meu pai.

— Movam-se! — meu pai grita, acenando para que todos continuem a segui-lo.

Toda a conversa animada de antes é interrompida pelo lembrete dos potenciais perigos desse mundo.

Poucas pessoas estão falando agora. Há uma espécie de concentração intensa em nossa maneira de nos movermos pelas árvores. Todo mundo está nervoso, em guarda.

Ouve-se um trovão, um som baixo que sobe e então desaparece.

Gritos irrompem no interior do grupo.

— O que foi isso? — alguém grita.

— De onde veio?

— O que está acontecendo?

O grupo todo para, enquanto os shipborns se encolhem, aproximando-se uns dos outros, lançando olhares preocupados para o céu. Tento encontrar Elder na multidão, mas ele está muito longe.

— O que eles estão fazendo? — Chris pergunta. Ao nosso redor, as pessoas usando os adesivos de Phydus não mostram nenhuma reação ao trovão, mas Kit está de olhos arregalados e aterrorizada.

— É apenas um trovão — digo a Kit. — Não há nada com que se preocupar, só significa que vai chover.

Ela acena com a cabeça, mas ainda parece assustada.

— Essas pessoas passaram toda sua vida em uma nave espacial — explico a Chris, já andando no meio da multidão, tentando encontrar meu pai e Elder. — Elas não sabem o que é um trovão.

As árvores farfalham, mostrando a parte inferior de suas folhas, o vento aumenta de velocidade, resfriando a minha pele pegajosa de suor por causa do ar úmido. Essa tempestade está se movendo rapidamente.

— Temos que continuar andando! — digo enquanto abro caminho pela multidão.

— E se aquilo nos pegar? — alguém perto de mim pergunta.

— E se aquilo o quê nos pegar?

— Aquela coisa no céu? — Não sei se ele está falando sobre o pássaro reptiliano ou o trovão, mas de qualquer forma, ficar parado em pé aqui não nos fará nenhum bem.

— Vamos lá! — A voz do meu pai é frustrada e alta. — Precisamos continuar!

Elder encontra meus olhos no meio de toda aquela multidão de pessoas. Vejo neles o mesmo medo que vejo em todos os outros shipborns. Eles estão com mais medo do trovão, que é inofensivo, do que da vida alienígena que pode matá-los.

Abro caminho pela multidão para chegar até Elder. Ele me olha agradecido enquanto me aproximo, mas faz uma carranca quando Chris vem atrás de mim.

O medo que vi nele antes desapareceu. Ele fala para o seu povo continuar a andar e toma a iniciativa, caminhando mais para dentro da floresta.

O céu continua a escurecer.

As sombras nas árvores parecem ter olhos, o silêncio da floresta antes da tempestade me lembra o silêncio antes de um ataque.

16: ELDER

Há desespero na maneira como marchamos por entre as árvores agora. O módulo está tão longe que mesmo que pudéssemos de alguma forma passar pelas portas lacradas, não seríamos capazes de voltar antes da tempestade nos atingir, e as árvores parecem não ter fim.

— Quanto mais vamos andar? — pergunto. Não gosto do jeito como é úmido aqui, o ar parece roubar o fôlego.

— Andamos quase dois quilômetros — diz a tenente-coronel Bledsoe ao meu lado. O coronel Martin está olhando para algum tipo de instrumento, talvez uma bússola, e escolhendo direções. Amy e Chris estão atrás de mim, mas pelo menos pararam de flertar. — Os sensores da sonda indicaram que haveria água aqui perto — ela continua. — Se pudermos encontrar algum tipo de abrigo perto daqui, seria o ideal.

O sotaque de Bledsoe é tão forte, que sou grato a ela por estar falando devagar por minha causa.

Ela olha para mim, esperando que eu contribua com os meus pensamentos, e então penso que se eu a tivesse conhecido antes de Amy, eu teria ficado com medo dela.

Honestamente, tenho um pouco de medo dela ainda. Seus olhos parecem muito grandes, como se soubessem demais; e isso me deixa nervoso. Embora essa mulher deslizando pela floresta seja ao mesmo tempo graciosa e bonita, não posso afastar a sensação de que ela também é perigosa.

Não. Eu não deveria pensar assim. Vi como Amy ficava magoada quando os outros se afastavam dela, e não quero fazer isso com ninguém. Sei muito bem como Eldest, que era fisicamente idêntico a mim, era rápido para magoar os outros, e sei que Amy, que não se parece em nada com qualquer um em *Godspeed*, nunca fez mal a nenhum deles.

— Como podemos ter certeza de que as informações da sonda são precisas? — pergunto.

— Eu tenho certeza.

É úmido aqui, de uma maneira que nunca senti em *Godspeed*. O ar parece

espesso e molhado, como se eu o pudesse engolir tão facilmente como o respiro. A pele da tenente-coronel Bledsoe brilha com o suor. Amy a chamou de “negra”, mas, para mim, ela parece marrom-escuro, como a terra recém-arada no Nível dos Alimentadores ou os corantes mais escuros que os tecelões usavam.

— Algo errado? — ela pergunta, franzindo a testa para mim.

Eu pisco e quase tropeço. Eu não sabia que estava olhando para ela.

— Nunca vi ninguém que se parecesse com você, antes.

— Você tem algum problema com isso? — ela parece confusa, mas há um tom irritado na sua pergunta.

Eu balanço minha cabeça.

— Não — digo. — Desculpe, estava encarando você. É apenas diferente, só isso.

Seus lábios se espalham em um sorriso.

— Tudo bem — ela diz. — Eu também estive encarando vocês. É estranha a maneira como vocês parecem todos iguais.

Pego o ritmo novamente quando ela começa a me ultrapassar.

— Espere, tenente-coronel Bledsoe — eu a chamo.

Ela faz uma pausa, seus lábios virando-se ainda mais para cima.

— Isso é um bocado, não é? Me chame apenas de Emma.

— Emma?

— É o meu primeiro nome. Muito melhor do que “tenente-coronel Bledsoe” — ela diz, tentando imitar o meu sotaque. É tão parecido com o que Amy fez comigo quando nos conhecemos que sinto uma sensação imediata de alívio. Órion estava errado: nem todos os congelados são maus.

As árvores começam a rarear, os ramos se espalhando o suficiente para nos deixar ver o céu através deles — o que só torna mais evidente o quão escuro ele está ficando. Tremo. Nenhum dos terráqueos parece perturbado com as mudanças no céu, mas é... estranho, não natural, o jeito como ele muda tão rapidamente.

— Olhem! — O coronel Martin chama lá da frente. Emma aumenta o ritmo, esquivando-se dos ramos enquanto abre caminho pela multidão.

O coronel Martin sobe em uma pedra na borda da floresta e aponta para

baixo, para um amplo e claro círculo azul, talvez a uns oitocentos metros de distância.

Um lago.

— Água doce, o suficiente para todos nós! — diz Emma.

— Temos que testar a água primeiro — o coronel Martin diz rapidamente, mas ele está sorrindo. Isso é um triunfo para eles.

O céu ruge, um som tão alto e ensurdecedor que o meu primeiro instinto é cobrir a cabeça e olhar para cima, tentando encontrar a fonte do som.

— Trovão — Amy lembra-me gentilmente, tocando meu braço.

E então fogo explode no céu, pulando de uma nuvem escura para outra.

— O que diabos é isso? — grito, saltando para trás.

Amy ri dessa vez.

— Relâmpago — ela diz.

A risada dela me aborrece. Nunca tinha visto um relâmpago antes, não bem na minha frente, como esse. Felizmente, apenas alguns do meu povo saíram do abrigo das árvores até agora, e apenas alguns deles viram o relâmpago. Mas seus gritos preocupados aumentam rápido.

— Temos que encontrar algum tipo de abrigo — digo ao coronel Martin com um tom de urgência. — As pessoas vão entrar em pânico.

— Por causa de uma tempestade? — ele pergunta, há dúvida em sua voz.

— Eles nunca viram uma tempestade, pai — Amy diz a ele.

— O que é aquilo? — Chris pergunta, apontando para a direita do lago que o coronel Martin encontrou.

O coronel Martin franze a testa, mas olha naquela direção. Todos nós seguimos o seu olhar. Uma colina alta — ou uma pequena montanha — na frente de uma campina coberta de grama. Seus lados são rocha nua, pedra exposta amarelada. E construídas na pedra vemos...

— Casas? — Emma pergunta, o choque em sua voz.

— Não pode ser — diz o coronel Martin, olhando com mais atenção. Ele estala os dedos para um de seus soldados, e o homem coloca um par de binóculos em suas mãos. O coronel Martin olha através deles, então xinga.

— São ruínas. Construções feitas diretamente na pedra, mas provavelmente

abandonadas.

— Precisamos ir para lá — digo.

— Fora de questão, não sabemos que tipo de forma de vida construiu aqueles edifícios. — O coronel Martin passa os binóculos para Emma, mas Emma imediatamente os entrega a mim.

Olho através das lentes. O lado da montanha foi escavado em níveis ligados por fileiras de degraus de pedra. Edifícios grandes, em construções regulares, erguem-se da encosta, talvez feitos utilizando as mesmas pedras tiradas das montanhas para fazer os níveis. Posso ver recortes nas paredes dos edifícios: janelas e portas.

Janelas e portas de tamanho humano.

O coronel Martin está certo — o lugar parece empoeirado e antigo, abandonado há muito tempo.

— Alguma coisa ainda poderia estar lá. Se há criaturas sencientes nesse planeta, eles devem ter visto o nosso pouso — diz o coronel Martin.

Penso sobre como o módulo pareceu ter sido tirado do curso. Foi apenas um mau funcionamento dele, algo a ver com esses pássaros gigantes, ou foi um ataque de seja lá o que for que construiu essas estruturas?

Isso muda tudo.

— Não confio nisso — o coronel Martin continua.

Relâmpagos cruzam o céu. Gordas e pesadas gotas de água começam a cair. Meu povo grita. Essa chuva não é nada parecida com a “chuva” em *Godspeed*. Em *Godspeed*, a chuva consistia em jorros medidos de água vindos do sistema de extintores de incêndio incorporados no teto pintado. Mas isso? Nada de queda rítmica, nem distribuição uniforme. As grandes e irregulares gotas de chuva apenas caem sobre nós, fazendo barulho nas folhas, espirrando contra a nossa pele, fria e escorregadia.

— O que é isso? — uma mulher grita. Ela passa as mãos pelo corpo, tentando tirar a chuva que cai sobre ela, mas é claro que ela não pode. Mais chuva cai.

Pulo sobre a pedra onde o coronel Martin ainda está.

— Olhe — digo —, em alguns momentos o meu povo vai entrar em pânico. Precisamos chegar a um abrigo, e precisamos chegar a esse abrigo agora. Esses

edifícios são a melhor opção que temos!

O coronel Martin olha para mim da mesma maneira como Eldest fez quando eu pensei que as lâmpadas no Nível do Guardião eram estrelas de verdade.

— Você realmente escolheria se esconder lá com Deus sabe o quê dentro, em vez de ficar aqui fora com um pouco de chuva?

— Para nós isso não é “apenas” um pouco de chuva. E você mesmo disse que os edifícios estão provavelmente abandonados.

— Além disso — Emma diz —, os relâmpagos são perigosos. Não podemos ficar perto das árvores, seria estúpido ficar nas áreas planas de terra ou perto do lago. O mais seguro é encontrar abrigo. Aqui ou em outro lugar.

Um olhar significativo é trocado entre Emma e o coronel Martin, e vendo sua carranca, posso ver que o pai de Amy não está gostando de seja lá o que for que Emma esteja sugerindo.

— Grupo 1, Grupo 2 — grita o coronel Martin. Emma fica em posição de sentido e o resto dos militares nas proximidades se reúne em torno dela. — Vocês vão primeiro, inspecionar os edifícios. Mandem notícias pelo rádio. Depressa!

Emma corre para frente, seguida pelo resto dos militares nos dois primeiros grupos. O que não deve incluir Chris, porque ele fica ao lado de Amy.

O coronel Martin não parece feliz, mas ele se dirige em direção à campina mesmo assim, cortando caminho através da grama alta, de cor verde-amarelada. Agora que estamos fora do abrigo das árvores, meu povo está mais nervoso e com mais medo do que nunca. Continuo olhando para trás, enquanto sigo o coronel Martin, quase tropeçando, tentando manter os olhos em todos.

Amy corre para frente, para ficar ao meu lado. Olho para trás, mas não consigo ver o sempre presente Chris junto com ela.

— Que lugar é esse? — Amy pergunta ofegante, não da corrida, mas de emoção.

— Não sei. — Odeio a sensação infantil que sinto quando vejo Amy com Chris, mas eu não posso evitá-la.

Quanto mais andamos pelo espaço aberto, mais rápido o meu povo anda, até que estamos todos correndo pela grande campina, o mato alto chicoteando

nossas pernas. A chuva faz com que os grãos se grudem em nossa pele e roupas, e um cheiro doce escapa dos talos quebrados quando pisoteamos a grama em nossa louca corrida para chegar aos edifícios.

Um estalo sai do rádio no ombro do coronel Martin.

— Tudo certo, senhor — a voz de Emma diz através do rádio.

O coronel Martin olha para trás.

— Vamos em direção aos edifícios — ele grita, sacudindo o braço para a frente.

Isso é tudo o que meu povo precisa ouvir. Eles rapidamente o ultrapassam, correndo, correndo o mais rápido que podem para se protegerem da tempestade. A chuva vem cada vez mais rápida e mais pesada, a água descendo do céu de forma tão intensa que mal posso enxergar. Amy agarra a minha mão, sua própria mão escorregadia, puxando-me para ficar ao lado dela.

Um brilho luminoso de relâmpagos ilumina o céu, banhando Amy em uma luz que parece capturá-la em um momento único do tempo, não muito diferente de quando ela estava congelada.

A nossa volta, todos estão correndo com terror. Pânico cego, gritos de medo, nossos instintos primitivos tomaram conta de nós.

Mas Amy corre no meio da chuva, sua boca larga e sorridente, os olhos brilhando, saboreando cada segundo.

17: AMY

Eu usaria a mesma palavra para descrever a minha alegria e a chuva: torrencial. Isso — isso — isso é tudo que eu sempre quis do mundo: espaços abertos, e a chuva refrescante e a oportunidade de correr.

Nós alcançamos os edifícios muito cedo.

Os terráqueos, resmungando para a chuva que eles veem mais como um incômodo do que qualquer outra coisa, cambaleiam para dentro dos primeiros edifícios. Os shipborns estão em pânico, mas não tão em pânico que estejam dispostos a dividir o espaço com as pessoas da Terra. Eles correm, passando pelos edifícios mais próximos, aqueles que os terráqueos escolheram, e então entram naqueles localizados atrás da primeira fileira, enchendo cada edifício de tal forma que há espaço apenas para eles ficarem em pé enquanto observam a chuva escorrendo sobre as paredes.

Eu paro, deixando a chuva me lavar, e Elder me observa, confuso. Tento olhar através da chuva, tentando ver os edifícios claramente. Eles são antigos, muito mais antigos do que qualquer coisa que eu tenha visto antes. Eles me lembram das habitações em cavernas em Mesa Verde^[11], a forma como eles saem da pedra da colina.

— Procurem abrigo! — Emma grita enquanto passa correndo por mim. Ela e os militares estão indo em cada um dos edifícios, verificando-os, tentando se certificar de que todos chegaram em segurança.

Elder começa a me puxar para o edifício mais próximo — aquele cheio de dezenas de shipborns todos em pé, tremendo juntos.

— Vamos seguir esse caminho — digo, puxando-o em outra direção. Parece estúpido ficar em lugar abarrotado de pessoas quando há tanto espaço aqui. Tantos prédios vazios, com a chuva escurecendo seus exteriores pálidos e empoeirados. Elder hesita, mas deslizo meus dedos através dos dele, e ele aperta minha mão em resposta.

Nós subimos os degraus de pedra até o próximo nível. Quase todos os prédios têm dois andares de altura, com o segundo andar menor do que o primeiro, formando uma plataforma quadrada. O chão é pavimentado com grandes pedras planas e é tão largo como uma estrada de interior — um carro

pequeno poderia ser capaz de se espremer por entre os edifícios se não existissem todas essas escadas, mas duas pessoas podem facilmente caminhar lado a lado.

Os relâmpagos nos iluminam.

Os prédios parecem ocos por dentro, escuros, e apesar de não haver vidro na janela ou portas nas entradas, o lado de dentro tem cheiro de mofo e ar estagnado. Os vãos escancarados das portas lembram-me bocas de monstros.

E de repente não quero ir mais longe. Não quero estar aqui. Porque essas casas são do tamanho perfeito para pessoas, mas nós deveríamos ser as únicas pessoas nesse planeta.

Quando paro, Elder pega meu braço, puxando-me para o prédio mais próximo.

— Isso acontecia muitas vezes em Terra-Sol? — ele pergunta, enquanto outro trovão explode acima de nossas cabeças.

Sorrio para ele.

— Não o tempo todo, mas acontecia — digo. — Não é fantástico?

Elder me olha como se eu estivesse completamente louca.

— Pelo menos vai ficar mais fresco depois da chuva — acrescento. — Na Terra, no verão, ficava muito quente, e então havia uma tempestade rápida. Isto deve ser o verão de Terra-Centauri.

— Então verão é uma época de trovão aterrador e fogo que vem do céu?

Eu rio, mas quando vejo Elder sério, paro.

— Não, geralmente não. Confie em mim, vai parar em breve. E não é perigoso, não de verdade.

Para provar isso, passo pela porta novamente, girando na chuva. Inclino a cabeça para trás, olhando para cima enquanto as gotas caem, rodando rápido nas pedras lisas.

Elder me segura antes que eu caia.

A chuva cai. Nós dois estamos encharcados, e a chuva está caindo com tanta força que eu posso senti-la no meu couro cabeludo.

— Isso é loucura! — Elder grita sobre o aguaceiro. — Precisamos entrar!

Ele puxa meu braço, tentando me puxar para o abrigo do edifício mais

próximo, mas eu o puxo de volta, trazendo-o para perto de mim.

Outro clarão de relâmpago. O mundo se ilumina por apenas uma fração de segundo — posso ver cada gota brilhante de chuva que cai — e, em seguida, outro grande braaaaam! do trovão.

Não penso mais, não sinto. Não tenho tempo para ser gentil ou tímida.

Apenas o beijo.

Meus lábios pressionam-se contra os dele, meus braços enroscando-se em torno dele até que estamos tão perto que nem mesmo as gotas de chuva conseguem deslizar entre nós. Meus dedos se enroscaram em seu cabelo, depois deslizam para baixo, pela parte de trás do seu pescoço. Seus braços ficam tensos, apertando-me mais contra ele, puxando-me para mais perto, mais perto.

Todos os meus sentidos explodem em vida: a sensação da chuva fria, o trovão explodindo acima de nossas cabeças, fazendo meus ouvidos tinirem, mas tudo é dominado pela sensação de Elder preenchendo todos os poros do meu ser.

Vejo, através dos meus olhos fechados, outro relâmpago. Ele nos eletrifica — a mim e a Elder. Ele me beija com uma paixão que só pode ser descrita como voraz. Eu me agarro a ele da mesma forma que ele a mim: com uma sensação de necessidade, de saudade, de insaciabilidade.

Sempre na chuva.

Estou na ponta dos pés para melhor alcançar os lábios de Elder, mas perco o equilíbrio, escorregando sobre as pedras molhadas. Mas Elder segura-me tão apertado que ele facilmente me levanta do chão, girando em um círculo lento, sua risada entrelaçando-se com os pingos da chuva que batem contra o meu coração.

Eu tremo, meu cabelo escurecido pela chuva pendendo em cachos quando o aguaceiro termina tão abruptamente como começou. O céu já está clareando, o ar mais frio. Eu me inclino para trás, piscando na luz suave dos sóis gêmeos.

— O que é isso? — Elder pergunta, e é só então que percebo que suspirei em voz alta.

— Eu estava um tanto esperançosa em ver um arco-íris — digo.

Ele fica imóvel e lança-me um olhar incrédulo.

— Eles são mesmo de verdade?

Eu rio.

— Claro que são!

Elder balança a cabeça, como se estivesse tentando fazer a ideia de cores formando um arco no céu penetrar em seu cérebro.

Aqui em cima no segundo andar de edifícios, quase me sinto como se nós tivéssemos um pouco de privacidade. A chuva não trouxe apenas um ar mais frio, mas também um brilho de frescor para o mundo todo.

E insetos.

Dou um tapa em um mosquito — ou algo muito parecido com um — zumbindo perto do meu rosto, então noto um zumbido sutil feito pelos insetos nas proximidades. Caminho ao longo da parede do edifício e encontro uma árvore, como aquelas na floresta, mas menor, com um enxame de insetos parecidos com mosquitos pairando sobre belas e delicadas flores roxas penduradas nos ramos da árvore.

Estendo para tocar as pétalas, mas então um guincho corta o ar — um grito estridente que se desvanece no silêncio e então faz um círculo e retorna. Puxo minha mão de volta, instintivamente querendo me proteger, mesmo sabendo que eu não posso.

— O que foi isso? — Elder pergunta em voz baixa, mas nós dois sabemos o que foi. Olhamos para os céus, mas não vemos nada. Elder chega mais perto da árvore com seus ramos esparramados. — Eu acho... acho que essas flores vieram daquela coisa fibrosa que estava nas árvores antes.

Ele está certo — as plantas roxas parecidas com musgo espanhol que se agarravam às árvores têm o mesmo tom que as pétalas da flor, um lilás delicado nas bordas que escurece até chegar ao roxo profundo no centro. Algumas gavinhas do musgo não floresceram, mas a maioria desabrochou em flores finas como papel, quase translúcidas.

— Elas são adoráveis — respiro.

— Você gosta das flores? — Elder pergunta, um sorriso irônico nos lábios. Antes que eu possa responder, ele estende a mão e arranca um dos ramos da árvore mais próxima.

— Aqui está. É o mínimo que eu poderia fazer depois de ter metido os pés

pelas mãos da última vez que eu lhe trouxe flores.

Olho para ele, com curiosidade — quando foi a última vez que ele me trouxe flores? — e então inclino meu rosto para respirar o cheiro doce-pegajoso e inebriante da flor.

Sorrio.

— Isso me lembra...

Meu corpo fica dormente.

Meus olhos ainda estão abertos, quando caio. O chão corre em minha direção, mas não consigo erguer minhas mãos para proteger meu rosto, não consigo manter meu corpo tenso quando caio contra o chão.

Não sinto nada.

Meus olhos ainda estão abertos enquanto fico caída no chão, de bruços, em uma poça de água de chuva lamacenta. Posso ver redemoinhos de poeira e cor marrom. Algo gruda em meus olhos, e um reflexo faz com que minhas pálpebras se fechem.

A água entra em minha boca levemente aberta, entra no meu nariz e escorre para dentro de um ouvido.

Tento gritar, tento me mover, mas não consigo, e é exatamente como quando eu estava congelada, estou presa novamente, não consigo me mover, não consigo, não consigo, tenho que respirar, tenho que respirar, mas não há ar, apenas água, e estou gritando dentro da minha cabeça, não respire, mas a única coisa que funciona são as minhas funções involuntárias, como o meu coração que está batendo muito rápido e meus pulmões que precisam respirar.

E então há ar.

E então não há mais nada.

18: ELDER

A voz de Amy se interrompe de repente. Seus olhos reviram em sua cabeça, e ela cai no chão, flácida. Por um momento, observo com horror enquanto ela fica de bruços em uma poça. Pequenas bolhas estouram na superfície da poça e, então, a camada fina de água fica parada.

— Amy? — digo, caindo de joelhos ao lado dela. — Amy!

Eu a tiro da poça e limpo a água do seu rosto.

— Amy? — Chacoalho seus ombros, mas a cabeça pende sem vida. — AMY!

Nada. Água suja goteja de sua boca. Pressiono seu tórax, e mais água sai de sua boca, mas ela não se move. Sua respiração é superficial, mas estável. Cuidadosamente, levanto suas pálpebras. Nenhuma resposta.

Meu coração bate forte, meus ouvidos estão zumbindo. O que aconteceu? Ela está...

Pressionar minha cabeça contra seu peito. Não. Graças às estrelas, não. Ela tem batimentos cardíacos.

Diabos! O que devo fazer?

Pego Amy em meus braços. Preciso de ajuda. Agora.

Tropeço pelas escadas, gritando por Kit. Ela não pode estar muito longe. As pessoas dos outros edifícios espiam pelas janelas e portas escavadas nas paredes de pedra. Quando eles me veem segurando o corpo inconsciente de Amy, eles ofegam ou gritam, xingam ou empalidecem, mas nenhum deles é Kit, nenhum deles tem conhecimentos de Medicina, nenhum deles pode salvá-la.

— KIT! — berro.

Alguém alto e escuro dobra a esquina — Emma, em serviço de patrulha com Juliana Robertson.

— Ajudem-me! — grito para elas. Mesmo Juliana, que não queria nada além de lutar contra mim antes, está preocupada, seu rosto sem cor, em contraste gritante com seu cabelo escuro, denso.

Atrás delas, Kit vem correndo. Ela para quando vê Amy.

— O que aconteceu? — Ela suspira.

— Ajude-a! — grito novamente.

— Por aqui — diz Emma, enquanto ela e Juliana saem correndo em direção aos edifícios à beira das ruínas, onde os terráqueos estão. Corro atrás delas, escorregando no chão de pedras molhado. Viro-me para proteger o corpo sem vida de Amy e fico com um longo arranhão em minha coxa que mal sinto. Kit me ajuda a levantar e então sai correndo ao meu lado, verificando o pulso de Amy enquanto corremos em direção aos edifícios exteriores.

Emma e Juliana nos levam diretamente para o primeiro edifício de pedra naquela fileira, que é um pouco maior do que o resto e, momentos depois, o coronel Martin aparece.

— O que diabos aconteceu? — ele berra, caminhando em nossa direção. Não paro. Preciso de médicos, remédios, alguma coisa. O coronel Martin dá uma olhada no rosto pálido e inconsciente de Amy e xinga, alto e longamente, correndo ao meu lado, gritando por ajuda.

— Para trás! — ele grita quando eu abaixo para entrar no prédio. A mãe de Amy grita. Eu me ajoelho e cuidadosamente coloco Amy no chão frio de pedra.

— O que aconteceu? — a Dra. Martin chora enquanto olha para o corpo imóvel de sua filha. Kit se ajoelha ao lado de Amy, levantando suas pálpebras. Duas outras pessoas — uma mulher com olhos estreitos e um homem baixo — agacham-se ao lado de Amy e assumem o controle da situação. Médicos nascidos na Terra.

— Onde está Gupta? — o coronel Martin grita. — Onde ele está? Ele é o médico-chefe!

— Não sei — a médica nascida na Terra diz.

— O que aconteceu? — a Dr. Martin geme novamente.

— Eu não sei — digo, minhas palavras soando como um apelo. — Estávamos apenas lá, nos prédios, e havia uma árvore, e...

— Poderia ser qualquer coisa — diz o médico nascido na Terra. Seu sotaque é estranho, mais estranho do que o de Amy, mas esse conhecimento só faz meu peito doer. — Choveu, talvez haja uma toxina na precipitação. Ou uma picada de inseto.

— Insetos! Havia muitos insetos, pequenas coisas irritantes voando —

interrompo. O médico concorda.

— Talvez um veneno que tenha reagido de forma estranha em seu sistema. Qualquer coisa aqui, não importa quão aparentemente inofensiva, é estranha para nós. Não sabemos como vamos reagir a nenhum estímulo nesse planeta.

— O que é isso? — Kit pergunta, levantando a mão flácida de Amy. Os restos pegajosos das pétalas das flores roxas ainda estão grudadas em sua palma.

— Uma flor. Ela cheirou a flor e então...

— Desmaiou? — Kit levanta as pálpebras de Amy, mas muito mais gentilmente do que eu fiz, e ilumina os olhos dela com uma luz.

Concordo com a cabeça.

— Bem, acorde-a! — o coronel Martin grita.

O médico de Terra-Sol pressiona um estetoscópio no peito de Amy.

— Você! — o coronel Martin vira-se para mim. Sua esposa solta um pequeno som de medo. — Você a colocou em perigo! — A acusação do coronel Martin me atinge, rasgando minha carne em pedaços.

— Eu não sei o que há de errado com ela — a médica nascida na Terra resmunga.

— Onde diabos está o Dr. Gupta? — o coronel Martin grita. Seus olhos para em Juliana Robertson. — Você! Vá achar aquele médico preguiçoso e traga-o aqui!

Estendo a mão para Amy — sei que ela não pode me ouvir ou ver, só quero tocá-la — e Coronel Martin bate com as duas mãos em meu peito, atirando-me contra a parede mais distante do edifício.

— Dê. O fora. Daqui. — Ele mastiga as palavras com os dentes cerrados. Olho para ele, chocado com sua reação.

— Você fez isso. Se ela morrer, o sangue dela estará em suas mãos. Você não pode mantê-la segura. Você não pode manter ninguém seguro. SAIA. — Ele me empurra de novo, e eu tropeço contra a parede. Kit olha para cima, a única outra pessoa que também é shipborn na sala, mas ela não pode se dar ao luxo de desviar sua atenção de Amy.

Absorvo a imagem de Amy — pálida, vazia, sem vida no chão. Sua mãe chorando. A raiva do coronel Martin.

Saio correndo do edifício, a acusação do coronel Martin cravada em meu

coração como uma lâmina salgada.

19: AMY

Minha boca parece como se estivesse cheia de bolas de algodão. Estalo meus lábios secos, minha língua pesada em minha boca.

Algo se contrai em minha mão. O movimento assusta e tento empurrar meu braço para longe, mas meus músculos estão lentos. Esforço-me para sentar, mas parece que há um peso em meu peito, embora não haja cobertores em cima de mim.

Minha mãe está dormindo, sua mão frouxamente envolvendo a minha. Foi isso o que senti antes. Curvo meus dedos sobre os dela.

Suas pálpebras tremem e, em seguida, seus olhos se abrem, como se ela de repente se lembrasse de algo de importância vital. Ela se vira para mim e ofega profundamente.

— Amy — ela suspira.

— Mãe? — minha voz está rouca.

— Amy — ela grita e se joga em cima de mim. Logo em seguida, meu pai aparece. Seus olhos estão molhados, e ele parece incapaz de falar. Nunca o vi assim, tão emocionado.

Meus olhos varrem o quarto. Onde está Elder?

— O que está acontecendo? — pergunto. Minhas costas doem. Em volta de mim, o ar está fresco e turvo. Eu dormi até o anoitecer? Mas não, o céu está ficando cada vez mais claro. É a aurora. Eu dormi o dia inteiro até o seguinte.

— Qual sua última lembrança? — uma das médicas da Terra, acho que seu nome é Dra. Watase, pergunta.

Olho para a mão que minha mãe ainda segura e só quando faço isso é que percebo que meu corpo está respondendo por mim: a última coisa de que me lembro é segurar a flor que Elder me deu.

Não. Tremo involuntariamente, engolindo a bile que sobe em minha garganta.

A última coisa de que me lembro é perder o controle do meu corpo, exatamente como me sentia quando estava congelada. E então a sensação de

afogamento, a mesma que senti quando acordei.

As lembranças me inundam, envenenam minha alma.

Olho em volta de mim. Todos estão esperando que eu fale.

— A flor — digo, porque sei que eles não se importam com o que sinto; eles precisam apenas de uma fria análise médica. — Ela me fez desmaiar.

Meus olhos ainda estão olhando ao redor da sala. Estou decepcionada. Não posso acreditar que Elder simplesmente me deixaria aqui.

— Achamos que sim — diz a Dra. Watase. Ela aponta para uma linha no chão, onde dezenas de flores roxas fibrosas foram colocadas. — Não fomos capazes de fazer quaisquer testes ainda, mas a partir da observação, parece que as flores são carnívoras. Quando estão molhadas, elas florescem e emitem uma neurotoxina que faz com que os insetos caiam dentro delas.

— E gênios como eu caíam no chão — digo, exibindo a coisa mais próxima de um sorriso que sou capaz, na tentativa de aliviar a tensão na sala. Mas não funciona. Todos olham para mim, acenando com a cabeça, concordando gravemente.

— Precisamente — a Dra. Watase acrescenta. Ela dá pancadinhas em minha mão como uma avó. Eu olharia para ela, mas isso parece requerer muito esforço.

— Estou morrendo de fome — digo.

— Todos estamos — diz meu pai. — Se o módulo não sair do travamento, teremos que descobrir como obter alimentos do planeta.

Fecho meus olhos — em *Godspeed* pelo menos tínhamos comida. Se todos morrermos de fome, isso será, em parte, culpa minha.

— Quanto tempo eu fiquei dormindo?

— Quase 24 horas — diz a Dra. Watase.

Passamos praticamente um dia inteiro e uma noite nas ruínas, e eu dormi quase todo esse tempo. Olho ao meu redor, tentando avaliar o que aconteceu desde que fui nocauteada. Todos os que estão aqui no prédio nasceram na Terra. Todos têm um ar meio amarrotado — até mesmo meu pai. Eles dormiram vestidos com suas roupas; ninguém comeu. Duvido que alguém tenha saído dos edifícios.

Levanto-me; minhas costas protestam. O chão não é exatamente um lugar

confortável para dormir, apesar do fato de que meus pais parecem ter acolchoado o chão com casacos extras para me proporcionar uma espécie de cama improvisada. No início, a Dra. Watase e minha mãe tentam me ajudar a caminhar, mas só quero esticar meus músculos, e os efeitos remanescentes da flor estão rapidamente desaparecendo.

Ando ao longo das paredes, meus dedos roçando as pedras amarelas empoeiradas do edifício. O quarto é do mesmo tamanho que um quarto seria na Terra, as portas e janelas de proporções perfeitas para os seres humanos. Uma escada leva a um segundo andar.

— É estranho, não é? — digo.

Minha mãe não precisa perguntar sobre o que estou falando.

— É. — Sua voz fica mais baixa. — Seu pai está preocupado.

Nós duas paramos na janela e olhamos para ele. Ele está falando com Emma na entrada, em voz baixa. Ambos parecem irritados e cansados. Como se pudesse sentir nosso olhar sobre ele, meu pai se vira e nos dá um sorriso fraco, um sorriso que não chega até os seus olhos.

Percebo agora que o olhar de meu pai parece o de alguém preso em uma armadilha. O mesmo olhar que vi nos olhos de Elder depois que Eldest morreu. Assombrado.

Meu pai se vira para Emma e continua falando.

Traço o contorno da parede de pedra com o dedo. Agora que estou bem na frente dele, posso ver que os edifícios são realmente feitos de grandes lajes de tijolo feitas à mão, da mesma cor que o solo. Houve intenção na criação desses edifícios, mas eles estão vazios agora e abandonados há tanto tempo que não há nada, a não ser os ecos da vida grudados na pedra rígida.

Minha mão vai até a janela, meus dedos mergulhando em uma depressão no peitoril de pedra da janela. É um quadrado perfeito, cada linha reta e cuidadosamente escavada na pedra.

— Não sabemos para que isso serve — minha mãe diz, olhando para a depressão no peitoril —, mas há um quadrado em cada janela, em cada um dos edifícios.

A Dra. Watase dá um passo à frente.

— Quem quer que tenha construído esses edifícios, obviamente era

senciente — ela diz. A teoria popular entre os cientistas é que os moradores originais desses edifícios tinham algum tipo de ídolo que eles colocavam aqui. Talvez seus deuses estivessem ligados aos sóis; todas as janelas ficam de frente à luz.

Emma sai, e meu pai a observa sair. Passo em volta da Dra. Watase e vou direto até ele, envolvendo meus braços em torno dele, como costumava fazer quando acreditava que ele poderia resolver qualquer problema. A dureza em seu rosto se suaviza.

— Estou feliz que esteja bem, Amy — ele diz. Ele dá um beijo no topo da minha cabeça.

— É claro que eu estou bem. — Dou-lhe o maior sorriso de que sou capaz. Ele me abraça mais apertado.

— Isso... nada disso era o que eu esperava que fosse.

— Não se esqueça, pai — digo suavemente. — Essa foi minha escolha. Fui eu que decidi vir nessa missão.

Ele abre a boca, mas já sei o que ele vai dizer: que não era para ser uma escolha, e que eu não deveria ter vindo de forma alguma.

Não dou essa chance a ele.

— Estou aqui agora — digo. — E eu estou feliz. Estou com você e mamãe. Ele me aperta mais uma vez e então me solta..

— Sobre o que você estava conversando com Emma? — pergunto.

— Temos alguns problemas com os quais estamos lidando.

— Conte-me.

Ele olha para mim, e sei que ele está me vendo apenas como sua filha, sua criança.

— Conte-me — digo novamente. — Talvez eu possa ajudar.

Em meu favor, vejo que ele não me olha com ceticismo.

— Bem, em primeiro lugar, nós estamos tendo problemas com a sonda. Não fomos capazes de nos comunicar com a Terra.

Meu coração para.

— Você quer dizer que não foram capazes de se comunicar com a Terra

novamente, certo? Você se comunicou com eles logo depois que pousamos, não é?

— Sim — diz meu pai, e então, quase como se estivesse falando consigo mesmo. — Sim, é claro. — Depois de um momento, ele acrescenta. — Mas o sistema de comunicação do módulo está completamente quebrado agora, e não conseguimos fazer o sistema da sonda funcionar.

— O que há de errado com ele? — Mordo meu lábio, esperando a resposta do meu pai.

— Nós conseguimos estabelecer um link de comunicação, mas não estamos ouvindo nada do outro lado. — O olhar que ele me dá não traz qualquer conforto.

— Há algum problema? — pergunto, inclinando-me para frente, já adivinhando a resposta.

Meu pai dá de ombros.

— Acho que só precisamos trabalhar mais nele. Ele é velho, Amy. — Ele desvia o olhar de mim. — Mas esse é apenas um de nossos problemas.

— Quais são os nossos outros problemas?”

— Uma das shipborns desapareceu, e Dr. Gupta também. Achamos que a shipborn se afastou e o Dr. Gupta foi atrás dela, mas...

— Quando eles desapareceram?

— Em algum momento no meio da tempestade. — Os olhos de meu pai estão distantes. Sei que ele está preocupado, mas sua preocupação não tem o mesmo gosto ácido do temor que está subindo em minha barriga.

Eles estão desaparecidos há quase um dia inteiro.

— Qual dos shipborns? — pergunto. Papai disse “ela”, portanto não foi Elder que desapareceu, mas talvez Kit...

— Laura? Lauren? — Meu pai sacode a cabeça.

— Lorin? — pergunto em voz baixa.

— Essa mesma.

Lorin estava usando um adesivo de Phydus, e eu a estava guiando antes da tempestade, antes de deixá-la ir. Se ela se afastou no meio do caos dos raios e trovões, a culpa é minha.

Ele olha para baixo e vê o meu rosto.

— Amy, não se preocupe — ele diz, apertando meu braço. — Estava chovendo e escuro a noite passada, mas Juliana é uma boa rastreadora; ela vai encontrá-los agora que os sóis nasceram.

O rádio no ombro do meu pai volta à vida. Ele dá um passo para longe de mim, pressiona o botão para confirmar que está pronto para receber uma mensagem. A voz de Emma sai do rádio.

— Encontrei-os, senhor — ela diz, com a voz indistinta.

— Gupta e a mulher shipborn?

— Gupta, não — Emma diz. — Mas a shipborn e Juliana.

— Ótimo. Mande-as de volta para as ruínas.

— Senhor, eu não posso.

— O quê? — meu pai pergunta.

— Senhor, elas estão mortas. Ambas.

20: ELDER

A primeira coisa que sinto quando vejo Amy subindo os degraus para os edifícios no segundo andar, seu cabelo vermelho balançando atrás dela, é alívio.

Ela está viva. Ela está acordada, ela está bem, ela está viva.

A segunda coisa que sinto é medo.

O olhar em seu rosto me diz que algo está errado, muito errado.

— O que é? — pergunto.

— Meu pai acabou de sair com minha mãe e alguns dos cientistas — ela diz, sem fôlego.

— Ele me disse para não sair... para não lhe contar...

— Contar-me o quê? — Meu estômago está embrulhado.

— Eles acharam Lorin.

— E? — pergunto, já temendo a resposta. Kit e eu passamos a maior parte do dia de ontem compilando uma lista detalhada de todas as pessoas do módulo. Perder Lorin no meio da multidão nos perturbou muito; não podemos deixar que isso aconteça novamente. — Isso não é bom?

— Ela está morta.

Meus olhos se arregalam com o choque, depois, com a raiva. Morta?

— Como? — exijo.

Amy balança a cabeça.

— Ela está morta, e também Juliana Robertson, que tinha sido enviada para encontrar Lorin e o Dr. Gupta. Não sei como. O Dr. Gupta ainda está desaparecido. Acabei de ficar sabendo...

Ela acabou de ficar sabendo sobre as mortes, e mesmo que seu pai a tenha proibido, a primeira coisa que ela fez foi me contar sobre elas.

— Onde? — pergunto.

Amy balança a cabeça.

— Não sei. Perto do lago, acho.

— Tenho que ir.

Ela me agarra pelo cotovelo.

— Você não pode. Meu pai ficaria furioso...

— E daí? — Minha mente está voando. Os perigos desse planeta são muito maiores do que eu havia pensado inicialmente. A ave réptil que tentou comer meu rosto, as pegadas na floresta de algo próximo de nós, observando-nos, as flores que quase afogaram Amy, e agora mais dois estão mortos...

Há tanto que não entendemos. É a nossa ignorância que irá nos matar nesse planeta.

Nossa ignorância...

Mas alguém sabia. Há uma pessoa aqui que sabia dos perigos que esse mundo continha o tempo todo. E seu conhecimento pode nos salvar agora.

Lembro-me das últimas palavras de Órion nos disquetes que ele deixou para Amy. A voz dele tremia e falhava por causa do medo. A nave é tão ruim para que vocês precisem enfrentar os monstros lá embaixo? Valerá a pena arriscarem suas vidas — as vidas de todos?

Meus olhos encontram os de Amy.

Ele sabia.

— Órion — digo. — Ele pode nos dizer. Não vamos deixar que ele fale em enigmas e códigos, vamos forçá-lo a nos contar tudo o que sabe. Se não o fizer...

O rosto de Amy empalidece.

— Órion — ela sussurra. Seus olhos se concentram em mim. — Elder, Órion. Nós não... nós nos esquecemos... o timer.

Diabos. Entre o travamento do módulo e termos sido forçados a abrigar-nos nas ruínas... ninguém se lembrou de ajustar o timer de Órion.

Amy e eu saímos correndo, abrindo caminho por entre as árvores e nem mesmo nos preocupando em olhar para cima para ver se há mais pássaros-criaturas à espera para nos atacar. Por um breve momento, eu me preocupo em não ser capaz de encontrar o caminho de volta para o módulo, mas a movimentação de quase 1.500 pessoas ontem deixou pistas suficientes para nos guiar de volta. A localização de um lugar para se instalar pareceu durar uma eternidade, porque havia tantos de nós e nós não sabíamos onde estávamos indo — só sabíamos que a sonda havia indicado água. Mas há apenas dois de nós

agora e voltar para o módulo leva muito menos tempo do que eu esperava.

Amy sobe a rampa e tenta abrir a porta.

— Ainda bloqueada — ela rosna.

Caio sentado sobre o banco em frente ao painel de controle. Deve haver algo que eu possa fazer. Passo a mão pelos controles internos, ordenando ao computador que faça uma varredura completa de todas as operações.

— Por que você não estava lá? — Amy pergunta quando me inclino para trás, olhando cheio de frustração para o painel de controle, à espera dos resultados.

— Lá? — pergunto. Os sensores parecem ser capazes de fazer a leitura agora, mas então por que o módulo ainda está travado?

— Quando acordei.

Meus dedos congelam sobre os controles do módulo. Digo a ela que eu passei a noite fora do prédio onde seus pais a mantiveram, apoiado sob a janela para que eu pudesse ouvir se ela acordasse? Devo dizer-lhe que quando os sóis se levantaram, a primeira coisa que eu fiz — antes de ir verificar o meu povo, antes de refazer a verificação de tudo com Kit — foi ficar na ponta dos pés para que eu pudesse olhar para o seu rosto de luz da manhã? Que eu mal dormi, atormentado com a culpa de que fui eu que quase a matou... novamente?

— Eu deveria ter ido — digo. — Sinto muito.

Amy funga. Eu olho para ela. Ela não está olhando para mim, mas para a porta bloqueada.

— Vamos abrir isso — ela diz, o mais próximo que ela vai chegar de aceitar o meu pedido de desculpas.

Olho embaixo do painel de controle, procurando a pequena caixa marcada FUSÍVEIS E SENSORES. Os fios que conectam os sensores de pressão de ar estão cobertos por fita preta. Eles devem ter se desgastado ou algo assim há muito tempo e, então, foram apressadamente consertados — foi por isso que apresentaram mau funcionamento. Fico surpreso ao ver que a fita ainda está grudando; esse conserto deve ter sido feito gerações atrás.

Mas, de qualquer forma, eles parecem bem agora. E se os sensores estão operacionais — embora ninguém saiba por que diabos eles foram cortados em primeiro lugar — então eu deveria ser capaz de anular o processo de travamento.

O pedido do código de autorização militar pisca na tela do computador quando saio de baixo do painel de controle. Droga. Não sei o código secreto de dez dígitos do coronel Martin. Tento ignorar o pedido. Deve haver alguma maneira — afinal, Órion descobriu a maneira de abrir todas as portas em *Godspeed*, incluindo as do módulo de transporte.

Se Órion conseguiu destravá-la, eu também consigo. Volto-me para os computadores, dessa vez olhando os registros armazenados em arquivos importantes do computador. É uma tarefa simples o suficiente — além de Amy e eu, muito poucas pessoas entraram no módulo quando ainda estava ligado à nave. Depois de um momento, encontro um mesmo código que foi usado muitas vezes — K-A-Y-L-E-I-G-H. Não é preciso um grande palpite para descobrir que esse é o comando de anulação que Órion programou para o computador. Ele escolheria o nome dela, da pequena Kayleigh, cujo cadáver foi encontrado flutuando sobre o lago que escondia o segredo para a escotilha do módulo.

Amy fica de lado enquanto eu pulo e corro até o teclado ao lado da porta. Digito o código, e o travamento é anulado.

Escancaro a porta e estou prestes a passar por ela quando Amy pega meu braço. — Se ele estiver acordado — ela diz — temos de congelá-lo novamente.

Balanço a cabeça.

— Diabos, não! Se ele estiver acordado, nós precisamos interrogá-lo. Amy, ele é o único que sabe o que há aqui embaixo. Ele sabia que havia monstros; ele deve saber que tipo de monstros. Ele pode nos ajudar a combatê-los.

— Interrogue-o e depois volte a congelá-lo — Amy replica. Sua voz ainda está fria, mas há medo e dor em seus olhos. — Não podemos nos dar ao luxo de tê-lo aqui. Imagine o caos que ele vai trazer... imagine o que ele vai fazer com o povo da Terra agora que está acordado.

Não digo mais nada. Amy nunca será capaz de ver Órion a não ser como o Mal. Ela não vê o que vejo. Ela não vê a si mesma nele.

Amy me solta e eu abro mais a porta.

— Você não vai me abandonar de novo, certo?

Fico paralisado. Sua voz estava calma e tranquila, quase um sussurro, e mais cheia de tristeza do que já ouvi de seus lábios antes.

Sem esperar pela minha resposta, Amy passa por mim e entra no módulo.

O módulo está estranhamente silencioso. Partículas de poeira se movem no ar. Até mesmo os nossos passos são abafados.

Eu quase espero ver Órion casualmente sentado na sala crio, esperando por nós.

Mas é claro que ele não está.

— Aqui — diz Amy em um sussurro, aproximando-se da porta do laboratório de genética. O ar dentro do transporte é sufocante e cheira a mofo. Como podemos considerar a possibilidade de viver aqui ao invés de lá fora?

Amy coloca o polegar contra a fechadura biométrica. Ela solta a respiração que estava segurando enquanto a porta se abre.

Nós entramos.

— Onde ele está? — Amy pergunta. Ela olha para a câmara de congelamento. Antes, o rosto de Órion estava congelado contra o vidro. Mas agora... agora não há nada por trás da pequena janela. Nada de líquido crio. Nada de Órion.

— Isso é impossível — digo.

Amy olha ao redor do laboratório de genética, como se achasse que Órion iria saltar de trás da bomba de Phydus e dizer “Buu!”, mas eu ando pela câmara crio, o temor revirando minhas entranhas. O contador na câmara crio pisca 00:00:00. Acabou o tempo.

A porta se abre com um assobio, um silvo de ar e pressão são liberados.

Órion está caído no chão da câmara. Sua pele está vermelha e em carne viva e ele parece um amontoado de carne, e não uma pessoa. Mas ele treme, e é só por isso que sei que ele está vivo.

Amy suspira, e eu olho para ela. Seus olhos estão arregalados de horror, sua mão cobrindo a boca. Ela odeia Órion, mas não é insensível. Ninguém poderia olhar para essa casca de homem e não sentir pena.

— Órion? — digo baixinho.

Uma mão trêmula se estende, ainda úmida e com um leve brilho azul do líquido crio. Toco a mão dele. É macia — não macia de um modo suave, mas macia da mesma maneira que uma esponja molhada é macia. Quando tento ajudá-lo a ficar em pé, puxando-o pelo braço, Órion abre a boca, e um grito áspero, aspirado e ofegante sai de seus lábios. Soa como um estertor.

Ele está morrendo.

A ideia me atinge de uma só vez, tão repentinamente que quase fico enjoado com o pensamento, mas sei que é verdade.

Ele está morrendo.

Enquanto Órion se esforça para ficar em pé, com seus músculos fracos e atrofiados, minha mente volta para o momento em que o congelamos. Nós — eu — simplesmente o empurrei para dentro da câmara crio e liguei. Não preparei seu corpo. Não colocamos escâneres elétricos de pulso em sua pele para ajudar a ajustar sua reanimação. Não colocamos gotas em seus olhos ou criolíquido em seu sangue. Ele foi congelado em suas roupas normais.

Além de nossas mãos agarradas, o sangue escorre do punho da manga de sua camisa. Sua pele se confunde com a roupa, e rasga-se tão facilmente quanto papel molhado.

Amy empurra uma mesa de metal com rodas em nossa direção, e assim que Órion está totalmente na vertical, eu o ajudo a dar dois passos para que ele possa se sentar sobre a mesa baixa.

Suas costas se curvam. Seus cabelos, ainda pingando líquido crio azul cintilante, pende em cachos. Ele está ofegante, como se tivesse corrido uma grande distância, sugando o ar com toda a energia que tem. Seus dedos se curvam como garras e ele os levanta até o seu rosto.

É quando percebo seus olhos.

Eles estão abertos e esbugalhados, da mesma forma que estavam quando ele estava congelado. Há um pálido filme azul sobre sua íris, como se ele tivesse cataratas, mas com uma cor mais brilhante, o mesmo azul dos pontos brilhantes no líquido crio. Suas mãos em forma de garras passam por seu rosto, sobre seus olhos agora fechados, parando sobre sua boca.

Ele murmura algo em seus dedos.

Ao meu lado, Amy está tremendo. Seus próprios olhos estão bem abertos, olhando para essa animalesca sombra de um homem.

As mãos de Órion caem para o seu lado.

Inclino-me para baixo, tentando olhar em seus olhos. Mas não posso. Seus olhos não têm foco.

Ele está cego.

Ele está cego, está machucado e está morrendo.

E não há nada que possamos fazer para deter isso.

Não importa que eu não tivesse essa intenção. Está feito.

E fui eu que fiz isso.

21: AMY

Quero que ele se enfureça.

Quero que ele grite, que brigue, que vire a mesa e nos ataque.

Esse é o Órion que eu entendo.

Eu não sei o que devo sentir sobre um Órion que foi torturado — cuja própria existência é tortura — e que está morrendo diante dos meus olhos.

— O que aconteceu? — as palavras saem de sua boca como um rangido. Abrir os lábios faz com que os cantos de sua boca comecem a sangrar, apenas um pouco, apenas o suficiente para escorrer pelo lado do seu queixo.

Elder mantém sua voz calma, como se estivesse falando com um animal arisco. — Você foi congelado.

O corpo de Órion treme, e preciso de um momento para perceber que foi uma tentativa de risada.

— Não diga. Quanto tempo?

— Três meses.

Eu o observo enquanto essa informação penetra em seu cérebro. Ele parece envelhecer os três meses adicionais em um instante.

— Onde estamos?

Ele não quer dizer em que sala está. Ele quer saber se ainda estamos em *Godspeed* ou se estamos em Terra-Centauri.

— Nós pousamos — diz Elder.

— Por quê? — Órion pergunta. Não há raiva em sua voz, nem acusação.

— Foi preciso — Elder diz, mas estou começando a perguntar-me se isso é verdade.

O sorriso de Órion é amargo, como se ele duvidasse da necessidade também. Ele levanta a cabeça.

— Por que dói tanto? — Sua voz é apenas um sussurro. — Por que não consigo ver? — Há medo nele agora, e pavor.

Algo se quebra em meu coração.

— Você não foi congelado corretamente.

— Eu não... — Ele engole, e até mesmo essa ação parece dolorosa. — Eu não me sinto bem.

— Eu sei — diz Elder suavemente. — Eu sei. — Depois de um momento, ele acrescenta. — Eu sinto muito.

O rosto de Órion se inclina na direção de Elder — e na minha. Por um momento, seus olhos nublados parecem pousar sobre mim, mas não — eles estão cegos.

— Não o culpo por isso — ele diz com uma voz mais forte do que antes.

Elder inclina a cabeça. Órion pode não culpá-lo, mas ele se culpa.

— Talvez eu tenha merecido. Eu não culpo a garota tampouco.

Meu coração para. Garota. Ele está falando sobre mim.

— Essa garota... estou feliz que você a tenha encontrado. Fico feliz que ela tenha acordado. Eu já havia tentado me rebelar antes, você sabe disso. Não tinha uma garota como ela. Só consegui mais cicatrizes.

Ele toca o pescoço.

— Parece que estou acumulando um monte de cicatrizes. — Sua mão vai na direção de seus olhos. Ele os cobre com as palmas das mãos e sua cabeça pende.

— Não deveríamos estar aqui — diz Órion.

— Foi necessário — Elder começa a dizer de novo, mas Órion o interrompe.

— Não, não era. — Ele tosse, um som molhado, cavernoso. — Você viu o planeta e não conseguiu ficar longe dele. Eu sei. Eu também o vi. Mas tive o bom senso de manter nosso povo em *Godspeed*, seguro. — Ele tosse, o sangue respingando novamente nos lábios inchados.

— Acho que eu não sou digno de vê-lo agora que estamos aqui.

Há tanto anseio em sua voz.

E, pela primeira vez, percebo que tenho algo em comum com Órion.

— Tenho minhas próprias razões para me arrepender — diz Órion. Elder parece querer falar algo, mas parece não ser capaz de encontrar as palavras.

O sangue escorre livremente pelo queixo de Órion agora, e os seus olhos

estão vazando.

Ele está se desfazendo na nossa frente.

— Eu nunca os observei morrer — ele coaxa, ecoando meus pensamentos anteriores. — Talvez se eu tivesse, não teria deixado que se afogassem.

— Órion — Elder finalmente diz. — Precisamos de ajuda.

A mão de Órion apalpa a mesa, sentindo as bordas.

— Tão... cansado...

— O que você pode nos contar sobre os monstros do planeta? — Elder pergunta, a urgência em sua voz. Órion está morrendo, mas não podemos deixá-lo morrer com seus segredos ainda escondidos.

— Escravos ou soldados — Órion diz. Ele cai sobre a mesa, deitado, as pernas balançando para um lado. — Eu disse a você... escravos ou soldados.

— Não os congelados — diz Elder. — Não estou falando sobre os congelados. Sei como eles são perigosos. Preciso saber o quê você sabe sobre as criaturas no planeta? Você sabia o que estaria esperando por nós, se pousássemos?

O corpo de Órion sibila — outra risada? Ou algo pior?

— Conte-nos! — diz Elder, elevando a voz. — Você tem que nos dizer! Precisamos saber o que estamos enfrentando! Pessoas já morreram.

— E daí? — Órion coaxa. — Eu estou morrendo.

— Você tem que nos dizer! — Elder agarra o braço de Órion.

Ele faz um barulho molhado quando Elder o agarra, e a boca de Órion suga o ar para dar um grito que sua garganta não pode produzir. Elder tira a mão enquanto o corpo de Órion tem espasmos de dor.

Depois que se acalma, Órion fala. Sua voz está mais fraca do que antes.

— Não me diga que você não os encontrou? — Ele tosse, um som seco, como papel. — Oh, pequeno príncipe, não me diga que você não seguiu todas as pistas.

— Nós não temos tempo para pistas. — A voz de Elder é suplicante; ele soa como se estivesse prestes a chorar. — Apenas me diga.

Órion luta para sentar-se novamente, mas não consegue. Em vez disso, ele vira o rosto para Elder. Seus olhos cegos estão fechados, o esforço para mantê-

los abertos já é demasiado.

— Mostre-me o mundo — ele diz, fazendo um esforço para fazer com que as palavras soem fortes. — Por favor. Sua voz não implora por nada, é somente um simples apelo, dito de forma simples.

Elder parece confuso, surpreso. Mas eu sei o que Órion quer dizer. Ele não vai falar, se não o levarmos para fora.

Eu me levanto e ando tão silenciosamente quanto possível até a porta, fazendo sinal para que Elder me siga. Ele empurra a mesa com rodas à sua frente. Os únicos sons na sala crio são os de nós dois caminhando e a mesa chocalhando sobre o chão de metal.

E Órion, ofegante, sobre a mesa, agarrando-se à vida por esse único momento.

Quando Elder empurra a mesa pelo corredor em direção à porta da ponte, o corpo de Órion desliza sobre a superfície do metal. Ele suspira, algo em seu peito fazendo um barulho crepitante, seus olhos cegos abertos enquanto ele cospe sangue. Não são apenas os lados de sua boca que estão sangrando agora, algo dentro dele também se rompeu.

Tínhamos deixado a porta da ponte aberta quando entramos, mas tenho que sair primeiro, erguendo a extremidade da mesa e puxando-a sobre a borda da porta que trava o módulo. Se Órion adivinhou que há outra pessoa com ele além de Elder, ele não faz nenhuma menção a isso.

Quando estamos do lado de fora, ele vira o rosto para os sóis. Eles estão mais altos no céu, acima dos topos das árvores. O corpo dele parece menor, encolhido em relevo contra a mesa de metal sem brilho, mas seus olhos ainda estão abertos e percorrendo os arredores, esforçando-se para ver o que está acontecendo. Tenho pena dele nesse momento, mas então eu me lembro da forma como os olhos de Theo Kennedy ficaram inchados e esbugalhados na morte, e a piedade azeda no meu coração.

Órion levanta o braço, esticando-o para cima, os dedos espalmados. Ele respira fundo, saboreando o ar fresco. Seu corpo parece ser uma extensão de suas narinas abertas; tudo está centrado em seu sentido do olfato. Uma brisa morna rodopia à nossa volta, e ele inclina a cabeça em direção a ela. O vento faz com que as folhas da floresta farfalem e se agitem, e Órion vira os ouvidos em direção do som.

Seu corpo está focado nos sentidos que lhe restam, absorvendo esse mundo tão completamente quanto possível.

Seu braço se abaixa lentamente. Os cantos de sua boca se curvam para cima.

Ele suspira, e, com esse suspiro, o último sopro de vida escapa de seu corpo.

A pouca luz que permanece em seus olhos desbotados desaparece lentamente.

22: ELDER

— Ele se foi.

Amy diz as palavras, mas ainda não consigo entendê-las.

Ele não pode ter morrido. Seus olhos cegos ainda estão olhando, ainda tentam absorver o mundo que ele nunca poderá ver.

Não tenho coragem de fechá-los.

— Ele era como eu, você sabe. Um eu que enfrentou a verdade sozinho. Um eu que fez o que fez para proteger o meu povo. Tudo de bom na minha vida veio dele e não lhe dei nada em troca. Tecnicamente, quero dizer.

— Eu sei — responde Amy.

— Sinto muito — sussurro para Órion, porque mesmo que ele fosse um assassino, ele não merecia isso. Ele não merecia que o planeta tivesse sido dado a ele e então roubado.

Não olho nos olhos de Amy enquanto caio no chão e coloco a cabeça contra o metal duro da nave. Não há esperança. Nós nunca deveríamos ter vindo. Deveríamos ter ficado em *Godspeed*.

— Nós vamos encontrar uma maneira — diz Amy. — Não vamos deixar que todos morram. — Ela se senta ao meu lado e descansa a cabeça no meu ombro. Por alguns minutos, nós apenas ficamos sentados, em silêncio, eu confrontado com a percepção de que eu não posso salvar meu povo, se não sei o que é preciso para protegê-lo, Amy apoiada em mim, servindo como um lembrete de tudo o que Órion não teve.

— Elder — Amy diz depois de um tempo —, do que foi que ele o chamou?

— Do que você está falando?

— Ele nos deu uma pista — ela diz, a voz cheia de surpresa. — Antes de morrer...

Sua voz silencia-se enquanto ela fica em pé, animada.

— O que você quer dizer? — pergunto, meu coração batendo forte. Meus joelhos estão fracos com a esperança quando me levanto.

— Uma pista! Eu não sei se ele queria ou não, mas ele nos deu uma pista.

— Uma pista? Que pista?

— Pense nisso — Amy diz, seus olhos piscando. — Pense sobre a trilha de pistas que seguimos.

Minha mente revive aquela época. O quadro de Harley. O com-wi de Amy. Shakespeare e Dante. E outro livro...

— Você se esqueceu, é claro que você se esqueceu, estava distraído com os trajes espaciais na época. — Seus olhos estão arregalados e brilhando.

— Trajes espaciais?

Amy pega a minha mão e me arrasta para trás em direção à porta do módulo.

— Lembra-se de quando descobrimos a sala com os trajes? Havia um livro lá, exatamente como os outros livros que Órion deixou para nós, mas não havia uma pista dentro dele. Você se lembra que livro era? — Sua voz é frenética, urgente.

Balanço minha cabeça. Meu único pensamento era ir do lado de fora de *Godspeed* e ver o universo que havia sido bloqueado por paredes de aço por toda a minha vida.

— Eu me lembro — Amy diz, sorrindo. — Aquele livro era O Pequeno Príncipe.

Ela vira de frente para mim, as pontas de seu cabelo chicoteando seu pescoço. — E do que ele chamou você agora?

— Um pequeno príncipe — respondo automaticamente. Por um breve momento, a esperança que emana de Amy me contamina. Mas não. — Isso não pode ser uma pista — digo. Meus olhos se viram para o corpo imóvel de Órion, ainda olhando inexpressivamente para o céu azul. — Ele estava apenas se divertindo às minhas custas, dizendo que eu era, você sabe, o líder, mas não um bom líder. Além disso, nós já descobrimos aquele livro e a pista que estava nele.

Amy franze a testa, pensando.

— Qual era a pista? — ela pergunta.

Dou de ombros.

— Apenas alguns textos sublinhados.

— Não, quero dizer, o que aquela pista nos mostrou? Cada pista que Órion deixou para nós tinha um motivo. Cada uma delas levava a outra coisa, cada

peça era importante. Qual tinha sido a importância daquela pista?

— Foi sobre onde os trajes espaciais estavam.

Amy balança a cabeça.

— Mas não foi assim que encontramos os trajes, essa pista veio do soneto.

— Então?

— Então nós deixamos passar algo — diz Amy. — Órion sabia de algo mais, algo sobre a nave ou a missão que deveríamos ter descoberto então... mas não o fizemos. Nós perdemos uma pista.

Ela está certa. Quando descobrimos o pequeno livro, fiquei distraído pelos trajes espaciais, e depois pelo planeta. E Amy ficou distraída com a maneira como quase morri. Tudo aconteceu tão rapidamente... e se nós deixamos algo passar? Uma última pista, algo que vai explicar o que estamos enfrentando em Terra-Centauri.

Vou direto para a sala dos trajes espaciais, na primeira porta depois da ponte. A sala ainda está cheia até a borda de suprimentos que trouxemos de *Godspeed*. Olho para as caixas de comida, as caixas de tecido, suprimentos médicos e tudo o mais que pensei que iríamos precisar.

E é quando o pensamento me atinge: Não há nenhuma maneira de aquele livro ainda estar aqui. Estúpido de minha parte vir aqui e olhar, realmente. Eu sabia que ele não estaria aqui. Nós limpamos essa sala. Enchemos essa sala de equipamentos agrícolas e animais. Em algum ponto no tempo, qualquer um poderia ter pegado o pequeno volume de *O Pequeno Príncipe* e jogado fora. Poderia ter sido em *Godspeed*. Poderia ter sido jogado fora. Destruído.

Talvez houvesse mais uma pista em *O Pequeno Príncipe*. Mas o que quer que fosse, está muito longe agora.

Amy ri.

— Oh, homens de pouca fé — ela diz. — Eu estava aqui, enquanto eles estavam colocando as coisas nessa sala. Eu ia levar o livro de volta para o Salão de Registros, mas... — ela olha fixamente para os engradados que estão no meio do caminho. — Ajude-me a subir aqui, por favor?

— O quê? — pergunto, incrédulo.

— Ajude-me a subir.

Ela coloca ambas as mãos no engradado mais próximo, testando seu peso

contra ele. Quando coloco minhas mãos sob seu pé, ela dá um impulso para cima, tentando escalar as caixas.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Ela sobe por sobre as caixas, ocasionalmente escorregando, e uma vez caindo dentro de uma caixa cheia de tecido e xingando.

— Sei que havíamos concordado que não iríamos desperdiçar espaço com qualquer coisa que não fosse necessário para sobreviver, mas... — A voz dela silencia quando ela chega até a parede, seus olhos na mesma direção do monitor quebrado que deveria mostrar como os trajes espaciais funcionavam. — Mas eu simplesmente não podia deixar esse livro para trás.

Amy enfia os dedos sob o monitor de vidro embutido na parede, e ele desliza para fora do gancho. Ela tira um pequeno volume com uma imagem desenhada à mão de um menino em pé sobre uma lua cheia de crateras. Amy se arrasta de volta sobre os engradados e, em seguida, salta para baixo, atirando-me o livro. O Pequeno Príncipe está gravado na capa, seguida de um nome impronunciável.

Folheio as páginas até encontrar a pista que Órion havia nos deixado, o texto sublinhado que Amy viu, mas nenhum de nós pensou em explorar.

— Eu — respondeu o príncipezinho — eu não gosto de condenar à morte.

— É um alerta — murmuro ao lê-lo.

Amy lê sobre meu ombro.

— Deve haver algo mais. Órion não teria deixado uma pista que não nos levasse a lugar nenhum, e ele não a teria mencionado, não quando estava morrendo, não quando você estava dizendo a ele que estávamos no planeta e que era perigoso. Ele pode ter sido um psicopata, mas era cuidadoso com suas pistas. Deve haver alguma coisa aqui que esteja relacionada com o porquê de Terra-Centauri ser perigoso, e o que estamos realmente enfrentando.

Não tenho certeza de quanto disso tudo é lógica e quanto é apenas um desejo, mas é a única chance que temos.

Eu viro o livro fechado em minhas mãos, examinando a capa. Órion me chamou de pequeno príncipe, mas tenho que admitir, não acho que eu tenha algo em comum com esse aqui. Esse pequeno príncipe está em pé, em cima de seu reino que é uma rocha seca e poeirenta, e ele não sabe o que é ter um milhar de pessoas dependendo dele. Ele podia sair de seu planeta e saltar pelo universo de

um lugar para outro — e, quando começo a folhear as páginas do livro, vejo que é só o que ele faz. Ele não deve sentir o peso da gravidade sobre um planeta tão pequeno, mas há muito mais do que a gravidade me arrastando para baixo.

Começo a tentar ler a história, mas Amy está impaciente e não consigo me concentrar nas palavras. Parece bobagem — há um chapéu, uma rosa e uma raposa, e pouca coisa faz sentido. Quando chego ao fim, entrego o livro de volta para Amy.

— Não há nada aqui — digo novamente.

Ela balança a cabeça, abrindo o livro novamente.

— Tem de haver.

Ela não começa no início do livro dessa vez; ela começa perto do meio, onde Órion sublinhou o texto. Seus dedos traçam os círculos e os sublinhados, ranhuras profundas causadas por uma caneta apertada com força contra a página. Ela vira algumas páginas, correndo os dedos sobre as ilustrações, um homem gordo com uma capa de estrelas espalhadas por ela, elevando-se acima de um planeta ainda menor do que o do Pequeno Príncipe.

Amy suspira.

— O que é? — pergunto, inclinando-me para a frente.

— Olhe. — Ela estende o livro para mim. Fico olhando para a página. — Olhe.

E então eu vejo.

A pista não está no texto — está na ilustração. O homem da figura está sentado em um trono.

— Ele é o rei — diz Amy. — Ele pensa que é o rei das estrelas. — Sua capa o envolve e desce ao longo dos lados do planeta, o tecido ondulante sobre toda a superfície. Uma dúzia ou mais de estrelas amarelas decoram o manto, dando a impressão de que ele está rodeado pelo universo.

Ele usa uma coroa de ouro e seu rosto é uma carranca, e por razões que não posso explicar, seu rosto enrugado lembra-me o de Eldest.

E exatamente no lugar onde o coração do rei deve estar, há uma estrela. É parte do desenho original e é uma das muitas estrelas que decoram o manto, mas dentro da estrela, em tinta preta muito fraca, há um coração desenhado à mão que definitivamente não era parte da ilustração do livro.

— E veja aqui — Amy diz, apontando para o fundo do pequeno planeta que o rei usa como um trono. Em letras minúsculas há uma sentença, curvando-se ao longo da borda do planeta:

Quem são os verdadeiros monstros?

23: AMY

Quem são os monstros. Não o quê. Quem.

Elder suspira e fecha o livro.

— Qual o problema? — pergunto.

— Isso não nos diz nada. — Ele olha para o livro com nojo. — É apenas outra maldita pista. E onde isso teria nos levado? Está fora de nosso alcance.

— Não temos certeza disso — respondo, mesmo que, no fundo, suspeite que ele esteja certo.

Elder toca no lado de seu pescoço, onde seu agora inútil com-wi está.

— Amy, não há esperança. A resposta está orbitando o planeta, em algum lugar de *Godspeed*.

— Não é impossível — digo, embora realmente não possa ver outra possibilidade.

Elder não responde. Quando olho para ele, seus olhos estão sérios e preocupados.

— O que foi? — pergunto, brincando com o meu cabelo. Seu olhar intenso me deixa nervosa.

— Você sabe que eu não queria deixá-la — ele diz, sem desviar o olhar.

— O quê?

— Quando você desmaiou. Eu não queria deixá-la. Queria ficar. Mas seus pais...

— Elder... sinto-me uma idiota por ter tocado no assunto. — Eu não preciso dele ao meu lado a cada segundo do dia para saber que quero que ele esteja lá. Acho que a única coisa que sua ausência essa manhã realmente provou é que eu quero e preciso dele por perto também.

— Falando de seus pais, devemos voltar — Elder diz, a derrota em sua voz. — Seu pai vai querer saber que o módulo está aberto agora.

Concordo com a cabeça — ele está certo. Coloco O Pequeno Príncipe debaixo do braço e sigo-o para fora do módulo. Mesmo que tenhamos

conseguido a coisa que viemos buscar — a pista que poderia nos dar as respostas que precisamos — parece que fomos derrotados. Na ponte, Elder para, olhando para o corpo de Órion. Os cabelos longos de Elder escondem seu rosto e sua sombra lança a escuridão sobre Órion, quase fazendo parecer que Elder estava olhando para seu próprio reflexo. Aperto o livro contra o peito, tentando dissipar a imagem.

— Amy? — uma voz masculina surpresa me chama. Elder dá um passo à minha frente, como se para me proteger de um inimigo, mas qualquer inimigo nesse planeta não saberia o meu nome.

Chris sai das sombras das árvores.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta, surpreso e talvez com um pouco de suspeita.

— Eu tenho todo o direito de estar no meu módulo — diz Elder em voz alta. — O que você está fazendo aqui?

— O coronel Martin enviou-me para verificar se o travamento do módulo havia terminado — diz Chris. — O que é isso?

Ele aponta para o corpo de Órion.

Elder explica a ele — parcialmente. Ele diz a Chris que Órion era um shipborn que tinha sido congelado por crimes que ele cometera em *Godspeed*, mas não conta a ele sobre as pistas.

— Vocês dois deveriam voltar para as ruínas — diz Chris quando Elder termina. — O coronel Martin está fazendo uma reunião com toda a colônia. Ele só está esperando que eu retorne com o amplificador de voz. — Ele corre pela rampa até a ponte cuidadosamente, evitando o contato com a mesa de metal e com o corpo de Órion. Depois de retirar algo, um amplificador de voz, aparentemente, de um painel construído no módulo, ele o joga para Elder, e Elder o passa para mim. Eu o seguro ao lado da cópia de *O Pequeno Príncipe*. Chris olha para o livro, mas não faz nenhuma pergunta.

— O que faremos com... — Elder diz, fazendo uma pausa. — O que faremos com o corpo de Órion?

— Cuidarei disso — Chris diz suavemente. — Estou ajudando com os outros.

Juliana Robertson e Lorin.

Tantos.

Demais.

E nem mesmo sabemos o que aconteceu.

— Não sabemos mais nada sobre como elas morreram? — Elder pergunta, obviamente pensando a mesma coisa que eu.

— Os pteros. — Ao ver nossos olhares, Chris é mais específico. — É assim que estão chamando essas aves monstros. Pteros, abreviação de pterodátilo ou pterossauro ou algo assim. Porque eles se parecem tanto com dinossauros.

Imagino como devem ter sido os últimos momentos de Lorin e Juliana — as garras e os dentes parecidos com serras. Meus lábios se curvam involuntariamente em desgosto, e me forço a não pensar sobre isso.

— Você deve ir — acrescenta Chris. — Seu pai ainda não percebeu que você não está lá, Amy, mas ele irá, em breve...

Concordo com a cabeça — meu pai vai ficar furioso se descobrir que voltei ao módulo, especialmente depois do fiasco de ontem com as flores roxas. Pegando a mão de Elder, gentilmente o arrasto para fora, de volta na direção das ruínas, enquanto Chris dirige-se até a rampa.

— O que ele vai fazer com ele? — Elder pergunta, olhando para o módulo e quase tropeçando em uma raiz exposta.

— Com quem?

— Órion.

— Enterrá-lo, eu acho — digo. — Isso é o que eles fizeram com os outros, os que morreram durante o pouso.

Elder franze a testa. Ele para e começa a voltar para o módulo, então para de novo e continua indo na direção das ruínas.

— Não gosto disso — ele diz em voz baixa.

— O que... o que o seu povo fazia com os mortos? — pergunto, gaguejando na pergunta. Sei que não havia religião na nave, mas nunca ficou muito claro o que acontecia com aqueles que morriam. A morte de Harley não deixou nenhum corpo, e nunca vi o que aconteceu com os outros. Quando conheci Steela, uma idosa que havia sido morta apenas por causa de sua idade, Doc deu a entender que os corpos eram reciclados, mas ninguém, nem mesmo Elder, sabia nada sobre isso, acho. E isso foi o mais próximo que eu vim a descobrir sobre a

verdade.

— Nós os enviamos para as estrelas — diz Elder. — Eu li sobre religiões antigas e rituais. Não fazemos uma exibição da morte, não há “orações” ou qualquer coisa. Não acreditávamos em deuses, mas todos podíamos ver a beleza da eternidade, flutuando livremente longe dos limites da nave, à deriva através do universo.

Ele engole em seco, e noto que seus olhos estão muito vermelhos.

— O que devemos fazer com os mortos, agora que eles não podem mais voar para longe? — ele pergunta. — Enterrá-los é o exato oposto de libertá-los no universo.

— Minha mãe me contou uma vez que um físico famoso disse que somos todos feitos de material estelar^[12] — digo lentamente, tentando me lembrar das palavras exatas da citação. — Que as partículas dentro de nós são as mesmas que estão nas estrelas. Talvez não faça diferença se alguém está enterrado ou flutuando no espaço; talvez eles sejam enviados para as estrelas de qualquer maneira.

— Ainda assim estão mortos — Elder diz amargamente.

— Todos nós vamos morrer um dia. Talvez a única coisa que torne esse fato suportável seja a ideia de que a morte é a única maneira de voltar para as estrelas.

Quando chegamos à margem da floresta, as pessoas já estão se amontoando em uma multidão na campina que se estende entre as árvores e as ruínas. Todos eles murmuram entre si, sons altos, mas muito indistintos para que eu possa identificar palavras específicas. Não preciso de palavras, no entanto, para saber o que eles estão sentindo. Medo. Começo a contornar a borda da multidão, em direção aos edifícios, mas Elder agarra minha mão e a aperta. Com um olhar, sei o que ele pretende fazer — ficar aqui, onde ele é mais necessário. Concorro com a cabeça em silêncio e vou em frente, abrindo caminho e esquivando-me de grupos de pessoas ansiosas e preocupadas, até chegar aos edifícios à beira das ruínas.

— Aí está você! — minha mãe diz, o alívio em sua voz. — Onde você estava? Por aí com esse garoto Elder? Você me deixou apavorada! Se você vai fazer algo assim, pelo menos, leve Chris ou um dos outros militares com você.

— Eu estava apenas... hum... — eu começo, tentando fabricar uma mentira.

Minha mãe nem sequer notou a cópia surrada de O Pequeno Príncipe ou o amplificador de voz que estou carregando.

— Chris me deu isso para dar ao papai — digo finalmente, estendendo o amplificador de voz enquanto deslizo o livro para trás nas minhas costas.

Minha mãe leva-me até o primeiro edifício.

Paro abruptamente.

Dois corpos foram colocados no chão empoeirado. Um corpo está coberto, a maior parte dele. Ainda posso ver o monte de cabelo espesso saindo debaixo do casaco que cobre metade do rosto de Juliana Robertson, mas essa é a única coisa que a identifica. Seu corpo está mutilado e sangrento de uma forma carnívora, e não tenho nenhuma dúvida de que um pterô a matou.

Lorin parece como se estivesse dormindo.

Mas não está.

— Onde está o Dr. Gupta? — pergunto.

Minha mãe suspira.

— Não temos certeza, mas... não parece bom. Havia... pedaços... da pobre Juliana espalhados por lá. Pensamos a princípio que o Dr. Gupta estava, hum... entre os pedaços. Mas parece que ele ainda está desaparecido. — Olho para ela, esperançosa, mas o olhar em seu rosto faz minha esperança morrer. — Ou pode ser que apenas não sobrou mais nada dele... quero dizer... Amy, talvez ele tenha sido...

— Comido? — Suspiro.

O rosto de mamãe é sombrio.

— Amy! Eu estava procurando por você — grita meu pai, descendo os degraus do edifício. — Você viu Chris? Todos estão esperando pelo meu discurso.

Isso é tudo o que ele quer saber? Sério? Passo ao redor dos corpos cobertos.

— Aqui — digo, entregando-lhe o amplificador de voz. Sinto-me mal. — Ah, e sabe? O Elder conseguiu destravar o módulo.

— É mesmo? — Meu pai realmente parece satisfeito com isso. — Bem, isso é bom. Estou feliz que algo esteja finalmente funcionando a nosso favor.

Papai volta para cima e quando me viro, mamãe também se foi.

Provavelmente está lá fora para ouvir o discurso de meu pai.

Sou só eu e os corpos — um mutilado, o outro intacto. Juliana tem apenas um olho, e ele me observa, enquanto saio correndo da sala.

24: ELDER

O coronel Martin está no telhado do edifício mais próximo, o amplificador de voz em sua mão. Em torno de mim, meu povo muda de posição nervosamente. No módulo, havia uma linha invisível que dividia as pessoas nascidas na Terra dos nascidos na nave.

Agora, os cientistas ficam mais próximos dos edifícios, e os militares ficam mais próximos da floresta, prendendo o meu povo no meio.

— Atenção, todos os membros de nossa colônia — o coronel Martin diz. Meus lábios se curvam em um sorriso amargo. Inteligente da parte dele, chamar-nos de colônia. Como se estivéssemos unidos.

— É meu dever primeiro informá-los de uma circunstância triste. Ontem à noite, dois membros do grupo, um terráqueo e um shipborn, foram encontrados mortos.

As palavras do coronel Martin faz com que uma enxurrada de conversas se eleve até que ele levanta a mão, pedindo silêncio. A notícia do desaparecimento de Lorin se espalhou rapidamente entre o meu povo, mas saber que ela está morta — isso é outra coisa completamente diferente.

— Suas mortes nos fazem lembrar que esse planeta é cheio de perigos desconhecidos. Algo tão simples como cheirar uma flor pode deixá-los doentes; desgarrar-se do grupo poderia torná-los vítimas de animais selvagens.

Olho ao meu redor. Há um verdadeiro terror gravado em cada rosto. Pergunto-me se o coronel Martin sabe o que ele fez. O medo do desconhecido é o maior tipo de medo que há, e ele acabou de assegurar que tudo nesse planeta é um perigo desconhecido para o meu povo.

— Meus militares aplicarão as regras — o coronel Martin continua —, o toque de recolher, instruções sobre quem pode ir onde etc., para sua própria segurança.

Percebo que estou segurando minha respiração. Talvez sejam os anos que vivi com Eldest que me façam desconfiar do discurso do coronel Martin, ou talvez tenha sido a briga com Bartie nos últimos dias, ou talvez porque eu sei o que Órion diria se estivesse aqui agora. Mas não consigo me livrar do mal-estar

que faz meu estômago se revirar.

— Nós conseguimos destravar o módulo, mas se a evacuação nos ensinou algo, é que não é aconselhável ter a colônia inteira vivendo dentro de uma área tão limitada. Todos os ovos em uma cesta, por assim dizer. Portanto, deste ponto em diante, o módulo será utilizado para armazenamento e pesquisa científica. Todos, terráqueos e shipborns, irão se realocar nos edifícios aqui. Embora seja necessário que partilhemos o nosso espaço, eles nos darão muito mais privacidade do que se estivéssemos todos vivendo no espaço apertado do módulo.

Concordo com ele aqui; aquela primeira noite foi horrível.

— A primeira parte da manhã será gasta com a realocação. Tragam quaisquer suprimentos que vocês precisem para o dia-a-dia de volta para o edifício que será sua nova casa. Meu povo vai distribuir rações alimentares ao meio-dia e, com elas, atribuições de tarefas.

Estreito meus olhos.

— Cada pessoa terá de contribuir. Precisamos de coisas básicas para nossa sobrevivência, e todos nós devemos trabalhar juntos para garantir que isso aconteça.

Não tenho nenhuma dúvida de que o que ele está dizendo é verdade. Mas também não tenho nenhuma dúvida de que esse é o primeiro passo da profecia de Órion. Soldados, ele advertiu. Ou escravos.

Enquanto os militares levam as pessoas até o módulo, faço meu caminho de volta às ruínas e ao coronel Martin. Eu o encontro quando ele está saindo do prédio.

— Elder, aí está você — ele diz. — Tentei falar com você antes da reunião, mas não consegui encontrá-lo.

Vou direto ao ponto.

— Como você vai dividir o trabalho? — pergunto.

O coronel Martin estende a mão, e Emma, que está atrás dele, dá a ele um bloco de notas.

— Eu conversei com sua médica, Cat..

— Kit — eu o corrijo automaticamente.

— Kit. — O coronel Martin acena. — Ela fez uma lista e foi gentil o

suficiente para compartilhá-la comigo, indicando as habilidades de trabalho de seu povo. Eu gostaria de fazer com que os agricultores comecem a trabalhar imediatamente, acredito que pousamos na época de verão nesse planeta, mas pode não ser muito tarde para começar a cultivar algo.

— Isso parece bom — digo, surpreso com a abordagem do coronel Martin.

— O outro trabalho é manual, mas é necessário — o coronel Martin continua. — Uma clareira deve ser aberta entre as ruínas e o módulo. Sanitários... os sanitários são prioridade. Nós temos uma bomba e alguns tubos de água também, e eu gostaria de começar logo para que possamos trazer a água do lago até aqui.

Concordo com a cabeça.

— Posso ajudar a distribuir o trabalho entre o meu povo — digo. Mas quero saber o que o seu povo vai fazer.

— A principal missão da IRF com nossa colônia era descobrir novos recursos, então gostaria que alguns dos geólogos estivessem presentes quando as privadas forem cavadas — o coronel Martin diz. — Os outros cientistas estarão realizando suas missões individuais, e os militares serão distribuídos uniformemente por toda a área para proteger a todos.

— Dessas coisas que vocês estão chamando de pteros?

— Exatamente. — O coronel Martin se inclina para trás, convidando-me a continuar, e não posso evitar, mas sinto que de alguma forma ele está usando suas palavras da mesma forma que uma aranha usa uma teia.

— Mas você não está preocupado em proteger-nos do que quer que tenha construído as ruínas onde estamos vivendo agora? — pergunto.

— Vou lembrá-lo de que foi sua a ideia de abrigar-nos nessas ruínas — o coronel Martin diz jovialmente. — E foi uma boa ideia. Mas até agora não temos razão para suspeitar que as formas de vida que construíram essas estruturas onde estamos atualmente residindo desejem causar-nos qualquer dano ou, se de fato, ainda estão atualmente no planeta.

Fico olhando para ele, esperando que ele continue. Ele não continua.

— Você não está nem mesmo curioso sobre eles? — pergunto, incapaz de manter a descrença longe da minha voz. — Eles têm o mesmo tamanho dos seres humanos, construíram edifícios que se adaptam às nossas necessidades perfeitamente e não há nenhum traço deles. Você nem mesmo se importa?

— Eu me importo — diz o coronel Martin, sua voz grave — com o futuro de nossa colônia. Não com a história desse planeta.

— Então você quer banheiros e amostras de terra — rosno. — E estou supondo que não posso esperar que nenhuma pessoa de seu grupo vá fazer qualquer escavação.

O coronel Martin para.

— Podemos fornecer ferramentas, mas não temos a mão de obra para...

Eu o interrompo com um aceno da minha mão. Eu deveria ter sabido. As advertências de Órion ecoam meus ouvidos.

— Então as pessoas do meu povo serão as únicas a fazer todo o trabalho?

O coronel Martin se mexe.

— Há apenas uma centena de nós, na verdade, apenas 98...

— E todos os 98 de vocês vão urinar nos banheiros — desabafo.

— Nós vamos ajudar. Alguns dos meus homens vão instalar a tubulação de água e, como eu disse, os geólogos estarão com as mãos na massa para recolher amostras de solo para avaliação. Temos que trabalhar juntos, Elder. — O coronel Martin não parece estar sendo paternalista; há uma preocupação real em sua voz, e o olhar sincero em seu rosto é o mesmo que Amy tem toda vez que ela me faz uma promessa. Ele realmente acredita no que está falando.

Dou um suspiro. Será que eu teria sido tão antagônico, se não tivesse as palavras de Órion ecoando em minha cabeça? Se eu não o tivesse visto morrer menos de uma hora atrás?

— Eu sei — digo. — Eu entendo. Estamos juntos nisso.

Eu só gostaria que o fato de dizer isso não fizesse a situação parecer tão ameaçadora.

Amy me alcança quando estou ajudando a distribuir nossas rações do almoço — uma única porção de comida de parede⁽¹³⁾ desidratada, que é ao mesmo tempo seca e sem gosto. Meu povo aceita os pacotes de alimentos com gratidão, e os comem amontoados e em pé, nas ruínas dos edifícios onde vamos morar a partir de agora.

Ela traz O Pequeno Príncipe em suas mãos.

— Vamos falar com Kit — ela diz em um tom de voz animado. — Ela trabalhou com os com-wi junto com Doc, talvez ela conheça uma maneira de

amplificar o sinal do seu para que você possa falar com a nave. Se pudermos falar com Bartie ou alguém em *Godspeed*, talvez nós possamos descobrir onde está a próxima pista de Órion...

— Não — digo gravemente. Levanto o saco de rações alimentares até o ombro e vou em direção ao próximo edifício de pedra. Amy me segue.

— Por que não? — ela diz. — Vale a pena tentar.

— Talvez sim — digo. Começo a distribuir os pacotes para o próximo grupo de pessoas. — Mas há trabalho aqui que tem que ser feito primeiro. Não posso deixar o meu povo morrer de fome.

— Elder! — Amy parece chocada. — Você não pode deixá-los serem alimento de pteros também.

Não tenho energia para discutir. Continuo distribuindo as rações, e ela vai embora zangada, levando o livro com ela.

Depois do almoço, sigo o grupo que vai trabalhar cavando os banheiros primeiro. Seria errado de minha parte pedir ao meu povo para trabalhar, sem que eu mesmo trabalhasse.

Pego uma picareta e passo as próximas horas cavando trincheiras, transferindo cada grama de frustração ao ver o olhar magoado que Amy me deu.

No início, meu povo fica imóvel a cada ruído e sombra desconhecidos, mas à medida que o dia progride e eles percebem que a maior parte da comoção é causada pelos geólogos que estão lá para coletar amostras de solo, eles param de se assustar e concentram-se em terminar o trabalho à frente deles o mais rapidamente possível, apesar do calor intenso.

Eu, por exemplo, rasgo minha camisa. É sufocante aqui, o ar pesado como se fosse pouco antes da tempestade. O suor começa a escorrer enquanto balanço minha picareta para dentro do solo arenoso amarelado pela enésima vez.

Mas dessa vez a picareta não para. Ele mergulha através da terra, e de repente o chão em torno dela se abre, enviando-me e a outros dez ou mais que estavam cavando nas proximidades através do chão que está desmoronando, fazendo-nos cair na escuridão.

Por um momento, eu me sinto como se a gravidade tivesse desaparecido, como aconteceu quando o módulo estava pousando, mas então caio na terra fria e dura lá embaixo, ondas de poeira ao meu redor, agarrando-se à minha pele suada, enquanto perco a respiração.

— Mas que diabos? — Tiernan, um dos trabalhadores que estava me ajudando, diz. Ambos olhamos para cima e, então, ao nosso redor. O buraco que estávamos cavando para as privadas deu lugar a um túnel assustadoramente grande.

— Elder? — Vários Alimentadores me chamam, espreitando para dentro do túnel desmoronado.

— Estão todos bem? — Os engenheiros terráqueos gritam. — Alguém chame os médicos!

Rapidamente avalio os danos. Três dos Alimentadores ficaram feridos na queda — o ombro de um foi cortado pela lâmina de uma pá, um está mancando e outro tem um galo na cabeça. Estamos sujos de lama, mas o ar aqui é abençoadamente mais frio, e a queda foi de menos de sete metros.

Os outros todos se voltam para mim, o branco dos olhos claramente visível na fraca luz.

— Vamos todos ficar bem — digo. Olho para cima, e eles seguem o meu olhar. As pessoas lá em cima já estão fixando uma corda e organizando o resgate.

Meus olhos se voltam para o túnel.

— Onde diabos nós estamos? — murmuro.

Tiernan toca a parede do túnel. Ele se vira para mim, os olhos arregalados nas trevas.

— Acho que isso não deveria estar aqui — ele diz.

Corro minhas mãos sobre a terra compactada ao longo da parede. É lisa e fria ao toque. Acima de mim, todo mundo está gritando e berrando — pedindo cordas, médicos e os militares. Mas o túnel continua, indefinidamente, rumo à escuridão e ao desconhecido.

— O que fez isso? — sussurro.

Dou um passo à frente. Está tão escuro — como se a escuridão, tão preta quanto tinta, estivesse devorando a luz.

O teto do túnel é em forma de arco, mas o chão é plano, com ranhuras grossas escavadas ao longo da parte inferior. Porque o túnel tem quase três metros de largura, tudo que eu consigo pensar é que a criatura que o fez deve ter sido enorme. Minha mente se enche com imagens de vermes com o dobro da

minha altura ou toupeiras imensas de focinho comprido e garras afiadas, que podem me comer com apenas um estalo de suas mandíbulas pontudas.

— Elder! — A voz corta o caos e a escuridão, e eu aperto os olhos para ver o Coronel Martin, espiando por cima da borda do buraco. — Alguém ferido? — ele grita.

— Alguns! — digo.

— Estamos chegando!

Antes mesmo de eu dar um passo atrás para fora do caminho, uma dúzia de cordas são jogadas para dentro do túnel e militares camuflados descem de rapel. Eles vão primeiro para os três homens feridos, mas não há nenhuma dúvida sobre isso — eles estão se apressando para nos tirar do túnel o mais rápido possível. Pela primeira vez, vejo medo real nos rostos dos militares. Seus olhos movem-se nervosamente enquanto eles enrolam as cordas em torno do meu povo e começam a puxá-los.

Ignoro o soldado tentando me fazer chegar mais perto para que eu possa ser arrastado de volta para a superfície do planeta e, ao invés disso, eu me agacho, olhando para os sulcos ao longo do chão. Eles têm um corte profundo e reto, quase como se tivessem sido feitos por rodas, mas quando eu toco a terra, sinto algo anormalmente liso. Enterro meus dedos na terra e removo... algo.

Ele tem o tamanho da palma da minha mão, fino e transparente como o vidro. Eu o ergo até a luz e vejo um brilho dourado na sua superfície.

Uma escama? Acho que sim. Pelo menos é o que parece. Minha imagem mental de um verme enorme cavando o túnel é substituído por uma serpente monstruosa com escamas cristalinas.

A escama é arrancada de minha mão aberta. Estou prestes a protestar quando um dos soldados me puxa para cima — Chris.

— Não é seguro aqui — ele grita. Ele coloca o laço da corda debaixo dos meus braços e puxa-a para sinalizar para as pessoas lá em cima para começar a puxar-me de volta.

Quando alcanço a superfície, pisco na luz brilhante dos sóis. Sou jogado dos médicos terráqueos para Kit, que me examina rapidamente à procura de ferimentos. Ignoro sua preocupação exagerada e mantenho os olhos sobre o túnel desabado. Assim que Chris é puxado para cima, ele vai até o coronel Martin. Eles conversam rapidamente, mas noto que o brilho de luz na escama que

encontrei passa das mãos de Chris às do coronel Martin.

— Estou muito feliz em informar que não há ferimentos graves! — O coronel Martin grita e a multidão em volta de mim aplaude. — Estamos fechando o local da escavação pelo resto do dia, entretanto, para dar aos militares uma oportunidade de inspecionar essa... formação de terra incomum. Eu não creio que seja perigoso, mas sua segurança é nossa principal preocupação, e queremos ter certeza de que não há nenhuma ameaça antes de continuarmos.

Meu povo fica feliz em se dispersar a essa altura — cavar as privadas é trabalho duro, e está insuportavelmente quente, mas eu continuo observando o coronel Martin.

A coisa que se parece com uma escama desapareceu, escondida em um de seus bolsos, e ele não está fazendo nenhuma tentativa de esconder o envolvimento militar enquanto ele ordena grupos de homens de volta para dentro dos túneis para inspecionar o que há lá.

— Que tipo de animal faria um túnel tão grande? — pergunto a ele. Nós não vimos muitos animais, em sua maioria pequenas criaturas da floresta que fugiram antes que pudéssemos dar uma boa olhada, e os pteros não fariam túneis subterrâneos. Além disso, a escama não era nada parecida com a sua pele reptiliana cheia de calombos.

Minha mente se volta para as estranhas pegadas de animais que encontramos perto do módulo após o pouso. Há muito nesse mundo que ainda temos de descobrir.

O coronel Martin mantém os olhos sobre os homens que descem pelo buraco.

— Esse túnel está muito perto da colônia — continuo. — Talvez as ruínas não sejam seguras. Talvez devêssemos ir para outro lugar.

A boca do coronel Martin se aperta.

— É uma questão militar, Elder — ele diz finalmente. — Vamos determinar se há uma ameaça.

— Sério? — pergunto. — Isso é tudo o que você vai me dizer?

Seus olhos se voltam para mim, mas ele não mantém contato com os meus.

— Preciso que você se concentre em seu povo — ele me diz. — E eu vou

me concentrar na terra.

Isso não é resposta, e nós dois sabemos disso.

Com o local da latrina fechado, a única coisa que eu posso fazer para ajudar é trabalhar com o grupo instalando a tubulação de água. Eles já instalaram uma bomba simples na colônia, e agora é só uma questão de conectar os tubos com o lago, nossa fonte de água fresca. É um trabalho muito mais fácil, e há algo catártico sobre a monotonia dele. Meu corpo se concentra em arrastar o tubo e conectar as peças, enquanto minha mente corre solta, tentando resolver os mistérios de Terra-Centauri, o estranho silêncio do Coronel Martin entre eles.

Antes de possamos nos dar conta disso, os tubo acabam.

— Vamos descer e ajudar os homens a colocar a tubulação no lago — digo ao engenheiro terráqueo que está gerenciando o projeto.

Ele franze a testa. O coronel Martin disse que não era permitido a ninguém ir lá embaixo.

Levanto uma sobrancelha.

— Os militares estão lá agora.

— Ele quis dizer...

Ele quis dizer que ninguém do meu povo pode ir lá. Assim como nenhum de nós pode ficar no túnel.

— Se todos nós trabalharmos juntos, teremos acabado na hora do jantar — digo.

Um soldado com a palavra COLLINS costurada em um pedaço de pano em sua camisa dá um passo à frente.

— Ninguém está autorizado a ir perto do lago — ele diz rispidamente.

— Por que não? — exijo.

— Não é seguro — diz Collins. Ele não se move do seu lugar, bloqueando o caminho.

— Mas nós estaremos com vocês.

— Não é seguro.

Estendo minhas mãos, pedindo-lhe para parar de se repetir.

— Entendo isso. Mas você tem uma arma bem grande aí, e quando chegarmos à beira do lago, teremos pelo menos meia dúzia de soldados

igualmente armados. Estaremos tão fortemente protegidos como o módulo.

Collins balança a cabeça novamente. Eu observo a maneira como sua boca está firmemente cerrada, a forma como ele agarra sua arma. Ele vai brigar comigo por isso.

— É proibido — ele diz.

— Proibido? — repito, estreitando os olhos.

— Sim. — Collins realmente parece um pouco nervoso. Bom.

Eu abaixo a minha voz.

— Você sabe quem eu sou?

— Eu sei, senhor. E se você tiver um problema, sugiro que você o leve até o coronel Martin.

— Farei isso — digo rispidamente. Então, eu me volto para o meu povo e grito, “Jantar mais cedo!”. Todos eles se animam e começam a fazer o caminho de volta para as ruínas. Mas simplesmente fico ali, na beira da campina, que se tornou uma fronteira tácita, um só pensamento ocupando minha mente.

O que o coronel Martin está tentando esconder?

25: AMY

Ainda estou debruçada sobre O Pequeno Príncipe quando minha mãe entra apressadamente no edifício onde eu estava me escondendo. Rapidamente fecho o livro, mas ela nem percebe.

— Está na hora — ela anuncia com o mesmo entusiasmo que as crianças pequenas na TV lá da Terra anunciariam que era Natal.

— De quê? — pergunto.

— Da ciência! — ela diz em sua melhor representação de um locutor de filme. Eu rio apesar de tudo e coloco O Pequeno Príncipe sob o saco de dormir que minha mãe e eu tiramos do módulo espacial. Talvez Elder esteja certo, não posso gastar todo meu tempo à procura de pistas que podem nem mesmo estar lá, não agora, no início dos primeiros dias cruciais da colônia.

Minha mãe leva-me diretamente ao módulo para ajudá-la com sua pesquisa. Chris acompanha-nos para garantir nossa proteção, mas há tantas pessoas agora entre o módulo e as ruínas que não posso evitar pensar que os talentos de Chris seriam mais bem utilizados em outro lugar. Quase não há pteros no céu, e embora tenhamos tido vislumbres de outras criaturas menores — manchas de pele marrom ou penas escuras através dos ramos das árvores — o barulho dos trabalhadores e do grande número de pessoas aqui os torna escassos.

Além disso, eu ainda tenho o .38 que meu pai me deu, o coldre preso ao cinto em volta da minha cintura.

Minha mãe fala o tempo todo sobre a “abundância de amostras para analisar no novo mundo”. Quanto mais minha mãe me diz sobre como ela desejaria ter um espécime de ptero para dissecar, mais eu desejo estar com Elder, falando o que a pista de Órion pode nos revelar.

A área da câmara crio no módulo já foi convertida em um laboratório científico. As bandejas, que uma vez contiveram corpos congelados, agora contêm suprimentos científicos. Vários painéis metálicos estão faltando no chão e nas paredes, expondo áreas de armazenagem que escondiam microscópios, queimadores e outros instrumentos científicos. Alguns dos biólogos já estão preparando uma caminhada na floresta para fazer moldes de pegadas de animais. Eu me pergunto se eles irão encontrar mais das estranhas pegadas de três garras

que Elder encontrou em nosso primeiro dia, e estou dividida entre a curiosidade sobre com o que a criatura poderia se parecer e o receio de que, o que quer que fosse, estava muito próximo ao módulo onde estamos agora.

Abro a porta do laboratório de genética para minha mãe e Chris. A câmara crio que Órion ocupou está vazia, drenada. Ela parece ameaçadora, como se esperasse outra vítima, e eu viro as costas para ela. Alguns dos outros cientistas já estão lá dentro — Kit ou Elder os deixaram entrar, ou Elder removeu o código de segurança na fechadura biométrica. Dois deles — o Dr. Engle e o Dr. Adams, que já trabalharam com minha mãe durante anos — estão na frente dos cilindros enormes que se levantam do chão, perto da máquina agora quebrada de Phydus.

Cada um dos cilindros contém fetos de animais que a IRF achou que seriam os mais úteis para nós no novo mundo. Animais de produção, como vacas (vacas normais, não os híbridos estranhos que havia em *Godspeed*), cabras e porcos. Predadores, incluindo gatos selvagens, aves de rapina, bandejas de pequenas bolsas parecidas com ovos, que eu suspeito que sejam cobras, insetos ou algo assim.

O Dr. Adams usa uma colher especial para remover um feto de dentro do tubo. A Dr. Engle a pega, colocando o pequeno feijão — que um dia irá se tornar um cavalo — em um tubo especialmente projetado.

— O que é isso? — pergunto, apontando para uma fila de vinte tubos já inseridos em uma incubadora.

— Cães — o Dr. Adams diz. — Cães grandes. Nosso objetivo é obter uma seleção de animais que pode ser usada para o trabalho e, se o pior acontecer, como alimento.

Eu realmente não quero considerar comer um cão ou um cavalo, mas os pequenos tubos de fetos em forma de feijão não se parecem muito com um deles também. Meus olhos deslizam para o outro tubo, aquele com a gosma amarelada em seu interior. O único com dezenas de clones minúsculos de Elder.

— Amy? — mamãe diz, acordando-me do meu devaneio. Ela estava falando com a Dra. Engle. — Você pode nos ajudar?

Atravesso a sala até a última fileira de cilindros. Chris me segue em silêncio. Acho que ele nunca esteve em um laboratório de genética antes — seus olhos estão arregalados, prestando atenção em tudo.

— Amy, você é amiga do líder da nave. Você tem alguma ideia do que é

isso? — minha mãe pergunta. Acho que por um momento ela está falando sobre o cilindro com os clones de Elder, mas a Dra. Engle aponta para a bomba de Phydus em vez disso.

— Sim — digo sombriamente. — Sei exatamente o que é.

— Parece uma bomba de água — diz a Dra. Engle. — Mas dentro dela há vestígios de uma substância química que não conseguimos identificar...

Phydus.

— Não é nada — digo.

Mas, é claro, esses são cientistas. Diga-lhes para deixar algo em paz, e tudo o que eles querem fazer é cutucá-lo com um pedaço de madeira.

— Era uma bomba de água — continuo, suspirando. — Um dos líderes anteriores a usava para distribuir drogas para as pessoas a bordo da nave. Elder quebrou a bomba e parou de distribuí-las. É um material muito tóxico; vocês devem deixá-lo em paz.

A Dra. Engle parece ainda mais curiosa do que antes.

— Que tipo de drogas? — ela pergunta. — Será que eles mesmos a desenvolveram? Para que doença elas eram usadas, ou eram usadas para fins recreativos?

Minha mãe interrompe a Dra. Engle.

— Não temos tempo para esse tipo de coisa, Maddie — diz ela com firmeza. Ela é, afinal, a cientista-chefe do grupo. — Temos outro trabalho que requer a nossa atenção.

A Dra. Engle concorda relutantemente e vai ajudar o Dr. Adams. Minha mãe pega um saco de lona grande com compartimentos especiais para frascos de amostras e o entrega para mim. Estamos quase fora do laboratório, antes de percebermos que Chris não está conosco. Eu me viro para buscá-lo e vejo que ele ainda está em pé, em frente da bomba de Phydus, franzindo a testa, como se fosse um quebra-cabeça que não foi bem decifrado.

— Vamos lá! — eu chamo-o, e ele me segue até o lado de fora. Ele sorri com meu entusiasmo, e não posso deixar de notar que seu nariz se enrugava quando ele sorri, iluminando seus olhos estranhamente azuis.

— O que é? — Chris pergunta, e só então percebo que eu estive olhando fixamente para ele.

— Nada — digo, corando.

Minha mãe está na ponte, protegendo os olhos dos sóis, um pequeno sorriso brincando em seus lábios enquanto nos observa.

— Quero reunir o maior número de espécimes possível — ela diz. — Acho fascinante que tantas plantas sejam semelhantes às plantas da Terra; eu gostaria de fazer alguns sequenciamentos genéticos e determinar o quão parecidas elas são. E, claro, se houver alguma chance de capturar alguma vida animal, nós devemos fazer isso. — Seus olhos estão brilhando, nunca a vi tão animada.

— Nós colocamos armadilhas na área ao nosso redor e, como vocês sabem, alguns dos outros cientistas estão lá fora procurando pegadas, mas seria ótimo ver algo em seu habitat natural!

Chris e eu descemos a rampa com minha mãe e vamos em direção à floresta. Ela vai em direção oposta à do caminho para as ruínas, esperando que as áreas menos perturbadas tenham mais chance de mostrar vida selvagem. Chris mantém um rifle de longo alcance à frente dele, e noto que ele não só tem duas pistolas (uma no cinto, uma em um coldre de ombro), mas também carrega granadas, facas e um facão — que eu consiga ver.

— Amy! — minha mãe me chama. Esquivo-me ao redor das árvores para chegar até ela. Ela está puxando o musgo roxo fibroso de uma das árvores, e lhe entrego um dos menores frascos de amostra, da sacola que estou carregando. — Já temos várias amostras desses, o Dr. Card quer ver se pode replicar a neurotoxina, mas eu gostaria de extrair células para um exame mais detalhado.

— Isso — falo ironicamente — é tão excitante.

Minha mãe me entrega o frasco.

— Quem sabe o que o DNA dessa coisa pode nos contar!

Olho a planta de perto. Embora eu saiba que ela desabrocha em uma flor tão grande quanto a palma de minha mão, agora nada mais é do que alguns fios roxos.

Minha mãe retoma o trabalho, raspando musgos e líquens e casca em frascos.

— Apenas uma pequena área, e imagine a diversidade da vida — ela canta.

Tento ver o mundo através dos olhos da minha mãe, como se cada coisa fosse uma nova descoberta, mas então fico paralisada.

Um terrível som molhado de sucção se arrasta em volta das árvores. Imediatamente, Chris dá um passo adiante, colocando o seu rifle à sua frente em um movimento fluido. Minha mãe fica imóvel, seus olhos indo primeiro na minha direção e depois para a arma de Chris.

Um som de estalo. Algo raspando, como algo duro batendo em folhas secas.

Meu coração está batendo tão forte que posso senti-lo batendo contra minhas costelas. Alguma coisa está lá fora, e é grande.

Tudo o que quero fazer é fugir, mas Chris rasteja para a frente em silêncio, seu rifle levantado e pronto. Coloco o saco de amostras barulhento no chão o mais silenciosamente possível. Minha mão suada puxa o .38. Permito-me um momento para sentir a arma, o metal pesado na palma da minha mão, o poder por trás dele, e então eu o seguro corretamente, usando as duas mãos, um dedo no gatilho.

Minha mãe balança a cabeça para mim, mas então para, percebendo o bom senso de ter a mim e a Chris armados. Ela me segue enquanto nos movemos dentro da floresta e Chris olha de volta, sinalizando para a frente com os olhos.

Um som de algo mastigando, rasgando, irrompe através da floresta sombria.

Estamos perto.

Folhas farfalhando. Definitivamente animal.

Piso em um ramo que se quebra com um estalo, e um silêncio não-natural desce sobre nós. O animal, o quer que seja, nos ouviu.

Chris afasta um galho.

E então vemos.

O Dr. Gupta — ou o que sobrou do Dr. Gupta — está no chão da floresta. Um ptero, muito menor do que aquele que atacou Elder, vira a cabeça, olhando para nós com curiosidade.

Ele inclina seu longo pescoço para baixo, usando seus dentes serrilhados para rasgar um pedaço de carne do Dr. Gupta. Sangue e entranhas grudam no bico do ptero.

O Dr. Gupta pisca.

O Dr. Gupta pisca.

Ele está vivo — ele está vivo e pode sentir — ele pode sentir enquanto o ptero o devora.

Ele está vivo.

O ptero vira a cabeça para baixo novamente para a sua refeição. O horrível som de trituração ecoa em toda a floresta quando o ptero quebra o fêmur do Dr. Gupta.

O ptero chacoalha a cabeça, como um cachorro com um osso, até que a perna se desprende.

Um pequeno som, um gemido, quase abafado pelo som de ossos triturados, escapa dos lábios rachados do Dr. Gupta.

Chris e eu atiramos ao mesmo tempo.

Minha primeira bala atinge o ptero na asa, arrancando um pedaço da fina membrana. O ptero derruba a perna do Dr. Gupta e nos enfrenta. Ele abre o bico, espuma e sangue escorrendo de sua boca, e grita.

Atiro novamente.

O peito do ptero se abre. Ele cai no chão. Suas asas de couro batem fracamente, e ele está morto — sei que está morto — mas atiro de novo de qualquer maneira, direto no crânio.

Estou respirando pesadamente quando abaixo a minha arma, o cheiro de pólvora misturando-se com o cheiro metálico de sangue. Olho para Chris e vejo que ele está olhando para o Dr. Gupta.

Percebo, então, que não foi para o ptero que ele apontou quando puxou o gatilho.

O sangue escorre de um pequeno furo redondo do lado do crânio do Dr. Gupta.

26: ELDER

Não consigo passar pelos militares para ver o lago por mim mesmo, enquanto ainda está claro lá fora. E mesmo que eu quisesse inspecionar o túnel, não seria capaz de fazê-lo. O coronel Martin instalou pesados painéis de metais no solo que afundou, e seus homens já ergueram as privadas sobre ele. O coronel agiu rapidamente para encobrir a nossa descoberta, exatamente como está tentando esconder o lago de nós.

Mas acho que eu sei como posso descobrir pelo menos alguns de seus segredos.

Meu primeiro instinto é procurar Amy — ainda nem sequer contei a ela sobre a escama de cristal que encontrei — mas estou tentando descobrir o que o coronel Martin está escondendo, e ele vai definitivamente suspeitar de algo se eu a arrastá-la para longe de sua mãe.

Passo por Kit no caminho pavimentado que atravessa o centro da colônia.

— Não se esqueça de cuidar de si mesma — digo, enquanto ela obsessivamente verifica a lista manuscrita de passageiros que fizemos depois que Lorin desapareceu.

— Eu poderia dizer o mesmo de você. Como você está se sentindo após o colapso do túnel? E vi você continuar a trabalhar nas tubulações depois disso. Você não precisava fazer isso.

— Sim, eu precisava — digo. — Não posso pedir ao meu povo para fazer o trabalho que eu mesmo não farei.

Kit ajusta o jaleco branco que os cientistas da Terra deram a ela, e vejo que seus bolsos estão transbordando com adesivos médicos, a maioria deles verde-claros.

— Precisamos tirá-los de Phydus — digo sombriamente, e apesar de Kit acenar, concordando, ela acrescenta. — Mas ainda não — com uma voz suave.

Deixo-a para que possa fazer o seu trabalho, sentindo-me culpado por não estar ajudando mais. Mas descobrir o que o coronel Martin não quer me contar é mais importante — não posso me dar ao luxo de deixar que mentiras e enganos governem a colônia da mesma forma que governava *Godspeed*.

Subo, passo pelo segundo nível das casas construídas na encosta da montanha e fico contente ao ver que o meu povo se espalhou um pouco mais, ousando se afastarem uns dos outros. Mas ninguém está no terceiro nível, exceto eu. Eu paro, olhando para os poucos prédios vazios, perguntando o que fez com que os construtores originais deixassem suas casas. Será que eles morreram — os pteros os mataram — ou eles se mudaram? E como é que eles construíram edifícios que são tão perfeitos para nós? Esse é o verdadeiro mistério, o pensamento irritante que ninguém realmente está disposto a considerar.

Sem perceber, cheguei até a borda das ruínas. Os últimos edifícios, aqueles mais próximos ao topo da montanha, não passam de escombros. Parecem ter sido destruídos, explodidos por algum tipo de bomba. O pensamento não é confortável.

Pergunto-me o que Amy concluiria dessa descoberta. Provavelmente tentaria encontrar uma conexão com O Pequeno Príncipe.

Começo a escalar os escombros. Os sóis estão prestes a se pôr — o céu está ficando mais escuro, o ar mais frio. Se vou encontrar o que estou procurando, preciso fazê-lo enquanto ainda há luz lá fora.

Encontro uma trilha que me leva mais para o topo da pequena montanha. Ou talvez eu esteja enganando minha mente, pensando que é uma trilha — na melhor das hipóteses, é apenas um caminho usado por animais. Tenho que me agarrar às pedras calcárias amareladas e ramos de árvores esfarrapados enquanto subo mais e mais, lutando com a encosta da pequena montanha.

E então chego ao topo do platô rochoso.

Ela se parece mais com uma montanha agora do que antes; estou ofegante, completamente sem ar, e os músculos da minha perna doem. Não sei como diabos Amy pode gostar de correr.

Olho para cima e à distância. Esse é o ponto mais alto do planeta onde já estive. Por um momento, o terror toma conta do meu coração. Estou tão perto do céu e tão exposto na escarpa rochosa que um ptero poderia facilmente descer e me levar. Mas então meus olhos se desviam pela paisagem diante de mim, e esqueço meu medo. Posso ver agora mais claramente do que nunca qual é exatamente a razão pela qual eu quis vir até aqui.

O ar fica mais frio quando algo passa acima de mim, lançando-me na sombra. Meu estômago despenca. Quando me atrevo a olhar para cima, porém, tudo o que vejo são nuvens, não pteros.

De onde eu estou em pé, à minha esquerda, fica a colônia e além dela, na floresta escura que se destaca como um dedo apontando, está o módulo. Posso ver a cicatriz que o nosso pouso deixou no solo, o local queimado que parece cintilar e quase brilhar à luz do crepúsculo. Meus olhos percorrem a borda da floresta, movendo-se para a direita, procurando o que eu sei que está lá.

O lago.

Não vejo por que o coronel Martin quer escondê-lo. O lago se parece com qualquer lago que já vi em fotos de Terra-Sol, nada mais. É um círculo perfeito, talvez com um quilômetro e meio de diâmetro. Uma das margens toca a montanha, a outra é de solo amarelo pálido, o mesmo tipo de solo arenoso que compõe a superfície desse planeta. As águas rasas em toda a margem são de cor verde pálida, mas o lago fica cada vez mais fundo, até que no centro a cor é quase negra. Parece um olho, olhando para mim. Gostaria de saber qual a profundidade da água lá. A luz dos sóis brilha em toda a superfície, fazendo parecer como se o lago estivesse piscando para mim.

Alguns pontos dispersos cor-de-rosa pálido movem-se através da água. Algum tipo de peixe, mas não os flashes rápidos, velozes e coloridos como as carpas do lago em *Godspeed*.

Esses peixes são pequenos do meu ponto de vista, mas acho que na realidade têm meio metro ou mais de largura, com algo parecido com tentáculos ainda mais longos flutuando atrás deles. Eles se expandem e contraem, expandem e contraem enquanto flutuam sob a superfície, mas, então, os peixes vão bruscamente para a direita, mais rapidamente do que eu acharia possível.

Forço meus olhos, aproximando-se da borda do topo da montanha. O que há de tão perigoso com o lago que o coronel Martin sente que precisa ser mantido em segredo?

Longe, muito além do lago, há outra floresta de árvores mais escuras e mais altas. E além dela: montanhas. A montanha onde estou nada mais é do que uma pequena colina em comparação com esses gigantes irregulares saindo do chão. Elas formam um horizonte do qual não consigo ver além.

Esse mundo é tão vasto. E real. E agora sou uma parte dele.

Algo brilha — algo entre o lago e a floresta. Não consigo definir o que é — está muito distante, e as árvores estão no caminho — mas algo reflete a luz dos sóis que se põe em um ângulo perfeito para que eu a veja do meu ponto de vantagem.

E então percebo: não era o lago que o coronel Martin não queria que eu ou outra pessoa encontrasse. Era a coisa além do lago. A coisa que ele encontrou no primeiro dia, mas teve o cuidado de nunca mencionar novamente.

A sonda.

27: AMY

A arma ainda está quente na minha mão enquanto olho, de boca aberta, para Chris.

— Eu tive que fazê-lo — ele diz, seus olhos estranhos implorando para eu entenda.

E eu entendo. Talvez se não fosse pelos três meses que vivi em *Godspeed*, eu não poderia me solidarizar com ele, mas sei que o Dr. Gupta estava vivendo o pior pesadelo possível, e não havia nenhuma maneira dele se recuperar de tal mutilação.

O que Chris fez foi misericordioso, e foi a coisa certa a fazer... e foi a coisa mais corajosa que já vi alguém fazer.

Coloco minha arma no coldre e dou um passo à frente. Os músculos nos braços de Chris estão apertados e tensos, mas suas mãos estão tremendo quando pego a arma dele.

— Obrigada — digo a ele, esperando que ele possa ver a sinceridade por trás de minhas palavras.

Pela primeira vez desde que as balas saíram de nossas armas, acho que seus olhos realmente se concentraram em algo além do corpo mutilado do Dr. Gupta. Chris coloca seus braços enormes em torno de mim e esmaga-me em um abraço que me deixa sem fôlego, agarrando-me como se eu fosse o seu juiz e salvador ao mesmo tempo.

Minha mãe dá um passo à frente, e Chris me solta com relutância. Ela usa a sua máscara calma e comedida de cientista sobre o terror e o pânico em seus olhos. Ela sempre foi assim; se não consegue lidar com algo que aconteceu em sua vida pessoal, ela se esconde atrás de seu papel de acadêmica fria. Minha mãe lidera o caminho de volta para o módulo, enviando mais militares e trabalhadores para onde estávamos, dando ordens para que tragam ambos os corpos de volta para o laboratório de genética antes de se recolher para dentro de si mesma. Ela dá a notícia da morte do Dr. Gupta para os cientistas em um tom calmo, reservado e, em seguida, começa a abrir espaço no laboratório para uma autópsia do Dr. Gupta e uma dissecação do ptero.

Ela evita o meu olhar durante tudo isso.

Dentro do laboratório de genética, ela se permite uma respiração trêmula e profunda.

Do outro lado da porta, podemos ouvir os ruídos dos corpos sendo trazidos para dentro do módulo. Há suspiros de horror à visão do ptero — e era um pequeno, eu acho — e gemidos de consternação ao ver o corpo mutilado do Dr. Gupta. A maioria das pessoas não tinha visto Lorin ou os restos de Juliana Robertson.

Minha mãe olha para mim, e em seus olhos vejo Mamãe, com todo o medo que está dentro dela.

Percebo: ela precisa da máscara da ciência, ela precisa do escudo da Dra. Maria Martin para proteger a si mesma do horror que viu.

Todos nós temos que encontrar uma maneira de nos separar disso tudo.

Viro-me para Chris. Ele usa a culpa de ter matado alguém como um manto. Ele não o esconde. Talvez não possa. Meu coração se confrange quando vejo a maneira como ele endireita os ombros enquanto coloca um pé na frente do outro.

Minha mãe se levanta e caminha até a porta do laboratório de genética, olhando fixamente enquanto o corpo de Dr. Gupta é carregado através da sala crio.

— A primeira coisa que vamos fazer é um exame toxicológico. O Dr. Gupta estava vivo, mas ele não teve nenhuma reação quando o ptero... quando o ptero o estava devorando. — Sua voz falha com a palavra. — Nós temos que descobrir por quê.

— Uma das flores roxas que me derrubaram? — pergunto.

Minha mãe balança a cabeça.

— As flores não estavam abertas, e elas não emitem a neurotoxina a menos que tenham florescido. Além disso, o Dr. Gupta estava acordado e até mesmo podia se mover, até certo ponto. Quando você foi nocauteada, Amy, era como se você estivesse em coma.

Finalmente os ajudantes colocam o corpo do Dr. Gupta em uma das macas de metal, possivelmente a mesma em que Órion foi colocado quando estava morrendo. O ptero é grande demais para uma mesa só — quatro mesas são colocadas juntas para contê-lo, e mesmo assim suas asas e pernas pendem para o

lado.

— Temos que reportar isso ao coronel Martin — um dos militares diz. — Ele precisa saber.

Minha mãe acena silenciosamente enquanto o homem se comunica com meu pai pelo rádio.

— Estou começando a autópsia imediatamente — minha mãe diz.

O homem olha para minha mãe com um olhar de surpresa.

— É meio óbvio o que o matou, não é?

Minha mãe sorri um sorriso de lábios finos.

— No entanto, vou realizar uma autópsia. Por favor, saia.

As sobancelhas do homem levantam-se ainda com a ordem de mamãe, mas ele se vira para sair. Chris começa a segui-lo.

— Você pode ficar — minha mãe diz. Ela olha para mim, e seu olhar é uma pergunta. Aceno com a cabeça. Vou ficar também. Tendo visto isso juntos, não parece certo que ninguém, além de nós três, possa ajudar com a autópsia.

A porta do laboratório de genética é fechada, deixando-nos a sós com os dois corpos — um, os restos de um homem humano, o outro, o cadáver fedorento do monstro que o devorou.

Minha mãe suspira de novo, mas dessa vez a respiração não treme.

— Traga-me aquela bandeja — ela diz, virando a cabeça na direção da bandeja que ela havia preparado. Eu a pego e entrego a ela.

É difícil olhar para os restos do Dr. Gupta, mas não tão difícil quanto antes, quando ele ainda estava vivo. Tento tirar aquele seu olhar vazio de minha mente. Sua expressão era assim... vazia. Sem expressão. E embora ele não tivesse demonstrado nenhuma dor, é pior pensar que ele podia sentir, mas não podia expressar.

Minha mãe pega uma agulha Vacutainer^[14] e cuidadosamente a posiciona sobre o coração do Dr. Gupta. Tento observar enquanto ela reúne amostras do corpo, mas logo me afasto, enterrando meu rosto no ombro de Chris, enquanto minha mãe trabalha.

— Vou fazer um imunoensaio^[15] — minha mãe explica enquanto deixa o corpo e atravessa o laboratório com a sua bandeja de amostras. — Isso não vai nos dizer muito; só podemos testar contra as substâncias e produtos químicos da

Terra, e não conheço nenhuma droga que... afete uma pessoa da maneira como o Dr. Gupta foi afetado.

Ela quer dizer que não conhece nenhuma droga que permita que alguém fique imóvel e ainda consciente, enquanto está sendo comido vivo.

— Então por que se preocupar com isso? — Chris pergunta. Ele está atrás de mim, e tenho que admitir que me sinto confortada em saber que ele está lá.

Minha mãe parece surpresa com a pergunta.

— Porque nós temos que tentar.

Ela se vira para a sacola de espécimes, que contém as poucas amostras que ela havia coletado antes de encontrarmos o Dr. Gupta. Não sei quem devolveu a sacola para minha mãe, mas tudo ainda está lá.

— Felizmente, temos um gerador de componente — minha mãe continua como se estivesse falando com uma classe de estudantes de química. — Então, tudo o que preciso é uma amostra — ela arranca uma das flores roxas fibrosas do frasco — e posso criar um componente para testar contra o sangue do Dr. Gupta.

Chris franze a testa.

— Pensei que você disse que não acreditava que a flor pudesse ter drogado o Dr. Gupta?

Minha mãe não para enquanto prepara o teste.

— Não acredito em qualquer coisa que não possa provar.

Poucos minutos depois, a máquina de imunoensaio apita, e eu saio do caminho enquanto minha mãe examina o relatório na tela.

— Não... — ela diz, franzindo a testa.

— O quê? — pergunto enquanto Chris fica próximo de nós.

— Isso não faz sentido — ela diz.

— O quê?

Minha mãe aperta um botão e uma folha de papel é cuspidada para fora da máquina.

Ela a lê novamente, a incredulidade explícita em todo o rosto.

— O Dr. Gupta recebeu uma injeção com material modificado geneticamente — ela murmura. — Exatamente antes de morrer, recente o suficiente para que ainda esteja em seu sangue.

— Modificado geneticamente...? — Chris diz, deixando sua voz sumir em uma pergunta.

— Material modificado geneticamente — minha mãe diz. — Desenvolvido na Terra.

28: ELDER

Espero até escurecer.

— Elder? — Amy diz. Ajusto a mochila no meu ombro, cheia de apetrechos que juntei só por esta noite enquanto fico na ponta dos pés, olhando através da janela dela.

Ela construiu uma espécie de casulo, usando tendas amarradas para criar paredes internas no edifício. Gostaria de saber de onde as tendas vieram — provavelmente mais suprimentos dos terráqueos que eles não estão dispostos a partilhar.

— O que você disse, Amy? — a voz, a mãe de Amy, a chama através das paredes de tendas.

Amy olha para mim, os olhos arregalados de surpresa, então chama de volta.

— Nada, mamãe!

Ela chuta o saco de dormir para longe de suas pernas e corre para a janela.

— O que você está fazendo aqui? — ela sussurra. — É hora do toque de recolher.

— Eu sei. — A patrulha que o Coronel Martin estabeleceu por toda a colônia tentou me causar problemas quando escapei para vir aqui.

Amy solta o livro que estava lendo, O Pequeno Príncipe.

— Vou até a sonda — sussurro de volta. — Seu pai está escondendo alguma coisa e pretendo descobrir o quê.

Ela agarra meu pulso.

— Não — ela diz, com tanta preocupação na voz que receio que a mãe dela nos ouça novamente.

— Tenho que fazer isso.

— É perigoso. — Há um olhar assombrado em seus olhos agora, e estou me lembrando dos boatos que ouvi na colônia, de que eles encontraram outro corpo na floresta, um dos terráqueos.

— Tenho que ir — repito. — Acho que seu pai não confia em mim, e ele não está dizendo toda a verdade.

— Meu pai não...

Eu a interrompo.

— Ele lhe mostrou a escama de cristal que encontrei? — Amy franze a testa.

— Escama?

Eu a descrevo para ela, explicando sobre o túnel. Olhando seus olhos arregalados, vejo que coronel Martin manteve segredo sobre a descoberta — dela e de todos.

— Não podemos dar ao luxo de ficar no escuro — digo. — Temos que saber o que está acontecendo.

Amy morde o lábio, então concorda.

— Vou com você.

— Estava esperando que você dissesse isso — sorrio para ela. Amy sai de perto da janela, agarra a arma e o coldre do chão e os coloca ao redor de sua cintura antes de colocar outra camisa sobre a camiseta de alças. Ela usa os dois braços para passar por cima do parapeito da janela e, em seguida, balança as pernas por cima e cai em silêncio no chão ao meu lado.

— Qual é o plano? — ela sussurra enquanto levo-a para longe das ruínas.

— Seguir a tubulação de água até o lago e depois voltar para a floresta. Acho que a sonda está em algum lugar por ali ou, pelo menos, há alguma coisa lá que o coronel Martin não quer que encontremos.

Amy franze a testa enquanto nos afastamos da colônia.

— Você sabe, poderia haver uma razão perfeitamente válida para meu pai ter mantido a sonda escondida. Ele não é Eldest. Isso aqui não é *Godspeed*.

Não respondo enquanto passamos agachados ao redor das novas privadas, seguindo a tubulação nas sombras da montanha.

Quando estamos longe o suficiente da colônia, Amy fala de novo, suas palavras cortando a escuridão.

— Vi um homem morrer hoje.

Eu paro.

— Queria que você estivesse lá. — Parece mórbido ouvi-la dizer essas duas frases juntas, mas sei o que ela quer dizer. Pelos últimos três meses, as paredes de *Godspeed* nos obrigaram a ficar juntos. Agora fico pensando se elas foram as únicas coisas que mantiveram Amy perto de mim.

— Sinto muito — digo, e não digo isso apenas por hoje.

— Talvez a única razão pela qual meu pai esteja mantendo todos longe da sonda seja porque é perigoso — diz Amy, sua voz ainda distante. Seus dedos tocam o punho de sua arma para lhe dar segurança, e não posso deixar de notar que é a arma que a conforta, não eu.

Nós não falamos novamente até chegar ao lago, e mesmo assim em tons abafados.

— Veja como estamos expostos aqui — Amy diz. — Você realmente se pergunta porque meu pai está mantendo as pessoas longe daqui? Ela tira a arma do coldre dela e fica com ela na mão, de prontidão. Ela está certa, não há árvores aqui, e qualquer pteró circulando acima de nossas cabeças poderia facilmente nos atacar.

— Não é por isso que ele não deixa ninguém vir aqui.

Os olhos de Amy se viram para o céu.

— Elder... os pteros... eles são horríveis.

Há pânico em seus olhos, algo escuro e atemorizado que nunca vi lá antes. Mas, enquanto os nós dos dedos estão brancos, a arma está firme em suas mãos.

— Vamos acabar com isso — diz Amy, estreitando seus olhos enquanto ela começa a subir a colina.

Forço os olhos na escuridão. Mal consigo discernir o contorno preto e retangular contra o céu, quase escondido por uma pequena colina. Se não estivéssemos em pé ao lado da bomba de água, nunca teríamos visto isso.

Olho para Amy. Seu rosto está mais pálido do que o normal agora, contrastando com a noite escura.

Movemo-nos lentamente, tomando cuidado em verificar atrás de nós para termos certeza de que não iremos nos afastar a ponto de nos perdermos, especialmente porque estamos perto da borda da floresta e as árvores obscurecem nosso caminho. A própria floresta se curva para fora e depois para dentro. Tento fazer um mapa mental de onde estamos — o módulo à minha

esquerda, o lago à minha direita, as ruínas onde vivemos agora atrás de mim. E algo exatamente à frente.

— Olhe para a forma como a terra é plana lá — Amy diz, apontando. Sua voz ainda está abafada, embora não tenhamos visto ninguém até agora.

Longos caules de algum tipo de grão ou grama ondulam na brisa como tecido. Mas lá, onde Amy está apontando, não há grãos. Nem árvores. Não há nada. Algo escuro, sem estrelas e artificial, em meio ao mar da natureza, pontilhada com edifícios de telhados baixos se erguendo em bordas retas que são um contraste marcante contra a grama sibilante e as árvores que se movem.

— Vamos lá — Amy diz, puxando minha mão.

Nós corremos pela campina aberta, e continuo a pensar sobre como Amy disse que estávamos expostos. Meus músculos estão tensos, esperando ver o contorno de um pterô contra as estrelas muito brilhantes.

Paramos antes da área onde a grama alta acaba.

— Que lugar é esse? — digo, minha voz tão baixa que até eu tenho dificuldade em ouvi-la.

Amy dá um passo à frente, seus passos mais altos quando ela anda sobre asfalto, no solo arenoso. Sigo atrás dela, olhando com os olhos arregalados um aglomerado de pequenos edifícios pontilhando o horizonte do outro lado.

— É algum tipo de complexo — ela sussurra — construído em torno da sonda.

Tropeço em um fino sulco no pavimento, e Amy e eu nos agachamos para inspecionar a faixa brilhante de metal — um grande retângulo embutido no asfalto. Há algo sob o asfalto, algum painel, ou sala, que pode ser aberto se pudéssemos descobrir como acioná-lo.

— Olhe para as linhas pintadas no chão — sussurra Amy em meu ouvido.

Linhas brancas brilhantes, marcando distâncias, com mais marcadores embutidos no asfalto.

— É uma pista — suspira Amy. — E embaixo dela há aviões. Jatos. Alguma coisa.

Agora que ela diz isso, faz sentido. Jatos devem ser guardados em áreas retangulares construídas no subsolo para que quem controle esse complexo possa levantá-los ao nível do solo, posicioná-los, e usar esse asfalto como pista.

— Mas quem colocou isso aqui? — a voz de Amy sai como um guincho.

Não tenho resposta para ela. Isso não é nada parecido com as ruínas que descobrimos antes. As ruínas eram construções empoeiradas, há muito abandonadas e vazias. Mas essa pista tem um leve cheiro de óleo e borracha queimada; ela foi utilizada, e recentemente.

Faço um movimento para que Amy me siga até um dos pequenos edifícios — não relíquias feitas de pedras, mas prédios modernos, com apenas um andar e salas de vidro e aço. Ela hesita. Quem quer que tenha construído esse complexo tem tecnologia muito mais avançada do que teríamos adivinhado ao ver as ruínas.

— Olhe. — Aponto através da janela do edifício mais próximo. — Um sistema de comunicação.

A sala abriga um painel de controle não muito diferente do que nós utilizamos na ponte quando pousamos o módulo — o que quer dizer que é igualmente confuso. Mas acho que posso mexer nele.

— Trancado — Amy diz enquanto tenta girar a maçaneta. Aceno para um pequeno quadrado localizado no nível dos olhos na porta. Não é muito diferente dos escâneres biométricos em *Godspeed*, mas há uma pequena almofada para o polegar em vez de uma barra de rolagem.

— Não custa tentar — Amy diz, pressionando seu polegar contra a almofada. Um instante depois, a almofada pisca uma mensagem uma vez, HUMANO, e então a porta se abre.

— Essa porta foi construída para só deixar entrar os seres humanos? — pergunto enquanto entramos na sala.

Amy me lança um olhar preocupado. Se o escâner detecta seres humanos, então isso significa que deve haver outra coisa que não são seres humanos aqui, e essa porta foi projetada para mantê-los do lado de fora.

29: AMY

Uma vez lá dentro, meu primeiro instinto é procurar acender as luzes, e mesmo que a minha mão toque a parede no lugar onde um interruptor de luz normalmente estaria, meus dedos não encontram nada, deslizando sobre a pintura lisa. Claro que não. Estúpido de minha parte pensar assim. Quem construiu isso pode não ter eletricidade como nós temos... Ainda assim, eles têm alguma coisa. Assim que Elder fecha a porta atrás de nós, um pequeno painel se abre no teto, expondo um quadrado que brilha suavemente — algo como uma lâmpada plana automática que ilumina o ambiente de forma tão eficiente quanto uma lâmpada fluorescente, mas sem o zumbido de eletricidade ou energia. Eu pisco na luz estranhamente brilhante.

— Você realmente acha que meu pai sabia que isso tudo estava aqui? — pergunto em voz baixa.

Elder não responde. Ele não precisa. É claro que meu pai sabia sobre esse edifício, o complexo todo. Caso contrário, que razão ele teria para nos impedir de vir aqui?

Uma bandeira paira sobre a porta. Dois círculos brancos, um maior que o outro, foram costurados em um campo de céu azul. O círculo maior está um pouco fora do centro, e o menor está localizado à direita, logo abaixo. Nunca vi uma bandeira com este desenho antes.

— Veja — Elder fala.

E lá, gravado em uma placa na parte superior do painel de controle, no pequeno edifício, está um símbolo que ambos reconhecemos.

— Isso foi construído pelo IRF — digo, esquecendo-me de sussurrar.

Elder se inclina, inspecionando-o. Ele lê as palavras minúsculas gravadas abaixo do símbolo.

— Neste local foi descoberta a primeira sonda enviada pela primeira missão interestelar da Terra em 2310 CE, fornecendo as informações necessárias para desenvolver a primeira colônia extrassolar bem sucedida, Explorer, 2327 CE — Elder lê. — Essa placa é um memorial para os que foram perdidos em *Godspeed*. 2036-2336 CE.

— Eles acham que morremos — digo.

Eu aponto para a data final.

— Em 2336. É quando *Godspeed* deveria pousar.

Mas nós não pousamos.

— Eles encontraram a sonda — Elder diz em voz baixa. — Mas não nos encontraram.

Penso sobre o tubo gravitacional e os disquetes flexíveis na nave — tecnologia desenvolvida enquanto eu dormia.

— A tecnologia avança a uma taxa exponencial — digo. — Meus avós pagaram milhares de dólares por um computador que era maior do que a minha televisão e tinha uma fração da memória do meu maldito celular.

Estou balbuciando, mas não consigo manter minha voz sob controle.

— Meus avós usavam CDs para ouvir música em vez de baixá-la, meus bisavós usavam fitas, meus tataravós usavam discos.

Os olhos de Elder estão arregalados e amedrontados; ele está começando a entender o que estou tentando dizer.

— O primeiro avião foi construído no início da década de 1900; o primeiro homem pousou na Lua na década de 1960.

Engulo em seco.

— Em 2029, minha avó tirou férias no resort lunar, e por volta de 2036, meus pais e eu fomos condicionados em gelo e jogados através do universo.

A tecnologia se move cada vez mais e mais rápido.

Olho em volta dessa estação de comunicação muito moderna, muito bem conservada.

Não fomos a primeira colônia da Terra a desembarcar aqui.

— Chegamos atrasados para o nosso próprio pouso — diz Elder, a voz cavernosa. Ele toca uma pequena luz piscando sob a placa. — Um dispositivo de navegação. O mesmo tipo nas sondas. É por isso que a nave pousou aqui.

Bem no meio de um mundo que já nos ultrapassou.

A primeira sonda foi enviada vinte anos antes de data prevista para *Godspeed* pousar. A IRF deve ter gostado dos dados transmitidos e enviou uma nave mais rápida para colonizar antes que chegássemos. As ruínas são do

tamanho perfeito para seres humanos, não porque havia criaturas nascidas em Terra-Centauri que, coincidentemente, eram do mesmo tamanho e tinham as mesmas necessidades que nós... é porque os seres humanos fizeram as ruínas. A primeira colônia — a verdadeira primeira colônia —, a colônia que pousou antes de nós — se estabeleceu lá.

Isso aconteceu há tanto tempo que os edifícios estão abandonados e semidestruídos.

E nesse meio tempo? A primeira colônia progrediu para uma sociedade moderna de alta tecnologia, deixando os prédios empoeirados para trás.

Eu não deveria estar surpresa. Eles não iriam simplesmente parar de projetar naves e foguetes só porque *Godspeed* partiu. Eles desenvolveram algo melhor para aquela época e então, quando viram a informação da sonda e perceberam que havia algo aqui que eles queriam, enviaram outra colônia.

Por que esperar que nós pousássemos quando esse planeta tem recursos que a Terra poderia usar?

— Nossa missão toda... foi inútil — digo. — Tudo o que fizemos, tudo o que sacrificamos... foi tudo em vão. A Terra já conquistou esse planeta. Eles vieram, viram e partiram. E agora estamos aqui. Sozinhos. Essa maldita coisa toda foi para nada! — Cuspo a palavra. — Que missão estúpida, inútil. É claro que uma nave mais rápida foi inventada nos séculos seguintes enquanto nós viajavamos. Quinhentos anos antes do lançamento da nave? Era a maldita época de Shakespeare! Somos tão antigos para a Terra agora como o maldito Shakespeare! Nossa nave é o equivalente a uma carruagem puxada por cavalos!

Elder pega minhas mãos, e só então percebo que estou agitando as mãos como uma maníaca.

— Eles não podiam se comunicar conosco — digo. Os links de comunicação haviam se quebrados antes da nave chegar aqui. Eles provavelmente nos viram chegar, mas já que não podiam falar conosco, e como nós nunca pousamos, eles devem ter pensado que estávamos todos mortos. Estou chorando agora. Não sei por quê, mas estou chorando. — Se você está em silêncio por 500 anos, eles acham que você está morto. — Mesmo que nós não estivéssemos.

Lembro-me, então, tão vividamente como se tivesse acabado de acordar, a sensação de estar congelada. Minha mente havia bloqueado as lembranças de forma tão eficaz como se não tivessem sido nada a não ser sonhos, mas agora,

aqui, sob um céu com estrelas que brilham como olhos, tudo o que posso pensar é como me sentia ao estar congelada no gelo, viva, mas imóvel. Penso sobre o silêncio, o modo como nada podia me tocar. Penso sobre como eu me sentia presa estando consciente, mas incapaz de mover nem mesmo um cílio.

Penso em como tudo isso não valeu nada.

Pela primeira vez desde que deixamos a nave, sinto-me presa.

— A pergunta que temos de nos fazer é: onde eles estão agora? — Elder diz. Ele olha pela janela, como se esperasse ver uma cidade moderna do outro lado do vidro. — Se havia pessoas de uma colônia — ele continua lentamente, pensando em voz alta —, eles teriam tentado nos contatar. Eles devem ter nos visto pousar, tão perto do complexo. Se eles são humanos, se fizeram essa placa — ele aponta para o memorial incrustado acima da estação de comunicação — eles iriam querer nos ajudar.

Mas ninguém veio.

30: ELDER

Amy está branca — não pálida —, mas branca.

— Você está bem? — pergunto.

— Meu pai — sussurra Amy.

Fico imóvel, esperando que ela continue.

— Ele sabia. Ele manteve tudo isso escondido de nós. A colônia original. Esse complexo. Isso é o que ele estava tentando esconder de você. De todos nós. — Ela respira profunda e tremulamente. — De mim.

Não sei o que dizer a ela. Ela está certa — ela pode ver por si mesma que seu pai escondeu a verdade dela.

—Por quê? — ela diz, sufocada.

Dou um passo e fico à sua frente, interceptando seu olhar errante.

— Não sei. Ele deve ter tido uma razão.

Ela olha para mim amargamente.

— Órion tinha um motivo. Eldest tinha um motivo.

— O coronel Martin é um monte de coisas, mas ele não é Eldest ou Órion. — Assim que digo as palavras, sei que eu não acredito nelas, não inteiramente. Ele já provou que está disposto a dominar-nos com mentiras e verdades escondidas.

Amy afasta-se de mim, a cortina vermelha de seus cabelos escondendo seu rosto. — Você acha que a colônia que veio antes de nós... foi morta pelos pteros?

— Há mais do que apenas pteros aqui fora — digo, pensando nas misteriosas pegadas de animais que encontrei perto do módulo espacial e da escama de cristal que o coronel Martin tirou de mim.

— Havia material geneticamente modificado no sangue do Dr. Gupta — diz Amy. — Talvez a primeira colônia tenha, de alguma forma, usado a fórmula aqui em Terra-Centauri. Talvez tenha sido daí que os pteros vieram. Talvez eles tenham projetado sua própria destruição. — Ela faz um barulho abafado, e percebo que está segurando as lágrimas. — Estamos sozinhos — ela diz, quase em um sussurro. — A colônia que veio antes... seja lá o que for que aconteceu,

eles desapareceram. Exatamente como nós iremos desaparecer.

— Não iremos...

— Iremos, sim! — As palavras rasgam sua garganta. Ela se vira de frente para mim e vejo o pânico angustiante em seus olhos.

— Amy — digo, esperando que ela olhe em meus olhos. — Nunca, nunca, deixaria alguma coisa acontecer com você. Você sabe disso, não é?

Ela hesita antes de concordar.

Ela parece tão frágil nesse momento que parte meu coração. Nós dois sabemos que não serei capaz de protegê-la de tudo.

Mas eu farei tudo o que for possível, não importa a que custo.

— Amy — digo, olhando em seus olhos. — Eu am...

Ela gruda os lábios contra os meus, violentamente, cortando as minhas palavras. Tento colocar as palavras que ela não me deixou dizer em meu beijo. Seus braços se enroscam em volta do meu pescoço, puxando-me para mais perto dela. Há uma espécie de desespero em nosso beijo, uma fome que nenhum de nós dois pode ser capaz de saciar.

Não sou estúpido.

Mesmo quando meus pensamentos evaporam na chama de nosso beijo, estou ciente de que ela não me deixou dizer as palavras que eu queria dizer e que ela ainda não me disse em retorno.

Mas não me importo.

Porque nós podemos dizê-las ou não; não importa. O que há em nossos corações é real, tenha ele um nome ou mesmo que ele só exista na escuridão e no silêncio.

Um longo período de tempo depois, nós nos separamos. A cor voltou ao rosto de Amy, e suas mãos não estão mais tremendo.

— Nós vamos conseguir — digo, esperando que minhas palavras possam reafirmar a ideia dentro dela.

Ela aperta a mandíbula e acena com a cabeça.

Inspeciono o painel de controle sob a placa com o símbolo alado duplo do

IRF.

— Essa é definitivamente uma estação de comunicação — digo. — Não é tão diferente das conexões de comunicação que usávamos em *Godspeed*.

É claro que não é. Ambos foram desenvolvidos pelo IRF.

Amy segue o meu olhar.

— Você acha que poderia entrar em contato com a nave? Talvez conseguir alguém para nos ajudar a descobrir a pista dentro d'O Pequeno Príncipe.

Balanço a cabeça. Mesmo se houvesse uma maneira de comunicarmos com *Godspeed*, eu teria que fazer isso diretamente nos com-wis — qualquer outro sistema de comunicação havia sido destruído com a Ponte. Olho para Amy. Seus olhos estão brilhantes, como se comunicar-se com a nave fosse sua última esperança. Volto para a estação de comunicação; não é muito diferente daquela na nave... não custa nada tentar.

Puxo uma cadeira que está encostada contra a parede e sento-me na frente do painel de controle, tentando descobrir o que os controles são e como eles são usados. Reconheço alguns — esse mostrador procura por um sinal, esse ajusta a saída. Mas há outros como um botão rotulado ANSÍVEL^[16] e um medidor com uma agulha que se move rapidamente que não significam nada para mim.

Amy senta-se ao meu lado. Uma tela sensível ao toque se acende na frente dela, exibindo um menu de opções. Talvez a velha tecnologia esteja misturada com a nova. Amy desliza o dedo sobre a tela e, em seguida, faz uma pausa, pairando sobre uma palavra.

Interceptado.

Ela olha para mim. Isto não prediz nada de bom.

Amy pressiona a palavra, e a tela fica preta novamente, com apenas uma pequena linha vermelha rotulada de visualizador de frequência na parte superior e uma linha amarela rotulada de visualizador de volume na parte inferior. Enquanto o som enche a sala de comunicação, as linhas pulam para cima e para baixo em uma sequência gráfica de palavras. No centro, palavras digitadas transcrevem uma mensagem de áudio.

Parabéns, *Godspeed*! Você chegou em segurança ao seu destino final: o planeta circulando o sistema binário de Centauri.

— Sei o que é isso — digo, meu estômago pesado.

— Estamos nos comunicando com a Terra! — Amy grita, animada, inclinando-se para frente enquanto a mensagem continua.

Estamos animados em informá-los que as sondas enviadas antes da aterrissagem da nave indicaram não apenas um mundo habitável, mas também rico em recursos ambientais!

Amy se vira para mim, os olhos brilhando de emoção.

Até que ela vê o olhar em meu rosto.

No momento do seu pouso, um sinal foi transmitido diretamente para o Intercâmbio de Recursos Financeiros. Estejam certos de que, mesmo agora, o IRF está preparando uma nave cheia de ajuda e suprimentos para sua colônia.

— A Terra está chegando! — Amy insiste, ainda agarrada a sua recém renovada esperança. — A Terra virá nos ajudar!

— Não, não virá.

— O que você está falando? Eles acabaram de dizer...

— Amy, como essa mensagem foi rotulada? — pergunto.

Ela franze a testa.

— Interceptadas.

Meus dedos deslizam pela tela sensível ao toque, e a mensagem começa novamente.

Parabéns, *Godspeed*! Você chegou em segurança ao seu destino final, o planeta circulando o sistema binário de Centauri.

— Mas... — Amy diz.

— É uma mensagem gravada. — Sinto-me enjoado. — Ouvi essa mensagem quando o coronel Martin digitou o código de autorização no painel de controle na ponte. Nós dois pensamos que era uma comunicação ao vivo com a Terra que tinha acabado de ser interrompida. Mas não era nada além de uma gravação, uma cópia de uma mensagem que estava sendo enviada para nós a partir daqui.

Faço a mensagem continuar. Na gravação que o coronel Martin e eu ouvimos, as palavras foram cortadas antes que quaisquer detalhes sobre o que está ameaçando nossa existência tivessem sido ditos. Essa mensagem também é interrompida, exatamente no mesmo local que a comunicação falhou e parou antes.

Pergunto-me se isso veio mesmo de Terra-Sol ou se é tudo parte de algum plano sofisticado.

— Quem faria isso? — Amy pergunta, enojada. Seus olhos se arregalam.
— Não... não meu pai?

Balanço minha cabeça negativamente. Vi o rosto do coronel Martin quando ouvimos a mensagem na ponte.

— Essa mensagem chegou momentos depois de ele ter acordado — acrescento. — Ele não poderia ter coordenado isso.

Toco a tela de volta para a lista de mensagens. Interceptado tem somente a mensagem de Terra-Sol. Outras estão marcadas Negociações Comerciais, Detalhes Trabalhistas, Especificações de Manufatura, Vigilância — e cada uma delas tem várias mensagens listadas em cada tipo, todas marcadas por uma série de números que não parecem ter qualquer tipo de padrão.

Toco a tela novamente e vejo um título chamado Comunicação ao Vivo. Cutuco Amy e aponto para o título.

— Comunicação ao vivo de quê? — ela pergunta.

— Talvez as pessoas que construíram esse complexo?

Pressiono a lista. Um submenu aparece, mostrando outra lista de tópicos aleatórios: Agricultura, Médicos, Comunidade, Manutenção, Motor, Controle.

Amy me olha com curiosidade. Esses títulos não fazem sentido. Toco o último: controle. A tela fica preta, a palavra ERRO aparece piscando na tela, e depois retorna para o submenu. Dou de ombros e toco o primeiro título, Agricultura.

Desta vez, a tela não se desvanece em preto. Em vez disso, ela mostra uma paisagem ondulante. Colinas verdejantes estruturadas, perfeitamente niveladas. Campos medidos de grãos, milho, feijão. Uma paisagem agrícola fabricada, pontilhada com vacas e ovelhas geneticamente modificadas, tudo sob um céu de metal pintado de azul.

Toco na tela, e a imagem desaparece, substituída pelo submenu.

— Elder, isso era — Amy não consegue dizer a palavra.

Godspeed.

Isso era *Godspeed*. Os títulos no submenu fazem sentido agora. Toco neles rapidamente. Médicos mostra o Hospital do lado de fora, uma câmera em um

ângulo próximo à estátua do Eldest da época da Peste. Comunidade é a cidade. Manutenção é o Nível dos Transportadores; Motor mostra o reator rápido refrigerado a chumbo que alimentava *Godspeed*. Controle não mostra nada, a não ser uma tela em branco, porque deve ter sido um vídeo ao vivo alimentado da Ponte, e não há mais Ponte. Doc a explodiu.

— Eles estavam nos observando — digo, o horror rastejando em minha voz. — Eles estavam nos observando o tempo todo.

— Quem estava nos observando? — Amy pergunta.

Eu não sei. Talvez quem construiu este complexo. A primeira colônia — talvez o que for que tenha acabado com a primeira colônia, a coisa que não é humana, que a fechadura biométrica nesse edifício deve a manter lá fora.

Clico novamente em Comunidade. A Cidade não é como eu me lembrava. As ruas estão lotadas, sujas. O povo — o meu povo, aqueles que deixei para trás, os que ficaram com Bartie — têm uma espécie de desespero agarrado a eles.

Alguns deles se movem muito rápido, correndo de um lugar para outro, como se suas vidas dependessem disso. Outros não se movem. Encostam-se aos edifícios.

Eles desistiram.

— Algo está errado — digo. Quero atravessar a tela e ajudá-los, mas assim que os meus dedos tocam na tela, ela volta para o submenu.

Amy coloca a mão no meu braço. Acho que ela quer me puxar para longe do monitor. Afinal, o que posso fazer? Estou aqui, e eles estão muito acima de mim, orbitando ao redor do planeta. Não posso alcançá-los. Não posso salvá-los.

Falhei com eles.

Toco o título Manutenção para ver o Nível dos Transportadores. As portas para todos os diferentes escritórios e laboratórios estão abertas, mas não há ninguém lá. É noite? Não, não pode ser... a cidade estava iluminada pela luz solar. Por que não há Transportadores nesse nível? Eu volto e toco em Motor. A sala do motor também está vazia.

O ângulo da câmera está posicionado de modo que eu possa ver tanto o motor quanto atrás dele, as enormes portas travadas que escondem os restos da ponte. As portas estão lacradas. Tento olhar para as pequenas telas no painel de controle atrás do motor — do que eu posso ver, tudo parece estar operacional.

Por que não há ninguém nesse nível?

Então vejo a luz vermelha piscando no motor em si. É maciça, mas o ângulo da câmera bloqueia a maior parte do brilho vermelho. Minha boca fica seca. Sei o que esse brilho significa. O Nível dos Transportadores inteiro deve estar envolvido por um alarme ensurdecedor.

Advertindo-nos de que o motor está entrando em colapso.

Olho mais de perto. Não posso aumentar o zoom, mas aperto os olhos para ver através dos pixels, para entender o que aconteceu. Amy também se inclina para frente, seu cabelo vermelho varrendo a tela antes que ela o empurre por cima do ombro.

Quando Doc explodiu a Ponte, o motor foi exposto ao espaço e à rápida descompressão, consequência da sucção a vácuo causada pelo buraco onde ficava a ponte. O motor foi construído para durar, mas já era velho. Teria sido fácil ficar danificado, então... especialmente porque, imediatamente após a explosão da ponte, eu parti com o módulo. Ninguém fez trabalho algum nesses dias, ninguém se preocupou em verificar o motor. Ele poderia ter apresentado um discreto mau funcionamento o tempo todo. Alguns dos Transportadores inspecionaram o motor antes de nossa partida, mas quão cuidadosa foi essa verificação? E se eles deixaram passar alguma coisa?

Se o motor morrer, *Godspeed* morre.

É simples assim.

Estendo a mão para fechar a tela. Não quero ver isso; não quero viver com essa culpa.

Eu abandonei meu povo à morte.

O pensamento faz minha mão contrair-se e, por acidente, abro o feed da câmera de vídeo que mostra o Hospital. Estendo a mão para desligá-lo, mas Amy segura a minha mão.

— Espere — ela diz, olhando para a tela.

Eu me afasto. Não preciso da face de concreto do Eldest original zombando de mim.

— Um manto de estrelas... — sussurra Amy. Ela puxa o meu braço. — O que o homem da estátua está vestindo? — ela pergunta.

Não preciso olhar para ele para responder a ela.

— É o manto do Eldest.

Amy parece confusa, e eu me lembro — ela nunca o viu. Eu o usei uma vez, quando anunciei a existência do planeta para a nave, mas Amy não estava lá. Ela estava com medo da multidão, e com razão.

— É um manto de lã grossa que o Eldest usa em ocasiões especiais — digo.

Posso imaginá-lo em minha mente: a superfície do planeta bordado na bainha do manto e estrelas costuradas nos ombros.

Estrelas costuradas nos ombros.

— Elder, O Pequeno Príncipe! —Amy diz, animada. — Lembra-se? A ilustração mostrava um rei... O Eldest era como um rei, não era? Órion marcou o coração do manto... um manto com as estrelas nele.

Fico olhando para a estátua. Ela foi feita de concreto, pelo próprio Eldest da época da Peste.

Se houvesse um segredo sobre o planeta, teria sido um segredo que o Eldest da época da Peste teria guardado. Ele foi aquele que começou o sistema do Eldest, foi ele quem decidiu não pousar a nave no planeta quando chegamos. É claro que ele tinha uma razão para não ter pousado *Godspeed* — e que melhor lugar para esconder isso do que dentro do concreto da estátua?

— Tudo se encaixa — diz Amy, sua voz maravilhada. — A ideia, a última pista, as informações sobre o que está acontecendo aqui, estão na estátua.

— Na estátua — repito. — Na nave, que está em órbita, no espaço.

Amy suspira pesadamente. Saber que a pista está lá não nos ajuda em nada.

O movimento no lado da tela distrai-me da estátua. Alguém andando pelo caminho por trás do Hospital, através do jardim. O caminho se curva, e a pessoa fica momentaneamente fora de vista, mas um momento depois, ele está na frente da estátua.

Bartie.

Ele para, inclinando o rosto para o céu de metal. A câmera está em perfeito ângulo para capturar sua imagem. Seu rosto está cheio de rugas de preocupação e tristeza, círculos escuros sob seus olhos e uma nova cicatriz em seu rosto. Ele está abatido, e seu cabelo parece despenteado. Não há nenhum sinal de sua guitarra. Ter tirado a liderança de mim não parece ter caído bem em Bartie.

— O que ele está fazendo? — Amy pergunta, olhando.

Bartie parece estar falando com a estátua do Eldest da época da Peste. Lembro-me de como eu sempre costumava parar e olhar para o rosto desgastado. Os braços abertos do Eldest da época da Peste são benevolentes, e as feições de seu rosto estão tão borradas que eu podia imaginar que ele olhava para mim com simpatia, enquanto eu estava tentando decidir como ser o Líder que meu povo precisava.

Bartie coloca a mão em um de seus bolsos. Por um momento, acho que o que ele pegou é um disquete, mas o que ele está segurando é menor do que um disquete e mais escuro. Preto. Um quadrado preto.

Um adesivo médico preto.

Amy suspira.

E eu sei o que Bartie está pensando e por que ele veio até o Eldest da época da Peste.

A nave está morrendo, e ele sabe disso. Ele está tentando decidir quanto tempo deve esperar até distribuir os adesivos médicos pretos. Aqueles que matam.

31: AMY

Elder não fala nada enquanto sai apressadamente do complexo, voltando para a colônia. Tenho que correr para acompanhá-lo.

— Elder, espere! — chamo-o, sem fôlego. Ele diminui a velocidade, mas não para.

Suas costas estão rígidas, seus ombros tensos. Quando eu chego perto, ele se distancia. Agarro seu cotovelo e não o deixo ir, virando-o para que ele me enfrente.

— Nós podemos salvá-los também — digo.

Elder dá uma gargalhada, um som curto, amargo. Nós dois ficamos imóveis, olhando para a floresta, à espera do grito de um ptero. Mas logo os ruídos suaves da noite, nos quais eu não havia prestado atenção, retornam — um som baixo, o gorjeio de um pássaro noturno, o quase inaudível arrastar de pequenos animais no chão da floresta. Não temos visto muitos animais selvagens, mas isso não significa que eles não estejam lá.

— Podemos salvá-los — digo novamente, a minha voz mais baixa.

— Não podemos nem mesmo salvar a nós mesmos. — A mandíbula de Elder está tensa.

— Nós praticamente resolvemos a última pista de Órion — contradigo-o. — Temos a estação de comunicação no complexo. Não vamos deixá-los morrer lá em cima.

— Ah, é? — Elder pergunta com os dentes cerrados. — E como vamos sobreviver aos malditos alienígenas que estão aqui?

Meu coração para de bater.

— Há algo lá fora, Amy — diz Elder. Ele olha sobre a minha cabeça, para a floresta negra. — Algo que matou a primeira colônia.

— Pteros...

— Eles não programaram as fechaduras biométricas para manter pteros do lado de fora — Elder diz bruscamente. Ele está certo. Aquelas fechaduras foram feitas para alguma coisa... outra coisa. — Além disso — ele acrescenta, olhando

para mim e depois desviando o olhar —, há mais coisas do que apenas pteros. — Sei que ele está pensando na estranha escama cristalina que ele encontrou no túnel, e isso me assusta também. Há muita coisa sobre esse planeta que não entendemos. Muita coisa que pode nos matar. — Lembra-se da pegada? — ele pergunta.

Aceno com a cabeça. Como eu poderia esquecer as bordas afiadas das três garras, como se tivessem sido projetadas para mutilar?

Elder continua em voz baixa, como se tivesse medo de ser ouvido.

— Pensei ter visto algo na floresta, exatamente antes de ser atacado. Talvez o que quer que fosse tenha controlado o ptero.

Uma imagem aparece rapidamente em minha mente: um alienígena de olhos esbugalhados e pele verde, cujos pés têm garras, que nos observa e espera até que estejamos mais vulneráveis para nos atacar.

Não quero pensar sobre isso. Não posso pensar sobre isso. Já descobri coisas demais essa noite. Afasto-me de Elder, e continuamos a andar de volta para a colônia em silêncio, não nos detendo até quase chegar ao meu prédio na borda da colônia. O mundo está em silêncio agora e escuro. Elder fica mais perto de mim, tirando o cabelo que estava escondendo meu rosto para trás dele.

— Pare — uma voz feminina baixa dá o comando. Começo a me virar e sinto o duro cilindro de metal de uma arma na parte de trás da minha cabeça. Solto a mão de Elder e levanto a minha.

— Amy? — a voz pergunta. A arma é abaixada. Quando me viro, vejo Emma, vestida em seu uniforme, uma semiautomática na mão direita.

— Emma, você quase me matou de susto! — exclamo.

— Shh! — ela diz. — Ou vocês querem que o resto da guarda de plantão essa noite venha aqui e veja o que vocês idiotas estão fazendo?

Olho para Elder. O quanto Emma sabe?

— Se vocês dois não conseguem manter as mãos longe um do outro, então vão para um dos edifícios — ela rosna. — Agarrando-se no meio da noite, na borda do acampamento, é provável que vocês levem um tiro. Eu pensei que vocês fossem... — ela se interrompe. — Eu pensei que vocês fossem o inimigo.

Estreito os olhos. A que inimigo ela está se referindo, exatamente? Emma não sabe o que estávamos fazendo, mas eu tenho mais do que uma pequena

suspeita de que ela sabe mais do que está dizendo. Ela estava com o meu pai, naquele primeiro dia, quando ele foi até a sonda e encontraram um complexo moderno de alta tecnologia.

Ela sabe o quanto ele está escondendo.

Quando nem Elder nem eu dizemos nada, Emma franze a testa.

— Vocês não vieram aqui fora só para se beijar, não é?

— Não! — digo muito rapidamente. — Emma, nós estávamos...

Ela me interrompe com um aceno de sua mão.

— Não me importo com o que vocês estavam fazendo e não quero saber. Mas vocês são inteligentes, os dois, e aposto que posso adivinhar o que está acontecendo. — Ela olha atrás dela, na direção do complexo. — Não saiam à noite — ela diz, mais severamente dessa vez. — Há coisas lá fora sobre as quais vocês não sabem.

Elder acena solenemente, então se vira para ir embora. Emma agarra meu braço, mantendo-me no lugar.

— Amy, isso é importante — ela diz, com a voz baixa e urgente. — Você não quer ouvir isso, sei que não quer, mas você não pode confiar...

— Quem está aí? — uma voz, a voz do meu pai... chama.

Passos pesados ecoam em nossa direção. Meu pai e Chris, ambos vestindo seus uniformes, se aproximam.

— Emma? O que está acontecendo?

Emma endireita-se, e qualquer aviso que ela estivesse prestes a me dar morre em seus lábios.

— Senhor. Encontrei os dois aqui fora. — Ela faz uma pausa. — Beijando-se.

Há um tom meio fofoqueiro em sua voz quando ela diz isso, mas estou realmente feliz por ela ter dito a meu pai que eu estava aqui fora fazendo isso. Pelo menos, ela não disse o que suspeitou que estávamos fazendo — descobrindo o complexo e os segredos do meu pai.

Meu pai não parece feliz, no entanto.

— Vou levar Amy de volta — ele rosna. — Chris, você pode acompanhar esse garoto de volta ao seu prédio?

— Esse garoto pode andar com seus próprios pés — Elder retruca bruscamente.

Meu pai o encara.

— Há muitas coisas que você deve temer aqui, à noite, no escuro.

Elder não se mexe.

— Eu sei do que ter medo — ele diz. — E não é do escuro. — Ele espera o tempo de um batimento cardíaco, então acrescenta. — Nem de você.

Chris toca no ombro de Elder, orientando-o de volta para a colônia, mas Elder o empurra.

Meu pai espera até que Chris e Elder estejam fora de vista e que Emma esteja de volta patrulhando o acampamento antes de virar-se para mim.

— O que você estava pensando? — ele diz. Estou chocada com o tom zangado de sua voz. — É perigoso aqui fora, Amy.

— Nós ainda estávamos na colônia — protesto, porque, até onde ele sabe, nós estávamos.

— E beijando um deles!

Isso me faz parar. A noite está estranhamente silenciosa agora, o ar muito parado.

— O quê? — pergunto em tom monótono.

— Amy, esses shipborns... você não deve ficar tanto com eles. — Meu pai começa a andar, exatamente do lado de fora do nosso prédio.

— Não sei, papai. Acho que Elder tem sido um pouco mais atencioso do que você ultimamente... você não acha?

— Eles não são como nós — meu pai continua, ignorando a minha acusação.

— Como? — pergunto, minha voz ainda fria.

— Basta olhar para eles! A maneira como eles parecem ser todos iguais. A forma como todos pensam que um garoto é o seu “líder”. Eles são... estranhos. Diferentes. Pelo amor de Deus, Amy, os shipborns não são como nós!

— Você não sabe o que está falando! — digo, mais alto do que tinha pretendido. Vamos acordar toda a colônia. — Eles são pessoas. Boas pessoas.

Meu pai balança a cabeça com pena, e é isso, mais do que qualquer outra

coisa, que faz minha raiva aumentar ainda mais.

— Oh, Amy — ele diz. — Você nem mesmo deveria estar aqui.

Algo se encaixa na minha cabeça.

— Então por que você me deu uma escolha? — digo, minha voz cada vez mais alta e mais aguda com cada palavra. — Por que deixar essa decisão para eu tomar? Você poderia ter me preparado mais. Mas não, você apenas esperou até que mamãe já estivesse congelada e então congelou a si mesmo e me deixou, sozinha, para que eu decidisse se deveria desistir de tudo por vocês! E quando eu realmente faço isso... é a escolha errada! Se você nunca quis que eu viesse, por que não disse logo? Por que você me deixou tomar a decisão? Por que você fez parecer que eu podia tomar minhas próprias decisões quando você nem sequer embalou as minhas coisas para mim? Eu vi os baús na sala de armazenamento e aquele que tem o meu nome está vazio!

Estou respirando pesadamente quando acabo de falar, meu rosto está quente, meus punhos estão crispados, e eu não me importo.

A mandíbula de meu pai se move.

— Sinto muito por isso — ele mastiga. — Eu havia prometido a sua mãe não tentar convencê-la a ficar, e achei que se eu lhe dissesse o que fazer, você faria o oposto. Eu queria que você fosse capaz de fazer uma escolha com a qual você pudesse viver.

— Eu fiz.

— Eu não sabia que as coisas ficariam assim, essa bagunça. Essa não é a missão que eu esperava. E eu não tinha ideia de que você ia acordar mais cedo assim. Queria que isso não tivesse acontecido. Talvez, então, você pudesse ver que os shipborns...

— Nem mesmo comece — digo. — Os shipborns não são parte dessa discussão.

— Eles odeiam você. — Meu pai me olha, desafiando-me a quebrar o contato visual. — Eu vejo o jeito como eles recuam para longe de nós, a maneira como eles olham para nós como se fôssemos umas aberrações, mesmo você.

— Elder não me odeia — digo. — Eu sei disso mais do que sei qualquer outra coisa.

Meu pai começa a rir.

— Elder é um adolescente. Ele não odeia nada que tenha seios!

Dou um passo para trás, como se meu pai tivesse me dado um tapa.

— Amy, você não pode confiar nele. E você não pode... não, não quero que você perca a cabeça por esse garoto. Acho que você deixou esses três meses em que viveu na nave anular os anos em que viveu na Terra. Você é uma de nós. Você é minha. Você é a minha menina.

— Não mais — digo com crueldade, passando por ele e indo em direção ao edifício.

Papai me agarra e me puxa para trás. Por um instante terrível, acho que ele vai me bater, mas ele não o faz. Ele me envolve em um abraço tão apertado, que mal posso respirar.

— Não vou deixar você ir embora com raiva de mim, Amy — ele diz baixinho contra o meu cabelo. — Nós podemos brigar e podemos discordar, mas nunca vou deixar você se afastar de mim pensando que eu não te amo.

Ele afrouxa seu abraço, e dou um passo para trás, atordoada por suas palavras. Meu pai não é do tipo meloso.

— Esse mundo é perigoso, Amy — ele diz. — Não sei o que vai acontecer. Não posso deixar você se afastar de mim com raiva. Eu te amo demais para deixar isso acontecer.

Ele segura seu dedo mindinho para cima à espera que eu enrole o meu em torno do dele.

O gelo derrete dentro de mim.

— Eu também te amo — digo, fazendo uma “promessa de mindinho” exatamente como costumávamos fazer quando era criança. — Prometo.

E quero dizer isso: eu o amo.

Apenas não tenho certeza se posso confiar nele.

32: ELDER

Meus olhos se abrem abruptamente na manhã seguinte, quando ouço passos barulhentos subindo a escadaria que conduz ao meu prédio. Eu me estico, estalando meu pescoço. Usei uma pilha de roupas como uma cama improvisada, mas eu vou ter de encontrar algo melhor — especialmente para as mulheres grávidas, que devem estar sofrendo mais do que eu.

— Elder! — Amy me chama, sem fôlego, enquanto corre para dentro do meu quarto.

Um sorriso torto desliza pelo meu rosto; não me importo de ser acordado tão cedo de manhã se Amy for o meu despertador.

Então vejo seu rosto.

— Qual o problema? — pergunto, levantando-me de um pulo e pegando uma túnica da pilha de roupas, puxando-a sobre minha cabeça. O ar já está úmido e pegajoso, apesar de ser muito cedo.

— Kit — Amy diz, ainda ofegante de ter corrido até o meu prédio. — Vamos. — Cambaleio atrás dela, colocando meus mocassins antes de ir.

— O que aconteceu? — pergunto, meu coração pesado. Além de Amy, Kit é uma das poucas pessoas nesse planeta em quem eu realmente confio, e um dos poucos amigos que tenho. Se algo estiver errado...

— Eu não sei — Amy diz. Seus olhos se viram para a parte inferior do morro, onde o coronel Martin está dando instruções a Emma e Chris, apontando para algo à distância.

— O que você quer dizer? — pergunto. — Ela está bem?

— Eu não sei — Amy repete, agarrando minha mão e arrastando-me para baixo pelas escadas em direção ao coronel Martin. — Essa manhã, meu pai tentou encontrá-la, para ver essa lista que ela fez detalhando quais são as habilidades de todos. Ele ia começar a designar missões de trabalho permanentes. Mas ela está desaparecida.

— Desaparecida? — Sinto-me tonto. É quase de manhã, os sóis apenas começaram a nascer.

— Meu pai pensa que ela só se afastou ou algo assim e que vai aparecer logo.

— Kit não faria isso — digo.

Ela olha para mim.

— Eu sei.

O coronel Martin se vira à medida que corremos até ele.

— Amy — ele diz, um tom de censura em sua voz. — Eu lhe disse para não incomodar Elder com isso.

— Pai, Kit não sairia simplesmente. Se ela está desaparecida, isso significa que há algo errado.

Olho para Amy. Nós dois sabemos que se ela está desaparecida, provavelmente já é tarde demais.

— Já me ofereci para ir procurar por ela — Emma diz. Ela faz uma carranca.

— E eu já disse que não é nada — diz o coronel Martin com firmeza. — Mande alguns soldados à frente até o módulo para ver se Kit foi para lá.

— Ela não iria — digo.

— Nós não temos tempo para parar todas as operações porque uma mulher saiu andando por aí... contra as minhas ordens, eu poderia acrescentar.

— Pai — Amy diz com tanta força que ele parece um pouco surpreso. — Kit não sairia para passear sozinha. Ela não é assim.

O coronel Martin considera o que ela disse.

Chris dá um passo e fica ao lado dele. Quero jogá-lo para o lado; não preciso de mais uma pessoa me dizendo que Kit apenas se descuidou e se perdeu.

— Talvez ela esteja nas privadas — ele diz.

— Ela não está, eu verifiquei — diz Amy. — Temos que sair à procura dela.

— Vamos esperar que os homens que enviei até o módulo voltem — diz o coronel Martin, mas seu tom de comando não é tão firme quanto antes. — Ela poderia ter ido até lá para pegar mais suprimentos do módulo...

— Ela não faria isso — insisto. — Kit é um membro do meu povo, e eu a

conheço. De jeito nenhum ela iria deixar a colônia sem me avisar. Estou lhe dizendo, se ela desapareceu, algo está seriamente errado. — Vejo como a dúvida atravessa o rosto do coronel Martin. Ele não quer que Kit tenha sido levada; ele não quer que seja culpa dele. Seus guardas não a protegeram. Mas não tenho tempo para apaziguar os sentimentos feridos do coronel Martin. — Se você não vai fazer nada, eu vou — digo. — Vou reunir grupos de busca agora.

— Eu vou ajudar — Amy diz imediatamente.

— E eu também — Emma dá ao Coronel Martin e a Chris um olhar enjoado.

Nós trabalhamos rapidamente. Assim que a notícia se espalha de que Kit desapareceu, as pessoas começam a se oferecer para participar do grupo de busca — mais de uma centena, em menos de uma hora.

O coronel Martin lança um olhar sobre o grupo que se reuniu na campina.

Há uma espécie de determinação sombria no grupo de busca, e eles carregam ferramentas — pás, foices, até mesmo, em alguns casos, apenas um galho de árvore grande, alisado em uma extremidade para servir de punho em um taco improvisado.

— Eles não precisam de armas. Meus homens têm armas — o coronel Martin diz. Meu povo, armado como está, o deixa nervoso. Eu arquivo essa informação em separado na minha mente.

— Armas não salvaram Kit — digo. — Ou Lorin. Ou Juliana Robertson, ou aquele médico terráqueo.

Vou até a última pessoa que a viu — Willow, uma mulher grávida que a procurou no meio da noite com dores no estômago.

— Depois que ela me deu um adesivo, ela saiu — Willow me diz.

— Você viu mais alguém?

— Havia um deles patrulhando — Willow quer dizer um dos militares nascido terráqueos. Ela aponta para Chris, que está em pé perto da multidão, parecendo preocupado. — Aquele ali.

Ando a passos largos até ele e o confronto com essa informação.

— Eu me lembro de tê-la visto — Chris diz, com as mãos para cima como se estivesse se defendendo da acusação em minha voz. — Foi exatamente antes do meu turno terminar.

— Você se assegurou que ela havia voltado para o prédio em segurança? —
exijo.

Chris empalidece.

— Eu... não. Eu só concluí...

— Foi quando ela foi levada — digo, agora convencido disso. Olho
fixamente para Chris.

Era seu trabalho proteger a colônia, e ele deixou um membro do meu povo
pagar o preço do seu descuido.

A pergunta é: quem a levou e por quê?

33: AMY

Quando Elder começa a enviar os grupos em busca de Kit, meu pai agarra meu braço.

— Você não vai — ele diz.

Fico olhando para ele, chocada demais para protestar.

— Você pode ajudar de outras maneiras. Não vou deixar você sair com eles.

— Eu posso ajudar — digo com raiva. — Kit é minha amiga.

Meu pai olha para mim como se não acreditasse que sua filha pudesse realmente ser amiga de uma shipborn. É o mesmo olhar que ele me dá quando me vê com Elder.

Meus punhos se crispam.

— Pai! — rosno. — Você não pode simplesmente deixar Kit se perder porque ela não é um membro do seu povo.

— Não tem nada a ver com isso. — Sua voz está repleta de uma emoção que não entendo, soa quase como arrependimento, mas isso não faz qualquer sentido. Ele se inclina para perto de mim. — Eu já vi você ferida uma vez, Amy, quando Elder a trouxe para mim, depois que você foi derrubada por aquela flor roxa. Eu não a verei se machucar novamente. — Ele me abraça apertado, tirando-me o fôlego.

— Vá para o laboratório com sua mãe. Chris vai ficar com vocês duas. — Meu pai olha para minha mãe enquanto ela se aproxima. — Tenho que proteger as minhas garotas.

Olho para trás. Os grupos de busca já começaram a se dispersar. Com um suspiro, sigo minha mãe de volta para o edifício que estamos compartilhando enquanto ela se apronta para um dia no laboratório. Pergunto-me brevemente se meu pai vai até o complexo que Elder e eu descobrimos ontem à noite, se há algo lá que vai ajudar a encontrar Kit. Espero que sim. Não me importo se meu pai o manteve em segredo, não se for ajudar a encontrar Kit e trazê-la de volta com segurança para nós.

— Ok — minha mãe diz. — Deixe-me verificar com os geólogos e ver os resultados dos testes que eles fizeram ontem à noite. Amy? — ela acrescenta. — Quer vir comigo?

Balanço a cabeça.

— Irei com você, Dra. Martin — Chris diz, ficando em pé. Fico feliz por ele estar aqui para proteger minha mãe, mas é estranho ter um guarda-costas que é apenas alguns anos mais velho do que eu.

Assim que eles saem, Emma entra no prédio.

— Sozinha? — ela pergunta em seu sotaque melodioso. Aceno com a cabeça.

Emma atravessa a sala em três passos largos e coloca algo em minhas mãos. Um cubo de vidro, do tamanho de minha mão.

— Quero que você fique com isso — ela me diz. — Esconda-o.

— Por quê? — pergunto, olhando para ele. Embora o cubo pareça ser feito de vidro, ele é salpicado de manchas brilhantes douradas. Ele brilha à luz do sol, criando um fascinante redemoinho de luzes.

— Estive observando você e Elder. — Emma olha para a porta. — Sei que vocês não vão simplesmente aceitar cegamente o que alguém diz que é a verdade. E acho que talvez isso seja necessário mais do que qualquer coisa agora.

— É sobre... — hesito, não tenho certeza se eu quero saber a verdade. — Isso é sobre meu pai?

— Seu pai é um bom soldado — diz Emma. — Ele está seguindo as diretrizes da missão.

Meus dedos se curvam sobre o cubo de vidro.

— O que isso tem a ver com a diretrizes de missão?

— Estive em muitos países — Emma diz, mudando de assunto abruptamente. — E agora em um mundo totalmente novo. Mas eu nunca me senti *dépaysement*⁽¹⁷⁾.

— O que é *depah*.... hum? — Não consigo pronunciar a palavra.

— *Dépaysement*. É como... saudades do lar? — Emma balança a cabeça, seus cachos escuros saltando contra suas faces. — Essa não é a palavra certa. Ela significa... a maneira como você se sente quando você sabe que não está em

casa.

— Não entendo — digo. Não quero dizer que não entendo a palavra, não entendo por que ela está me dizendo isso. Nada disso.

— Aprendi há muito tempo que lar é uma palavra que se aplica a pessoas, não lugares. É por isso que não me importei em me candidatar para esta missão. Não me importava onde eu estivesse, eu me importava com quem eu estava.

Emma inclina a cabeça — eu os ouço também. Mamãe e Chris estão voltando.

— Estou lhe dando isso — ela diz, olhando para o cubo de vidro em minhas mãos — porque você, você e aquele garoto, Elder, vocês dois não se preocupam com nenhuma missão militar. Você não se importa com o que a IRF quer. Você se preocupa em fazer desse mundo um lar.

— Com o quê você se importa? — pergunto, olhando em seus olhos.

— Não importa — Emma diz, tristemente. — Sou militar. Tenho que obedecer ordens. Você não.

Ela olha para trás rapidamente.

— Vá — ela diz. — Esconda-o.

A urgência em sua voz me faz girar e sair correndo para o canto minúsculo de privacidade que tenho em meu “quarto” feito de tendas, e jogo o cubo de vidro em meu saco de dormir, escondendo-o.

— Amy? — minha mãe chama.

Saio do edifício. Emma já se foi.

— Pronta? — minha mãe pergunta.

Estou suando quando chegamos ao laboratório de mamãe no módulo — adoraria outra tempestade para refrescar tudo. Mas então me lembro do grupo de busca e de Kit, e rezo para que não chova.

O corpo do Dr. Gupta não está mais no laboratório de minha mãe, e estou um tanto grata por isso. Havia muitos... pedaços. Como Juliana Robertson. Engulo em seco, tentando esquecer o som da carne sendo rasgada, dos ossos sendo esmagados, que o ptero fez enquanto devorava o Dr. Gupta.

De alguma forma, minha mente voa para Lorin. Ela foi encontrada morta também, mas ela não deve ter sido morta por um ptero. O horror do Dr. Gupta e a morte de Juliana fizeram todos esquecer que é o corpo imaculado,

aparentemente intocado, de Lorin que é, de longe, o cadáver mais assustador.

— Os geólogos precisam fazer mais testes antes de poderem usar a minha ajuda — mamãe diz, já se voltando para a mesa de trabalho no laboratório. Ela segura um frasco com um líquido viscoso dentro. É vermelho escuro, quase preto.

— O que é isso? — pergunto.

— Sangue de ptero.

Olho atrás de mim. O corpo do Dr. Gupta pode ter sumido, mas o ptero ainda está lá, estendido sobre as mesas de metal. Mamãe já o dissecou, pesando os órgãos e enchendo o laboratório inteiro com o seu mau cheiro, mas ela ainda não acabou.

Tento não ficar com ânsia de vômito com o cheiro do sangue fedorento do ptero. Quando cubro meu nariz com as costas da minha mão, Chris me lança um olhar solidário.

— Quero que você faça um imunoensaio com isso — minha mãe me diz. — Nós já analisamos as vítimas, agora vamos analisar os monstros.

— Mas sabemos o que matou o ptero — digo. — Minhas balas.

Minha mãe silenciosamente me entrega a amostra e nós trabalhamos juntas para testar o sangue do ptero.

Quando tudo está terminado, minha mãe lê o relatório no computador em voz alta.

— Negativo para tudo — ela diz. — Exceto o material geneticamente modificado.

Olho para ela de boca aberta. Quando falei com Elder sobre os pteros antes, eu ainda não acreditava que era possível que eles tivessem sido geneticamente modificados pela primeira colônia. Materiais geneticamente modificados foram inventados na terra — em Terra-Sol. Não deveriam estar aqui, e certamente não em uma criatura nativa alienígena. Mas também não deveriam ter sido encontrados no sangue do Dr. Gupta.

— É possível que esse material geneticamente modificado... — Chris se interrompe, parecendo desconfortável. — Poderia ser do, er, Dr. Gupta?

Minha mãe balança a cabeça.

— Muito cedo, a criatura foi morta antes de ter a chance de digerir o Dr.

Gupta.

Ela deve saber. Fez a dissecação. Encontrou os pedaços dele no estômago do ptero.

— Mas como é possível, então? — pergunto. — Como poderia um ptero ter o material geneticamente modificado na sua corrente sanguínea? Poderia ter vindo do planeta?

Minha mãe olha fixamente para a amostra de sangue de ptero.

— Não deveria ser possível. Falei com Frank, o geólogo. Ele diz que há minerais no solo que ele nunca viu antes. Estamos falando de novos elementos da tabela periódica! O que significa que esse planeta não deveria ter qualquer coisa que tivesse vindo diretamente do nosso planeta, especialmente material geneticamente modificado, que foi artificialmente criado.

Não preciso esperar que ela termine os testes. Já sei a resposta — o ptero tem material geneticamente modificado em sua corrente sanguínea, porque os seres humanos estiveram aqui antes. E eles fizeram alguma coisa. Algo similar ao que estamos fazendo com os fetos de cavalos e de cães. Só que eles levaram isso muito longe, e as criaturas que criaram eram monstruosas. Talvez as mesmas criaturas que mataram a todos, deixando para trás nada além das ruínas de pedra.

Enquanto vejo minha mãe configurar o resto do seu equipamento, estou cem por cento certa de que ela não tem ideia que meu pai sabe sobre o complexo perto do lago. Ela ainda acha que nós somos os primeiros a chegar aqui. Abro minha boca, determinada a contar-lhe a verdade sobre o que papai está escondendo, mas as palavras não saem. Tenho esperança de que seus testes possam provar alguma coisa, algo que vai nos salvar.

Há um jeito determinado na sua mandíbula, um foco apaixonado na forma como ela trabalha agora. Isso me faz lembrar de Emma e o que ela me disse essa manhã. Parece que todos sabem que há algo de errado com esse mundo... apenas não conseguimos descobrir exatamente o quê.

Depois de várias horas, as portas do laboratório se abrem. Chris fica em pé imediatamente, assustado — ele adormeceu enquanto minha mãe e eu trabalhávamos. Elder entra no laboratório. Ele parece um pouco perdido enquanto olha ao redor da sala. — O coronel Martin disse que eu precisava vir aqui? — ele pergunta em voz alta. Seus olhos veem os meus, e sua boca se curva de alívio, mas o sorriso não chega até os seus olhos. Ele parece cansado, cansado

de lutar com meu pai, cansado de remover as camadas desse planeta e encontrar apenas meias-verdades e perigo.

— Kit? — pergunto imediatamente.

Elder balança a cabeça.

— Ainda desaparecida. Você me queria aqui? — Há uma pergunta em sua voz.

Minha mãe se levanta.

— Eu sinto muito — ela diz. — Eu perguntei a Bob, ao coronel Martin, para enviar-lhe aqui antes de descobrirmos que sua médica havia desaparecido. Estou surpresa que ele ainda assim lhe pediu para vir; eu não queria que isso interrompesse a equipe de busca.

— Está tudo bem — Elder diz sombriamente. — Nós tivemos que parar para o almoço.

— Nesse caso — minha mãe diz, ficando em pé. — Isso só vai demorar um minuto.

Ela acena para Elder para que ele a siga até onde os tubos de fetos estão armazenados. Elder me lança um olhar indagador, e percebo que minha mãe o convocou porque eu evitei contar aos cientistas sobre eles, anteriormente.

— Estamos começando o processo de incubação — minha mãe diz, mostrando o tubo a Elder — e não temos certeza de que sejam animais. Você sabe?

— Sim — Elder diz. Sua voz é educada, mas cautelosa.

— Ah, bom, eu esperava que sim — minha mãe diz. — Então o que temos aqui? — Ela para na frente do cilindro cheio com líquido gosmento dourado e dos feijões de pequenos clones de seres humanos. Clones de Elder. Cópias do primeiro Eldest, todos exatamente iguais até o seu DNA, mas nenhum deles é o meu Elder.

— Eles são... — a voz de Elder falha em sua garganta. — Eles são fetos humanos. Clonados.

Minha mãe se volta, surpresa.

— Fetos humanos? O IRF não disse nada sobre a preservação de fetos humanos clonados...

— Eles não são do IRF — diz Elder, rapidamente recuperando a

compostura. — Eles foram feitos pelas pessoas a bordo de *Godspeed*.

Pelo Eldest da época da Peste. Ele fez centenas de cópias de si mesmo, tudo com o objetivo de assegurar que ele, de alguma forma ou de outra, seria o eterno ditador de uma *Godspeed* que nunca muda.

— Qual é o... — Minha mãe faz uma pausa, procurando as palavras certas. — Sinto muito, não quero ser insensível ou ignorante, mas qual o seu propósito?

Elder olha para o líquido dourado. Seu propósito? Para fazer mais cópias dele. Substituições. Eldest ameaçou fazer exatamente isso, matar Elder e começar de novo com um feto novo arrancado do líquido pegajoso. É o que ele fez com Órion...

— Nenhum propósito — Elder diz em uma voz inexpressiva.

— Posso... sinto-se à vontade para dizer não, mas posso me desfazer deles? Nós podemos utilizar o espaço.

Elder acena, concordando, seus olhos fixos no cilindro. Como deve ser ver todos os seus eus potenciais? Imagino minha mãe puxando um dos pequenos feijões do recipiente e colocando-o em uma incubadora, junto com os fetos dos cavalos e dos cães. Nove meses depois, um pequeno bebê Elder salta de lá. Ele tem os olhos de Elder e seu rosto... mas a alma de Elder? Não.

— Certo, então — minha mãe diz. Ela se vira para o cilindro, levantando uma pequena tampa em um painel de controle escondido, pressiona um botão e logo um zumbido nos envolve. — Vai levar apenas um momento.

Ela dá um passo atrás. Um dreno no fundo do cilindro se abre e o líquido grosso cheio de Elders em potencial desaparece por um tubo que esconde seu descarte sob o assoalho.

Em minutos, o cilindro está vazio.

— Obrigada — minha mãe diz, voltando à sua análise do sangue de ptero. Um barulho no rádio interrompe a estranha tensão que minha mãe não percebeu ter criado. Nossa atenção se concentra em Chris, que está em pé, ereto, ouvindo a transmissão do rádio em seu ombro. Não conseguimos ouvir o que está sendo dito, mas os olhos dele se voltam para Elder.

E eu sei.

Kit foi encontrada.

34: ELDER

Eles trazem seu corpo direto para o módulo, então estou feliz porque, pelo menos, eu já estava aqui esperando-a chegar.

Seu cabelo está emaranhado com sujeira e galhos e folhas. Uma faixa grande de lama marrom escura está manchando o lado esquerdo de seu rosto até o jaleco que não é mais branco. Ela estava tão feliz com o jaleco — um presente do Dr. Gupta — que isso me deu a esperança de que os terráqueos e meu povo pudessem realmente trabalhar em conjunto. Ele está arruinado agora, junto com quem sabe mais o quê. Sobre o peito há uma ferida vermelha-e-preta, um buraco que explodiu na carne onde seu coração deveria estar.

Isso não foi um acidente.

Não foi o ataque de um animal, a mutilação causada por um monstro feroz.

Uma arma matou Kit, uma arma empunhada por um assassino.

— Quem a matou? — pergunto, olhando para o coronel Martin.

Ele levanta as duas mãos.

— Nós não temos nenhuma ideia.

— Essa ferida não se parece com nada que qualquer um do meu povo possa fazer! — grito, apontando para o buraco aberto no peito de Kit. — Um de seus militares, no arsenal...

— Elder — diz o coronel Martin solenemente — nós não temos qualquer arma que possa causar uma ferida assim.

Viro-me para Amy, que acena com a cabeça em silêncio, confirmando.

As pessoas carregando o corpo de Kit a colocam sobre uma mesa de metal, perto dos restos do pterô que Amy baleou. Meus olhos estão queimando tanto que mal posso ver. Kit era gentil e boa, e tudo o que ela sempre quis fazer foi ajudar outras pessoas.

Ela era como eu: obrigada a assumir a responsabilidade antes que estivesse pronta, determinada a fazer o bem, seguindo os passos de um antecessor que tinha abusado de seu poder.

E agora ela está morta.

Não é justo. Estou perfeitamente consciente de que esse pensamento é infantil, que não adianta mais do que um acesso de raiva, mas não posso evitar. Não é justo.

— Olhe para a forma como esses ferimentos foram feitos — diz a mãe de Amy enquanto se inclina sobre o corpo.

— É quase como se ela tivesse sido alvejada com uma bala explosiva — diz Amy. Ela olha em meus olhos, e posso ver que estamos pensando a mesma coisa. Pode não haver nenhuma arma como essa no arsenal, mas isso não significa que não haja algo no complexo que Amy e eu descobrimos. Ou nas mãos de seja lá qual for o tipo de alienígena que está lá fora.

A mãe de Amy começa silenciosamente a se preparar para uma autópsia. O coronel Martin e seus homens saem, mas eu fico. Quero ver isso. Quero saber o que matou Kit. Chris também fica — ele é o guarda-costas de Amy, afinal. Mas não gosto da maneira como ele olha para ela, como se ela pertencesse a ele, e não consigo deixar de rir um pouco quando ele começa a ficar verde enquanto vê a autópsia.

A mãe de Amy reúne tantas informações da parte de fora do corpo de Kit quanto possível. Amostras de cotonetes e raspagens de unha. Ela rotula e ensaca tudo cuidadosamente, entregando tudo para Amy, que as pega sem dizer uma palavra.

Olho por cima do corpo de Kit, em direção à Amy, que encontra meus olhos. Nenhum de nós fala, mas seu olhar é cheio de simpatia — e raiva. Kit não deveria ter morrido. Não assim.

Os olhos de Kit continuam a se abrir, embora a Dra. Martin os tenha fechado duas vezes. Sua boca se abre como se ela estivesse gritando, quando a mãe de Amy levanta a pele, olhando profundamente a ferida.

Tento desfocar os olhos, para evitar identificar as diferentes formas e cores de órgãos, ossos, veias, carne, gordura e todas aquelas coisas que não são feitas para serem vistas, aquilo que deve permanecer escondido, sempre, por trás de pele e da vida. Eu poderia facilmente encaixar minha cabeça no buraco no peito de Kit — não há nada lá agora, além de carne queimada e sangue escurecido.

A Dra. Martin direciona uma luz para dentro da ferida e, em seguida, pega um par de pinças das mãos de Amy. Ela ensaca algo que não posso ver o que é de onde estou, entregando-o a Amy.

— Veja o que você pode descobrir sobre isso — ela diz.

Amy leva a pequena sacola para a mesa de trabalho, e eu a sigo. É um movimento covarde, mas acho que não posso mais enfrentar a falta de vida de Kit hoje.

— O que é isso? — pergunto.

— Fragmentos de alguma coisa — ela diz. Ela usa uma pinça para pegar um pedaço longo do que parece ser vidro de dentro da sacola. Estreito e claro, com arestas afiadas como lâminas. É tão fino como uma agulha, e Amy o pega o mais delicadamente possível. Delicadamente demais — o vidro desliza da pinça, batendo na mesa de metal. Archeio, esperando que o vidro quebre.

Mas isso não acontece.

Amy o pega de volta com a pinça, apertando-a com tanta força que as mãos dela tremem com a pressão. O vidro não se quebra.

Ela finalmente o coloca sobre a mesa e pega uma chave de fenda. Encaixando a ponta da chave de fenda contra o centro do caco de vidro, ela empurra para baixo com uma das mãos... as duas mãos... todo seu peso.

O vidro ainda assim não quebra.

Amy finalmente coloca o fragmento sobre uma lâmina de amostra e empurra-o sob o microscópio. Depois de olhar para ela por um momento, ela fica de lado para que eu possa ver. Parece-se com vidro normal, mas com finas linhas de ouro se espalhando como raios de sol, quase invisíveis mesmo com a amplificação do microscópio. Isso me lembra... alguma coisa...

— Nós definitivamente não temos armas que possam causar uma ferida assim e que deixem resíduos de vidro — diz Amy.

— Seja lá o que for que haja nesse planeta, eles têm melhores armas, é o que você está dizendo. — Falamos em voz baixa, assim nem Chris nem a mãe de Amy podem nos ouvir.

Amy acena silenciosamente, a preocupação em todo seu rosto.

Começo a andar, um hábito que eu peguei de Amy. Estamos enfrentando um inimigo que é mais inteligente e mais rápido do que nós, que tem melhores armas e nenhum problema em usá-las. Não apenas as balas explosivas que mataram Kit, mas, provavelmente, também alguma forma de controlar os pteros.

Se eles são tão espertos, eles devem ter uma razão para matar quem estão

matando.

Eles poderiam ter levado a mim e a Amy noite passada, mas eles foram atrás de Kit.

Por quê?

Eles levaram o Dr. Gupta, um médico, não um cientista. Eles levaram Juliana Robertson, uma militar. E Lorin. Pobre, simples Lorin, que estava drogada com Phydus no momento de sua morte.

Paro.

As roupas sangrentas e enlameadas de Kit estão amontoadas em uma pilha no canto. Corro até elas, movendo-me tão repentinamente que a mãe de Amy guincha de surpresa. Ela me olha como se eu fosse louco enquanto procuro nos bolsos grandes do jaleco branco de Kit. Ambos os bolsos estão cheios de adesivos médicos de todas as cores — lavanda para a dor, amarelo para a ansiedade, azul para a digestão.

Mas não há um único adesivo verde.

Eu sei que Kit tinha dezenas de adesivos de Phydus. Eu os vi ontem. Ela ainda os estava distribuindo; ela os mantinha consigo. Posso não ter aprovado, mas sei que ela não apenas jogou fora todos os adesivos de Phydus depois das minhas fracas objeções.

Mas não há um único aqui.

Lorin estava usando um adesivo de Phydus. O Dr. Gupta estava falando com Kit sobre Phydus quando eles estavam caminhando pela floresta para ir até as ruínas. Talvez os alienígenas — quanto mais penso sobre isso, devem ser alienígenas que estamos enfrentando — tenham visto Lorin em seu estado drogado e levaram-na e ao Dr. Gupta, que estava com ela e poderia ser capaz de contar o que estava acontecendo. Juliana Robertson... ela tinha sido enviada para encontrar o Dr. Gupta e Lorin.

E se ela os encontrou? E se é por isso que ela foi morta?

Mas eles não podiam ter dito muito mais aos alienígenas sobre a droga que controlava Lorin.

Kit podia, no entanto. Ela sabia exatamente o que acontecia quando alguém usava um adesivo médico verde-claro.

Posso estar em um planeta totalmente novo, mas ainda não consegui

escapar de Phydus.

35: AMY

Estou exausta quando saio do laboratório com minha mãe. E não estamos mais perto de descobrir o que matou Kit, ou melhor, quem matou Kit.

A única coisa que está clara é que algo — alguém — está nos ameaçando. Já era ruim o suficiente quando temíamos o planeta. Mas o planeta é uma coisa amorfa. Temê-lo é como temer a natureza. Ele não queria nos matar, ele só o fez tanto como um animal selvagem na caçada.

Mas saber que há algo específico, senciante, e mal-intencionado que está tentando nos matar? A teoria de Elder sobre alienígenas está soando mais e mais precisa.

Fico muito contente por ter Chris como meu guarda-costas pessoal agora.

Acho que não estou com fome, mas quando voltamos para o prédio, descubro que estou morrendo de fome. Termino minha ração de comida muito rapidamente, e provavelmente é melhor assim — considerando a sua falta de sabor suave e textura demasiado mastigável. Mesmo assim, gostaria de pedir mais, mas resisto ao impulso. Precisamos fazer este alimento durar. Temos ainda que encontrar qualquer coisa comestível no planeta, e é muito cedo para dizer se as nossas plantações irão crescer.

Quando finalmente me esgueiro para o meu quarto, estou pronta para desmaiar. Puxo meu saco de dormir do canto onde eu o empurrei quando Emma veio me ver essa manhã, preparada para entrar em colapso, quando sinto um objeto duro dentro do saco.

O cubo de vidro que Emma me deu.

Ele está brilhando.

Estou tão surpresa que deixo cair o saco e o cubo junto com ele. Ele faz barulho ao cair no chão, e meu coração para; tenho certeza que a coisa vai se quebrar. Mas não. Ele bate fortemente contra o chão de pedra sem nem mesmo uma rachadura.

Assim como o vidro da arma que matou Kit. Ele não quebra também.

— Amy? — meu pai chama. — O que foi isso?

— Acabei de derrubar... — minha mente procura uma resposta. — Minha lanterna. — Termino sem convicção. Esse barulho foi mais alto do que uma lanterna caindo, mas meu pai acredita.

Pego o cubo de vidro de novo, olhando para ele. O ouro brilhante reluz em redemoinhos de luz, iluminando tudo ao redor. É tão brilhante quanto uma lâmpada fluorescente, mas ainda assim, frio ao toque.

— Não desperdice as baterias — meu pai fala de trás das paredes da barraca que ele está erguendo para criar um quarto para ele e mamãe.

Deixo cair o cubo de volta no meu saco de dormir. O quarto está envolto em trevas novamente.

— Boa noite, querida — minha mãe diz, sonolenta.

— Noite — murmuro, olhando para o saco de dormir e o quadrado que brilha fracamente através do nylon.

Meu primeiro instinto é procurar Emma lá embaixo. Mas não tenho certeza em que edifício ela está e não quero chamar a atenção para o cubo. Ela fez parecer como se isso fosse um grande segredo, uma pista para esse mundo.

Lembro-me dos cacos de vidro que encontramos no peito ferido de Kit. Se esse cubo de vidro pode iluminar meu quarto, deve haver algum tipo de energia nele. Se ele explodisse...

Fico olhando para o chão, onde eu deixei cair o cubo, horrorizada. Se ele tivesse quebrado, as minhas pernas teriam sido arrancadas da mesma forma que o peito de Kit foi explodido?

Tenho que contar a Elder.

Antes de escapar, me asseguro que o .38 em minha cintura está carregado e pronto. Então torço meu saco de dormir, como se fosse uma sacola e jogo-o lá fora, grata pelo forro que abafa o som. Coloco as duas mãos no peitoril da janela para me levantar. Meus joelhos raspam na depressão quadrada na pedra, fazendo-me quase xingar por causa da dor.

Esgueiro-me pelas sombras. Elder e eu andamos discutindo recentemente, puxados em direções diferentes por nossas próprias preocupações e as pessoas mais próximas a nós.

Mas meu primeiro instinto é me voltar para ele. Afinal de contas, ele é o único em quem confio. Acabou de anoitecer, mas ninguém quer correr o risco de

sair depois do toque de recolher, não depois da morte de Kit. Chris patrulha o nível inferior dos edifícios, e estou tão preocupada que quase passo na frente dele. Mal tenho tempo para me abaixar atrás do canto de um prédio, prendendo a respiração. Ele não tem uma lanterna, mas anda com segurança pelo caminho. Conto até dez antes de voltar, viro a esquina e subo as escadas para o edifício de Elder.

Elder está lá dentro, acordado, andando em seu quarto. Ele olha para cima e sorri.

— Estava exatamente tentando descobrir uma forma para chamar sua atenção — ele diz.

— Shh — digo, olhando para a porta. Meu quase encontro com Chris me deixou nervosa.

— Vamos lá para cima.

Cada um dos edifícios empoeirados tem praticamente o mesmo desenho — uma grande sala no nível do solo e salas menores acima, ligadas por uma escada de pedra. Meu pai usou nosso andar superior para armazenar suprimentos, e quando eu o ajudei a mover os nossos pertences, notei que a sala dos fundos, a sala encostada ao lado do morro, não possui uma janela. Não é muito em termos de privacidade, mas é o melhor que podemos fazer.

— O que está acontecendo? — Elder pergunta enquanto me segue até lá em cima. Vou até o quarto sem janelas e coloco o saco de dormir no chão. Depois estendo a mão para dentro e puxo o cubo de vidro. — Emma me deu isso — digo.

Elder olha para ele com admiração. Ele o vira em minha mão, e as sombras dançam caoticamente ao longo das paredes.

— Eu vi isso antes. Emma e... — Ele olha para mim. — Emma e seu pai tinham isso, na primeira noite, quando pousamos.

— Ela me deu. Mas veja, é como o vidro que encontramos na ferida de Kit — digo. A luz cria sombras escuras que iluminam o rosto de Elder, dando-lhe um olhar assustador, incompreensível.

Elder cobre o cubo com uma mão, e a luz brilha através de sua pele, tornando-a vermelha.

— Como é que funciona? — pergunta.

Penso na maneira como a areia sob o módulo brilhava ligeiramente na primeira noite, quando pousamos. Vidro é areia derretida — os foguetes no módulo queimaram tudo até chegar ao solo. Então, ele brilhava à noite, como esse cubo.

— A energia solar? — sugiro timidamente. — A luz dos sóis fica presa no vidro?

— Talvez. — Elder vira o cubo em sua mão como se esperasse encontrar um interruptor liga/desliga.

— Essas depressões quadradas das janelas — digo, esfregando o joelho onde raspei contra o parapeito da janela enquanto escapava. — Aqueles que pensamos que foram feitos para ídolos ou coisa assim? Elas são do tamanho exato do cubo.

Elder passa as mãos sobre a superfície lisa.

— Coloque o cubo na janela pela manhã para que ele carregue com a luz do sol o dia todo e brilhe a noite toda. Genial. — Ele olha para mim. — Lembra-se da luz quadrada no teto da estação de comunicação construída no complexo?

— Você acha que era algo assim?

Elder concorda.

— Aposto que a parte superior é exposta no telhado para que ele possa carregar. Talvez tudo que precise de eletricidade — os computadores, a estação de comunicação — utilize energia solar.

A luz no cubo já está começando a desaparecer. Ele mal havia carregado à luz do sol antes que eu o enfiasse no meu saco de dormir, essa manhã.

— A única informação consistente desde que pousamos — Elder diz — é que o IRF encontrou recursos valiosos aqui em Terra-Centauri. É a primeira coisa que alguém fala sobre essa missão, até mesmo o seu pai. E se esse for o recurso valioso?

Concordo com a cabeça.

— Não faz sentido — digo. — A energia solar é gratuita. Vários desses seriam capazes de iluminar uma cidade.

— E se ele quebrar... — Elder levanta a mão, mas não larga o cubo. — Bum.

Ele está pensando a mesma coisa que eu: foi isso que matou Kit. Quem fez

o cubo também pode fazer balas. O cubo não quebrou quando atingiu o chão de pedra, mas se eles encontraram uma maneira de fazer as balas quebrarem no impacto... bem, isso explicaria porque parecia que o peito de Kit havia explodido.

— Acho que há algo mais — diz Elder.

Ele me explica sua teoria de que a única coisa que liga todas as vítimas é Phydus.

— Mas não sei como podemos provar que isso tudo tem a ver com a droga — ele diz.

O cubo de vidro está quase sem brilho agora, deixando o quarto mais cheio de sombras do que de luz.

Penso sobre o vazio nos olhos do Dr. Gupta enquanto o ptero o devorava. A forma como Lorin morreu sem nenhuma marca nela. As amostras de seu sangue no laboratório no módulo.

E então me dou conta de algo.

— Eu sei como provar isso.

36: ELDER

Levo o cubo de vidro conosco enquanto Amy me leva até o módulo, mantendo-o coberto até estarmos na floresta. Amy tem a sua arma, mas eu gostaria de ser capaz de ver se um inimigo está se aproximando de nós — ptero ou alienígena.

Enquanto andamos pela floresta, não posso deixar de pensar sobre o quão confortável parece o saco de dormir de Amy, como seria bom se ele — e ela — ficassem no meu edifício essa noite, em vez de serem devolvidos a seus pais. Esses pensamentos logo se desvanecem, no entanto. A floresta parece mais perigosa agora. Quando Amy e eu escapamos e fomos até o complexo na noite passada, o fizemos com a convicção de que as coisas mais mortais nesse planeta eram os monstros no céu. Mas agora sabemos que há algo mais lá fora, e o conhecimento faz com que as sombras pareçam ameaçadoras, mortais.

Há um brilho suave sob o módulo quando nos aproximamos, e sei que Amy está certa: o vidro nesse planeta de alguma forma captura a energia solar. Penso amargamente no reator refrigerado a chumbo na sala de máquinas de *Godspeed*, a luz vermelha piscando, o que significa que ele está entrando em colapso. Se houvesse alguma maneira de fazer a energia no vidro do planeta virar combustível para a nave...

Se pudéssemos fazer isso, então... o quê? Bartie podia esperar mais alguns anos para distribuir os adesivos pretos? Eles estão presos, e exatamente como Amy os advertiu quando saímos de lá, não há nada que o povo de *Godspeed* possa fazer, a não ser esperar pela morte.

Tenho que salvá-los.

Amy me leva até o laboratório a bordo do módulo. Quando passamos pelo arsenal, considero parar e selecionar uma arma para mim, mas continuo andando. Prefiro ter respostas a armas.

— Minha mãe me fez ajudá-la com a experiências — Amy me explica enquanto pega uma haste longa de cotonete e caminha até a bomba de Phydus. Seus fios ainda estão expostos e quebrados quando da minha apressada desmontagem da bomba há muito tempo. Amy levanta o painel que cobre a cano de escoamento onde Eldest costumava depositar Phydus. Um pouco do líquido

pegajoso, viscoso, ainda está lá dentro e, embora ele tenha secado, formando manchas na borda da válvula, Amy cutuca com o cotonete profundamente dentro da bomba e o extrai, coberto com o xarope escuro.

Amy se move rapidamente para garantir que o Phydus não escorra pelo cotonete até que ela possa raspar o líquido em um copo. Então ela coloca o copo em uma máquina.

— Gerador de amostras — Amy diz enquanto a máquina funciona. — Ela basicamente faz um teste para que possamos ver se algo tem Phydus nele.

A máquina apita.

— Concluído — diz Amy. Agora precisamos de uma amostra para testar. Ela abre a porta de uma pequena geladeira e tira frascos de amostras de sangue. Eu leio os rótulos, um por um: Raj Gupta, Juliana Robertson, shipborn sexo feminino, médica shipborn.

— Eles não se incomodaram em colocar os nomes de Lorin e Kit — digo amargamente.

Amy abaixa a cabeça.

— Sinto muito — ela diz.

Ela testa o sangue de Lorin primeiro.

— Sabemos que ela estava usando um adesivo de Phydus, de modo que faria sentido que os resultados testassem positivo para a presença da droga — diz ela. Esperamos a máquina concluir a análise de seu sangue, e em seguida, lemos os resultados juntos.

— Isso é um monte de Phydus — digo, olhando para o relatório. — Um único adesivo médico não faria com que ela tivesse tanto assim.

Amy franze a testa.

— Essa quantidade de Phydus...

— A mataria — digo.

O corpo de Lorin não tinha qualquer marca de ataque. Amy olha para mim, a percepção tomando conta de sua mente.

— Eu a vi, antes que a enterrassem. Parecia que estava dormindo.

Os olhos de Amy se enchem com uma mistura de horror e nojo.

— Ela se parecia com Steela, a mulher que Doc matou com uma overdose

de Phydus.

— Teste o resto do sangue — digo.

Dr. Gupta testa positivo para Phydus — não tanto como no sangue de Lorin, mas o suficiente para tê-lo feito silenciosamente aceitar ser comido vivo por um ptero.

Há Phydus no sangue de Juliana Robertson também. Eu me pergunto se foi o Phydus que a matou ou se foi o ataque do ptero que fez isso. Talvez ela tenha tido o mesmo destino que o Dr. Gupta, sem uma bala em seu cérebro para terminar de matá-la rápida e misericordiosamente.

— Nada no sangue de Kit — diz Amy.

— Então foram as balas, ou o vidro do sol, ou seja lá o que for estes alienígenas usam que a matou. — Mas isso era apenas Kit. Os outros... Amy como esse planeta obteve Phydus? Ele foi desenvolvido na nave. A nave que nunca pousou aqui.

— Há alguma chance de o Eldest da época da Peste ter pousado? Talvez ele tenha pousado e depois voltou a decolar?

Balanço a cabeça.

— *Godspeed* não foi construída para fazer mais nada além de chegar a Terra-Centauri. Se ele pousou, não há nenhuma maneira pela qual ele poderia voltar a ficar em órbita. Há combustível suficiente reservado para desórbita, não mais. E antes que você pergunte, o módulo de transporte, uma vez separado da nave, não pode ser recolocado. Você ouviu a maneira como o metal se quebrou. E não há mais combustível para isso no módulo também. *Godspeed* sempre teve apenas um processo de pouso de mão única.

— Então... como? — Amy pergunta.

Nenhum de nós tem uma resposta.

37: AMY

O cubo de vidro está totalmente escuro quando saímos do módulo. Estamos ambos nervosos, perdidos, em nossos pensamentos. Cada ruído na floresta nos faz pular, cada sombra nos faz recuar.

É por isso que quase grito quando chegamos à borda da colônia e alguém fala.

— Amy!

— Chris! — digo, apertando meu coração quando ele sai das sombras. Elder revira os olhos.

— O que vocês dois estão fazendo aqui? — Chris pergunta, olhando para nós dois.

— Não é da sua conta. — Elder fica na minha frente como se estivesse me protegendo.

Chris o ignora.

— Deixe-me levá-la de volta — ele oferece, reajustando o rifle pendurado em seu ombro.

— Não é necessário — Elder rosna.

Coloco minha mão no braço de Elder. Sei que ele não está feliz com essa mudança de situação, mas também não estou pronta para lutar contra meu pai se Elder estiver procurando briga.

— Você vai voltar para o seu edifício — digo. — Chris pode me levar de volta para o meu.

— Mas — Elder começa, mas balanço a cabeça para ele. Ele desvia o olhar e então vai até o caminho pavimentado em direção à sua própria casa.

— Acho que ele não gosta muito de mim — comenta Chris enquanto Elder vai embora, chateado.

Seguro o riso.

— Não — digo. — Mas está tudo bem. Ele se acostuma.

Chris parece duvidar.

Em vez de me levar direto para o edifício mais próximo, o que demoraria menos de cinco minutos, Chris vira à direita, contornando o campina na borda da colônia.

— Amy, há coisas que quero lhe contar... — ele diz.

Ele passa os dedos pelo cabelo, assim como Elder faz quando está frustrado — e depois para abruptamente, olhando para as estrelas.

— Sim? — pergunto.

Ele não fala nada por um longo momento.

— Eu... acho que posso confiar em você. Você não é como o seu pai.

Esse comentário me deixa sem palavras. Chris está dizendo que meu pai é indigno de confiança? Emma disse isso antes, mas parece diferente vindo de Chris, que tem sido praticamente o braço direito do meu pai desde a primeira expedição à sonda.

A sonda. Chris estava lá quando meu pai a encontrou.

— Eu sei o que você vai dizer. — Eu ignoro expressão de Chris. — Elder e eu... já encontramos o complexo. Nós sabemos o que há lá fora.

Chris parece genuinamente surpreso e parece não conseguir falar nenhuma palavra em resposta.

— Eu não sei por que meu pai está mantendo isso em segredo... continuo. — Olho para os olhos azuis estranhamente brilhantes de Chris. — Mas obrigada.

— Obrigada? — Chris repete, ainda sem palavras.

— Por confiar em mim o suficiente para me contar — digo. Toco seu cotovelo, não falando até que eu tenha toda a sua atenção novamente. — Eu quero dizer, obrigada. Isso realmente significa muito para mim. Contar-me sobre o complexo contra a vontade de meu pai seria o tipo de traição que meu pai nunca iria perdoar. Mas também parece que meu pai está escondendo algo ainda mais importante do que Elder e eu percebemos. — Algo sobre o que tanto Emma quanto Chris não estão satisfeitos.

— Por que meu pai está mantendo segredo sobre o complexo? — pergunto. — Será que tem algo a ver com os alienígenas?

Os olhos de Chris ficam ainda mais arregalados de surpresa.

— Não fique tão chocado! — digo, rindo baixinho. — Elder e eu concluímos que foram alienígenas que atacaram Kit e que mataram a colônia

original.

Olho para os edifícios atrás de nós, nada mais do que um contorno escuro contra as estrelas brilhantes.

Chris toca o lado do meu rosto, seus dedos deslizando pela minha face e enroscando-se no meu cabelo. Minha respiração fica ofegante enquanto ele olha para mim com tal intensidade que mal consigo pensar direito.

— Você, Amy Martin — Chris diz —, é única.

Ele me puxa para mais perto e, como um ímã que não consegue resistir ao metal, sou atraída para ele.

— Você me dá esperança — ele sussurra, o calor de sua respiração fazendo o minúsculos pelos na parte de trás do meu pescoço se levantarem.

Acho, por um momento que dura uma batida do meu coração, que ele vai me beijar — e não posso dizer ao meu corpo para afastá-lo.

Mas ele não o faz.

Sua testa repousa sobre a minha, e ficamos ali, sob o piscar das luzes de um milhão de estrelas, abraçados como se isso fosse proteção suficiente contra a Terra traiçoeira.

38: ELDER

Acordo de madrugada e observo a luz da manhã lentamente iluminar meu teto. Há tanto a ser feito, mas só consigo pensar em Kit. Costumava ter inveja da maneira como Eldest sempre podia contar com Doc, mas de alguma forma não havia percebido como Kit se tornara tão importante para mim. Para todos nós. Não sei como vamos funcionar sem ela.

Mas teremos que funcionar. De alguma forma.

Dirijo-me primeiro ao módulo transporte. Preciso inspecionar que suprimentos médicos Kit tinha de reserva. Prefiro usar o nosso próprio material a confiar nos médicos nascidos na Terra.

Meu humor fica mais sombrio enquanto sigo o caminho para o módulo. Pensar sobre os adesivos médicos lembra-me dos adesivos negros que Bartie pretende usar como um último recurso antes do motor de *Godspeed* falhar completamente.

Paro quando chego à ponte. A porta está meio aberta e, através dela, posso ouvir gritos.

Hesito.

Então ouço a voz de Amy, praticamente gritando de raiva.

Abro a porta e entro. Ainda é muito cedo para muitas pessoas estarem trabalhando, mas o pensamento não me traz conforto. Corro em direção ao laboratório de genética, de onde as vozes estão vindo.

— Você quer causar pânico? — Berra o coronel Martin.

— Eles precisam saber! — Amy grita. Aumento a velocidade, meus passos ecoando no metal do chão da sala crio.

A porta do laboratório de genética está aberta. O coronel Martin vira-se ao ouvir-me entrar e revira os olhos.

— Ótimo — ele diz, apenas alto o suficiente para que eu o ouça.

— O que está acontecendo? — pergunto, ofegante.

O coronel Martin se move para o lado.

E vejo o corpo de Emma Bledsoe. Estou sem fôlego da minha corrida em

pânico, mas fico imóvel ao vê-la. Emma era gentil. Ela era uma terráquea em quem eu confiava.

Bem, além de Amy.

— O que aconteceu? — pergunto sombriamente. Emma parece como se estivesse apenas dormindo.

— Nós ainda estamos determinando a causa da morte — diz a mãe de Amy, mas meus olhos se viram para Amy. Sem dizer nada, eu lhe dou um olhar que, espero, envie-lhe minha verdadeira pergunta: Phydus está envolvido? Ela encolhe os ombros, olhando para a máquina que usamos na noite passada. Posso ouvir o motor trabalhando; nenhum resultado ainda.

— Emma estava em patrulha — o coronel Martin diz rispidamente. — Ela deve ter entrado em conflito com algo que nós não sabemos. É por isso que esse mundo é perigoso, e por isso ninguém deve ir a lugar nenhum sozinho.

— Não é como se ela tivesse morrido acidentalmente! — Amy exclama, frustrada. — Pai, havia fios fibrosos de flores roxas em sua roupa. Alguém a derrubou.

— E a matou? — A voz do coronel Martin é incrédula.

— Ela sabia que não devia mexer com as flores roxas, ela viu o que elas fizeram comigo!

— Você está histérica — diz o coronel Martin, acenando com a mão para Amy como se a estivesse dispensando.

Ela pega o pulso dele, parando o movimento.

— Você precisa nos ouvir — ela diz friamente.

Seus olhos me questionam. Concordo com a cabeça. É tudo ou nada agora.

— Emma sabia de alguma coisa — Amy continua. — Ela me avisou para ter cuidado em quem confiar. Pensei que ela estava falando de você. Talvez ela não estivesse.

O coronel Martin não parece nada convencido — a expressão em seu rosto parece indicar que ele acha que Amy está exagerando ou simplesmente mentindo.

— Ela me deu um cubo de vidro — Amy continua, e isso finalmente faz o coronel Martin prestar atenção. A sala está em silêncio agora, a tensão crescendo enquanto Amy explica que ela sabe que o cubo brilha, e que ela estabeleceu uma

ligação entre o cubo de vidro e as balas explosivas que mataram Kit.

— Há alienígenas nesse planeta, não há? — digo finalmente quando Amy para de falar. — Alienígenas sencientes, que descobriram como construir armas com as quais não podemos competir.

— Você não sabe o que está falando — o coronel Martin diz.

— Maldição, Bob! — diz a mãe de Amy com raiva em sua voz. — Essa não é a hora para manter segredos! O que você sabe? O que você tem escondido de nós, de todos nós?

O coronel Martin parece encurralado, preso. Quando ele não fala, respondo por ele.

— Eu vi o complexo. A fechadura biométrica na porta para a sala de comunicação só abre para os seres humanos. Isso significa que há algo que não é humano lá fora.

— Você não espera que eu fique aqui e escute isso — o coronel Martin interrompe, mas a tentativa é apática, e eu rapidamente o interrompo.

— Posso e vou, porque essas coisas, seja lá o que eles forem, estão nos matando, um a um. — Listo os nomes das pessoas que morreram até agora, terminando com Emma, falando o nome dela e vendo a culpa ensombrecer os olhos dele. — E acho que você sabe o motivo.

— É verdade? — a mãe de Amy pergunta. — Você está protegendo essas criaturas? — ela pergunta, enojada.

O coronel Martin balança a cabeça em sinal de protesto.

— Eu não os estou protegendo — ele ruge. — Eles não existem! Eu não sei mais sobre o tipo de alienígenas que vivem nesse planeta do que vocês! — E então ele parece registrar o que eu acabei de dizer sobre o complexo. — Você sabe sobre a sala de comunicação? — ele pergunta. — Já estive lá?

Não tento negar.

— Então você sabe que nós não conseguimos entrar em contato com a Terra.

A mãe de Amy suspira.

— Mas você disse...

— Pensávamos que tínhamos entrado em contato — o coronel Martin diz. — Mas a mensagem que ouvimos era pré-gravada.

— E você não foi capaz de contatar Terra-Sol desde então.

É mais uma afirmação do que uma pergunta.

O coronel Martin concorda.

— O que Emma sabia? — Amy pergunta. — Por que ela estava com medo?

O coronel Martin abre as palmas das mãos. — Eu não sei — ele diz. Parece derrotado. — Não sei por que ela também está morta agora. Talvez ela tenha descoberto algo que eu não descobri. Mas ela não me disse nada e não pode dizer a nenhum um de nós agora.

39: AMY

Quando meu pai sai, Elder o segue. Sei que Elder não vai deixar de ir atrás das perguntas que ele realmente quer perguntar, e eu violentamente saboreio esse conhecimento. Está na hora de termos algumas respostas.

Minha mãe, por outro lado, não parece feliz com o que ela ficou sabendo. Ou talvez ela esteja triste por estar fazendo outra autópsia, por estar cortando outro amigo.

Ela cobre o corpo de Emma com um lençol.

— Não posso fazer isso — ela diz. — Agora não. Toda vez que olho para ela, penso em você.

— Eu? — pergunto, surpresa.

Ela acena com a cabeça. — Quando Elder a trouxe para nós, depois que você desmaiou por causa daquelas flores roxas. — Seus olhos estão brilhando agora, e eu tenho medo que ela esteja prestes a chorar. — Pensei que tinha perdido você, então. E agora... nós tivemos uma morte por dia desde que pousamos. — Ela engole em seco. — Nós sabíamos que esse mundo seria perigoso — ela diz. — Mas não tínhamos ideia de que ele ativamente tentaria nos matar.

Ela dá um passo para longe da mesa de autópsia e vem até mim, envolvendo-me em um abraço, agarrando-me de uma maneira que só posso descrever como desespero.

— Estou começando a desejar que você não tivesse vindo — ela diz. Suas palavras me deixam tão surpresa que mal posso pensar no que dizer.

— Mas você nunca quis tanto uma coisa como vir nessa missão! — exclamo. — Você estava trabalhando neste projeto desde antes de eu nascer!

O sorriso de minha mãe curva sua boca, apesar da tristeza.

— Eu sei. Mas esse é o ponto: antes de você nascer. Quando você nasceu... como eu poderia pedir a você para desistir da Terra? Era o meu sonho, mas nunca foi o seu.

Agora realmente não sei o que dizer. Eu me pergunto se minha mãe sabe

que meu pai me deu a escolha de ficar na Terra — desistir deles.

Minha mãe se inclina e coloca um braço em volta dos meus ombros.

— Estou feliz por você estar aqui — ela diz em voz baixa, e posso sentir meus olhos ardendo e meu rosto ficando quente, então apenas sorrio e aceno com a cabeça, e enterro meu rosto em seu ombro.

E então sei o que preciso dizer. Eu me afasto dela e olho direito em seus olhos.

— Estou feliz por estar aqui também — digo a ela. E estou sendo sincera. Apesar do medo, apesar das mortes —, estou feliz em estar aqui. — Meus olhos deslizam para o lençol branco cobrindo o corpo de Emma. Penso sobre o que ela disse, a última coisa que ela me disse.

E eu sei que era a verdade.

Quando minha mãe e eu finalmente nos separamos, ela parece mais forte. Mais determinada.

— E porque ela é, eu também posso ser.

Ela se volta para a autópsia que não quer fazer. E eu volto aos testes da amostra de sangue de Emma contra Phydus. Não fico surpresa quando o resultado é positivo.

40: ELDER

O coronel Martin não quer conversar. Ele deixa isso claro de imediato — mas eu não me importo. Vou atrás dele quando deixamos o módulo.

Finalmente, ele se vira para mim.

— Você quer saber o que eu sei? Então, siga-me. — E o que quer que eu esperasse que ele fizesse, não era isso.

O coronel Martin atravessa a floresta, e embora não haja um caminho a seguir e ele esteja me levando para longe da colônia, não tenho dúvidas de que ele sabe onde está indo.

Para o complexo.

Nós não nos falamos enquanto andamos — quase corremos. Os ramos das árvores nos chicoteiam; vinhas prendem-se à nossa roupa, mas nenhum de nós diminui a velocidade. Quando chegamos ao complexo, há somente um guarda de plantão, Chris.

Ele fica em posição de sentido quando nos aproximamos.

— O que você está fazendo no sol quente? — O coronel Martin pergunta, então corrige a frase. — Sóis.

— Eu estava esperando... — os olhos de Chris se viram para mim, confuso. — Eu estava esperando por notícias de Emma.

— Morta. — A voz do coronel Martin é áspera. — Abra a sala de comunicação.

Chris me lança um olhar interrogativo, claramente surpreso que o coronel Martin tenha me trazido aqui.

— Vocês primeiro — ele diz, dando um passo para trás quando o coronel Martin dá um passo à frente, pressionando o dedo sobre o escâner. A maneira como Chris me olha me faz pensar se ele só deixou o coronel Martin ir primeiro para ter a chance de comparar seu tamanho com o meu quando passar por ele. Eu empurro o cabelo suado do meu rosto e o ignoro.

Chris hesita antes de seguir-nos para dentro, mas o olhar do Coronel Martin suaviza-se quando ele o vê.

— Você também, filho — ele diz, e Chris fecha a porta depois de entrar.

— O jovem Elder aqui encontrou o complexo — o coronel Martin diz à Chris. — E ele descobriu que a primeira mensagem, aquela que ouvimos no módulo, era pré-gravada, um trabalho de hacker.

Chris se mantém afastado, tentando parecer impassível, mas não posso deixar de notar a maneira como seus olhos me examinam, julgando a minha reação.

— Isso é o que sabemos — diz o coronel Martin, virando-se para mim. — Sabemos que havia uma colônia antes de nós. E sabemos que eles construíram as ruínas onde atualmente vivemos e que eles construíram esse complexo. — Seus ombros se curvam, como se ele estivesse carregando o peso do mundo, talvez dois mundos sobre ele. — E também sabemos que eles estão todos mortos.

Agarro a beirada da estação de comunicação. Quero perguntar: Como? Mas não pareço ser capaz de formar essa simples palavra. No entanto, o Coronel Martin responde.

— Encontramos essas gravações. Ou melhor, o Chris aqui encontrou. — Ele acena para Chris, e estou surpreso ao ver a simpatia em seu olhar.

O coronel Martin liga a tela na estação de comunicação, mas em vez de percorrer os menus como Amy e eu fizemos, ele abre um armário à direita do painel de controle e retira um pedaço fino de plástico preto que tem aproximadamente o mesmo comprimento que o meu polegar. Ele me lembra estranhamente dos adesivos pretos que Bartie tem em *Godspeed*, e o pensamento faz meu estômago revirar. O coronel Martin pressiona o plástico em um slot próximo à tela, e só então percebo que o material é semelhante ao dos cartões de memória que tínhamos em *Godspeed*, usados para armazenar informações.

— Isso é o que sabemos — diz o pai de Amy, tocando a tela. A imagem de um cubo de vidro similar ao que Emma deu à Amy aparece. — Algo no solo significa que qualquer vidro feito aqui, utilizando um processo específico, será capaz de facilmente e eficazmente armazenar energia solar. A primeira colônia descobriu isso, e durante vários anos, eles fabricaram vidro solar e o enviaram de volta à Terra. O complexo onde estamos nesse momento foi utilizado como um centro de transporte. Eles enviavam o vidro daqui para uma estação espacial automatizada em órbita ao redor do planeta e de lá para a Terra.

— Uma estação espacial! — exclamo. — Não vimos nada parecido quando pousamos.

O coronel Martin arqueia uma sobrancelha para mim.

— Esse mundo é muito grande, você sabe. — Ele limpa a tela, e ela fica preta.

— O que aconteceu com eles? — pergunto. — A primeira colônia? Você disse que eles estão todos mortos?

O coronel Martin olha para Chris. Tenho a sensação de que eles estão ambos tentando decidir o quanto me contar. Estou quase a ponto de exigir respostas quando o coronel Martin move-se para o lado oposto do painel de controle, onde fica a comunicação de áudio. Ele vira um mostrador rotulado Ansível, e a estática enche o ar.

Mas não é estática. Não somente. Palavras são ouvidas, palavras que eu quase não posso entender.

— ... o perigo muito grande... receberam indicação... vida humana, mais uma vez em... *Godspeed*... sobreviver a... ajuda a caminho...

Esforço-me para entender as palavras. Com a estática e o sotaque de quem está falando, fica difícil de entender.

— É um loop^[18] — o coronel Martin diz quando a mensagem começa novamente.

— Terra-Sol? — pergunto.

O coronel Martin concorda.

— Não é o mesmo que verdadeira comunicação, mas é uma indicação que eles sabem que pousamos. E estão enviando ajuda.

Eu bufo.

— Não podemos esperar mais trezentos anos para a ajuda chegar aqui.

— Não será preciso, não se pudermos amplificar o sinal o suficiente para obter uma resposta da Terra. — O coronel Martin se volta para a tela e passa os dedos sobre ela.

— Não compreendo totalmente a tecnologia sendo utilizada, mas o Chris aqui foi capaz de me explicar o suficiente para que eu entenda a ideia básica. Tesseractos^[19], buracos de verme^[20] e coisas assim. Quer dizer que as viagens são muito mais rápidas agora, muito além do que tínhamos quando *Godspeed* foi construída.

— Quanto mais rápido? — pergunto, mal ousando respirar. Nós

poderíamos ter uma chance então.

— Uma semana, ou talvez menos. Quando conseguirmos enviar uma mensagem de volta, eu espero que a ajuda chegue à estação — ela não é tripulada atualmente — dentro de poucos dias, e que, de lá, eles sejam capazes de viajar até o planeta.

— E então começamos a evacuação — diz Chris.

Fiquei tão imerso em meus próprios pensamentos que quase esqueci que ele estava na sala conosco.

O coronel Martin bate os dedos contra a borda da estação de comunicação. Tenho a impressão de que, se a sala não fosse tão pequena, ele começaria a andar. Depois de um momento, ele olha para Chris sombriamente.

— Não — ele diz. — Então nós vamos à guerra.

— O quê? — digo. Meus olhos se voltam para Chris, ele está tão surpreso quanto eu.

— Quaisquer que sejam os alienígenas que tenham eliminado os primeiros seres humanos nesse planeta, eles são, como diz Elder, sencientes. Eles estão escolhendo as vítimas entre o meu povo e atacando. Esses não são ataques aleatórios — eles não estão defendendo o seu lar ou tentando encontrar uma resposta pacífica para a nossa presença. Eles estão matando meu povo. E o seu, Elder.

Penso em Lorin, nos olhos mortos e vazios de Kit, o buraco em seu peito, exatamente onde seu coração deveria estar.

— Seja lá o que for que está matando o meu povo, vou matá-los primeiro — o coronel Martin diz ferozmente. Ele olha diretamente para Chris. — Vou vingar a humanidade.

Suas palavras são um ameaça e uma promessa, tudo embrulhado em um único pacote.

41: AMY

Mamãe e eu trabalhamos em silêncio a maior parte do dia, muito submersas em nossa tristeza para nos concentrarmos em qualquer outra coisa. Se eu pudesse descobrir de onde está vindo o Phydus, talvez isso nos dissesse como ele foi parar no corpo do Dr. Gupta, Lorin, Juliana Robertson... e Emma.

Muito tempo depois do jantar, há uma batida na porta do laboratório de genética. Antes que eu possa me levantar, Elder a abre.

Dou uma olhada em seu rosto e digo.

— Qual o problema?

Seus olhos estão inquietos, saltando de mim para o chão, para a minha mãe e de volta a mim, novamente.

— Eu... preciso falar com você — ele resmunga.

— Agora? — a voz de minha mãe soa do outro lado do o laboratório. — Amy, não acabamos o nosso trabalho...

— Isso pode esperar — digo. Largo o tubo de ensaio que estava segurando na bandeja e corro até a porta. Minha mãe começa a protestar novamente, mas a porta se fecha, silenciando-a.

— O que aconteceu? — pergunto com urgência a Elder, mas ele só balança a cabeça. Há muitas pessoas aqui no módulo. Apesar da hora, os geólogos, que estabeleceram um laboratório onde as câmaras crio costumava ficar, estão ocupados e animadamente falando sobre algo, pequenos montes de amostras de solo empilhadas sobre as bandejas ao redor deles.

Elder não fala até estarmos andando pelo caminho que vai para a colônia. Seus passos ficam mais lentos quando ele se vira para mim, uma espécie de desespero selvagem em seus olhos.

— Amy... — ele varre os dedos pelo cabelo. — Amy, esse maldito planeta não é o que deveria ser, em absoluto.

Ando mais rápido para chegar mais perto dele, querendo que a angústia desapareça de seus olhos.

— Eu sei — digo.

Seus olhos se voltam para mim.

— Por quê? — ele pergunta bruscamente. — O que você descobriu nos corpos?

— Não, conte-me o que está incomodando você primeiro.

Elder balança a cabeça.

— Eu não deveria ter tirado você do seu trabalho.

— Não é isso — digo, tocando seu braço até que ele olhe em meus olhos novamente. — É que... — movimento meus ombros, os músculos rígidos. — Mamãe e eu não estamos encontrando nada no laboratório que realmente faça sentido.

— O que você quer dizer?

— Mamãe está analisando o DNA dos pteros. Ela acha que eles são uma mistura de DNA de Terra-Sol, de Terra-Centauri e material geneticamente modificado.

— De Terra-Sol? — Elder pergunta tão alto que um pequeno pássaro vermelho sai voando do mato, gorjeando com raiva, enquanto voa para longe.

— É como se fosse algo de “Parque dos Dinossauros⁽²¹⁾”. — digo. Espero que Elder dê seu meio-sorriso normal de confusão sempre que faço uma referência à Terra, mas ele está preocupado demais para notar. Sua mandíbula está rígida, e seu pomo de Adão sobe e desce.

Passo meus dedos ao longo de seu braço, tentando distraí-lo de quaisquer pensamentos sombrios que o estejam incomodando.

— O que você descobriu hoje?

— Aqui não — ele diz. Ele dá outro olhar agitado à nossa volta e pega minha mão, fazendo-me andar junto com ele tão rapidamente que estamos praticamente correndo em direção à colônia.

Mas quando nos aproximamos dos edifícios, ele para. Sigo seu olhar. Meu pai está na porta do primeiro edifício, sua mão fazendo sombra acima de seus olhos, à espera de mamãe e de mim. Meu coração está batendo — não posso ficar com ele agora, não desde que descobri que ele manteve o complexo em segredo. Quando o olhar de papai vira-se em nossa direção, Elder me puxa para as sombras escuras que nos envolvem.

Elder coloca um dedo sobre os lábios. Esperamos até ouvir papai voltar

para dentro do edifício.

— Obrigada — pronuncio, silenciosamente, as palavras com os lábios. Sei que terei de enfrentar meu pai, eventualmente, mas ainda não estou pronta.

Elder me leva para trás das casas, subindo as escadas até o seu edifício. E eu percebo: ele não fez isso só por mim. Ele também não quer ver meu pai.

— O que aconteceu depois que você saiu do módulo? — pergunto novamente, a preocupação fazendo meu estômago embrulhar.

Ele não fala nada até estarmos dentro de seu prédio.

— Seu pai me mostrou o complexo.

— Ele fez isso? — O alívio inunda meus sentidos. Se ele está sendo franco sobre o complexo, se ele deixou os segredos para trás...

Os olhos de Elder piscam.

— Oh, sim, ele me contou tudo sobre ele. E sobre as pessoas que construíram tudo isso. — Elder joga os braços para cima, indicando o edifício empoeirado feito de pedras. — Todos eles morreram. Toda a primeira colônia. Dizimada por uma força alienígena.

Engulo em seco. Por alguma razão, as lágrimas enchem meus olhos. Nós já havíamos imaginado isso antes, mas ouvir Elder falar isso...

— E o seu pai... — Elder diz isso como se o mero pensamento dele o enchesse de nojo. — Ele vai... ele está determinado a se vingar. Seu primeiro pensamento, a primeira maldita coisa que ele pensou, foi matar os alienígenas. Simplesmente matá-los.

Minha mente está viajando com a possibilidade de alienígenas. Não apenas monstros como os pteros. Algo senciente. Algo que nos observa e deixa para trás pegadas estranhas. Algo coberto de escamas duras, cristalinas, como a que Elder encontrou.

Algo que quer nos matar só porque estamos aqui.

— É como ter a presença de Eldest novamente! — Elder grita, elevando a voz. — A primeira solução de Eldest para qualquer coisa que lhe causasse um problema era eliminá-lo! Órion fazendo muitas perguntas? Melhor mandar Doc matá-lo. Você aparece, com uma aparência diferente do meu povo? Ele queria jogá-la para fora da escotilha!

— Meu pai não é Eldest — digo imediatamente.

— Com os diabos que ele não é! Você não pode simplesmente matar os seus problemas, mas com os diabos, ele vai tentar!

Ele gira em minha direção, e sinto a força de sua raiva.

— Ele vai usar o meu povo na linha de frente para que eles sejam os primeiros a morrer. "Escravos ou soldados", como Órion nos avisou.

Eu recuo.

— Ele não vai fazer isso — digo, usando as palavras na minha frente como um escudo.

Elder se contorce de raiva e pergunto-me há quanto tempo ele está remoendo em silêncio esses pensamentos, incapaz de enfrentar meu pai, mas incapaz de contar a mais alguém. Se ele confiar em seu povo, eles entrarão em pânico e se rebelarão, assim como fizeram com Bartie. E Kit se foi. Ele guardou toda essa preocupação e fúria para mim, e o tempo todo, isso só foi aumentando dentro dele, como um copo transbordando.

— Meu pai não é Eldest — repito tão fortemente quanto possível. — Nós não vamos deixar que ele seja.

Isso faz Elder parar.

— Ele é militar. E sempre foi teimoso. Mas ele é bom, Elder, eu prometo.

Posso ver que ele não acredita em mim. E talvez ele esteja certo — não sou objetiva, não quando se trata de meu próprio pai. Mas também sei que meu pai é melhor do que Elder pensa que ele é.

— Além disso — eu continuo —, meu pai não é o verdadeiro problema aqui.

Eu realmente tenho a atenção de Elder agora. Ele espera que eu continue.

Crispo os meus dedos em punhos para que Elder não veja como minhas mãos estão tremendo.

— Não sei o que eu esperava que esse planeta fosse — digo em um tom de voz tranquilo. — Eu pensei que poderia enfrentar os monstros sobre os quais Órion nos alertou, e estava tudo bem em relação aos pteros. Mas... — minha voz se cala. — Estou com medo. O fato de que esse planeta tem Phydus... isso é o que me aterroriza. Isso é pior do que qualquer monstro. Se existem alienígenas, e eles têm Phydus... — minha voz falha. Elder viu meu pai falar sobre matar os alienígenas, e seu instinto foi o de se rebelar contra a própria ideia. Mas os

alienígenas têm Phydus, e estou com medo de que não haja nenhuma maneira de nos rebelarmos contra isso.

— Nós deveríamos ter ficado em *Godspeed* — digo, olhando para o chão.

É muito difícil admitir que eu estava errada, que valeria a pena estar presa por trás das paredes da nave em troca de nossa segurança.

— Não. — A palavra saiu da boca de Elder em um sussurro áspero de protesto. — O que quer aconteça, valeu a pena deixar a nave.

Não respondo.

Elder muda de posição para ficar na minha frente. Quando meus olhos não se concentram nele, ele toca o meu rosto até que eu realmente o veja. E é por isso que eu sei... eu sei que ele está me dizendo a verdade quando repete.

— Valeu a pena.

Fecho os olhos e sinto meu corpo ficar mole com o alívio. Lentamente, fico consciente de quão perto nós estamos um do outro, o calor irradiando da pele de Elder e me aquecendo. Quando abro meus olhos, posso ver nele a mesma natureza selvagem do meu olhar.

Sua mão está tremendo quando ele toca o lado do meu rosto, colocando uma mecha de cabelos atrás da minha orelha. Seus dedos não param, delineando o lado da minha mandíbula, puxando meu queixo até o dele.

Fecho meus olhos.

Nossos lábios se encontram. Ele tem gosto de coisas que não têm gosto: calor, vida, verdade, bondade e amor.

E todos os meus outros sentidos desaparecem.

Não há nada, a não ser o nosso beijo, e nele, o conhecimento de que Elder me quer — de que ele precisa de mim — tanto quanto eu preciso dele.

Mas ele se afasta de mim apenas o tempo suficiente para perguntar uma coisa.

— Você tem certeza?

E ele espera pela minha resposta.

Antes, na primeira vez, na Terra com meu namorado Jason, eu pensei que tinha certeza. Mas ele nunca perguntou, e eu nunca respondi, e fizemos tudo em silêncio, no escuro, Tateando ao nosso redor enquanto tentávamos colocar nossos

sentimentos em forma física. Não fora uma escolha — fora apenas uma ação, uma submissão cega ao desejo.

Fiz muito poucas escolhas em minha vida. Respondi à situação, reagi, mas não defini o curso da minha vida e avancei com a determinação de um capitão navegando para dentro de uma tempestade. Quando meu pai me deu a opção de embarcar em *Godspeed* ou ficar na Terra, eu não decidi, não realmente; apenas aceitei um destino que pensei que era inevitável.

Foi somente Elder — sempre foi somente Elder — que me pediu para escolher quem e o que sou. O que eu faço.

— Eu escolho isso — digo, minha voz áspera com o desejo. — Escolho você.

Nunca desejei nada mais do que ele nesse momento. Ele me leva até seu quarto no segundo andar, onde meu saco de dormir já está espalhado no chão. Agradeço a qualquer reviravolta do destino que me fez deixá-lo aqui na noite passada.

Caímos nos braços um do outro. Todas as outras vozes em minha cabeça — o medo, a dúvida, a preocupação — são abafadas. Morro ao final de cada beijo e sou trazida de volta à vida ofegante no início do próximo. Fecho meus olhos e o mundo todo se desvanece.

Há apenas ele e eu e essa coisa entre nós que não consigo nomear, não em voz alta, mas que o meu coração sabe que é amor.

Tremo quando finalmente tiro as minhas roupas. O suor na minha pele torna o ar fresco da noite ainda mais frio. Mas então Elder me toca, e minha pele se aquece com fogo e calor.

Beijo-o, longamente, e suas mãos deslizam pelas minhas costas, pelos meus quadris. Mãos fortes, mãos que me seguram e nunca me deixam ir. Sinto-me estranhamente segura e amedrontada nesse momento.

Ele olha uma vez em meus olhos, a pergunta ainda lá. Mas estamos além das perguntas. Estamos em um lugar onde há somente respostas, e minha resposta é sim.

42: ELDER

Eu a acordo com um beijo. Ela enruga o nariz e bate a mão em mim, sem abrir os olhos. Eu a acordo com um tipo diferente de beijo, e ela abre os olhos com surpresa antes de fechá-los novamente com felicidade.

E isso é o suficiente para fazer um sorriso se desenhar em meu rosto, que eu tenho certeza que nunca vai desaparecer.

— Que horas são? — Amy pergunta, sonolenta.

— Só se passou uma hora — digo, sorrindo.

— Mmm. Mais sono. — Amy se aconchega a mim.

— Você precisa ir — digo, mesmo que esta seja a última coisa que eu quero dizer a ela. — Seus pais devem estar procurando você.

Amy olha feio para mim.

— Ei, não me culpe — brinco, jogando minhas mãos para cima em sinal de falso protesto. — Você sabe que seu pai vai enviar o exército inteiro se ele acordar e perceber que você não está lá.

Amy revira os olhos, mas se veste rapidamente.

— Ei. — Eu a puxo para perto e a beijo novamente. — Para você se lembrar de mim — digo baixinho.

Ela ri, um som musical.

— Como se eu pudesse esquecer.

E então ela se vai.

Minha mente imediatamente se volta para todas as preocupações que têm me afligido desde o anúncio do coronel Martin.

Phydus.

Alienígenas.

Guerra.

Amy.

É difícil pensar em tudo de ruim quando ela me faz lembrar de tudo o que é

bom. Eu saio do saco de dormir, tremendo no ar da noite, e atravesso o corredor até a outra sala no segundo andar do prédio, na esperança de ter um vislumbre de seu cabelo vermelho antes que ela desapareça na noite.

Meu estômago se aperta quando olho para fora na escuridão.

Ela não está sozinha.

43: AMY

O ar da noite faz a minha pele se arrepiar, mas eu saboreio as lembranças suaves que acabei de fazer.

— Amy? — uma voz sussurra através da noite.

Viro-me, com um sorriso no rosto, esperando ver que Elder me seguiu.

Em vez disso, Chris emerge das sombras.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto em voz baixa.

Chris encolhe os ombros, um sorriso travesso no rosto.

— Eu sou seu guarda-costas.

Reviro os olhos, mas não me oponho quando ele começa a me acompanhar descendo os degraus em direção ao nível mais baixo de edifícios e à casa dos meus pais.

Ele observa, no entanto, quando os meus passos ficam cada vez mais lentos.

— Você não quer voltar para seus pais, não é? — ele pergunta, sério.

Balanço minha cabeça.

Chris faz uma falsa reverência.

— Certo — ele diz decisivamente. — Deixe isso comigo. Vou convencê-los de que temos de voltar para o módulo por algum motivo. — Ele sai correndo à frente, e logo depois eu ouço o ruído de graves vozes masculinas quando ele fala com meu pai.

Não consigo entender as palavras, mas, um momento depois, Chris sai da casa — sozinho.

— Obrigada — murmuro enquanto Chris me leva de volta para o módulo. Terra-Centauri não é o lugar para um passeio noturno, mas nesse momento eu prefiro enfrentar os pteros e as trevas às mentiras do meu pai.

— Você sabe — digo quando nos aproximamos do módulo — há, na verdade, um outro teste eu poderia fazer.

Chris ri.

— Você e Dra. Martin fizeram uma centena de testes hoje! Não pode haver mais nada a ser testado naqueles pequenos frascos de amostras.

Bato em seu ombro, que é duro como uma rocha.

— Faça isso por mim — digo, andando até a rampa e abrindo a porta da ponte. Nós testamos o ptero para a presença de material genético modificado, o que levou à descoberta de minha mãe, de que o ptero continha uma combinação de DNA da Terra e Terra-Centauri. E nós testamos as pessoas para a presença de Phydus, já que Elder e eu tivemos a ideia de que as pessoas haviam sido envenenadas. Mas ninguém testou um ptero para a presença de Phydus. — Provavelmente não é nada — digo a Chris, metade para ele, metade para mim. As chances de encontrar Phydus em um ptero? Isso parece impossível. Mas, novamente, se Phydus for, de alguma forma, uma parte natural desse mundo, por que um ptero não poderia estar infectado?

Pego o sangue do ptero armazenado na geladeira e configuro o teste.

— O que você está fazendo? — ele realmente parece interessado.

— Elder e eu descobrimos que a maioria das vítimas tem uma... — não quero dizer “droga”. — Elas têm uma substância nelas, algo que podia controlá-las. Se Elder estiver certo, e os alienígenas no planeta forem sencientes e estiverem nos atacando, talvez os pteros tenham essa substância neles também, e os alienígenas os estão usando para ajudar a direcionar os ataques.

— Seria difícil controlar um animal selvagem — diz Chris em dúvida.

Não com Phydus.

Estou na borda da minha cadeira quando o aparelho de imunoensaio toca para me deixar saber ele está pronto. E muito embora eu meio que esperasse isso, ainda assim fico surpresa quando vejo o resultado.

Positivo.

Os pteros têm material genético modificado e Phydus. Elder pensou que viu algo quando foi atacado a primeira vez e depois encontrou a três pegadas em garras. Os alienígenas são inteligentes. Eles estavam nos observando. E devem saber alguma forma de controlar os pteros, utilizando-os para o ataque.

— Encontrou o que você estava procurando? — Chris pergunta, observando-me de perto.

Concordo com a cabeça.

— Estou pronta para ir para casa agora. — De alguma forma, descobrir as verdades ocultas desse mundo estão tornando mais fácil enfrentar o pai, que eu nunca pensei que mentiria para mim.

A palavra faz Chris parar.

— Casa? Você só está aqui há alguns dias. Você realmente já vê esse planeta como sua casa?

Pela forma como ele diz isso, posso ver que ele não vê.

Mas eu vejo. Eu realmente vejo.

Quando saímos do módulo, está escuro como breu, um forte contraste com as luzes elétricas lá dentro, que funcionam com o gerador.

Chris para, olhando para o céu estrelado.

— Esse mundo é realmente bonito, não é?

Concordo com a cabeça em silêncio.

Ele se vira para mim. Ele tem um olhar de intensidade em seu rosto que não posso entender.

Nunca vi esse tipo de ferocidade em seus olhos antes.

— Siga-me — diz ele. Ele pega a minha mão e arrasta-me para baixo, pela rampa. Estou sem fôlego, tentando manter o mesmo ritmo de suas longas pernas. Ele desvia do caminho que liga o módulo à colônia, indo mais profundamente na floresta.

— Isso é seguro? — pergunto, tocando o .38 em meu quadril com a mão livre.

— Nada é seguro — diz Chris.

Ele continua indo cada vez mais profundamente no meio das árvores, longe de qualquer lugar que já ousei explorar nesse planeta. Estou prestes a tirar a minha mão da dele e correr de volta quando ele para.

— Feche os olhos — ele diz.

Rio nervosamente.

— Sério — diz Chris. — Feche os olhos.

Olho para ele em dúvida, mas faço o que ele diz.

Seus dedos tocam o meu queixo, elevando o rosto para uma brisa de ar

fresco.

— Agora — ele sussurra em meu ouvido, sua voz fazendo cócegas ao lado do meu rosto. — Ouça.

Meus olhos estão cheios de escuridão. Eu respiro e expiro. E escuto. No início, não ouço nada. Mas, então, eu noto o ping, ping, ping, de água em algum lugar. Um riacho ou uma pequena cachoeira. O distante farfalhar de folhas. Um som zhrr-shh-zhrr, semelhante à gafanhotos. Um som que é, inequivocamente, um coaxar de sapo.

Abro os olhos lentamente.

— Esse mundo — Chris diz, seus olhos suplicando aos meus. — É realmente um lar pelo qual vale a pena lutar, não é?

Concordo com a cabeça em silêncio.

— A qualquer custo — diz Chris. Ele parece... atormentado. Como se estivesse tentando tomar uma decisão, mas não conseguisse fazê-lo. Eu me pergunto se ele sabe mais sobre a morte de Emma do que eu pensei que ele sabia, ou se ele descobriu a mesma coisa que a deixou paranoica.

E então, antes que eu possa me afastar, antes que eu possa mesmo suspirar de surpresa — Chris desce o rosto rapidamente e coloca seus lábios sobre os meus. O beijo me deixa tão surpresa que eu abro a boca — e ele desliza sua língua contra a minha, hesitante num primeiro momento, e então o beijo fica mais profundo, quase como se ele estivesse tentando me convencer de algo através do beijo. Para tomar posse de mim, para me tornar dele. Minhas bochechas ficam quentes, minha mente gira.

Costumava pensar que amar Elder não contava se ele fosse minha única escolha.

E aqui está Chris, apenas alguns anos mais velho do que eu, inteligente, forte e corajoso — e eu percebo que tive outra escolha o tempo todo.

Inclino-me para longe dele, empurrando-o para trás até que ele me solte. Dou vários passos para longe dele, tentando recuperar o fôlego. Colocar meus pensamentos em ordem. Acalmar meu coração.

— Eu... eu sinto muito — Chris diz imediatamente.

Eu estou contente que esteja muito escuro agora para ele ver quão brilhante minhas bochechas devem estar, o quanto eu estou enrubescida.

— Eu pensei... não importa. Sinto muito — ele diz novamente. — Eu vi você sair do edifício de Elder, mas eu não sabia... não sabia que vocês dois eram mais do que amigos... — Ele se move nervosamente, evitando o meu olhar. — Eu quero dizer... Eu tinha esperança de...

— Está tudo bem — digo, ainda sem fôlego.

Eu me movo em direção aos restos do caminho que fizemos, voltando para o módulo e a colônia, mas quase tropeço em uma raiz. Chris corre para frente, mais rápido do que eu teria imaginado possível, e evita que eu caia de cara no chão.

— Obrigada — digo.

Chris me deixa ir e dá um passo desajeitadamente para trás.

— Amigos? — ele pergunta. É um tratado de paz, um pedido de desculpas.

Eu aceito.

— Amigos — digo, mas não posso deixar de notar a forma como ele está em pé muito perto de mim, como se ele fosse me tomar em seus braços, se eu desse qualquer indicação de que desejaria que fôssemos mais do que isso.

44: ELDER

Quando finalmente estou vestido e correndo os degraus atrás deles, mal posso ver Chris e Amy entrar na floresta do outro lado da campina. Devem estar indo para o módulo. Amy teve uma ideia para outro teste ou algo assim. É isso. Tem de ser isso.

Eu não os sigo. Eles iriam me ver na campina, e que é seguro de qualquer maneira. Segui-los, desarmado, sozinho, é possivelmente a coisa mais estúpida que eu poderia fazer agora.

E ainda assim quase tenho a coragem de fazê-lo de qualquer maneira.

Em vez disso, volto para a colônia. Digo a mim mesmo que tudo o que eu estou fazendo é verificar o meu povo, mas a verdade da questão é que eu estou esperando Amy voltar. E tentando não pensar sobre o que Amy e Chris estão fazendo. Sozinhos. No escuro. Juntos. Pulo os prédios cheios de terráqueos roncando, mas há pelo menos uma pessoa do meu povo acordada em cada prédio que visito. Encontro Heller, um dos ex-Alimentadores, empoleirado na varanda do lado de fora de seu prédio, olhando para o céu.

Atrás dele, posso ver as formas adormecidas de quase duas dezenas de pessoas. Não é confortável, mas nós fizemos o melhor que pudemos, usando roupas e cobertores para criar camas e cobertas.

— Não consigo deixar de pensar nela — Heller diz em voz baixa quando passo.

Duvido muito que ele esteja pensando na mesma garota que não consigo tirar da cabeça, então pergunto. — Quem?

— Lorin. — A primeira garota que morreu no planeta, a primeira vítima de uma ameaça alienígena que não conseguimos identificar. — Ela era uma boa pessoa. Não merecia morrer.

— Acho que não funciona dessa forma — digo.

Heller balança a cabeça. Ele continua olhando para o céu noturno e eu me pergunto se ele está procurando *Godspeed* e desejando que nunca tivesse vindo aqui em primeiro lugar.

Depois de fazer minhas rondas, sorrateiramente vou até a frente da colônia

e do primeiro edifício, onde Amy vive com seus pais. Dou uma olhadinha pela janela do quarto dela, mas ela não voltou ainda. Há quanto tempo eles estão lá fora? Há algo errado? Eu não sei o que me deixa com mais medo, pensar que algo aconteceu com eles ou pensar que eles estão aproveitando tanto a companhia um do outro que não se incomodaram em voltar.

Algo brilha do outro lado da casa de Amy. Eu me agacho novamente, olhando furtivamente pela janela que vai me dar uma visão mais clara do que está acontecendo.

— Eu estou cansada de mentiras — a mãe de Amy, a Dr. Martin, diz. Concordo inteiramente. Estou na ponta dos pés, tentando ter uma visão melhor da conversa.

— Sem mais mentiras. — A voz do Coronel Martin parece sincera. — Eu só estive tentando seguir as minhas ordens.

— Você e as suas ordens. — Embora irritada, o Dra. Martin parece entender seu marido. — Então o que é isso tudo?

As luzes no interior do edifício mudam, e vejo uma coisa pequena e plana que parece brilhar apesar da escuridão... suspiro em voz alta e, em seguida, coloco a mão sobre minha boca. A escama. Essa é a escama fina e lisa que eu encontrei nos túneis, exatamente antes de Chris puxar-me para fora.

— Quem teria pensado que algo como isso seria tão valioso? — a mãe de Amy diz, olhando maravilhada para a escama.

— Eu acho — o coronel Martin para abruptamente. — O que foi isso?

Apuro os meus ouvidos e ouço o que fez o coronel Martin parar. Passos, vindos do outro lado do edifício.

— Provavelmente apenas Amy voltando — diz a Dra. Martin. A luz brilhante escurece quando o coronel Martin cobre a escama.

Corro o mais silenciosamente possível em torno do edifício. Chego a tempo de ver Chris e Amy virarem o rosto um para o outro. Eu me esgueiro de volta para as sombras.

— Obrigada por me acompanhar — diz Amy. — E, você sabe. Antes.

Antes? Antes? O que aconteceu antes?

— Não foi nada. E... ah... — Chris se mexe desconfortavelmente.

E, então...

... ele inclina a cabeça para baixo em direção a Amy...

... fecha os olhos, inclinando-se para perto dela...

Meus dedos se transformam em punhos enquanto fico furioso. Eu vou arrancar a maldita cabeça desse cara...

Amy dá um passo para trás, esquivando-se graciosamente da tentativa de Chris.

— Amigos, lembra-se? — ela diz suavemente.

Minhas mãos se abrem. Fui um idiota.

Metade dos lábios de Chris se contorce em um sorriso.

— Sim — ele diz — amigos. Ele observa enquanto ela desaparece dentro do prédio. Mas posso ver pelo jeito que olha para ela que ele faria qualquer coisa para fazer Amy redefinir a palavra amigos.

45: AMY

Acordo bem antes do amanhecer da manhã seguinte. O chão é duro e frio, mas não é por isso que não pude dormir. Eu não preciso do meu saco de dormir. Eu preciso de Elder. Minhas lembranças da noite passada trazem um sorriso bobo imediatamente para o meu rosto.

Puxo a cortina da minha parede da barraca quando ouço vozes baixas.

— Bom dia, luz do sol — minha mãe diz suavemente quando ela e meu pai me veem.

— Quer café?

Aceno, bocejando enquanto vou até a mesa. Minha mãe mergulha uma caneca desmontável de metal em um balde de água fria e, em seguida, mistura um envelope de café instantâneo em pó.

— Quase como em casa — diz meu pai, tilintando sua própria caneca dobrável contra a minha e tomando um gole do “café”. Ele faz uma cara da qual não posso evitar rir.

O café da manhã são rações desidratadas em embalagens marcadas com as letras IRF. Ovos em pó misturados com água e biscoitos que são mais como bolachas cream crackers. Eu me pergunto quantos pacotes desidratados ainda temos. Os terráqueos os têm usado com moderação — e fora da vista dos shipborns, que compartilharam suas rações de alimentos de parede.

Papai mergulha seu “biscoito” em seu “café”, algo que ele sempre fez de manhã na Terra.

— Bem — minha mãe diz, limpando as migalhas de sua camisa —, eu vou para o laboratório.

Quando ela menciona isso, penso sobre o que descobri na noite passada, com Chris. As palavras estão na ponta da língua, mas, no último momento, eu as engulo. Não estou pronta para lhes contar sobre isso. Ainda não. Quero contar a Elder primeiro. Meu pai dá um olhada lá fora e, em seguida, fala para mamãe.

— Chris não está aqui. Vou acompanhá-la até o laboratório. Amy, você vai?

Eu não vou — mas os sigo até lá fora para dizer adeus, assim que os sóis

começam a nascer. Em torno de nós, podemos ouvir sinais de outras pessoas levantando, conversas suaves e passos enquanto as pessoas saúdam o novo dia. É incrível a rapidez com que nós nos acostumamos com esse papel de colonos. A rapidez com que fizemos dessa a nossa casa.

Eu sorrio.

E então a floresta explode.

Meu pai age primeiro, ele joga mamãe e eu para o chão, cobrindo nossas cabeças com suas enormes mãos fortes. O ar quente é incandescente sobre a floresta, e o chão sob nossos pés — pedra sólida, resistente — estremece e treme. Posso ouvir os gritos e berros de pânico, sons que ecoam em meu próprio coração enquanto mexo a cabeça de um lado para o outro, perguntando-me onde está Elder. Um ruído de alta-frequência penetra em meus tímpanos, e não sei se vem da explosão ou se é um sinal de que meus tímpanos se romperam.

Uma nuvem sopra sobre a floresta, apagando os sóis e lançando uma sombra escura sobre toda a colônia. Pedacos de pedra e árvores inteiras caem do céu como granizo. Os pedacos grandes chovem na floresta, mas mesmo aqui, na colônia, terra e restos carbonizados de árvores caem no caminho de pedra.

— O que diabos aconteceu? — meu pai ruge. Os militares começam a se ajuntar em torno dele quando outra explosão, menor, surge como um tremor, agitando as copas das árvores remanescentes.

Não consigo tirar meus olhos longe dele. O grande pedaço de terra, escuro e cheio de cicatrizes.

Exatamente onde o módulo costumava ficar.

46: ELDER

Os militares tentam me impedir, mas — a menos que me deem um tiro ou me amarrem e me deixem para trás — não podem. Assim que a explosão ocorre e percebo o que aconteceu, corro para fora da colônia e para o módulo. Amy tem estado no laboratório com sua mãe todas as manhãs. Todas as malditas manhãs. Se ela estava essa manhã — meu coração bate contra meu peito, e meus olhos ardem. Ela não pode ter estado lá.

Alcanço o coronel Martin e sua força-tarefa antes de chegar à floresta.

— Onde está Amy? — pergunto, em pânico e sem fôlego.

O coronel Martin olha para mim como se não entendesse minhas palavras.

— Amy?

— Sim, ela está bem?

— Amy está bem. Ela não está aqui.

Meus joelhos ficam fracos com as palavras dele. Graças às estrelas! O coronel Martin passa por mim, sem se preocupar em perder o tempo que seria necessário para me enviar de volta para a colônia, e eu consigo me recuperar o suficiente para segui-lo em direção ao local da explosão. Vamos andando para frente, o cheiro acre de fumaça queimando nossos narizes e nublando nossos olhos.

Continuamos como um grupo único, eu no centro. Todos, exceto eu, têm uma arma, e eles usam as armas como olhos, sempre apontadas para a frente.

Quando chegamos à zona da explosão, as ondas de fumaça dançam em torno de nós, tornando quase impossível enxergar. Meus olhos se enchem de água enquanto rastejamos para frente, e eu nunca fui mais grato pelo vento do que quando uma brisa dispersa a fumaça, tornando o mundo visível novamente. As árvores não são nada além de restos carbonizados de madeiras enegrecidas no chão. O próprio solo é irregular, como o solo recém-arado, mas queimado e desfigurado.

Paramos quando vemos o módulo.

As elegantes linhas suaves do módulo foram despedaçadas em três seções.

A ponte é a mais distante, mas menos danificada, como se uma criança a tivesse quebrado e atirado em direção às árvores. O resto do transporte foi dividido ao meio longitudinalmente, o teto explodido como uma flor desabrochada feita de metal queimado, fumegante.

— Espalhem-se. Procurem por vítimas. Procurem os culpados. Procurem evidências — o coronel Martin dá suas ordens.

O solo abaixo do módulo — a areia enegrecida, queimada, que foi transformada em vidro pelos foguetes do módulo durante o pouso — está despedaçado e dilacerado, pequenas contas de vidro carbonizado que não tem mais os traços da luz dos sóis nelas. Eu me pergunto se a explosão fez o vidro quebrar ou se os alienígenas utilizaram o vidro que já estava aqui para detonar a explosão.

Evito a concha vazia do módulo. São bordas metálicas irregulares e rescaldo queimado. As câmaras crio foram todas explodidas, as caixas de vidro quebradas e espalhadas por toda parte. O laboratório de genética foi quase dividido igualmente pela metade. Os embriões dos animais de Terra-Sol se foram. Posso ver que os cilindros pesados se abriram, vazando a gosma amarela e os pequenos feijões que eram os fetos estão no chão queimado. As incubadoras — os cientistas começaram a fazer cavalos e cães — foram totalmente queimadas.

A maioria de nossos suprimentos de alimentos estava lá. Equipamento insubstituível. E — a percepção disso me atinge como um soco no estômago — o último quadro de Harley, o que ele fez para Amy. Ela o havia trazido consigo, mas manteve-o no módulo espacial. Por segurança. Nada além de cinzas agora.

Tropeço e quase caio sobre uma placa de metal pesado. Uma águia de asa dupla e a palavra *Godspeed* gravada de um lado. A placa de identificação do módulo.

Marcas de queimadura ao longo de um dos lados tornaram-na ilegível.

Não era muito, mas o módulo era o meu último laço com *Godspeed*. Era a última parte da nave que eu tinha. O último remanescente do lugar que eu chamava de lar. E agora ele se foi.

Viro a placa de identificação com o pé. Sob ele, há uma peça perfeitamente curva de vidro.

Pego o vidro com cuidado. Quando está fora dos escombros, posso ver que

é um globo. Não me lembro de nada no módulo nesse formato esférico. A luz atinge o globo diretamente, e posso ver o líquido dourado rodopiando em seu interior. A energia solar.

Droga.

— Coronel Martin? — chamo nervosamente.

Um dos outros militares olha para mim. Quando ele vê o que está na minha mão, grita para o coronel Martin e corre para buscá-lo.

A bola de vidro na minha mão tem o mesmo tamanho que a minha cabeça, mas posso ver que ela é feita de vidro mais fino do que o cubo que Amy tem. Não tenho nenhuma dúvida de que ela irá quebrar — é um milagre que ainda não tenha quebrado.

— Filho de uma — Coronel Martin xinga quando me vê. — Por que você pegou isso?

— Eu não sabia o que era... — digo. Minhas mãos estão escorregadias com suor, tornando a bola de vidro ainda mais difícil de segurar.

— Coloque-a para baixo... suavemente... suavemente... — o coronel Martin diz. — Para trás, todos.

Com o canto do olho, vejo todos os outros nervosamente se movendo para trás, procurando abrigo. Dobro meus joelhos, trazendo a bola de vidro para baixo o mais cuidadosamente possível.

Um centímetro acima do chão, hesito. Meu rosto está a menos de trinta centímetros de distância de uma bomba de vidro, o mesmo tipo que deve ter sido usada para explodir o módulo todo.

— Cuidado — o coronel Martin diz.

— Eu sei — rosno.

A esfera de vidro faz um tilintar suave quando toca o chão. Dou um passo para trás. Ela rola alguns centímetros. Todos suspiram, mas a bola para assim que atinge uma superfície plana.

Quando estou atrás de uma árvore, o coronel Martin tira sua arma do coldre e aponta para a bola. Ele puxa o gatilho.

A esfera de vidro estoura como um balão furado, a energia em seu interior irrompendo em uma explosão que momentaneamente me cega. Piscando, olho para os danos.

Uma cratera de sessenta centímetros é tudo o que resta.

O coronel Martin dá alguns passos à frente, franzindo a testa para os detritos. Ele xinga alto e longamente.

— Certo, homens — ele diz. — Agora vocês viram o que estamos enfrentando. Continuem procurando e sejam cuidadosos.

Eles se dispersam.

O coronel Martin vem até mim.

— Isso prova tudo — digo. — Isso é trabalho dos alienígenas.

Ele não responde.

— Não temos quaisquer armas que possam combater algo assim?

Ele se vira para os restos do módulo.

— Se tivéssemos, elas estariam perdidas agora.

Diabos. Ele está certo. O módulo abrigava o arsenal. As únicas armas que sobraram são as que homens estão carregando.

— Ainda bem que isso aconteceu no começo do dia — o coronel Martin diz. — Poderia ter havido baixas maciças se fosse de outra forma.

Amy. Amy passou quase todos os dias aqui, no laboratório de genética, com sua mãe. Fecho os olhos e a vejo na explosão, exatamente como fiz quando ouvi as bombas explodindo — ela presa no módulo enquanto ele é dilacerado, ela queimada de tal forma que não pode ser reconhecida.

— Temos que fazer alguma coisa — digo, a emoção tornando minha voz tão irregular quanto as bordas do módulo.

O coronel Martin olha diretamente nos meus olhos.

— Eu sei.

Costumava pensar que o aviso de Órion sobre nos tornarmos escravos era o mais provável, mas estou começando a acreditar que o coronel Martin está determinado a nos transformar em soldados em vez disso.

47: AMY

Abro caminho no meio da multidão, à espera que meu pai e os seus homens retornem. Mas não é meu pai que emerge da floresta enfumaçada.

É Elder.

Quando meus olhos encontram os dele, saímos correndo em direção um do outro. Elder esmaga-me em um abraço tão feroz que fico sem fôlego.

— O que aconteceu? — pergunto quando ele finalmente me solta.

— Seu pai quer que eu traga todos para o lado de fora.

— Fora? de onde?

Ele parece sombrio.

— Do complexo.

Quase paro de tão surpresa.

— Mas meu pai.

Elder dá de ombros.

— Ele me disse para levar todo mundo até lá.

— Por quê?

Ele me lança um olhar inescrutável.

— Eu não sei.

Todo mundo fica mais e mais ansioso quando Elder nos reúne e nos lidera para longe da floresta e além do lago. Quando o complexo é avistado, a energia nervosa deixou todos tão voláteis quanto as bombas que dilaceraram o módulo.

Chris está parado do lado de fora do edifício de comunicação.

— O que está acontecendo? — ele pergunta a Elder quando nos aproximamos. Ele parece cansado e sujo.

Eu não sei — diz Elder. — O coronel Martin não lhe disse?

— Ele só me disse para encontrá-lo aqui.

Meu pai sai da floresta, seguido pelos homens que levou consigo até o local da explosão. Ele não fala nada até chegar perto de Elder, de minha mãe e de

mim. Ele parece um pouco surpreso ao ver Chris, mas não faz nenhum comentário enquanto pressiona o polegar sobre a fechadura biométrica. Quando ela pisca HUMANO, a porta se abre. Ele acena para Elder se juntar a ele, mas fico bem atrás dele, olhando para papai desafiadoramente, desafiando-o a me excluir. Quando passo pela porta, minha mãe me segue, e também Chris. Meu pai abre a boca — para nos expulsar, eu acho, mas com um olhar de derrota, ele apenas fecha a porta.

— O que é isso, Bob? — Minha mãe exige no minuto em que a porta se fecha atrás de nós. Através das grandes janelas de vidro, posso ver os militares de papai direcionando as pessoas para o outro lado do complexo, fora do asfalto.

— Maria — meu pai começa.

Mamãe parece querer dar um soco em meu pai.

— Esse é o complexo do qual você me falou? Por que você não me disse que era assim, tão avançado?

— Eu tinha ordens.

— Ordens! Danem-se as ordens! Eu sou sua mulher!

Meu pai atravessa a sala e agarra as mãos de mamãe.

— Maria, deixe-me explicar.

Ela tira as mãos das dele e lança-as no ar.

— Muito bem! Explique!

Meu pai solta um suspiro.

— Esse complexo foi construído pela primeira colônia da Terra. — Minha mãe abre a boca para gritar outra coisa, mas meu pai a silencia com um olhar.

— A primeira colônia encontrou... problemas. Alienígenas. Alienígenas muito inteligentes, agressivos. Eles mataram todos da colônia original. E está claro que, desde que pousamos, eles têm a intenção de fazer o mesmo conosco.

Mamãe abre a boca novamente, mas o papai levanta a mão para silenciá-la.

— Nós tivemos dificuldade em estabelecer contato com a Terra, mas na noite passada minha equipe técnica encontrou uma forma de amplificar o sinal. Fomos capazes de enviar uma mensagem e recebemos uma mensagem de volta.

— Vocês mandaram? — foi Chris que falou dessa vez, sua voz chocada. Meu pai sorri para ele, e não posso evitar de me perguntar se os dois, ambos

militares, sabem de algo que não estão nos dizendo.

— Contamos ao pessoal da Terra que pousamos e estávamos sendo atacados pela população nativa. E a Terra enviou uma resposta.

Meu pai vira-se para o painel de tela de toque na estação de comunicação e passa os dedos para ativá-la. Depois de percorrer os menus, ele destaca um bloco de texto na tela, e então dá um passo para trás. Todos nos reunimos ao redor dela para ver.

Mensagem recebida.

Auxílio enviado; TDC^[22] estimada cinco dias.

Estação contém suporte de vida para 500 seres humanos e uma arma para eliminar a ameaça.

Cada um de nós percebe uma coisa diferente. Chris pergunta a meu pai sobre a arma que é poderosa o suficiente para “eliminar a ameaça.” Minha mãe pergunta sobre a estação. Elder pergunta sobre que tipo de ajuda está sendo enviada.

Mas eu? Eu estou presa na primeira frase da mensagem. Mensagem recebida. Meu pai falou com a Terra... e a Terra respondeu. Dou um suspiro de alívio que não sabia que estava segurando.

— Isso é tudo que sei — diz meu pai, afastando-se de Chris, Elder e mamãe enquanto eles o encham de perguntas. — Há uma nave auxiliar sob o complexo, e ela foi projetada para transportar carga — e pessoas — para a estação espacial que orbita o planeta. Ele não é grande o suficiente para levar todos nós, mas vamos enviar aqueles em maior risco, os membros mais fracos da colônia, os que não podem lutar. E alguns dos militares, especialistas em armas, que possam inspecionar qualquer arma que o IRF colocou à nossa disposição.

— O que é essa arma? — Elder exige imediatamente. Chris observa a todos nós silenciosamente, um olhar inescrutável em seu rosto.

— A mensagem veio com instruções sobre como detonar remotamente a arma da estação de comunicação, mas não gosto das escassas informações que o IRF nos deu. Vou esperar até que os meus homens tenham mais informações depois que eles a inspecionarem.

Os outros todos têm mais perguntas, principalmente sobre a arma, mas eu tenho apenas uma.

— Quando?

A pergunta corta através do caos, e todos param para ouvir a resposta de meu pai.

— Agora.

48: ELDER

Amy aperta minha mão com tanta força que perco a sensação em meus dedos enquanto o coronel Martin usa o amplificador de voz para explicar a situação para a multidão do lado de fora — que eles não foram os primeiros humanos a pousar em Terra-Centauri, que os outros foram mortos por alienígenas que querem nos matar também.

O céu é de um azul sem nuvens, o ar suave e calmo, as árvores vibrantes — mas ninguém vê isso. Eles ainda veem a fumaça cinza-escura, ainda ouvem a explosão. Eu observo os rostos do meu povo cuidadosamente enquanto o Coronel Martin diz a eles que serão transferidos para a estação. Posso ver imediatamente que alguns deles — muitos deles — estão felizes em ouvir isso. Eles querem segurança e, para eles, viver no espaço é seguro. Eles mal podem esperar para ir para a estação. Não será *Godspeed*, mas vai ser melhor do que esse planeta. Pelo menos para eles.

Mas um número cada vez maior deles recusa a ideia. E isso me dá coragem.

— Quando a ajuda da Terra chegar — o coronel Martin fala pelo alto-falante —, teremos algumas opções. Aqueles que estiverem na estação poderão embarcar em uma nave interestelar imediatamente.

Há confusão a respeito disso, e o coronel Martin rapidamente esclarece.

— Voltar para a Terra. Vocês terão a opção de voltar para a Terra.

Isso é algo completamente diferente. Muitos do meu povo não estão felizes com isso. Se ir para a estação significa que têm de ir para a Terra, eles estão muito mais relutantes em fazer isso. Pelo menos este planeta é deles; a Terra definitivamente não é.

Saio da sala de comunicação para ajudar a controlar a multidão. Assim que saio, meu povo desce sobre mim como aves de rapina.

— Eles não podem nos obrigar a ir! — Um dos antigos Transportadores grita na minha cara. — Esse planeta é o nosso lar, e eles não podem nos obrigar a ir!

— É para nossa segurança! — outro homem contra-argumenta.

— E para a de nossos filhos — diz uma mulher nas proximidades.

— Não há nenhum lugar seguro! — Um Alimentador grita. — Podemos muito bem ficar aqui tanto quanto lá.

— Nós não podemos confiar no IRF!

— Terra-Sol não se importa com a gente!

— Mas nós não podemos ficar aqui!

— Basta! — grito tão alto quanto posso. Pego o amplificador de voz do coronel Martin. — Ninguém está obrigando vocês a irem! — grito nele, e minha voz é suficiente para abafar a multidão. — Mas se vocês quiserem ir, a opção está lá.

Alguém grita do centro da multidão.

— O que você vai fazer?

— Eu? — falo pelo amplificador de voz. Minhas palavras soam frágeis vindas do aparelho, e desejo, novamente, que os com-wis ainda funcionassem. O coronel Martin faz carrancas para mim.

— Eu vou ficar aqui.

Aclamações — e gritos de protesto — irrompem da multidão. Eles já estão se dividindo entre aqueles que querem ficar e aqueles que estão dispostos a ir. Eu não posso ajudar, mas sinto-me triunfante pelo número de pessoas que não se importam com o perigo, que estão dispostas a lutar para reclamar o que é deles.

— Silêncio! — o coronel Martin grita no amplificador de voz. A multidão se acalma, mas ainda estão resmungando e preocupados. O coronel Martin vira-se para o rádio em seu ombro, dando instruções aos militares, então ele entra na sala de comunicação e vai até o painel de controle. Observo enquanto ele aperta uma série de botões e mostradores. Lá fora, o chão treme, e a multidão grita, pensando ser outro tremor da explosão anterior. Amy e sua mãe correm para a janela do edifício, a primeira vez que Amy sai do meu lado.

Lá fora, a pista de asfalto muda, abrindo-se como uma porta articulada em um par de elevadores hidráulicos. Um som de metal rangendo vem de baixo dela. Eu observo, de boca aberta e com os olhos arregalados, enquanto um ônibus espacial imenso sobe do chão. Ele parece um avião de caça de grandes dimensões com uma grande barriga grávida sob as asas elegantes.

A parte inferior bulbosa do ônibus se abre enquanto ele rola para frente, deslizando pelo asfalto, expondo centenas de caixas verticais de tamanho

humano. O painel se fecha, deixando apenas o ônibus e a pista.

O coronel Martin disse que era um autotransporte, projetado para usar sinais de navegação para voar em linha reta até a estação e depois de volta para o complexo aqui, mas tudo o que posso pensar é se ele pode ou não fazer um desvio, até *Godspeed*, para que eu possa salvar o meu povo que ainda está preso na nave. Considerando seu tamanho e a forma dele, acho que ele deve voar como um avião até que ele atinja a atmosfera, e então muda seus foguetes para baixo para alcançar a órbita.

Enquanto a explicação do coronel Martin sobre a situação e as minhas palavras tenham pouco efeito para acalmar a multidão lá fora, a presença do ônibus deixa todos em silêncio.

Antes, eram apenas palavras. Mas isso é a realidade.

O autotransporte representa uma separação dos caminhos. Alguns vão partir, e nunca mais vamos vê-los novamente. Eles vão para Terra-Sol, um planeta totalmente diferente, e eles deixarão de fazer parte de nossa colônia.

O coronel Martin dá um passo à frente. Usando os militares para contar, ele organiza quais dos “civis” devem entrar no ônibus primeiro. As mulheres grávidas são instruídas a partir e os homens capazes a ficar, mas as famílias e amigos não querem ser divididos. Eles ficam para trás ou se recusam a se separar, enquanto outros, mais ansiosos para ir, tomam o seu lugar.

Separar quem vai partir de quem vai ficar parece demorar uma eternidade. Finalmente, as pessoas são enviadas para o ônibus. As pequenas caixas verticais, que eu observei anteriormente, estão alinhadas na barriga do ônibus, cada uma projetada para manter uma pessoa.

— Elas se parecem com as prateleiras automáticas que lavanderias usam — Amy diz, uma estridente gargalhada nervosa escapando de seus lábios.

As primeiras pessoas começam a entrar. Uma pequena saliência se destaca no centro de cada caixa, semelhante a um selim de bicicleta. Correias descem e ficam sobre o peito de cada pessoa e sobre a cintura, prendendo-os na caixa, antes que uma fina porta de plástico transparente sele-os lá dentro.

— Viram? — o coronel Martin fala para o grupo de nervosos shipborns enquanto ele leva o primeiro grupo de cientistas nascidos na Terra para o autotransporte. — Não é preciso ter medo.

Depois que a primeira fila de compartimentos individuais fica cheia, a

próxima desce automaticamente. Meu povo avança, nervoso, hesitante em confiar em outra nave, uma que eles não conhecem.

Enquanto algumas das pessoas do meu povo se aproximam do ônibus, percebo como outros lentamente se separam do grupo, dando um passo atrás. Seus olhos se viram para a esquerda, além das árvores e do lago, onde as ruínas estão. Onde fica a casa deles.

As horas passam enquanto o ônibus se enche. Amy está ao meu lado, assistindo, uma expressão inescrutável no rosto. Toco sua mão, mas ela a empurra.

Um sentimento preocupante, que não consigo nomear, começa a corroer o interior do meu estômago.

Ela... ela não pode estar pensando em me deixar, pode?

Quando há somente dois lugares sobrando no ônibus, o coronel Martin deixa de aceitar voluntários.

Há um rugido em meus ouvidos. Algo está errado, mas não consigo identificar o que é.

O coronel Martin caminha para o prédio de comunicação, onde Amy, sua mãe e eu estamos em pé.

Oh, não.

Ele estende a mão para a mãe de Amy.

— Está na hora — ele diz.

Ela acena com a cabeça.

Ambos se voltam para Amy.

— Está na hora de ir — eles lhe dizem.

E então percebo: eles querem mandar Amy de volta.

49: AMY

Eu sabia que isso iria acontecer.

Assim que meu pai começou a falar sobre quem ia ficar e quem ia embora, eu sabia o que ele esperava de mim.

Eles querem que eu vá.

Olho para Elder. Um olhar de crescente horror aparece em seu rosto quando ele percebe o que meu pai pretende fazer.

— Amy. — A voz de meu pai é severa. — Vamos.

Eu hesito.

— Não é opcional nesse momento. Eu não estou lhe dando uma escolha. Você vai entrar no ônibus. — Ele faz uma pausa, procurando meus olhos. — É para sua própria segurança.

Dou um passo à frente.

Elder faz um som como se estivesse sendo sufocado e se atira em direção a mim, mas já estou fora de seu alcance.

Todos os sons ao meu redor desaparecem ao fundo enquanto me aproximo do maciço ônibus espacial. Sei o que devo fazer, só não sei como fazê-lo. Posso ver as pessoas dentro de suas caixas de transporte individuais, olhando para nós através do grosso plástico transparente que os sela lá dentro. As caixinhas não parecem confortáveis, mas a viagem não será longa. Apenas uma curta viagem até a órbita, em seguida para uma estação espacial. Em poucos dias, outra nave vai chegar, e ela vai basicamente zarpar levando todos da estação de volta para a Terra.

Isso — todos nós, enfiando-nos em caixas e retornando ao espaço — isso se parece com uma fuga.

Eu não gosto disso — é como se os alienígenas tivessem ganhado. Eles não nos querem aqui e nos expulsaram de seu planeta.

Eu me sinto sem forças e apática quando paramos na frente das caixas de transporte. Pelo canto do meu olho, posso ver Elder. Ele parece triste e magoado.

Meu coração dói por ele. Eu nem lhe disse o que planejava fazer. Mas é

tarde demais agora.

— Eu vou primeiro — minha mãe diz, dando um passo à frente. Meu pai balança a cabeça em concordância.

Minha mãe olha para ele, uma expressão que não posso identificar em seu rosto. — Deixe-me dizer algo a Amy. — Quando ele não se move, ela acrescenta. — Conversa de garotas.

Papai dá uns passos para trás.

Eu olho nos olhos cintilantes de minha mãe. Penso sobre as palavras que tenho para dizer a ela, a maneira como vou partir seu coração. Coloco a mão no meu pescoço, retirando a pequena cruz de ouro que, três meses atrás, tirei de sua caixa de carga.

— Isso é seu — digo. — Sinto muito por tê-la apanhado. — Eu começo a abrir o fecho.

Ela toca a cruz, pressionando-a contra a pele do meu peito.

— Fique com ela — mamãe diz. — Sei que você estava com ela desde que desmaiou por causa das flores. — É sua agora. Minha mãe me deu, e agora eu a estou dando para você.

— Mãe, eu não posso...

Ela acena com a cabeça, e acho que ela entende o que eu não consigo dizer.

O que eu não posso fazer.

Ela dá um passo para longe de mim, sorrindo, com os olhos lacrimejantes. Em seguida, meu pai a amarra na caixa de transporte e a fecha.

Ele se vira para mim.

— Eu não vou — digo.

Dou um passo para trás em direção à multidão, em direção a Elder.

— O que você disse? — meu pai já parece irritado.

— Eu não vou. — Minha voz não deixa qualquer espaço para dúvidas.

Meu pai dá alguns passos para a frente, infernos gêmeos em seus olhos.

— Por ele? — ele pergunta furiosamente, apontando para Elder sobre meu ombro. — Você está abandonando sua família por ele?

— Não — digo, e a resposta é o suficiente para chocar meu pai e tirar o

foco de sua raiva.

— Eu não vou ficar por ele. Mas não irei por você.

— Vou obrigar você a ir — meu pai diz, agarrando o meu braço. Ele me puxa alguns passos mais perto do ônibus espacial antes de eu ter a chance de me libertar.

— Você pode tentar — digo, recuando vários passos. — Mas eu vou lutar com você a cada passo, e vou encontrar uma maneira de voltar para cá.

— Você vai voltar para a Terra! — meu pai grita. — Você vai para onde é seguro!

Eu rio, um som amargo e rascante que tem um som feio. — Não há nenhum lugar seguro. Você quer saber o que aprendi nos três meses que eu estava acordada e vocês não? É bem isso.

Meu pai me olha como se eu tivesse lhe dado um tapa no rosto.

— Você vai — ele diz. — Todos nós vamos. Vou subir assim que a missão estiver completa. Seremos uma família. Juntos.

— Você estava disposto a abrir mão de mim uma vez — digo.

— E daí? Agora você está disposta a abrir mão de nós?

As palavras me cortam, fazendo meu coração sangrar. Mas dou mais um passo atrás, ainda mais longe do ônibus. Olho por cima do ombro do meu pai, para minha mãe em sua caixa de transporte. Ela sorri para mim novamente e sua boca forma três palavras. Embora eu não possa ouvi-las, sei o que ela está dizendo — eu te amo. Eu toco a cruz de ouro em volta do meu pescoço e movo meus lábios, formando as mesmas palavras de volta para ela.

Então viro as costas para meu pai e vou embora.

Fico em pé ao lado de Elder. Não olho para ele, não olho para a multidão de pessoas atrás de nós. Olho para meu pai. E espero.

Ele está mais bravo agora do que jamais o vi.

Mas ele se vira para os controles no asfalto e inicia o processo de lançamento do ônibus espacial. Sem mim.

Olho para minha mãe, que me olha com olhos tristes e uma expressão de perdão. Uma lufada de ar vem das tubulações conectadas a todas as caixas — oxigênio para a viagem até a estação espacial em órbita sobre Terra-Centauri.

Algo no rosto de mamãe muda.

Uma pequena luz vermelha começa a piscar na caixa de controle na mão do meu pai.

Um som de batidas desvia minha atenção. Bang! Bang! Bang! As pessoas nas caixas de transporte estão batendo contra o plástico que os mantém lá dentro.

O horror me inunda.

As caixas de transporte caem quando as pessoas dentro delas se atiram contra o plástico, tentando sair.

Meu rosto se vira para mamãe. Sua boca está entreaberta, estranhamente, como se ela não tivesse mais o controle de seus músculos faciais. Seus olhos estão olhando diretamente adiante. Vazios.

— Algo está errado! — grito, correndo para a frente. — Há algo de errado com o ar!

Meu pai está xingando, tentando fazer os controles funcionarem, mas a pequena luz vermelha apenas continua a piscar e o gás — o gás que eu temo que não seja oxigênio em absoluto — continua enchendo as caixas de transporte seladas.

Eu me choco contra a caixa de transporte de minha mãe com toda a minha força. O plástico se dobra, mas não quebra, não se abre.

— Abram as caixas! — grito. — Abram todas! É veneno!

— Eu não consigo! Não consigo! — meu pai grita batendo os punhos contra os controles e xingando.

Uso toda minha força para empurrar a porta da caixa. Minhas unhas se quebram, mas eu não me importo. Eu não consigo abri-la, minha mãe está lá dentro, e ela já pode estar...

Um silvo alto irrompe a partir das caixas, e todas as quinhentas se abrem ao mesmo tempo.

— Mãe! — grito enquanto uma onda do gás que estava dentro das caixas de transporte cai sobre mim. Eu caio, vagamente consciente do amortecimento dos meus sentidos. Meu pai corre para mim, eleva a minha cabeça acima do chão. Elder está do meu outro lado.

— Amy? Amy? — meu pai pergunta, gritando no meu rosto, mas o gás me fez ficar congelada.

Não posso me mover.

Tudo parece tão...

Lento.

Já senti isso antes.

Como viver sob a água.

O céu é tão azul.

Papai. Papai grita comigo.

Eu me pergunto por quê.

E há mamãe.

Ela está quieta.

Imóvel.

50: ELDER

Gritos e berros irrompem em torno de nós enquanto as pessoas correm para as caixas de transporte, tentando salvar as pessoas presas nas caixas.

Mas é tarde demais.

Já estão todos mortos.

Não preciso de uma amostra do gás para saber que uma alta concentração de Phydus os matou, e já que o laboratório no transporte original desapareceu, nós não poderíamos testar uma amostra de qualquer maneira. Mas a reação de Amy me diz tudo o que preciso saber.

Eu me ajoelho ao lado dela. Na minha cabeça, sei que não há nada a fazer senão esperar que os efeitos se dissipem. Mas meu corpo inteiro está tremendo de medo. Ela poderia ter estado dentro de uma das caixas de transporte. Ela poderia ter... Sinto gosto de bile e a engulo. Não posso me deixar abater pelo que poderia ter acontecido.

O coronel Martin verifica os sinais vitais da mãe de Amy, antes de desabar aos seus pés, mas é como eu temia. Ela se foi. A boca e os olhos abertos, como se ela estivesse gritando, mas é tarde demais. Ela está morta, da mesma maneira como Eldest e Lorin morreram — uma overdose de Phydus.

Qualquer dúvida de que os alienígenas no planeta têm acesso a Phydus, e sabem o que ela faz, desaparece.

Eles mataram 499 pessoas de uma vez só.

Os médicos que não estavam em caixas de transporte — há somente três agora — estão correndo de pessoa para pessoa, tentando ver se há alguém vivo. Algumas das pessoas do meu povo, em pânico por causa do número de mortes em massa, correm para as ruínas, gritando. Alguns dos militares vão atrás deles, tentando manter todos juntos e a uma distância segura do ônibus. O gás se dissipou agora e só o oxigênio sopra através das aberturas, deixando apenas o rastro de um perfume doce e pegajoso no ar, antes de evaporar.

Chris se move ao meu lado, eu não o tinha visto se aproximar. Ele parece espantado e luta para encontrar palavras enquanto olha para o corpo de Amy, sem nem sequer notar aqueles que realmente morreram.

Eu a observo também, assim como observo o caos que nos rodeia. Ela olha para frente com olhos vazios. Diretamente para sua mãe.

Sei exatamente em que momento a droga desaparece. Posso ver o olhar em seus olhos mudando da inação vazia para o horror crescente à vista do corpo de sua mãe. Ela se enrola, um soluço ofegante e sufocante escapa de seus lábios enquanto ela agarra seu pai e chora. Uma parte de mim se alegra — a droga não a matou, não amorteceu sua mente — mas parte de mim desejaria que ela pudesse ser poupada da dor da morte de sua mãe.

— Estamos muito a céu aberto — diz Chris, olhando para cima. O céu azul parece ameaçador, como se os pteros pudessem simplesmente descer rapidamente do céu ou os alienígenas pudessem nos atacar a qualquer momento. — Temos que sair daqui.

— As ruínas? — pergunto a Chris. Meus olhos viram-se para o coronel Martin, ele deveria estar dando as ordens agora, mas está agachado na frente da mãe de Amy, chorando. Fico surpreso com a parte fria e sem emoção de mim que não sente simpatia por ele.

Chris franze a testa, pensando.

Eu respondo a minha própria pergunta.

— Não será seguro lá — digo. — Os alienígenas, ou seja lá o que for que esteja nos atacando, explodiram o módulo. Eles estão tentando nos matar, e devem saber onde as ruínas ficam. Eles poderiam estar esperando por nós.

— É isso ou nada — Chris diz severamente. E ele está certo. Aonde mais nós iríamos? Para a floresta, onde as flores nos fazem dormir e os pteros voam acima de nossas cabeças? Aqui, em um amplo espaço aberto, onde já morreram quinhentos?

As ruínas não são muita coisa, mas é o único lugar seguro que temos, e as paredes de pedra podem nos fornecer alguma proteção.

Isso significaria voltar para as paredes, mas que outra opção temos?

Corro para a sala de comunicação e pego o amplificador de voz. As pessoas já se espalharam, algumas em pânico na floresta, algumas apenas correndo, e eu espero que minhas palavras consigam chegar até todas elas.

— Todo mundo! Voltem para as ruínas! Não fiquem em campo aberto! Vão para os edifícios!

Através da grande janela de vidro, posso ver uma mudança no grupo quando eles andam de volta pelo caminho que viemos, indo em direção às ruínas. Os militares agem como uma unidade, juntando as pessoas e levando-as para a relativa segurança das estruturas de pedra.

Chris está tentando falar com o coronel Martin, mas nenhuma de suas palavras está conseguindo atingi-lo, tão preso ele está em sua dor.

— Amy — digo —, nós temos que ir. — Eu a agarro pelo braço, mas seu braço desliza para fora do meu controle, como a água flui através de uma peneira.

Agarro-a novamente, com força, e puxo-a para cima. Ela tropeça, mas não a solto.

— Não há nada que possamos fazer! — grito, esperando que ela possa ouvir as minhas palavras através de sua tristeza. — Temos que ir.

O coronel Martin também fica em pé. Estamos a meio caminho do outro lado do complexo quando Amy suspira e se vira.

— Não podemos deixar mamãe! — ela diz descontroladamente, virando a cabeça em direção ao seu pai. — Não podemos deixá-la!

Chris envolve seus braços em volta dela para impedi-la de correr de volta para ônibus.

— É preciso — ele diz, ofegando enquanto luta para segurá-la.

— Nós não podemos deixá-la! — ela tenta cegamente buscar sua mãe.

— Amy. — A voz do Coronel Martin é sombria e abatida. — Nós temos que ir.

Ela cai, a luta deixando-a tão repentinamente que faz Chris cambalear sob seu peso.

— Siga-me! — falo. Meu coração se parte ao ver como o corpo de Amy está fraco devido à dor. Começamos a andar pela campina logo depois do grupo que está voltando para as ruínas. Logo estamos correndo, os passos de Amy tropeçando ocasionalmente quando seus olhos, cheios de lágrimas, não enxergam uma raiz ou pedra.

Quando chegarmos ao primeiro edifício, aquele que se tornou a casa de Amy com seus pais, Amy desaba em uma pequena cadeira de acampamento que os terráqueos trouxeram com eles, chorando baixinho. O coronel Martin vira-se

para mim e Chris. Suas faces estão encovadas, há olheiras sob seus olhos vermelhos. Ele transformou sua dor em uma armadura pronta para a batalha; ele parece mais mortal e perigoso nesse momento do que eu já o vi antes.

— Estou enviando um grupo de militares para explorar a área próxima, para procurar qualquer um que tenha se perdido no meio do pânico, com ordens para capturar qualquer forma de vida alienígena senciente que puderem encontrar. — Ele olha pra Chris, uma ferocidade selvagem em seus olhos. — Há alguma coisa que você possa me dizer sobre o que nos atacou, qualquer coisa que possa nos ajudar a encontrá-los e matá-los a todos?

Chris balança a cabeça em silêncio.

Estreito os olhos sem saber por que o coronel Martin acha que Chris é o especialista nisso.

— Você está escondendo alguma coisa? — pergunto. — Não temos tempo para segredos e subterfúgios. Se há qualquer outra informação que possa ser útil...

— Você sabe o que eu sei — responde o coronel Martin. — A Terra está enviando ajuda. Nós só precisamos sobreviver mais alguns dias, uma semana, no máximo.

Eu bufo.

— Ah, é? Bem, eles mataram um terço de nós em uma manhã. Uma semana não deve ser muito difícil.

51: AMY

Tento parecer interessada.

Tento me importar.

Eu deveria me importar.

Eu estava preparada para dizer adeus aos meus pais. Eu disse adeus à minha mãe. E quando o fiz, eu não esperava vê-la novamente. Ela ia para a estação espacial e de lá voltaria para a Terra. Era uma espécie de adeus para sempre.

Mas há uma diferença, não é? Entre dizer adeus e morrer.

Meu pai, Chris e Elder discutem sobre algo. A arma da estação espacial, a Ave Maria, que é supostamente capaz de acabar com os alienígenas e salvar a todos nós. Elder e Chris não querem usá-la. Eles dizem que nós não sabemos o que é, que tipo de dano vai causar. Se ela mata os alienígenas, não poderia matar a nós também?

Mas acho que meu pai não se preocupa mais com esse tipo de coisa. Com as vítimas. Não agora que mamãe se tornou uma.

A certa altura, Elder menciona que ainda há algo em *Godspeed*, algum tipo de pista que vai nos dizer o que os alienígenas são e como derrotá-los.

— Eu não preciso de nenhuma maldita pista — meu pai rosna para ele. — Eu não me importo com o que os alienígenas são. Tudo que eu preciso é de uma arma grande o suficiente para matar todos eles. E é isso o que tenho na estação espacial.

— Você cometeria genocídio? — Chris pergunta baixinho.

— Eles fariam o mesmo conosco.

Elder tenta me trazer para a conversa. Talvez eu pudesse acalmar meu pai, fazê-lo ouvir.

Mas apenas olho para o chão.

— Eu sinto muito — diz Chris quando meu pai o dispensa e a Elder.

Eu olho através dele.

Sentir muito? São apenas palavras.

Elder não usa palavras. Ele só envolve minha mão na dele e puxa-me até que fico em pé. Ele continua a puxar-me, e eu cambaleio atrás dele. Na porta, ele para.

— Eu pensei que ia perder você — ele diz suavemente, sem soltar minha mão.

Como eu perdi minha mãe.

— Amy — ele diz, e então ele espera até que eu olhe nos seus olhos. — Eu não posso perder você. Eu não posso nunca...

Mas a morte não funciona assim. Ela não se importa se alguém ama você e não quer que você vá. Ela simplesmente leva. Ela leva e leva até que finalmente você não tem mais ninguém.

Elder parece perceber que nada do que ele diz pode penetrar a escuridão que há ao meu redor. Ele apenas me puxa para mais perto dele envolve-me em seus braços e abraça-me enquanto me apoio nele, mordendo o lábio tão forte quanto posso para não chorar, porque tenho medo que se eu começar a chorar, nunca mais serei capaz de parar.

Depois de muito tempo, Elder diz.

— Você quer que eu fique? Ele olha além de mim, para meu pai. — Eu fico, não importa o que ele disser.

Balanço a cabeça e dou um passo para longe dele. Elder aperta minha mão uma última vez e então desaparece na noite.

Então somos só eu e meu pai nesse edifício de pedra fria, feito por pessoas mortas há muito tempo.

Meu pai me abraça, e nós ficamos juntos assim por um longo tempo. E muito embora nosso abraço seja apertado, ainda parece haver algo entre nós, algo que nos faz incapaz de realmente alcançar um ao outro. E percebo que há algo entre nós, algo que estará sempre entre nós: o fantasma da lembrança de minha mãe, lembrando-nos do que perdemos.

Papai vai conversar com os militares. Sobre as armas e quantas sobraram. E como utilizar a grande arma na estação espacial.

E então fico só.

Sento-me no chão e puxo meus joelhos até embaixo do meu queixo. O .38

cutuca a pele macia da minha barriga, e eu o puxo para fora, olhando. Dentro dele há cinco balas de ponta oca... as balas que me restam.

Coloco a arma ao meu lado. Eu a usava antes, porque ela me fazia sentir segura e apaziguava a preocupação dos meus pais. Mas agora eu penso sobre essas cinco balas e o que elas podem fazer. Já não é apenas uma precaução. Eu pretendo usá-las e irei.

Entendo a parte do meu pai querer matar os alienígenas, mesmo que isso possa explodir o planeta inteiro com eles.

Abraço meus joelhos, enterrando o rosto em meus braços.

Esse quarto parece muito grande, e eu me sinto muito pequena.

52: ELDER

Eu sei o que tenho de fazer.

A pergunta é: eu consigo?

Espero até a noite cair. A colônia inteira passou o dia oscilando entre tensão e tristeza, medo e pânico. Os militares estão nervosos, mais pessoas do que o habitual em cada turno de patrulhas.

Mas eu sei que tenho pelo menos um aliado.

Chris.

Ele pode não ser a minha pessoa favorita, mas ele estava comigo enquanto eu argumentava com o coronel Martin e sei que, como eu, ele faria qualquer coisa em seu poder para proteger Amy.

Ele espera por mim cerca de uma hora após o por dos sóis.

— O que você planejou? — ele me pergunta suavemente enquanto caminhamos através da colônia.

— Nenhum de nós quer o coronel Martin brincando com seja lá que bomba o IRF tem na estação espacial, certo? — pergunto a ele.

Chris concorda.

— Eu não confio no IRF.

— Bom, nem eu.

Nós nos esgueiramos pelos becos da colônia, então eu me abaixo atrás da primeira fila de edifícios para que eu possa chegar à janela de Amy. Chris faz uma carranca para mim — Amy estava muito abalada pela dor hoje cedo, como podemos esperar que ela nos ajude agora? Mas não posso me imaginar fazendo isso sem ela.

— Amy — chamo baixinho. Acho que o coronel Martin está ajudando com patrulhas, mas não quero arriscar.

Amy está no centro de seu quarto, os joelhos dobrados sob o queixo, seus olhos fundos e ocos. Mas ela olha para mim e, depois de dar um profundo e instável suspiro, ela se levanta e atravessa a sala até a janela.

Seus olhos faíscam de curiosidade quando ela percebe Chris nervosamente em pé atrás de mim.

— O que está acontecendo?

— Tenho um plano — digo. — Venha comigo? — Tento esconder a esperança e apreensão na minha voz. Amy tem todos os motivos para dizer não, sua mãe morreu, e estamos todos com medo de seja lá o que for que os alienígenas estejam planejando para nós agora.

Mas, um momento depois, ela está passando sobre o parapeito da janela e saltando para fora.

— Você está bem? — sussurro.

— Não — ela diz simplesmente.

É a honestidade dessa declaração que me faz saber que, embora tudo isso a tenha derrotado, ela não está irremediavelmente quebrada.

— Mas quero fazer alguma coisa — ela diz somente para meus ouvidos. — Não posso suportar a ideia de ficar sozinha agora.

— Isso é algo que você quer fazer — digo. — Não é o mesmo plano que o coronel Martin tem de detonar qualquer arma que está lá em cima na estação espacial, certo?

Amy me dirige um olhar que é totalmente dela.

— Claro que não — ela diz. — Não sou meu pai.

— Vamos — diz Chris, olhando ao redor. Ajudar-me agora não vai exatamente contra as ordens do coronel Martin, mas ser eu for pego, isso levaria a perguntas que ele provavelmente não gostaria de ter que responder.

Eu os levo na direção da sonda, sem nos incomodarmos em nos esgueirarmos através da grama alta da campina. Dois guardas estão em patrulha desse lado da colônia, mas eles não se atrevem a parar-nos. Nós somos o líder dos shipborns, a filha do coronel, e um soldado — eles não têm nenhuma razão para duvidar de nós. Nós andamos em linha reta na direção do complexo como se tivéssemos recebido ordens de ir até lá, e os guardas nem sequer nos param para fazer perguntas.

Deixo escapar um suspiro de alívio quando vejo o contorno do ônibus espacial gigante no complexo — e nenhum guarda. Olho para Amy. Seus olhos são de vidro, o seu rosto inexpressivo enquanto ela olha para as fileiras de

caixas, cada uma carregando uma pessoa, uma delas, a sua mãe. Toco o dorso de sua mão, e seus olhos lacrimejantes se concentram em mim.

— Estou bem — ela mente.

Podemos ter chegado aqui através da colônia sem levantar suspeitas, mas se o coronel Martin ou qualquer um do seu pessoal nos visse aqui, à sombra de cerca de quinhentas pessoas mortas, eles não nos deixariam passar só porque fingimos ser confiantes.

— Qual é o plano? — Chris sussurra. Eu retiro o cubo de vidro que Amy me deu mais cedo e o uso para iluminar o nosso caminho até a sala de comunicação, cobrindo-o de forma que apenas uma luz fraca escapa. Eu seguro com tanta força que meus dedos doem, tentando não imaginar o quanto de dano ele poderia causar se eu o deixasse cair contra o chão de cimento.

Chris fica para trás, olhando ao nosso redor nervosamente, como se esperasse que o coronel Martin — ou pior, os alienígenas — aparecessem. Amy pressiona seu polegar sobre o escâner biométrico. A palavra HUMANO pisca e a porta se abre. Somente quando a porta está fechada mais uma vez é que me sinto seguro para falar em um tom de voz normal.

— Aqui está o que sabemos — digo. Nossos rostos são iluminados assustadoramente pelo cubo de vidro no chão entre nós. — Sabemos que os alienígenas são inteligentes e que têm melhores armas e tecnologia que nós.

Amy olha por cima do ombro em direção ao ônibus. Chris apenas me observa.

— Mas nós não sabemos o que eles são. Nunca vimos um. Não conhecemos suas fraquezas. E embora o IRF tivesse nos prometido uma arma que pode matá-los, não sabemos como essa arma é.

— É por isso que é tão perigosa — acrescenta Chris.

— Eu concordo — digo. — Uma arma que pode destruir toda uma espécie alienígena? Por que ela não nos destruiria também? Ou destruiria todo o planeta? Não é seguro usar algo tão poderoso que nós não entendemos.

— Então o quê? O que vamos fazer? — Amy pergunta.

— Não “nós”. Eu. Eu vou voltar à *Godspeed*.

Os olhos de Amy se arregalam, e ela escancara a boca. Chris apenas olha fixamente para mim.

— Como é que voltar para a nave vai adiantar alguma coisa? — ele pergunta.

— Eu tenho uma razão muito boa para achar que a nave tem as respostas que precisamos. Em primeiro lugar, a droga que foi usada para matar... — Minha voz se interrompe enquanto olho para Amy.

— A droga usada para matar a minha mãe — ela fala sem expressão.

— E os outros, sim. Quero saber como temos a mesma droga na nave. E a última pista de Órion me fez pensar que a resposta para tudo ainda está em *Godspeed*. — Eu me calo. Do lado de fora da janela, o ônibus parece enorme e escuro. Tento não olhar para as centenas de corpos ainda presos no interior das caixas de transporte.

Eu me viro para Chris. Não quero confessar isso para ele, mas tenho que fazê-lo. — Além disso, deixei alguns do meu povo na nave. Penso sobre o vídeo que vimos antes. Espero que não chegue muito tarde. Espero que Bartie tenha mantido os adesivos pretos para si mesmo.

— Eu posso trazê-los de volta aqui, junto com mais suprimentos. Nós precisamos de ajuda. Temos pouca comida sobrando.

Tudo o que estava armazenado no módulo.

— Você vai pegar o ônibus espacial? — Amy pergunta. — E as... ela engole em seco e então quando ela fala, há um tremor estranho em sua voz. — E as pessoas que estão nele agora?

— Eu pensei... — Eu me forço a olhá-la nos olhos, para reconhecer a dor que encontro dentro deles. Não conheço nenhuma maneira de fazê-la se sentir melhor sobre o que aconteceu, mas pelo menos posso lhe dar um pouco de paz. — Eu pensei em libertá-los para as estrelas.

Amy morde o lábio e olha para baixo, e então concorda.

— Mas... como é que você vai pilotar o ônibus? — Chris pergunta.

— É automático, certo? Eu não tenho realmente que pilotá-lo.

— Sim — Chris diz —, mas ele foi projetado para ir daqui até a estação espacial. A nenhum outro lugar.

Concordo com a cabeça.

— Estava com esperança de ser capaz de reprogramá-lo — digo. — Encontramos uma transmissão ao vivo de *Godspeed* sendo enviada para cá. Se

for possível manipular os sinais para reprogramar o ônibus para ir até *Godspeed* em vez de ir para a estação espacial...

— Então você pode voar para lá, obter a informação que precisa e voltar com seu povo — diz Chris, a excitação crescente em sua voz. — Sim, acho que poderia funcionar!

— E papai não irá detonar a arma, não quando há uma chance de suas informações pararem os alienígenas sem recorrer a isso — Amy acrescenta. Ela faz uma pausa, a determinação piscando em seus olhos. — Não vamos deixar que ele detone a arma, não até que você esteja de volta.

— Deixe-me trabalhar na programação — diz Chris, caminhando em direção ao painel de controle. Em poucos minutos, ele faz as telas se iluminarem e está digitando rapidamente.

— Uau, você é bom nisso — Amy comenta.

Chris para sem levantar os dedos das telas.

— Oh, não é tão complicado — ele diz. Logo ele recua. — Ok, consegui! Não será difícil para você levar o ônibus até *Godspeed*.

Respiro profundamente.

— Ótimo. Vamos fazer isso.

Amy parece ansiosa.

— Então é assim? Você está indo agora?

Chris olha para nós dois. Muito embora ele tenha acabado de, triunfalmente, programar o ônibus e esteja nos ajudando a encontrar uma maneira de parar os alienígenas sem depender de algumas bombas misteriosas do IRF, ele parece derrotado. — Vou preparar o ônibus — ele diz, deixando-nos para trás na sala de controle.

Amy pega minhas mãos com força.

— Volte para mim — ela diz ferozmente. — Faça o que for preciso, mas volte para mim.

— Eu voltarei — digo.

— Estou falando sério — Amy diz com força. — Eu perdi quase tudo o que amo, não posso perder você também.

— Eu sempre vou voltar para você — digo, puxando-a para perto.

Ela me beija, e quando estou prestes a perder-me no beijo, sinto gosto de sal. Dou um passo para longe dela e vejo que ela está chorando de novo. Enxugo uma lágrima com a ponta do meu polegar, e ela passa o braço sobre o rosto, envergonhada.

Caminhamos para o ônibus, Amy alguns passos atrás de mim. Posso ouvi-la fungando, tentando encobrir as lágrimas que ela não consegue evitar que caiam.

Chris pressiona um botão no controle enterrado no asfalto perto do ônibus e as caixas de transporte desaparecem, painéis metálicos automaticamente cercando-as com um barulho que reverbera no ar. Então, ele acena para que eu o siga até a frente do ônibus, onde uma pequena escada metálica estende-se até a ponte.

— Parece que você está certo, tudo deveria ser automático — ele explica.

Ele diz isso como se não houvesse nenhuma dúvida em sua mente de que serei capaz de voar até ficar em órbita em torno da Terra-Centauri, mas há linhas de preocupação em seus olhos e todos os músculos estão tensos.

— Há controles de voo simples na ponte e um sistema de controle manual se algo der errado.

Concordo com a cabeça, tentando parecer confiante. Pousar o módulo de *Godspeed* era automático também, e três pessoas morreram.

— Quando eu estava verificando a ponte, descobri isso — diz Chris, levando-me a um canto da nave. — Um módulo de fuga de emergência. Ele foi projetado como um módulo de fuga para uma pessoa, caso algo no ônibus espacial apresente mau funcionamento. Ele só tem duas configurações — ir para a estação espacial pedir ajuda ou voltar para cá. Se algo der errado, basta entrar no módulo de fuga e voltar.

Olho para o módulo de fuga. É claustrofobicamente pequeno, um avião de papel em comparação ao ônibus espacial. Parece apenas uma saliência sob a ponte do ônibus, e, de alguma forma, duvido que ele possa sobreviver fora do ônibus espacial, muito menos em uma jornada através do espaço.

Chris dá um passo para trás, dando privacidade a mim e a Amy novamente.

— Prometa — Amy diz envolvendo seu dedo mindinho em torno do meu. — Prometa que vai voltar.

Olho diretamente em seus olhos. Prometo.

53: AMY

Enquanto observo o ônibus espacial criar vida e decolar, um sentimento sinistro deixa meu estômago enjoado. Sinto-me oca por dentro. Tento me livrar das preocupações, mas tudo que consigo pensar é: Essa foi a última vez que vi Elder.

— O coronel Martin estará aqui em breve — diz Chris. — Isso certamente não passou despercebido.

— Deixe que ele venha — digo. É muito tarde. Elder já se foi. Vou até a estação de comunicação, esperando que Elder se comunique conosco pelo rádio.

Chris fica perto da janela, esperando por meu pai.

Mais cedo do que eu esperava, Chris diz.

— Aí vem o Coronel Martin.

Tento olhar através do vidro, mas não consigo ver nada.

— Lá. — Chris aponta, mas para mim há somente trevas e sombras.

Volto-me para o painel de controle. Uma mensagem de alerta pisca no link de comunicação com o ônibus: Lançamento em processo. Não quero distrair Elder quando ele precisa de toda sua atenção nos controles.

Olho de volta para a janela e, finalmente, vejo o que Chris está apontando. Meu pai e cerca de dez outros homens, todos com armas de fogo, correndo em nossa direção.

— Ótimo — murmuro.

Um momento depois, ouço a voz do meu pai em um crescendo, tão alta que é como se não houvesse o vidro e as paredes entre nós.

— Saiam agora! — Ele ordena. — O edifício está cercado.

— Ele não sabe que somos nós — diz Chris. Há um medo real em sua voz. O cubo de vidro ainda está iluminando a sala, mas as sombras que ele emana devem ter tornado impossível para meu pai nos ver lá dentro. Vou até a porta e a abro. Por uma fração de segundo, só consigo ouvir o barulho metálico de quase uma dúzia de armas apontadas para mim.

— Pai, vocês podem abaixar as armas e ficarem quietos? — digo com

impaciência.

— Amy?

— Sim. Agora abaixem as armas e entrem antes que os alienígenas nos vejam aqui fora!

Meu pai solta uma maldição, ele e seus homens se aglomeram na sala de comunicação.

— Você realmente precisa de todos aqui? — pergunto. — Não seria melhor se essas pessoas estivessem tomando conta da colônia?

Meu pai se volta para os militares com um comando, e uma mulher e um homem se separam do grupo, enquanto os outros regressam à colônia.

— Amy — meu pai diz, virando-se para mim. — O que diabos você está fazendo aqui? E para onde o ônibus foi? — Ele olha para Chris, e há uma raiva tão furiosa em seu olhar que receio que meu pai vá lhe dar um soco, ou pior. — O que você disse a ela? O que você fez?

— Foi ideia do Elder, pai, não do Chris. — Posso sentir a luta crescendo dentro de mim. Meu pai poderia objetar, mas Elder é um líder também e, nesse caso, ele estava certo. Não devemos confiar nas armas do IRF. E embora meu pai nunca vá admitir que Elder possa ser capaz de nos salvar, eu acredito que ele pode.

Meu pai olha em volta dele.

— Onde está Elder?

Aponto para fora da janela, para as estrelas muito distantes. E muito embora eu esteja orgulhosa de Elder nesse momento, somente agora percebo o quão distante ele está de mim. Meu pai leva um momento para entender o que quero dizer.

— Ele foi disparar a arma? — ele pergunta. — Isso é algo muito estúpido de se fazer! Podemos operá-lo remotamente daqui, a partir do complexo. Eu ia exatamente enviar um especialista em armas lá para inspecioná-la.

— Não — eu digo, endireitando os ombros. — Ele voltou para *Godspeed*.

— O quê? Por quê?

Faço o melhor que posso para explicar a pista, e o fato de que as pessoas na nave precisam ser salvas antes que o motor entre em colapso completo, e que eles podem trazer suprimentos para todos nós. Posso ver que meu pai acha que

estamos sendo tolos, que isso é um desperdício e que a única resposta que poderia ter lhe trazido qualquer felicidade seria se eu tivesse dito a ele que a arma tinha sido lançada e direcionada para os alienígenas agora. Ele não se importa tanto com a nossa sobrevivência, não se comparada à sua vingança.

— Isso não vai nos salvar, Amy — ele diz, olhando para mim. — Precisamos nos livrar da ameaça alienígena de uma vez por todas. Essa arma...

— É algo que você não entende — digo, interrompendo-o. — Tudo o que você vê é a possibilidade de destruir os alienígenas. Você não está nem mesmo pensando na possibilidade de que ela possa nos ferir também! Que tipo de arma escolhe a quem ela vai matar?

Meu pai abre a boca para protestar.

— Pelo menos deixe Elder tentar encontrar mais informações — digo. — Há uma chance de que ele possa descobrir o que é essa arma e como ela funciona, e, então, poderemos detoná-la.

— Os alienígenas já mataram um terço da colônia — diz meu pai. Ele olha para mim com olhos inflexíveis. — Eles mataram um terço da nossa família.

— Você acha que eu não sei disso? — Mal sou capaz de colocar as palavras para fora.

— Como vamos nos proteger enquanto aquele garoto está lá bancando o herói para a nave que deveria ter pousado com o módulo?

Isso? Isso eu não sei.

54: ELDER

O ônibus espacial sobe muito mais rápido do que eu poderia imaginar. Ele sobe mais e mais alto até que estou competindo com os sóis que estão se pondo — enquanto eles mergulham abaixo do horizonte, eu voou acima dele, deixando o ônibus inteiro em perpétuo crepúsculo, até que saio da atmosfera. Meu estômago revira e meu cabelo ergue-se, enquanto eu me elevo ligeiramente do meu assento antes do replicador gravitacional começar a funcionar.

Meu coração bate com força. Eu vou voltar para a Amy, eu digo a mim mesmo, de novo e de novo. Não é apenas uma promessa para ela; é uma promessa que faço para mim também.

O ônibus diminui de velocidade quando entro em órbita. Uma tela plana no painel de controle acende. Uma barra de luz vermelha ilumina a curva do planeta na metade inferior da tela e também dois pontos que piscam acima disso. Isso deve ser algum tipo de sistema localizador. Estação de Preparação Interplanetária — Centauri — IRF pisca sob um dos pontos. Satélite Orbital Não identificado está escrito sob o outro.

Isso deve ser *Godspeed*. Rebaixado de nave para satélite sem nome.

Espio pela janela da ponte. Quando o módulo de *Godspeed* pousou, eu me lembro de ter visto uma luz brilhante no horizonte. Enquanto me esforço para ver na escuridão salpicada de estrelas agora, não vejo nem a estação espacial, nem *Godspeed*. Considerando o que localizador está mostrando, estou entre os dois.

O painel de controle acende-se novamente, piscando uma mensagem:

Controle Manual Necessário

Abaixo disso, a mim é dada a opção de levar o ônibus para *Godspeed* ou para a estação espacial. Por um momento, considero ir para a estação. O que é essa arma que há lá? Ela poderia realmente eliminar a ameaça alienígena? Não pode ficar tão longe, apesar do que o coronel Martin disse.

Mas então eu me lembro de Bartie e dos adesivos pretos, e sei que, mesmo se eu acabar com os alienígenas e mantiver o planeta para mim, eu preciso chegar a *Godspeed* em primeiro lugar. Mas antes disso, tenho mais uma tarefa

para fazer.

A nave está silenciosa, e isso parece apropriado. Abro o painel de controle. Ele ainda parece intimidante e complicado, mas estou procurando uma coisa especificamente.

Finalmente, eu a encontro. Uma pequena etiqueta. Liberação de carga.

Fecho os olhos depois de ler as palavras. Amy já foi rotulada de carga não essencial, e eu prometi a ela que ela era muito mais do que isso. Mas os quatrocentos e noventa e nove corpos no compartimento de carga não podem ouvir minha promessa agora.

Primeiro, viro a chave para soltar os cintos de segurança em torno de cada corpo, então abro as portas das caixas de transporte no casco. O replicador gravitacional afeta apenas o nível operacional do ônibus espacial, e os corpos no deque abaixo flutuam sem esforço para o espaço. A liberação do ar faz com que os corpos fiquem à deriva, como flores de lótus flutuando na água, em direção à cabine. Imponderáveis, os corpos elevam-se das entranhas da nave, passando pela janela à minha frente. Reconheço rostos enquanto eles se elevam, antes de flutuarem no abismo do espaço. Tento dizer um adeus silencioso a cada um deles, os Alimentadores que tiveram apenas alguns meses sem Phydus antes de sofrer uma overdose da droga, as mulheres que vieram aqui para dar aos bebês que esperavam um lar sem paredes, os Transportadores, os trabalhadores da cidade, os engenheiros, todos os membros do meu povo mortos. Mas não vou esquecê-los. Eu me forço a dizer seus nomes em voz alta, memorizo cada um — Rhine, Lucien, Cessy e todos os outros. Nunca vou esquecê-los.

Quatrocentas e noventa e nove pessoas.

Eu me inclino para cima, pressionando meu rosto contra a janela enquanto procuro por rostos individuais, implorando a cada um deles que me perdoe pela minha participação em seu final desastroso.

Vejo um brilho de reflexos vermelhos no canto do meu olho, e minha cabeça se vira rapidamente.

A mãe de Amy.

Sua pele pálida e cabelos ruivos são como os de Amy, e apesar de seus olhos estarem abertos, ela está muito longe de mim para que eu possa ver o verde em seu interior, embora eu saiba que está lá.

Amy quase entrou na câmara de número quinhentos. Se ela tivesse...

O corpo da mãe de Amy se move como uma dançarina na ausência de gravidade do espaço. Seus braços se esticam, sua pele pálida contra a escuridão do universo, e eu imagino que a luz das estrelas faça com que os reflexos dourados em seu cabelo brilhem.

Fico ali, observando os corpos que passam flutuando, até que o último se vá, e então tudo o que resta no céu são as estrelas.

Meus olhos estão ardendo e molhados quando me sento na frente do painel de controle. Toco o ponto que diz Satélite Orbital Não Identificado na tela localizadora.

Da borda da janela do painel de controle, vejo os foguetes dispararem no lado direito do ônibus espacial enquanto ele lentamente se vira. Mais foguetes disparam, e eu subo, ficando cada vez mais perto de *Godspeed*.

Logo consigo enxergá-la.

Godspeed parece devastada. O módulo se foi, é claro, e a Ponte é nada além de ruínas mutiladas. Ainda assim, meu coração canta enquanto eu olho para a nave que pensei que seria meu lar para sempre.

O ônibus chega cada vez mais perto — tão perto que começo a me preocupar se ele não vai parar e se vou bater direto na nave. Em vez disso, os foguetes iniciam impulso reverso, e o ônibus espacial para. Ainda estou a vários metros de distância de *Godspeed*, mas estou perto o suficiente para que a minha janela seja preenchida com a imagem dela.

O sistema de localização vermelho-e-branco pisca uma mensagem: Chegada ao Destino.

Outro painel acende. Iniciar Processo de Desembarque.

Diabos. Eu não tinha pensado nisso. A única porta para o exterior de *Godspeed*, a escotilha de onde Harley se jogou, era uma parte do módulo que pousou em Terra-Centauri, o mesmo módulo que os alienígenas explodiram. O ônibus espacial foi projetado para atracar automaticamente na estação espacial.

O problema?

Não estou na estação espacial.

Bipe, bipe-bipe! Meu com-wi volta à vida, exatamente quando estou pensando se serei capaz de me conectar com a escotilha dentro do lago de carpas. Toco meu pescoço. Estou perto o suficiente agora para pegar o sinal

diretamente da nave, exatamente como eu esperava.

— Pedido de ligação no comunicador.

— Bartie — digo.

Espero, um sorriso bobo estampado em meu rosto.

— Elder? — Uma voz, a voz de Bartie, fala em meu ouvido.

— Ei, Bartie — digo.

— Com os diabos! Elder! O quê? Como?

Estou tão feliz que rio alto. Bartie não é apenas o rebelde que assumiu o controle da nave depois de mim. Ele é meu amigo, aquele que costumava apostar corridas de cadeiras de balanço comigo pela varanda do Salão de Registros.

— Não importa como — digo. — Eu só queria ver se o novo líder de *Godspeed* estaria disposto a deixar o antigo voltar à nave.

Depois de uma pequena pausa, Bartie começa de rir.

— Essa foi boa! Vou lhe dizer uma coisa, você descobre um jeito de chegar aqui em cima, e nós lhe daremos uma festa.

— Pode começar a fazer o bolo — digo, sorrindo largamente. — Porque já estou aqui.

55: AMY

Papai nos mantém perto das árvores enquanto nos acompanha de volta para a colônia. Parte de mim quer brigar com ele sobre esse ponto, quer ficar na sala de comunicação. E se Elder precisar de nós? Ele está mais longe de mim agora do que jamais esteve antes — o mínimo que eu podia fazer é manter o link de comunicação aberto. Mas meu pai deixa um de seus militares ali, e o resto de nós retorna para as ruínas.

Eu gostaria que pudéssemos pegar o caminho mais rápido, em linha reta através da campina, e subir até os edifícios. Mas esse caminho parece ser tão exposto, e embora as árvores sejam escuras e perigosas, elas nos dão a ilusão de segurança. Mantenho meus olhos voltados para baixo. Cada sombra me faz lembrar de Elder, cada brisa quente que toca a minha pele me faz desejar que eu pudesse voar até ele.

Uma chuva leve começa a cair.

— Cuidado com as flores — meu pai sussurra para mim. Eu havia quase esquecido sobre as flores roxas fibrosas. Eu as observo com o canto do meu olho. Assim que a água toca as pétalas delicadas, as flores se abrem em um rodopio elegante, florescendo em uma flor bonita, quase transparente. Tão bonita... mas me lembro da maneira como elas fizeram a minha cabeça ficar dormente, a maneira como eu não podia mover meu corpo. Uma das flores paira para baixo, quase ao nível do meu rosto. Eu a agarro e a esmago na minha mão, as pétalas roxas grudando-se à minha pele.

Nós rastejamos de volta às ruínas. Tudo é silêncio. O ar parece cheio de expectativa, como se o silêncio fosse apenas um indicador de algo pior que ainda virá.

Meu pai não fala comigo de novo até estarmos no edifício, a salvo dos pteros e dos alienígenas que devem controlá-los de alguma forma através do material geneticamente modificado. Chris nos segue para dentro. Meu pai começa a objetar, mas, em seguida, desiste caindo sobre a mesma cadeira onde ele se sentou exatamente nessa manhã, molhando um biscoito cracker em seu “café” como se tudo estivesse normal.

E acho que de certa forma, tudo estava. Ainda tínhamos mamãe.

Eu ainda tinha Elder.

Meus olhos ardem. Desvio o olhar. Não posso me deixar abater

— Temos que nos esconder — meu pai diz pesadamente.

Olho para ele.

— Se nós estamos esperando para detonar a arma, temos que nos esconder. Apenas por alguns dias, talvez uma semana. Até a ajuda chegar da Terra.

— O que há de errado com os edifícios? — pergunto.

Meu pai balança a cabeça.

— Os alienígenas sabem que estamos aqui. Eles podem nos atacar a qualquer momento. As únicas armas que temos são as que os meus homens carregavam com eles, e quando a munição acabar, não haverá mais nada. — Depois que ele deixa suas palavras calarem, meu pai acrescenta. — Você tem alguma ideia? — olho para cima, mas meu pai está perguntando a Chris, não a mim.

Chris balança a cabeça. Olho para a minha mão, manchada de roxo pela flor que esmaguei antes.

— As flores — digo.

Ambos se voltam para mim.

— As flores roxas fibrosas — repito, a excitação crescente em minha voz. — Pai, e se fizéssemos uma arma usando essas flores? Elas me derrubaram instantaneamente! Poderíamos usá-las para fazer os alienígenas desmaiarem se eles chegarem perto da colônia.

— Como? — meu pai pergunta, claramente frustrado comigo. — Mesmo se tivéssemos as flores, elas só florescem quando molhadas. E mesmo se as fizéssemos florescer, como poderíamos forçar os alienígenas a cheirá-las?

Tiro as pétalas coladas à pele da minha mão, colocando-as em uma pequena pilha no meu joelho.

— Nós poderíamos moê-las — digo, pensando em voz alta. — Jogar o pó em seus rostos.

— Enquanto eles atiram em nós com balas explosivas — diz meu pai.

— Nós poderíamos pendurá-las por perto, mantê-las molhadas com a água da tubulação do lago...

— E eles as verão e vão prender a respiração — meu pai retruca. — Ou simplesmente irão nos atacar de longe. Não temos tempo para isso, Amy. Temos de conceber um plano de verdade.

— Você poderia transformá-las em fumaça — diz Chris.

Por um momento, vejo uma imagem das flores sendo enroladas em cigarros de papel e fumadas.

— Quero dizer, nós podemos usar a fumaça como arma — diz Chris. — Não que nós fôssemos literalmente fumar as flores, mas poderíamos jogar a fumaça nos alienígenas. Eles serão forçados a respirar pelo menos uma parte do ar e, com sorte, as propriedades da flor ainda existiriam, talvez até mais fortes, em forma de fumaça.

— Mas você não pode controlar a fumaça — protesta meu pai. — Ela pode facilmente nos atingir tanto quanto aos alienígenas. E ainda não sabemos se as criaturas, seja lá o que são, são afetadas pelas neurotoxinas na flor.

Mas posso ver que ele está pensando sobre o plano. Ele salta da cadeira e começa a andar. Ele faz uma pausa quando percebe que estou observando-o, então olha diretamente em meus olhos — o mesmo verde-jade dos olhos de mamãe — e diz.

— Sua mãe gostaria desse plano.

— Isso poderia funcionar — digo, esperançosa.

A voz do meu pai está cheia de dúvidas.

— Sua mãe saberia como testar as flores e fumaça, descobrir os efeitos dela sobre os alienígenas. Se ela estivesse aqui...

— É um plano melhor do que tentar fugir — Chris diz calmamente. — Pense na maneira como os alienígenas têm nos atacado. Eles sabem o que nos torna fracos, o que significa que provavelmente compartilhamos os mesmos tipos de fraquezas.

Não é difícil ser fraco em comparação com um ataque de pterô, mas o interesse dos alienígenas em Phydus me faz pensar que Chris está certo.

— Eu não sei... — Meu pai começa a andar de novo.

— Você não acha que os alienígenas estão nos observando? — Chris diz com raiva. — Eles estão. Estão apenas brincando conosco nesse momento. Esperando. Se tentarmos fugir, eles vão nos trucidar. Nossa melhor aposta é ser

agressivo, eles não esperam isso. Fazer algo, qualquer coisa, para conseguirmos algum tempo.

Papai olha feio para Chris. Acho que ele não está acostumado a ter alguém mais jovem lhe dando ordens, especialmente alguém sob seu comando. Mas o que quer que Chris tenha dito, está começando a penetrar as dúvidas de meu pai.

— Também acho que devemos ficar — acrescento. — Temos a montanha de um lado, provavelmente não seremos atacados a partir desse ângulo. Eles vêm pela frente, e pelo menos aqui temos paredes de pedra para nos proteger.

— Contra armas que podem explodir um módulo espacial de aço — meu pai adverte, mas começa a simpatizar com a ideia.

— Melhor do que nada — contra-argumento. — Veja, eles nos odeiam. Eles querem nos matar. Eles estão em maior número, têm mais suprimentos, e não temos nada. Eu tenho cinco balas na minha arma. Quantas você tem?

Meu pai franze a testa, e sei que o atingi em sua maior preocupação. Se fugirmos, não podemos nos defender. Só podemos ter esperança de sermos capazes de ultrapassá-los.

— Não podemos lutar. Não podemos fugir, não realmente. Temos que ficar entocados aqui, onde pelo menos temos acesso à água potável e à possibilidade de sobreviver a um ataque.

Meu pai bufa, uma imitação de um riso amargo.

— Sobreviver? — Ele olha em volta para as velhas pedras amarelas e empoeiradas do edifício. — Isso funcionou bem para a primeira colônia.

Chris parece sombrio, e por um momento meu pai quase parece lamentar o que disse.

Coloco a pequena pilha de pétalas roxas rasgadas na palma da minha mão.

— Essa é a melhor chance que temos — digo. — É a nossa única chance.

56: ELDER

— O quê? — Bartie diz tão alto que dói em meu ouvido.

— Estou em um ônibus espacial, não o mesmo módulo que lançamos de *Godspeed*, um ônibus de Terra-Centauri...

— Como diabos um ônibus espacial chegou a Terra-Centauri?

— Olha, é uma longa história, mas...

— O que diabos você está falando?

— Bartie! — Acalme-se!

— Acalmar nada! Você está em um maldito ônibus espacial? E você está aqui?

— Tecnicamente, sim. — Sorrio.

— Tecnicamente? O que diabos está acontecendo?

— Bartie, ouça. Eu peguei um ônibus espacial de Terra-Centauri, não importa como consegui um, apenas ouça... e vim aqui. Estou aqui fora. Eu posso ver *Godspeed*. Estou quase perto o suficiente para tocá-la.

— Diabos! — Bartie exclama. Eu daria qualquer coisa para ver o rosto dele agora.

— Agora vem a parte complicada — continuo. — Há uma espécie de tubo que preciso conectar com a nave. Ele não foi exatamente projetado para se conectar à *Godspeed*, mas acho que posso fazer isso funcionar.

— Como... ? Elder, você está falando sério? — A voz de Bartie está cheia de incredulidade.

— Muito sério — digo. — Assegure-se de que a área ao redor da escotilha na lagoa esteja limpa. Vou ver o tubo.

Desconecto a ligação no com-wi e vou da ponte até a câmara de embarque, a qual, de acordo com os mapas e diagramas na parede, deve ter um conector automatizado que posso usar para chegar a *Godspeed*. Meus pés ecoam pelo corredor, e eu me sinto muito sozinho aqui.

Por um momento, gostaria de ter Amy comigo agora. O ônibus é tão grande

e, depois de enviar os mortos para as estrelas, está tão vazio. Mas também sei que isso é algo que tenho que fazer sozinho — *Godspeed* é minha responsabilidade, não dela — e ela é a única que poderia abrandar a raiva no coração de seu pai o suficiente para acalmar seu desejo de vingança imediata. A arma do IRF me deixa nervoso. Não sabemos o que ela é; tudo o que o coronel Martin disse é que ela pode ser detonada remotamente e vai eliminar a população alienígena. Eu acredito que o IRF estaria disposto a nos eliminar também, apenas para reduzir as reclamações.

A câmara de embarque fica exatamente atrás da ponte, precisamente como o pequeno mapa na parede ao lado da porta indicou. A porta tem uma fechadura de vedação, mas que se abre com o pressionar de um botão. Na parede à direita, há um pequeno armário cheio de tanques de oxigênio de emergência. À esquerda há um painel de controle. E do outro lado da porta está o meu bilhete de desembarque dessa nave.

Entro. A câmara de embarque é pequena, com uma escotilha redonda vedada com abas de metal que ocupam quase toda a parede. Um gráfico ao lado da escotilha grande mostra como um tubo, feito de algum tipo de tecido metálico, projeta-se para fora da escotilha em direção ao espaço e acopla-se na lateral da estação espacial com fechaduras de vedação magnéticas.

Mas não estou tentando chegar na estação espacial. E *Godspeed* não foi projetada para trabalhar com o ônibus.

Toco meu com-wi e reconecto-me com Bartie.

— Você está na escotilha? — pergunto.

— Sim — diz Bartie. — Elder, você realmente...

— Sim, estou aqui. Se tudo correr bem, você deve ser capaz de abrir a escotilha em alguns minutos, e eu estarei do outro lado.

— Se? — Bartie pergunta.

— Não interrompa a ligação no com-wi, ok? — Corro os dedos pelo meu cabelo. — Preciso que você abra a porta para mim se eu estiver do outro lado.

— Se? — repete Bartie.

— Esteja pronto, ok? — Eu o coloco no silencioso sem esperar pela resposta. Preciso me concentrar.

Ligo o painel de controle perto do tubo. A tela se ilumina imediatamente.

Assim que entendo os controles, ligo os braços mecânicos.

Há um som de engrenagem mecânica, e o tubo começa a estender-se a partir do ônibus.

A tela mostra uma imagem da área externa da nave; deve haver uma câmera pequena embutida na porta do tubo. O tubo estende-se para fora, cada vez mais perto de *Godspeed*.

Dispositivo de vedação correspondente não detectado, o visor lê. Conexão automática não detectada.

É claro que não foi detectada; não estamos na estação espacial, estamos em *Godspeed*, que não possui um dispositivo de vedação correspondente. Rezo para que meu palpite esteja certo e que os ímãs desse lado sejam suficientes para travar na escotilha de *Godspeed*.

Conexão manual necessária.

Tento apertar os botões para operar os braços, mas a mesma mensagem aparece na tela: Conexão manual necessária.

Verifico o visor do lado de fora. Parece que os braços mecânicos estenderam o tubo, mas a extremidade do tubo ainda está a vários metros da escotilha de *Godspeed*.

Volto para o painel de controle. Nada funciona. Cada botão que aperto para movimentar o tubo apenas faz a tela piscar a mesma mensagem.

— Como diabos posso fazer uma conexão manual com essa maldita coisa?
— murmuro, olhando para a tela.

A extremidade do tubo não está tão longe. Se eu pudesse apenas dar ao tubo um bom empurrão para a direita...

Vou até a escotilha. As abas de metal que fecham a porta estão bem fechadas.

Se eu abrir a porta, a câmara de embarque será despressurizada e serei sugado para o espaço. Não é possível mover o tubo daqui.

Por um instante, considero a possibilidade de tentar mover o ônibus. Mas o tubo está a apenas alguns metros da escotilha em *Godspeed*, na melhor das hipóteses, e não acho que eu possa controlar o ônibus movendo-me em um espaço tão pequeno.

Só preciso movimentar a ponte, apenas um pouco, para fazer a extremidade

encontrar-se com a escotilha de *Godspeed*. A escotilha no lado da nave é muito menor do que a abertura no tubo da ponte. Tudo o que tenho a fazer é conseguir que a extremidade maior do tubo da ponte cubra o orifício menor da escotilha em *Godspeed*, e o fecho magnético irá criar uma vedação contra a superfície de metal da nave.

Suprimo uma pequena risada.

Tudo o que tenho a fazer é, de alguma forma, mover um tubo de alguns metros para a direita. No vácuo do espaço. Sem um traje espacial.

Só para ter certeza, verifico o resto da nave de transporte, procurando um traje espacial de emergência. A coisa mais próxima que consigo encontrar são latas de oxigênio presas à parede da câmara de embarque, mas isso não me fará nenhum bem. Se eu tentar ir para o vácuo do espaço respirando oxigênio, meus pulmões vão inflar como balões e explodir dentro do meu corpo.

Olhar para os tanques de oxigênio. Tenho uma ideia.

Uma ideia perigosa.

Uma ideia estúpida.

Mas uma ideia.

Sei o que eu preciso fazer.

Pressiono meu com-wi.

— Bartie, você está aí?

— Estou aqui, Elder — Bartie diz. — Você está na escotilha?

— Ainda não — digo. — Olha, é um pouco mais difícil do que eu pensava. Terei que... de qualquer maneira, ouça. Preciso que você fique muito focado e não interrompa esse link de comunicação. Vou tentar uma coisa. Quando eu disser “Agora”, comece a contar. Se tudo correr bem, antes de chegar a trinta, vou lhe pedir para abrir a escotilha.

— O que acontece se eu chegar a trinta e você não me disser para abrir a escotilha? — Bartie pergunta.

— Nada — digo. — Mantenha a escotilha fechada.

— E vamos tentar outra coisa?

— Não há mais nada. Eu só tenho uma chance de fazer isso — digo. Bartie começa a protestar, e se Amy estivesse aqui, ela iria me matar, mas ainda

acrescento. — Por favor. Preciso me concentrar. Quando eu disser agora, conte até trinta. Abra quando... se eu disser qualquer coisa.

Vou até o oxigênio de emergência. Tanques pressurizados estão ligados a tubos e máscaras. Pego um tanque de oxigênio e arranco o tubo, mas deixo a válvula fechada. Não serei capaz de respirar isso no espaço, mas não preciso do oxigênio para respirar. Prendo quatro tanques ao redor do meu corpo, dois em cada quadril. Cada tanque aponta para baixo, para o chão.

Volto para o painel de controle.

Há um botão que eu não pressionei. Abrir Porta.

Pressionar esse botão fará com que as abas redondas de metal se afastem. Ele vai abrir a porta, e eu serei sugado para o espaço. Terei talvez meio minuto, mas provavelmente menos do que isso, para agarrar uma das alças no interior do tubo e mover a ponte sobre a escotilha. Não haverá nenhum oxigênio — nem um pouco de ar em absoluto — e não terei nenhuma proteção. E eu sei o quão rapidamente alguém pode morrer no espaço sem um traje espacial.

Já vi isso acontecer.

Respiro profundamente. Fecho os olhos. Sopro todo o ar em meus pulmões. Conto quanto tempo consigo ficar sem respirar.

Vinte segundos.

Meu coração está acelerado.

Eu inspiro. Expiro. Prendo a respiração. Conto.

Vinte e oito segundos.

Silenciosamente, peço desculpas a Amy.

Isso tem de funcionar.

57: AMY

Papai consulta um punhado de cientistas que trabalhou com mamãe para ver se a teoria de Chris, de usar fumaça feita a partir das flores roxas, vai funcionar contra os alienígenas. Enquanto a fumaça parece ser ainda mais eficaz em fazer pessoas desmaiarem, seu estudo realmente não nos diz nada. Os alienígenas não são pessoas. Eles têm estranhas escamas parecidas com cristal — e deixam pegadas estranhas. Isso é tudo que sabemos. Nós nunca os vimos, muito menos analisamos suas fraquezas e suscetibilidades. Talvez eles nem mesmo respirem. Talvez as flores roxas os tornem mais fortes, em vez de fazê-los desmaiar. Não sabemos.

E essa é a pior parte de tudo isso.

Nem sequer sabemos contra quem — ou o quê — estamos lutando.

Eles sabem tudo sobre nós, no entanto, e exatamente como nos matar.

— Não gosto disso — meu pai rosna para mim enquanto envia cinco de seus militares para a floresta para coletar as cordas de flores roxas. — Não gosto de construir a defesa da colônia inteira em torno de algumas flores.

— Fugir e se esconder não é, de maneira nenhuma, uma forma de defesa — digo. — Temos que tentar.

— Isso só vai funcionar uma vez, se é que vai funcionar — diz meu pai. — Quando eles perceberem o que estamos fazendo, vão saber como evitar a fumaça da próxima vez.

— Só precisa funcionar uma vez — respondo. — Só precisamos sobreviver mais alguns dias antes da ajuda da Terra chegar, certo?

— E talvez possamos ser capazes de tomar alguns reféns. — A voz de meu pai é mais suave quando ele pensa em voz alta.

Não havia pensado em reféns.

Olho para meu pai. Não havia pensado nele como o tipo de pessoa que toma reféns.

Quando temos uma quantidade suficiente de flores roxas, meu pai faz seus homens começarem a cavar uma vala rasa. A ideia é colocar as flores na vala

junto com um estopim e se virmos os alienígenas se aproximando, vamos acender o estopim e defumá-los.

Rasgamos qualquer coisa inflamável — papel, pano, folhas secas — e enrolamos em torno das cordas pegajosas de flores roxas. Um dos Alimentadores tem um pequeno frasco de vaselina, e nós o usamos com moderação, espalhando uma fina camada da mistura inflamável, de forma que o fogo irá queimar mais e espalhar-se mais rápido. Leva horas para montar tudo e colocar na vala.

Nós esperamos que, se os alienígenas já estiverem nos observando — o que, vamos encarar, eles provavelmente estão — irão concluir que estamos apenas fazendo uma vala de escoamento ou algo semelhante. Também estamos esperando que o estopim se acenda rapidamente, o vento não sopre a fumaça de volta sobre nós, e que o plano realmente funcione.

Basicamente, estamos esperando por um milagre.

58: ELDER

— Bartie? — digo para o meu com-wi.

— Sim, Elder?

— Iniciar a contagem.

Desatarraxo os topos dos tanques de oxigênio para que eles bombeiem oxigênio em linha reta para baixo. Espero usá-los como jatos para ajudarem a impulsionar-me para onde preciso ir, mas a força não é tão forte, e a descompressão da câmara de embarque provavelmente será mais do que eu posso aguentar. Mordo os lábios para evitar dar um sorriso, imaginando de quantas maneiras Amy iria me chamar de idiota se me visse agora.

Não há volta agora. Inspire. Expire.

Oh, estrelas, Amy, eu sinto muito.

Bato meu punho fechado no botão ABRIR PORTA.

Os painéis de metal sobre a abertura da ponte se abrem, e sou jogado no espaço. Minha visão é preenchida por flashes caóticos do pano metálico brilhante do tubo. Cambaleio através dele, batendo contra a lateral do tubo, rezando para não fazer nada pior. Coisas batem na minha cabeça — os laços das cordas ao longo do teto do tubo, utilizados como corrimão. Meu cérebro prega peças em mim: estou me debatendo, caindo em todas as direções, mas sinto como se estivesse constantemente caindo, uma sensação de mal estar no estômago. Apesar do fato de que posso ver o pano do tubo ondulando e sentir os laços das cordas, não há som. Meu cérebro está gritando para mim: Isso está errado! Tudo está errado!

A goela escancarada da extremidade do tubo corre em minha direção. Diabos! Diabos! A descompressão da câmara de embarque foi muito mais violenta e rápida do que eu pensei que seria. O tubo está agindo como um túnel de vento quando o ar da câmara de embarque se derrama de uma vez. Eu torço meu corpo, e o ar, correndo dos tanques de oxigênio amarrados aos meus quadris, diminui minha velocidade apenas o suficiente para que eu seja capaz de enrolar meus dedos em torno de uma das cordas em forma de laço...

Meu corpo parece estar inchado, minhas articulações lentas. A corda

desliza para fora do meu alcance.

Luto, tentando pegar outra corda.

Meus pulmões gritam para mim. Oxigênio!

Sinto frio, e minha boca parece felpuda. Minha visão está começando a ficar turva.

Minhas mãos tentam agarrar outro laço de corda.

Não.

Meus ombros doem. Sinto como se eu estivesse sendo rasgado.

Dou um impulso, torcendo meu corpo. Posso sentir os tanques de oxigênio ainda derramando ar para fora contra as minhas pernas, e eles ajudam a me impulsionar até a última corda. Estico meu braço inteiro até ela e empurro as palmas das mãos contra a enorme borda de metal do selo magnético. Mal posso ver, minha visão é vermelha e lacrimejante.

Mas eu estou quase na escotilha.

Giro, apontando meus quadris — e os tanques de oxigênio — para baixo. A extremidade do tubo se move para a direita. A escotilha. Eu posso... quase... Meu corpo parece que vai se quebrar ao meio, mas tento chegar até a escotilha de qualquer maneira.

Não posso ouvir o clique de metal com metal, porque não há som no espaço, mas sei — a fechadura magnética travou no lugar.

Mas não há ar no tubo.

Não há ar em mim.

59: AMY

Tudo o que resta fazer é esperar.

E assim fazemos.

Meu pai distribui água — um balde para cada edifício, com um aviso de que usar as privadas pode ser perigoso. As últimas rações que havíamos armazenado na colônia acabaram ao meio-dia — todo o resto da comida estava no módulo.

Nós pensamos que guardar as coisas mais necessárias, como alimentos e medicamentos, por trás das portas de aço do módulo seria mais seguro. A ironia disso me faz ficar com vontade de vomitar.

Há apenas meu pai e eu no primeiro edifício. Sem minha mãe, o edifício não tem chance de tornar-se um verdadeiro lar, então, por enquanto, ele é a nossa base de operações. Todos os militares vêm verificar suas ordens aqui para novas tarefas ou permissão para descansar depois de patrulha.

A tensão nervosa no ar é sufocante.

Estamos todos à espera de um ataque que não temos sequer certeza de que vai ocorrer, contra um inimigo que nunca vimos, usando uma arma feita de flores.

E, apesar da espera, nenhum de nós está preparado quando o rádio no ombro de papai estala ao funcionar.

— Nós os vimos — o soldado em patrulha diz no rádio.

Meu pai pula imediatamente e sai correndo do prédio, com os binóculos já na mão. Ele varre a floresta, mas não preciso dos binóculos para ver flashes de algo que emerge através da floresta.

Eles estão vindo.

Aperto os olhos, esforçando-me para vê-los. Eles são verdes da cor da floresta, da cabeça aos pés, tão escuros que se misturam com as árvores. Não sei se eles têm pele verde escura ou se estão usando algo para se camuflar. Flashes dourados brilham ao redor de suas cinturas — escamas, como as que Elder descreveu. Os alienígenas são altos, mas não mais altos do que Elder, com

cabeças lisas bulbosas e um grande olho redondo que brilha quando reflete a luz dos sóis.

— Fique aqui dentro — meu pai ordena. Através do rádio ele grita. — Preparem-se para acender o estopim! Coloquem os atiradores no topo dos edifícios. É isso!

Eu vou para dentro, exatamente como meu pai disse, mas assim que chego à minha janela, pulo sobre o parapeito e salto para o outro lado do edifício, assim como fiz quando fugi com Elder. O pensamento dessas noites me faz parar. Se ele estivesse comigo agora como antes, então acho que meu coração não estaria batendo com tanto medo.

Eu me esforço para me concentrar no que está acontecendo enquanto me esgueiro pela parede. Eu não vou perder isso.

Fico escondida nas sombras do canto, entre os edifícios e a montanha. Os alienígenas rastejam para mais perto. Uma parte de mim temia que eles fossem parecidos com insetos ou algo semelhante, rastejando no chão com pernas finas de aranha ou deslizando como uma cobra. Mas eles andam sobre duas pernas e carregam suas armas com dois braços, assim como nós.

Se não estivéssemos esperando por eles, talvez não os tivéssemos notado — talvez isso explique por que nunca os vimos antes. A pele deles parece mudar de cor, transformando-se em um leve tom de verde quando eles percorrem a grama alta da campina entre a floresta e nossas casas.

Eles chegam cada vez mais perto. Duas dúzias, talvez trinta. Isso é tudo o que eles acharam que precisavam contra quase mil de nós. Mas eles sabem — certamente elas devem saber — que dos mil, apenas um pequeno grupo está armado e que nessas armas restam apenas algumas balas.

E então — só o vejo porque estava procurando por ele — um flash de luz. O estopim está aceso.

Prendo a respiração.

Funciona. O estopim incendeia-se com um brilho forte, e o fogo pega rapidamente. A fumaça começa a subir, arrastando-se para o céu, quase invisível.

É isso.

Eles estão perto o suficiente para serem vistos claramente agora.

Eles chegam até a fumaça.

E andam através dela.

Ela não tem efeito nenhum sobre eles.

Meus olhos se arregalam com o choque, mas os militares espalhados por toda a colônia nem sequer hesitam. Barulho de tiros é ouvido imediatamente — os atiradores de papai, posicionados nos telhados dos edifícios. Nem um único alienígena cai, apesar de estar chovendo sobre eles balas suficientes para parar um exército. Fico olhando para os alienígenas, incrédula — como isso é possível? Nem a fumaça nem as balas são capazes de detê-los?

Não há nenhuma chance de vencermos.

Um deles atira uma bomba de vidro na colônia, e ela se quebra contra as pedras de pavimentação da rua, derrubando metade do prédio ao lado do qual estou em pé. Posso sentir o estrondo das pedras, enquanto a argamassa racha e se desfaz, as pedras desmoronando. Se eu ainda estivesse lá dentro, teria sido esmagada.

— Fogo! Fogo! Fogo! — meu pai grita da rua. Mais tiros ecoam, enquanto um objeto brilhante e amarelo voa em arco pelo céu, em direção à colônia. Outra bomba solar. Ela atinge uma maior distância agora, e há gritos enquanto as pessoas dentro dos edifícios tentam fugir.

— Para a montanha! Para cima! — meu pai grita.

Mas eu não o estou ouvindo.

Estou atrás do prédio, e o caminho que Chris, Elder e eu usávamos para nos esgueirar até o complexo está livre. Ninguém está olhando para essa direção, a luta está concentrada nas ruas e no centro da colônia. Eu posso ir por trás das privadas, cortar caminho lá embaixo perto do lago.

Se eu conseguir chegar ao complexo, talvez Elder possa me dizer o que ele descobriu.

E se eu não conseguir me comunicar com Elder, talvez eu possa detonar a arma que vai matar os alienígenas.

Respiro profundamente.

Tenho que correr para conseguir fazer isso.

Outra bomba solar explode, essa atrás de mim. Os alienígenas estão quase na borda da colônia, arremessando suas bombas solares tão dentro dos prédios quanto possível.

Digo a mim mesma que posso fazer isso. Eu sou uma corredora. Eu posso correr mais que um exército alienígena.

E então eu vou.

60: ELDER

Acordo com quatro tanques de oxigênio apontados para o meu rosto, soprando ar frio diretamente para mim.

— Trinta e sete — diz Bartie, inclinando-se sobre mim.

Eu pisco.

— Droga, Elder, seus olhos estão vermelhos.

— Seus vasos sanguíneos oculares explodiram — diz uma voz familiar que não consigo identificar diz. — Hemorragias subconjuntivais.

Meu corpo se mexe, mas meu ombro ruge em sinal de protesto. Eu gemo, afundando de volta no solo.

Doc inclina-se sobre o meu corpo, a preocupação em seu rosto. Ele pressiona um adesivo contra a minha pele. Olho através de olhos embaçados para o meu braço e vejo que outros três adesivos já estão lá.

— O que o diabos aconteceu? — ofego, minha voz rouca.

— contei até trinta, como você disse — Bartie diz. — Mas você não falou nada pelo comunicador.

— Então, como? — eu coaxo, incapaz de terminar a frase.

— Eu fiquei contando. Meu ouvido estava pressionado contra a porta da escotilha. Quando cheguei a 37, ouvi um baque surdo.

— Você abriu?

— Eu estava morrendo de medo, deixe-me dizer-lhe isso! Mas percebi que eu poderia fechar a escotilha novamente se precisasse e...

Fechei os olhos; a luz faz com eles doam muito.

Os tanques direcionados ao meu rosto cospem o restante do oxigênio e, então, cham até silenciarem. Eu respiro profundamente, imaginando o resto de seu oxigênio enchendo meus pulmões, enchendo todo o meu corpo.

— Os efeitos de sua pequena aventura devem se dissipar com o tempo — Doc diz.

— Seu coração não parou, e embora você apresente sinais de doença de

descompressão, você está surpreendentemente bem para alguém estúpido o suficiente para saltar para o espaço.

Abro os olhos ligeiramente, mas não estou olhando para Doc. Estou olhando para Bartie.

— Funcionou? — digo.

Ele sorri para mim, e vejo meu velho amigo, o mesmo amigo de quando eu tinha treze anos e nenhum de nós pensava que um mundo existia além da nave. — Funcionou — ele diz.

Eu me esforço para me sentar, os ombros latejando, minha pele muito sensível, minhas articulações doloridas. Arrisco abrir mais meus olhos e vejo que estou deitado no fundo do buraco do que já foi a lagoa. A escotilha no centro está totalmente aberta. Bartie puxa-me para que eu possa ficar em pé, e eu olho para baixo, na escuridão. O tubo do ônibus está travado no lugar.

— Não posso acreditar que a maldita coisa funcionou — digo, virando-me para Bartie.

Ele se encolhe.

— Seus olhos estão horríveis — ele diz, mas está sorrindo também, tão animado quanto eu. — Eu não acredito que você teve coragem suficiente para fazer isso!

Olho em volta da nave. É muito maior do que eu me lembrava, mas, ao mesmo tempo, muito menor. Tudo parece exatamente o mesmo, mas estranho de alguma forma. É como se eu entrasse no meu quarto, e muito embora tudo estivesse exatamente no mesmo lugar onde deixei, pudesse ver que um estranho havia invadido minha privacidade.

— Vamos levá-lo para o hospital — Doc diz. — Tenho alguns colírios que podem ajudar.

— Eu realmente estou com sede — digo. Dou um passo e quase caio. Bartie me agarra pelo cotovelo, segurando-me, e muito embora eu queira me livrar dele e lhe dizer que posso andar sozinho, não tenho certeza que posso.

Quando chegamos ao hospital, Doc coloca-me em uma intravenosa de solução salina, apesar de meus protestos de que não preciso dela, e ele injeta mais medicamento diretamente no soro. Então ele me entrega um pequeno espelho para que eu possa dar uma olhada em meu rosto. Há hematomas em minha pele, e posso ver pequenos fios vermelhos de veias projetando-se.

O branco dos meus olhos está completamente vermelho, como se eles estivessem cheios de sangue. É por isso que Bartie continua a mencioná-los. Doc coloca duas gotas espessas, amarelas, de alguma coisa em meus olhos. Elas queimam, mas ele me garante que vão ajudar.

— Dispensado — Bartie diz a Doc.

Doc parece que vai protestar, mas o rosto de Bartie é implacável. Eu tinha quase me esquecido — Bartie está encarregado de determinar que punição Doc deve sofrer pelos crimes que cometeu na nave pouco antes de sairmos.

Doc cuidadosamente tira seu estetoscópio e coloca-o sobre a mesa. Ele ajusta os instrumentos médicos sobre a pequena mesa, verifica minha IV, acena uma vez para mim e sai. Antes que ele chegue à esquina, dois Alimentadores — eles eram açougueiros antes da revolução de Bartie — começam a caminhar de cada lado de Doc, escoltando-o... a algum lugar.

Gostaria de saber se essa é a vida de Doc agora — um prisioneiro até que tenha a chance rara de trabalhar como médico. Será que ele tem um aprendiz que vai assumir depois dele, tornando sua habilidade redundante?

Esse pensamento faz com que eu me lembre de Kit, e quando eu penso em Kit agora, tudo o que posso ver é a maneira como ela morreu.

Engulo de volta as minhas perguntas sobre Doc e sua punição. Isso não é importante em relação ao assunto em questão.

Bartie puxa uma cadeira para perto de mim.

— Como você soube? — ele pergunta.

— Soube?

— Que o motor está falhando. Que não podemos sobreviver em *Godspeed*. — Bartie fala isso com tanta sinceridade que sei que ele já havia aceitado a situação e os adesivos pretos.

Sorrio para ele.

— Eu sabia que você não podia lidar com a nave sem mim.

Bartie tenta rir, mas isso não é algo que ele pode discutir levianamente.

— É por causa do Doc — Bartie diz. — Quando ele explodiu a Ponte — matando Shelby e os outros, penso — o motor foi danificado.

— Danificado? — pergunto.

Bartie acena sombriamente.

— Então você veio nos salvar. — Há um tom de derrota em sua voz, uma que eu entendo muito bem.

— O ônibus espacial é grande — eu digo. — Podemos colocar quinhentas pessoas nas caixas de transporte e o restante no compartimento de carga. Não haverá muito espaço para carga e, no espaço que sobrar, precisamos arrumar cada bocado de comida que for possível. Todos os nossos suprimentos no planeta foram destruídos. Tudo o que pudermos levar da nave em termos de sobrevivência irá fazer uma diferença enorme para todos nós. — Hesito. — Mas você precisa saber, os “monstros” dos quais Órion falou... eles são muito reais, e são muito bons em matar-nos. Antes de vir aqui, liberei quase cinco centenas de corpos para as estrelas.

Bartie não olha para mim, quando diz.

— Se é uma questão de morrer aqui ou morrer lá, acho que eu gostaria de pelo menos ver o mundo primeiro.

— Você nem sempre pensou assim — comento secamente.

O olhar de Bartie não se altera.

— Isso foi antes de eu saber que a nave iria falhar assim tão em breve.

Explico tudo para Bartie, das derradeiras palavras de Órion ao último ataque alienígena à colônia, minha força retornando, enquanto os medicamentos e fluidos entram em meu sistema. Começo com a destruição do módulo e as mortes de tantos do nosso povo. Continuamos conversando enquanto Bartie e eu andamos lá fora, para o jardim.

É estranho ver tão poucas pessoas aqui, mas Bartie me diz que a maioria tende a permanecer do lado da Cidade na nave. Há muitas lembranças sombrias transbordando pela escotilha no buraco que costumava ser a lagoa. As pessoas não gostam de serem lembradas da escolha que fizeram, os amigos que deixaram partir.

Paramos na estátua do Eldest da época da Peste, e nós dois olhamos fixamente para ele, em silêncio por um momento.

— Tudo começa e termina aqui, hein? — Não posso dizer o que Bartie está pensando, mas estou me lembrando da maneira como eu costumava ver o Eldest da época da Peste, como se ele fosse o modelo de tudo o que eu deveria ser, um ideal que eu só poderia aspirar. Mas então eu descobri que era feito do mesmo

material que ele e que não era o nosso DNA que nos fazia ser o líder que deveríamos ser para a nossa nave.

Não importa agora. A estátua de Eldest da época da Peste é feita somente de concreto, não DNA replicado e promessas quebradas. O rosto da estátua está gasto, há riachos incrustados em suas bochechas como se fossem lágrimas.

— Ele sabia — digo a Bartie. O Eldest da época da Peste. Ele sabia o que há lá embaixo. Ele deve ser o rei ao qual Órion se referiu com essa pista, e a única coisa que falta no quebra-cabeça de Órion é a informação sobre quem os alienígenas são e o que querem. Como detê-los.

Bartie parece duvidoso.

— Você obteve tudo isso a partir de um livro ilustrado rabiscado para crianças?

Balanço minha cabeça.

— Você não sabe como Órion jogava com a gente. Era tudo um jogo para ele, sempre um jogo.

— E isso... o que quer que seja... que Órion escondeu é uma espécie de maneira de... lutar contra esses alienígenas? — Bartie parece cético sobre a pista e a ameaça do planeta.

Suspiro, olhando para o rosto de concreto do Eldest da época da Peste. A verdade é que eu não sei. Em absoluto. Talvez seja. Talvez não seja. Gostaria que Órion estivesse aqui para nos contar... mas agora é tarde demais.

— Eu não gosto de suas chances de sobrevivência. — Bartie inclina-se para frente. — Mas acho que elas são melhores que as nossas. Ele empurra a cabeça na direção da estátua. — Então, o que você acha que há dentro dela?

— Não tenho ideia — digo. — Talvez uma gravação em vídeo ou um livro. Talvez outra maldita pista que nos conduzirá por outro “buraco do coelho”, como Amy gosta de dizer. — Eu sorrio para ele, mas o sorriso é realmente para Amy, mesmo que ela não possa vê-lo. — De qualquer maneira — digo — vamos descobrir.

61: AMY

Corro para a campina, terra chovendo sobre mim quando uma das bombas de vidro explode na colina acima. Cubro a cabeça com os braços e corro tão rápido quanto posso, prendendo a respiração quando a fumaça sopra em minha direção. Espero que as privadas possam me fornecer um pouco de proteção antes de sair correndo para o lago, então para cima e em torno da floresta até o complexo. Se eu conseguir chegar até a estação de comunicação, posso bloquear os alienígenas do lado de fora. É para isso que a fechadura biométrica serve, para certificar-se que só os humanos possam entrar.

Penso nas grandes janelas do edifício de comunicação. Espero que elas sejam feitas de algo mais forte do que vidro, senão os alienígenas irão simplesmente abrir seu caminho com uma explosão. Balanço a cabeça, recusando-me a pensar sobre isso. Vou diretamente para o prédio de comunicação, vou falar com Elder e vamos descobrir uma maneira de parar os alienígenas, tudo vai ficar bem.

Corro um pouco sem sair do lugar, pronta para sair e correr para o lago, quando alguém agarra meu braço. Eu quase grito, mas sou puxada de volta, uma mão cobrindo minha boca.

— Sou eu!

Esforço-me para me libertar e volto-me para ver Chris, seus olhos azuis brilhando.

— O que você está fazendo? — ofego, deslizando para mais perto das sombras nas privadas. A grama alta da campina não é muito boa para nos esconder.

— Shh! — Ele olha em volta dele.

Há tanto barulho por causa da batalha que duvido que alguém possa nos ouvir, mas abaixo minha voz.

— Eu estava indo para o complexo — digo.

Ele acena com a cabeça.

— Boa ideia. Eu vou com você.

Começo a protestar. Fui capaz de chegar até as privadas, porque elas estão perto e havia tanto caos. Mas não há nada para me dar cobertura enquanto corro para o lago, e duas pessoas vão se destacar mais do que uma.

Chris levanta a arma, um rifle de alta potência. Eu pego o meu .38. Se balas forem necessárias, prefiro ter outra arma comigo.

Nós dois corremos em linha reta para o lago. Continuo a virar a cabeça, tentando ver se há alguém nos seguindo, mas há tanta coisa acontecendo na colônia que somos ignorados. A fumaça se eleva dos primeiros edifícios. Meu coração se parte por um momento. Os alienígenas invadiram a colônia completamente. Um grupo de pessoas está correndo para cima da montanha, uma linha de soldados na parte inferior tentando protegê-las. Não vai demorar muito antes que elas sejam todas capturadas.

Ou mortas.

— Pronta? — Chris pergunta quando chegamos ao lago, a voz ainda baixa. Concordo com a cabeça. Não temos tempo para parar.

Nunca corri tão rápido quanto agora. Não há um ritmo na maneira que estou correndo, não há método. Apenas corro, o mais rápido e forte que posso, até alcançar o asfalto do complexo.

O suor escorre do meu corpo, fazendo círculos escuros no asfalto preto. Eu me inclino, minhas mãos sobre os joelhos, arquejando pela falta de ar.

Chris fica na porta da sala de comunicação.

— O que é que você vai fazer? — ele pergunta.

— Ver o que Elder descobriu primeiro — digo automaticamente. — Se ele resolveu a última pista de Órion, ele pode ter as informações que precisamos para parar os alienígenas. E mesmo que ele não tenha... quero ouvir sua voz novamente.

— E então?

— Ativar a arma, se for necessário. Engulo em seco. Não quero ser responsável por um genocídio, mesmo que seja de criaturas alienígenas que estão tentando nos aniquilar. Mas não vou deixá-los matar meu pai e meus amigos, não quando eu poderia impedi-los, não quando eles já mataram a minha mãe.

Abro a fechadura biométrica, e Chris me segue lá, seu rifle ainda de

prontidão. Coloco o .38 no coldre e vou direto para a estação de comunicação. Meu cabelo gruda em minha testa, e minha camisa está encharcada. O ar no interior da sala de comunicação é abafado e úmido. Levanto a minha camisa para longe do meu peito, batendo o pano para tentar me refrescar.

— Eu não sei como operar nada disso — digo, olhando para o painel de controle.

Chris dá um passo à frente.

— Não é tão complicado — ele responde. — Eu já programei o ônibus de Elder para a rede, aqui.

Ele vira um interruptor, e a estática enche o ar. Outro toque de um botão, e um constante bipe-bipe-bipe interrompe a estática.

— Estou saudando-o. Ele deve responder assim que vir o meu sinal.

Fico ao lado dele, olhando para o controle.

— Eu me pergunto qual desses controla a arma — digo.

Chris olha para mim com seus surpreendentes olhos azuis, uma expressão inescrutável em seu rosto.

— Não acho que seja seguro detoná-la — ele diz. — Nós não sabemos o suficiente sobre ela.

Minhas mãos se crispam em punhos. Lembro-me de papai dando ordens para o ataque, mas depois da primeira bomba, eu não o ouvi novamente. Será que ele está, nesse mesmo minuto, ofegante, sentindo seu sangue se espalhando nas pedras empoeiradas amarelas enquanto um alienígena se curva sobre ele em triunfo?

— O que eram aquelas coisas? — pergunto baixinho.

— Eles pareciam humanoides para mim — diz Chris. — Talvez eles não sejam tão diferentes de nós.

— Bom — digo. — Se eles não forem tão diferentes de nós, será mais fácil matá-los.

62: ELDER

Bartie olha para cima, para o desgastado rosto de concreto do Eldest da época da Peste.

— Então... devemos pegar alguns cinzéis e martelos? — ele pergunta, sarcasticamente.

— Oh, não. Estava pensando em algo um pouco maior. — Eu olho além da estátua, mal conseguindo esconder minha emoção pelo plano.

Bartie segue o meu olhar por toda a nave até o tubo gravitacional preso ao lado da parede. Seus olhos se arregalam.

— Você vai esmagá-la?

— Tem uma ideia melhor?

Bartie ri.

— Com os diabos, acho que é brilhante.

Nós demoramos quase meia hora para mover a estátua de seu pedestal sobre um carrinho elétrico. Usamos alavancas e cunhas, mas, no final, saltamos sobre o pedestal, empurrando, antes que a estátua inteira desabe.

Ela cai sobre o carrinho elétrico com um baque e um estalo. Bartie pula do banco para inspecionar nossa obra.

— Um braço quebrou! — ele diz, pegando-o e usando-o para acenar para mim.

— Veja, é oca por dentro.

O braço expôs um estreito buraco no lado da estátua, e ela é, de fato, oca em seu interior. Tento enfiar os dedos, mas o concreto é grosso, e sem ferramentas, não há nenhuma maneira de quebrá-la.

— Eu acho que teremos que esmagá-la — diz Bartie com fingida relutância.

— É uma vergonha — comento.

— É uma grande obra de arte.

Concordo com a cabeça sabiamente.

— É um sacrifício que teremos de fazer. — Bartie sorri através de sua sinceridade falsa. — Vamos lá! — ele diz, animado.

Nós praticamente corremos pelo caminho entre o Hospital e o Salão de Registros com o carrinho arrastando-se atrás de nós, mas um pouco da diversão de quebrar a estátua se dissipa quando eu penso sobre como, quando eu sair de *Godspeed* dessa vez, eu nunca mais vou voltar a ela. Andei por esse caminho inúmeras vezes. Caminhei com Harley e Kayleigh antes de ambos morrerem. Costumava correr por ele com Bartie e Victria. Beijei Amy, ali mesmo, perto do lago, na “chuva”.

Vou sentir falta dela. Pensei que havia dito adeus a *Godspeed* quando parti, mas agora percebo que sempre acreditei que *Godspeed* ainda estaria aqui, que eu seria capaz de olhar para as estrelas e vê-la flutuando, um farol no céu, um lembrete do lar que eu conheci. Mas agora eu sei que esse adeus será o adeus final que eu darei à nave.

Bartie e eu temos que empurrar o carrinho para fazer a estátua ficar totalmente sob o tubo gravitacional. Bartie trava o carrinho para que ele não seja sugado para cima, então dá ordens ao tubo gravitacional para ir aos níveis inferiores. O tubo suga a estátua para cima por alguns metros, o suficiente para fazermos o carrinho deslizar para fora do caminho.

— Gostaria de fazer as honras? — Bartie diz, sorrindo.

— Com prazer. — Pressiono meu com-wi. O bipe, bipe-bipe familiar enche meu ouvido, e embora eu desejasse ouvi-lo novamente, agora ele soa estranho para mim. — Tubo gravitacional ligado, transporte estacionário para o Nível dos Transportadores — digo.

O tubo liga, e a estátua é sugada.

— É melhor nos afastarmos — diz Bartie, puxando-me por trás do carrinho. — Essa coisa vai quebrar e se espalhar por todos os lugares!

A estátua sobe mais e mais, raspando os lados transparentes do tubo gravitacional à medida que o tubo se curva ao longo dos contornos da nave.

Pressiono o botão do meu com-wi novamente.

— Desligar tubo gravitacional — digo.

— Cuidado: material sendo transportado atualmente dentro do tubo de gravidade. Anulação de ordem por Eldest? — a voz do computador no meu ouvido diz agradavelmente.

— Anulação confirmada — digo, sorrindo. — Operações no tubo gravitacional canceladas.

O som familiar do tubo se interrompe de repente. Bartie e eu olhamos para cima. A estátua fica parada por um momento e então mergulha para baixo, torcendo-se no tubo. Um pouco do material acrílico do tubo rompe quando as bordas da estátua se chocam contra ele. A estátua aumenta de velocidade quando o tubo se endireita, nada além de um borrão preto-acinzentado dentro dele.

BOOM! A estátua cai na base do tubo gravitacional e explode. Poeira cinzenta e pedaços de concreto esbranquiçado voam em todas as direções, e Bartie e eu nos agachamos por trás do carrinho enquanto uma chuva de cascalho cai. Antes que o ar fique claro, pulo e corro até os detritos.

Em meio ao concreto rachado e o tubo gravitacional quebrado, posso ver uma caixa prateada brilhante. Estendo a mão para ela, poeira cinzenta grudando-se ao suor na parte de trás de minha mão.

— O que é isso? — Bartie pergunta. Sua voz é baixa e sem fôlego.

Levanto o trinco da caixa, e a tampa abre, rangendo.

Dentro dela há um velho gravador de vídeo e monitor de audiovisual, do tipo que era usado antes dos disquetes. É do tamanho de duas mãos juntas e tem quase uma polegada de espessura, é pesado. Debaixo dele há um pequeno livro encadernado em couro marrom. As páginas estão amareladas pela idade, mas a escrita em seu interior é clara. Uma fórmula de algum tipo e notas científicas detalhadas.

— Eu não vejo um desses há muito tempo — diz Bartie, pegando o monitor de audiovisual. — Acho que há uns antigos no Salão de Registros.

Bartie está certo. Ninguém usa essa tecnologia há muito tempo. Talvez desde a época do Eldest da Peste.

A gravação está marcada, uma etiqueta branca com informações escritas à mão em tinta preta:

Essas são as gravações originais recolhidas pelo capitão Albert Davis, o primeiro Eldest de *Godspeed*, quando estabeleceu o sistema de governo do Eldest. Cópias adicionais serão passadas para cada Eldest sucessivo, e essa será preservada, escondida em caso de motim.

Órion deve ter sabido duas coisas quando ele deixou a pista para mim em O Pequeno Príncipe. Primeiro, que a cópia destinada aos Eldests havia

desaparecido. Segundo, que o original era mantido aqui — provavelmente outro segredo de Eldest que nunca chegou aos meus ouvidos. Eu acho que o Eldest da época da Peste percebeu que se as pessoas alguma vez se revoltassem contra o sistema do Eldest, elas iriam destruir a estátua e descobrir a verdade que ele escondeu atrás de seu coração de concreto.

Carrego o monitor de audiovisual e o mantenho em meu colo para que Bartie possa vê-lo.

O rosto de um homem enche a tela. É um rosto que se parece basicamente com o meu, mas cheio de rugas causadas pela idade e pela preocupação. A idade dele está em algum ponto entre a idade de Órion e a de Eldest, talvez cinquenta anos ou algo assim, mas ele tem uma cicatriz em uma face que faz o lado esquerdo de seu lábio ficar pendurado em uma carranca perpétua. Seu cabelo desbotado é salpicado de fios pretos, e ele o usa cortado curto, mas posso traçar os ângulos de seu rosto e ver que combinam com a minha própria face.

Ele é o Eldest da época da Peste, o primeiro de nós. O original, a partir do qual eu, Órion, Eldest e todos os outros são apenas uma cópia clonada. Ele pode ter nos “melhorado” ao longo do tempo, acrescentando modificadores genéticos ao nosso DNA para nos fazer melhores, mais fortes, mais monoétnicos na aparência, mais carismáticos de personalidade. Mas ainda posso me ver nele.

— Receio — o Eldest da época da Peste diz em uma voz mais profunda do que a minha — que este seja o fim.

63: AMY

— Alô? — A voz de Elder falha através do rádio do ônibus espacial. Cris e eu nos jogamos em direção a ele.

— Alô? Alô? — digo ansiosamente, meu coração pesado ao imaginar as piores situações possíveis.

— Amy, é você?

— Sim! — Quase choro de alegria. — Elder, você está vivo! Eu estava tão preocupada.

Sua risada vem a mim a quilômetros de distância, mas ainda é sua risada.

— Claro que estou vivo. O que você achou que tinha acontecido?

Não consigo nem colocar esses medos em palavras.

— Amy, eu tenho que lhe contar — a voz de Elder faz uma pausa, e por um momento faz meu coração querer parar de bater, acho que o nosso link de comunicação foi cortado. — Eu encontrei a última pista — ele diz.

Eu pisco, surpresa. Ele não parece muito feliz com isso.

— É mesmo?

— Sim, e você... você não vai gostar.

— O que é? — pergunto. Minha boca está tão perto do intercomunicador que posso sentir o gosto da tampa de metal do microfone. Chris se move atrás de mim, e quase dou um pulo de surpresa. Ao ouvir a voz de Elder, esqueci que ele também estava na sala.

— Eu acho... acho que consigo mostrar a você. Dê-me um segundo.

Chris toca a tela no painel de controle.

— Ele deve ter um vídeo que pode nos mostrar — ele diz. — Pode ser que eu seja capaz de ajudá-lo a carregar o vídeo a partir daqui. Ele apaga tudo na tela, fazendo aparecer um menu.

— Você está bem? — pergunto a Elder.

— Sim. — Ele parece distraído. Depois de um momento, ele acrescenta, — Por quê? Vocês estão bem?

Olho para Chris, que balança a cabeça ligeiramente. Não devemos contar a Elder sobre o ataque agora, não quando ele não pode fazer nada sobre isso. Além de Chris, posso ver as árvores da floresta e, além delas, um rastro de fumaça. Não da nossa cortina de fumaça — algo muito maior está queimando na colônia.

— Consegui — diz Chris, tocando na tela enquanto o vídeo é carregado.

— Ele carregou? — Elder pergunta.

— Sim — digo.

— Vocês, vejam isso; eu vou voltar e ajudar com os preparativos para o embarque. Todos de *Godspeed* irão descer comigo, e estamos trazendo suprimentos para todos.

Olho para a fumaça novamente. Pode não haver ninguém a quem dar os suprimentos.

O intercomunicador é cortado, e Chris se afasta, deixando-me ficar com a cadeira na frente da tela. Ele fica atrás de mim. Ele pega seu rifle novamente, lançando um olhar nervoso para fora da janela.

O rosto de um homem enche a tela.

— Esse deve ser o Eldest da época da Peste — digo em voz alta.

Olho para Chris atrás de mim.

— Ele foi o último capitão de *Godspeed*, o que decidiu não pousar a nave quando eles chegaram ao planeta.

— Receio — diz o homem — que esse seja o fim.

Inclino-me para frente, ouvindo tão atentamente quanto posso.

— Meu nome é Albert Davis e sou o capitão da nave *Godspeed*. Isso é o que aconteceu.

A câmera imediatamente muda de imagem. Essa filmagem foi feita na Ponte. A imagem balança um pouco enquanto a câmera é estabilizada no painel de controle. Ela varre a Ponte, mostrando todos dentro dela, em pé. Isto é antes da monoetnia. A tripulação reunida na ponte é de várias raças diferentes — e religiões também, a julgar pela estrela hebraica que uma delas usa como pingente no pescoço. Meus dedos vão até meu pingente de cruz, um pequeno sorriso nos lábios. Fico feliz em saber que, pelo menos uma vez, *Godspeed* não era tão estranha quanto se tornou depois.

Todo mundo está conversando, mas em voz muito baixa para entendermos

palavras individuais.

Eles parecem animados ou, talvez, nervosos. A câmera gira de volta no lugar, voltada para o planeta.

Godspeed está em órbita agora, pairando sobre o azul-verde-branco de Terra-Centauri.

— Aí está! Atrás de mim Uma voz de mulher diz por trás da câmera. Um momento mais tarde, eu também o vejo um módulo de transporte prateado esguio, voando sobre o horizonte em direção a *Godspeed*.

A câmera fica preta, e eu suspiro ao reconhecer a nova imagem que enche a tela: a escotilha onde Harley morreu.

A câmara é pressionada contra a janela, e a escotilha está aberta, mostrando a escuridão.

— Um pouco de história — o capitão Albert Davis diz por trás da câmera. Sua voz soa amarga. — Vinte anos antes de pousarmos, enviamos uma sonda a Terra-Centauri. O plano era termos uma ideia do ambiente, ajustar os nossos estudos para estarmos prontos para o planeta quando pousássemos. Em vez disso, Terra-Sol descobriu que havia alguns recursos valiosos no planeta. E descobriram uma maneira de tornar o transporte para lá ainda mais rápido. Eles desembarcaram primeiro. Eles construíram uma colônia.

Algo metálico cobre a escotilha. Não a porta, mas algo cilíndrico que trava no lado de *Godspeed*. É a ponte entre a nave e o módulo que foi mostrado anteriormente.

O capitão Davis ri amargamente.

— E agora eles precisam decidir o que fazer conosco.

Uma mulher alta e esbelta, com cabelos escuros e maçãs do rosto afiadas o suficiente para cortar vidro sai da ponte do módulo e para a escotilha, ajustando sua saia justa listrada em risca-de-giz. O capitão Davis abre a porta da escotilha depois de verificar a pressão, e a mulher sai, sorrindo. Atrás dela, vários homens transportando caixas térmicas emergem do módulo. O capitão Davis franze a testa ao ver as caixas.

— Eu preferiria que nossas conversas não fossem gravadas — diz a mulher. Sua voz é gentil, mas até mesmo eu posso ver que isso é uma ordem, não um pedido.

Depois de um momento de escuridão, a câmera muda novamente. Está mais alta e estável agora, montada em algum lugar, e, considerando a forma como os outros a ignoram, suspeito que a mulher do módulo não saiba que ela está lá. O capitão Davis arranhou um encontro com ela na sala de navegação no Nível do Guardião da nave. Acima deles, as lâmpadas mapeiam as estrelas. Uma mesa está no meio da sala, e o capitão Davis senta-se em frente à mulher.

— A colônia original mostrou-se... difícil — diz a mulher.

— De que maneira? atrás de mim o capitão Davis se inclina para frente. Ele é claramente alguém acostumado a ter autoridade, mas posso dizer que a mulher o intimida. Eu observo um brilho de prata em sua lapela, um pequeno broche com uma águia de duas asas. Ela é a representante do IRF.

— O vidro solar que esse planeta pode produzir nos forneceu um suprimento quase ilimitado de energia com menos poluição. Ele revolucionou a forma como a Terra produz e consome energia; é a resposta às nossas orações desde que as reservas de combustíveis fósseis acabaram.

O capitão Davis acena solenemente. A mulher ainda não respondeu a sua pergunta.

— O problema — ela diz, suspirando dramaticamente — é que a colônia original limita o tipo de produção que está enviando para nós. Precisamos de mais.

— Mais vidro solar para produzir energia — diz o capitão Davis — ou mais armas?

Os olhos da mulher se estreitam, mas ela ri e acena afavelmente a mão, descartando a questão.

— Eu sei que você é contra a fabricação das armas que implementamos, mas tenha certeza de que não pediremos ao seu povo para produzir armas. Apenas cubos de energia, como discutimos antes.

O capitão Davis parece cético, mas ele não comenta novamente.

— Como já disse, o problema é sua taxa de produção. Nosso povo, a colônia original, e quando você pousar, todas as pessoas da nave, estão tendo problemas com a radiação solar. Muito sol; ela faz as pessoas ficarem doentes.

Minha mandíbula se aperta. Isso não é verdade. Estamos em Terra-Centauri há quase uma semana, e nenhum de nós ficou doente devido à exposição aos sóis.

A mulher acena com a mão, e os homens que vieram com ela no transporte aparecem, carregando as caixas térmicas. Eles abrem uma delas e dão à mulher uma seringa cheia de líquido dourado.

— Essa é uma vacina de modificação genética. Suponho que você saiba o que é material de modificação genética? — a mulher pergunta.

O capitão Davis concorda.

— Os animais foram modificados para melhor se adaptar à vida na biocúpula da nave. Temos utilizado com moderação em algumas culturas ao longo dos anos.

A mulher sorri.

— Materiais geneticamente modificados têm sido extremamente úteis nessa situação — ela diz. — Nós enxertamos uma vacina para a radiação solar em material geneticamente modificado. Nós simplesmente injetamos uma pessoa com essa vacinação... — Ela estende a mão para o braço do capitão Davis, mas ele o afasta. A mulher ri como se tudo isso fosse uma brincadeira, mas é claro que nenhum dos dois confia no outro. — Quando alguém é injetado com a vacina, ela se liga ao código genético da pessoa, garantindo que não só essa pessoa esteja vacinada contra a radiação solar para o resto da sua vida, mas todos os seus descendentes nascerão imunes também. Uma injeção, e todas as gerações que viverem no novo planeta nunca terão que se preocupar com a radiação solar de novo!

O capitão Davis não fala.

— Tenho vacinas suficientes para todos a bordo de *Godspeed*. Vou deixá-las aqui com você. — A mulher acena a mão novamente, e os homens cobrem as caixas e as levam embora. — Quando a nave estiver vacinada, vamos conversar de novo e ajudar você pousar a nave na superfície do planeta. Ela olha ao seu redor, seus olhos detendo-se no teto de metal curvado. — Imagino que você vai ficar feliz em sair desse pedaço desatualizado de metal. Um pouco claustrofóbico.

A imagem volta a ficar preta.

— O que é isso? — pergunto baixinho. — Nada disso coincide com o que pensamos que aconteceu...

Chris não responde. Olho para ele. Sua mandíbula está fixada em uma linha dura, seus olhos surpreendentemente azuis piscando. Ele parece furioso.

A imagem da tela muda, e eu me viro para ela novamente. Agora o capitão Davis está em um laboratório — o laboratório de genética sobre o nível crio. Dois homens e uma mulher usando jalecos de laboratório estão em pé ao lado de uma jovem de 15 anos, mais ou menos, com cabelo longo, escuro, e olhos estreitos que me fazem lembrar o capitão. Ela está sentada em uma cadeira no centro do laboratório. Atrás dela, posso ver a bomba de Phydus — mas ela não está bombeando Phydus. Em vez disso, há um grande tonel, em que está marcado VITAMINAS E SUPLEMENTOS, ao lado dela. Acima dos ombros da garota estão os cilindros de fetos da Terra, mas nenhum deles contém clones de Elder. Ainda não.

— É reversível? — o capitão Davis pergunta a um dos homens vestindo o jaleco de laboratório.

Ele balança a cabeça.

— Pelo que posso ver, a “vacina” não faz nada além de transformar uma pessoa em um cão obediente. — Ele entrega ao capitão Davis uma das seringas que a mulher com cabelo preto lhe deu.

O homem de jaleco sacode a cabeça tristemente para a menina.

— Nós havíamos testado a vacina... não tínhamos ideia de que nossa voluntária seria afetada dessa maneira.

— Talvez você devesse ter testado antes de ter aceitado a minha filha como voluntária — o capitão Davis rosna. — Você deveria saber que não deveria testá-la em um sujeito humano tão rapidamente.

Os cientistas olham nervosamente um para o outro, todos com medo da fúria do capitão. A única pessoa na sala que não demonstra qualquer emoção é a menina. Sua filha.

— Nós isolamos os compostos na “vacina” — a mulher continua, sua voz alta e medrosa. — Há material geneticamente modificado nela e outra droga, uma que nunca vimos antes. Quando injetada em uma pessoa, ela se torna... bem, uma pessoa torna-se isso.

Todos olham para a menina na cadeira. Ela olha para eles sem expressão alguma.

— O que é essa droga? — o capitão Davis exige, furioso.

— Nós a estamos chamando de Phydus. Quando tomada por via oral ou injetada na corrente sanguínea, ela torna uma pessoa temporariamente obediente.

Quando é combinada com modificadores genéticos, porém, a condição torna-se permanente.

— Isso é o que o IRF quer de nós. Trabalhadores irracionais. Escravos perfeitos.

O capitão Davis parece amargo e enraivecido. Penso por um momento que ele vai socar a própria filha, mas ele se vira longe dela em vez disso.

— Você sabe, pela nossa comunicação com a primeira colônia no planeta, que o IRF estava pressionando-os para aumentar a produção de vidro solar e fazer mais armas — a mulher de jaleco diz. — Depois que as negociações comerciais ruíram, não tivemos mais notícias da colônia.

O capitão Davis escancara a boca para a mulher.

— Você acha... que a primeira colônia inteira? Eles já foram drogados para servirem de escravos? Transformados em algo não inteiramente humano?

— Deve ser isso — diz a mulher. Ela soa como se estivesse prestes a chorar. — Talvez o IRF os tenha enganado como tentou fazer conosco, chamando-a de vacina. Talvez o IRF tenha encontrado uma forma para forçar a droga neles. De qualquer maneira...

— De qualquer forma, é tarde demais para eles. — O rosto do capitão Davis desmorona. — E para ela.

— Estamos trabalhando em uma droga para inibir as propriedades de Phydus. Um dos cientistas dá um passo à frente. — Poderíamos ser capazes de encontrar uma cura. — O capitão Davis vira-se para sua filha, um olhar repentino de esperança atravessando seu rosto, que desaparece tão rapidamente quanto apareceu. — E se pousarmos e levarmos a cura para a primeira colônia? — ele exige. — O IRF vai fazê-lo novamente. Eles querem seu vidro, suas armas. Não há o suficiente de nós, mesmo que uníssemos nossas forças com a colônia, mesmo se pudéssemos curá-los.

— Se o IRF estiver tão determinado a nos controlar — diz a mulher — o que podemos fazer para nos salvar?

A câmara muda novamente. Um grupo de pessoas está à mesa na sala de navegação, em profunda conversa.

— Eles votaram — diz uma jovem. — A maioria da tripulação quer pousar a nave. — Ela é feroz, essa mulher alta e morena, com cabelo selvagem. Ela se veste de vermelho vivo, mas todos os outros na sala usam cores apagadas. E

todos eles já parecem ter sido derrotados.

O capitão Davis bate os punhos contra a mesa.

— Eles não veem o perigo que há nisso? Não veem o terrível destino que caiu sobre a minha menina? O IRF não quer uma colônia, quer escravos!

— Podemos lutar — a jovem começa.

— Como? Não temos muitas armas, não como as que o IRF tem. Se eles não puderem nos controlar com Phydus, vão soltar bombas solares sobre nossas cabeças. — Todos menos a jovem parecem concordar com o capitão Davis.

— Então o que vamos fazer? Vamos ficar na nave? Para sempre? — ela exige.

O capitão Davis espalma as mãos vazias na frente dela.

— Que outra opção nós temos?

— Vamos lutar — a mulher de vermelho diz. — Vamos lutar contra você, se for preciso!

— Não — o capitão Davis diz simplesmente. — Você não vai.

A imagem se desvanece, mas não importa, eu sei o que aconteceu depois. Posso ver isso em minha mente tão claramente quanto nas imagens do vídeo. O capitão Davis usou Phydus — não a droga misturada com os modificadores genéticos que o IRF deu a ele — mas uma variação dela para controlar os rebeldes e conter a nave. O medo de Phydus os impediu de pousar, e então o uso dela os manteve subjugados.

Foi aí que a mente distorcida de Órion arranhou a ideia de que todos nós seríamos transformados em escravos ou soldados. Porque já acontecera uma vez antes.

De repente, aparece outra imagem na câmera. Não há som. Apenas a garota, a filha do capitão Davis. Ela parece mais magra e mais feroz, mas, ao mesmo tempo, subjugada, controlada. Uma leoa mansa. Ela senta-se no banco, olhando vagamente à frente. Eu me pergunto o que aconteceu com ela. Eu me pergunto se os Inibidores funcionaram com ela. A câmara faz zoom mais perto de seu rosto. Seus impressionantes olhos azuis. Uma cor tão estranha, quase transparente, com íris... íris incomuns...

Eu só vi olhos assim uma vez antes.

De repente estou ciente de que Chris não falou nada por um longo tempo.

Viro-me lentamente.

Sua arma está apontada para minha cabeça.

64: ELDER

Bartie está em pé na porta que dá para a ponte do ônibus espacial. Seus olhos ainda estão arregalados e descrentes, enquanto o vídeo continua sendo mostrado para Amy em Terra-Centauri. *Godspeed* é nosso lar — dele. É uma nave espacial, sim, mas também parte fazenda, parte biocúpula, bastante desgastada, velha e usada. O ônibus é feito de cromo brilhante e branco. Ele parece intocado, especialmente em comparação conosco, cobertos de poeira cinza da destruição da estátua do Eldest da época da Peste.

Seus olhos estão fixos na janela sobre o painel de controle. Ele já viu as estrelas e o planeta uma vez da ponte do módulo antes de partimos.

Mas, desde então, ele deve ter desistido de qualquer esperança de vê-los novamente. Não havia escotilhas, nem portas viáveis no resto de *Godspeed*.

— Eu tinha quase esquecido... — ele diz, olhando.

Sorrio para ele.

— Espere até vê-las da superfície do planeta.

Posso ver pelo seu rosto que ele ainda não registrou muito bem o que está reservado para ele.

— Devemos partir o mais rápido possível — acrescento, trazendo-nos de volta para a tarefa séria em mãos.

Bartie faz uma chamada geral para todos os habitantes da nave, contando a todos sobre minha chegada em um ônibus espacial novo e que ele está pensando em levar todos embora nele. Ele dá ordens para abater quaisquer animais remanescentes, empacotá-los para o transporte e que apenas itens ligados à nossa sobrevivência podem ser levados.

Observo enquanto ele comanda seu povo — porque eles são o seu povo agora, não meu. Bartie reconhece algo em meu olhar, porque ele sorri para mim.

— Eu sei, quando pousarmos, não pode ser como foi antes — ele diz. — Eu não planejo derrubar qualquer regra que você tiver em Terra-Centauri. Eu só quero ter certeza de que vamos sobreviver.

Eu balanço minha cabeça.

— Não é assim. Os congelados acordaram, e eles têm seu próprio líder. O pai de Amy, na verdade. E não é como se estivéssemos sentados em volta de uma mesa tentando criar um governo. Tudo o que temos feito é sobreviver e não temos sido muito bons nisso.

— Talvez a gente seja capaz de ajudar quando pousarmos.

— Será que eles vão se rebelar contra sair da nave? — pergunto, lembrando-me da última vez que tentei pousar.

Bartie balança a cabeça.

— Eu já contei a eles sobre os adesivos pretos. Eles todos sabiam que o fim estava chegando. Esta... esta é a única esperança que temos de sobreviver, e eles sabem disso.— Ele se mexe. — Eu preciso ajudar a preparar tudo — ele diz, indo para a porta.

— Vou me assegurar de que tudo esteja pronto aqui — digo. O ônibus espacial foi projetado especificamente para transportar pessoas e carga, mas quero ter certeza de que tudo esteja embalado de forma tão eficiente quanto possível. Não quero mais culpa em minhas mãos, não depois de deixar três pessoas morrerem no desembarque do módulo original.

Quando me viro para sair, vejo que o vídeo que enviei para Amy no planeta acabou. Vou desconectar o dispositivo audiovisual — por que ela não disse nada quando o vídeo acabou?

Toco os controles do link de comunicação. A voz de Amy enche a ponte.

— O que você está fazendo com essa arma? — ela diz, sua voz crepitante pelo interfone.

Congelo. Algo está muito errado.

— Você já percebeu, não é? Olhando para esse vídeo. Você percebeu que meus olhos são como os dela. — A voz de Chris soa dura, desesperada. — Você não quis ver antes — ele continua. — Você e seu pai, vocês não quiseram ver o que sempre estive na frente de seus rostos.

— Íris ovais — Amy diz, em seguida, faz uma pausa. — Eu notei que seus olhos eram diferentes, mas não que eles não eram...

— Que eles não eram normais? — Chris cospe amargamente.

Tento lembrar-me dos olhos de Chris. Nunca olhei para ele tão de perto assim antes, e quando o fiz, estava distraído com a maneira como ele parecia dar

a Amy atenção especial. Ele tem íris ovais? Exatamente como... como... como a garota que foi injetada com o complexo geneticamente modificado.

— Como? — Amy pergunta, sua voz tensa, com medo. Imagino Chris com uma arma, apontando-a para ela. — Você... você está com os nossos militares — ela gagueja. — Você era um do nosso povo. — Congelado... A voz dela some.

Tento me lembrar da lista de militares que Órion me deu. Havia tantos nomes nela, mas havia um Chris? Não... Acho que não...

Por que nunca pensei nisso antes? Órion me ensinou a questionar tudo.

Chris repete minha linha de pensamento.

— Foi fácil — ele diz. — Seu pai deixou o módulo pela primeira vez, para procurar a sonda, você se lembra? Ele saiu com nove pessoas, mas voltou com dez. Comigo. — Sua voz é zombeteira, alegremente esmagando a confiança de Amy. — Eu sou um descendente da colônia original que os humanos — ele diz a palavra com nojo — decidiram modificar geneticamente.

Minhas mãos estão tão apertadas em punhos que posso sentir as unhas de meus dedos cortando a minha pele. Eu faria qualquer coisa para não estar quilômetros acima de Terra-Centauri, preso no espaço, incapaz de salvá-la.

— Mas... Phydus...

— Isso é realmente tudo o que você pode dizer, Amy? Eu esperava mais de você. Mas não, como você pode ver, eu sou um dos poucos que não é afetado por aquilo que você chama de Phydus.

— Como isso é possível?

— Defeito genético. O complexo que eles deram ao meu povo modificou geneticamente as glândulas suprarrenais^[23] e a pituitária^[24]. Em vez da opção “lutar ou fugir”^[25], as pessoas foram programadas para “aceitar e obedecer”. Para minha sorte, minhas glândulas suprarrenais são defeituosas. Produzem mais adrenalina do que Phydus. Depois de algumas gerações sendo aberrações com a mente controlada por Phydus, meus ancestrais começaram a apresentar mutações.

— Existem outros como você? — Amy pergunta. — Quero dizer, outros que não são afetados por Phydus? — Ela mantém a sua voz muito calma... não natural. Não é difícil imaginar o quanto essa voz calma está custando a ela. Isso me lembra do relâmpago na tempestade, o trovão era alto e terrível, mas era o relâmpago silencioso que rompia o céu escuro.

Estou esperando que o relâmpago dela apareça.

— Dúzias — diz Chris, e mesmo que ele esteja falando muitos quilômetros abaixo de mim, posso ouvir o sarcasmo em sua voz. — Aqueles que o IRF não encontrou e assassinou. Você conheceu alguns de nós essa noite. Eles nos chamam de híbridos rebeldes, aqueles que têm a modificação genética, mas não estão sob seu controle. E eles têm tentado fazer o seu melhor para nos aniquilar durante anos.

— Por quê? — Amy só está falando em palavras curtas e rápidas. Eu me pergunto se ela está presa ou pior, se Chris a está machucando.

— Você não vê? Esses monstros com os quais você está tão preocupada. Não alienígenas. Pessoas. Os monstros sempre foram pessoas.

Ela fica em silêncio durante muito tempo, absorvendo essa informação. Abro o meus punhos, os nós dos dedos estalando, mas isso não impede que minhas mãos tremam.

— Isso não é uma explicação — responde Amy.

— Por que qualquer mestre odeia um escravo que não vai trabalhar? Nós temos sabotado os embarques, destruindo qualquer equipamento que podemos.

A tela se acende em meu console. Amy manteve o link de comunicação entre o ônibus espacial e o complexo aberto, provavelmente esperando que eu pudesse ver o que está acontecendo. Eu sei que não devo tentar conversar — não há nada que eu possa fazer daqui. Eu só posso ouvir enquanto Amy faz o que pode para me mostrar o que está acontecendo com ela.

— Eu pensei que você fosse diferente. — A voz de Chris é tão suave que quase não entendo suas palavras.

A voz de Amy, no entanto, é alta. E raivosa.

— Fique longe de mim — ela grita. Sinto gosto de sangue, devo ter mordido o lábio tão forte que não percebi que eu havia rompido a pele. Se Chris a tocar... se ele a machucar...

Os menus do console se movem rapidamente. Isso deve ser trabalho de Chris. A tela para em Vídeo de Segurança: Complexo, em seguida, um vídeo gravado mostrando o lado de fora do edifício de comunicação no complexo começa a ser reproduzido. Ele rapidamente começa a passar em reverso — vejo Amy e Chris correndo — de quê? Então uma noite se passa. O lançamento do ônibus espacial. Eu, Amy e Chris com o cubo de vidro, esgueirando-nos para

dentro. Militares. Amy e eu descobrindo o complexo. Militares. Militares. E então — Chris.

O vídeo para de rebobinar quando Chris aperta o botão Executar, mostrando a Amy o que aconteceu. No vídeo, Chris não está usando as roupas militares que já o vi usando; ele está vestido com um uniforme de camuflagem escuro, um que se parece vagamente como pele verde. Ele tenta entrar no prédio de comunicação. Ele pressiona seu polegar sobre o escâner biométrico. Em vez de piscar HUMANO, ele mostra uma luz de aviso e as palavras ACESSO NEGADO.

O Chris na tela bate na porta com o punho — e um som que irrompe do intercomunicador me diz que Chris atingiu algo no complexo, algo metálico e rígido. Se ele se atrever a bater em Amy...

— Mas... você é humano — Amy diz, mas não soa como se acreditasse na mentira que está falando.

— Não de acordo com eles. — Chris cospe a palavra. — Eles nos alteraram geneticamente. Somos híbridos, não mais totalmente humanos.

— Por quê? — Amy pergunta. Acho que ela está tentando distrair Chris, acalmá-lo, temperar o ódio em sua voz. — Por que o IRF iria mexer com seu código genético...? Não há risco real de radiação solar, certo? E eles poderiam simplesmente controlá-los com Phydus. — Ela faz uma pausa. — Não que eu aprove Phydus. Mas eles não precisavam transformá-los em algo... não humano.

Percebo a escolha de palavras de Amy, mas acho que Chris não percebeu. Amy não disse que o IRF tornou os híbridos menos humanos, apenas diferentes.

— Eles queriam tornar os trabalhadores eficientes, então eles reforçaram nossos corpos. Mas isso não é tudo — Chris diz amargamente. Ele soa mais alto agora, ele deve estar mais perto do intercomunicador do que antes. — Eles fizeram isso para que nós não possamos tecnicamente ser considerados humanos. Pelo menos, não de acordo com eles. Isso os ajuda a dormir à noite, eu acho, acreditar que seus escravos não são pessoas.

Eu não quero pensar isso, mas eu penso: o IRF me classificaria como menos do que humano também, só porque sou um clone?

Há uma nota de orgulho em sua voz agora.

— Temos todos os pontos fortes que o IRF geneticamente modificou para fazer um escravo melhor, mais forte, mas nada do controle da mente.

— Você pode ver no escuro — Amy diz lentamente, pensando. — Naquela noite, no módulo...

Não tenho nenhuma ideia de que noite no módulo ela está falando. Todo o meu controle está sendo necessário para não dirigir o ônibus para baixo, agora, direto para Amy e o complexo.

— Melhor visão noturna, melhores sentidos em geral. Força. Velocidade. Agilidade. O IRF pensou que estava criando algo menos humano, mas na verdade eles aprimoraram o modelo original.

— Você ainda parece humano para mim — Amy diz, sua voz suave.

— Cale a boca! — Ouço um som alto pelo intercomunicador. Acho que ele bateu nela. Fico furioso. Eu vou matar o maldito traidor.

O vídeo gravado continua. Depois de ser incapaz de entrar na sala de comunicação, Chris parece que vai bater na porta com algum tipo de arma — é uma escama, como a que eu encontrei no túnel? De repente, ele olha para cima. Ele rapidamente esconde o vidro solar, porque isso é o que deve ser e o coronel Martin e seus militares se aproximam, com as armas em alerta. Não há som no presente vídeo, mas é óbvio que o coronel Martin está gritando, apontando um fuzil diretamente no coração de Chris. Chris lentamente levanta as mãos, mas noto que há um pequeno dispositivo cor de carne em sua mão direita. Ele rapidamente o enfia em sua orelha.

Deve ser assim que ele pode falar como nós, penso. Se o nosso sotaque evoluiu na nave de modo que os terráqueos têm dificuldade para entender os shipborns, deve ser ainda mais diferente para as pessoas que nasceram em Terra-Centauri. Esse dispositivo permite-lhes nos entender e responder em nossa língua. O IRF é composto de muitas nações; sem dúvida, eles precisavam de algo assim.

Chris começa a falar na tela, mas sem som, não sou capaz de ouvir o que ele está dizendo. Logo depois, porém, o coronel Martin abaixa a arma.

— Meu pai sabia? — Amy pergunta, chocada.

— É claro que ele sabia. Pelo menos, sabia o que queríamos que ele soubesse. Eu disse a ele que era um sobrevivente da colônia, que tinha sido dizimada por alienígenas. Não foi difícil. Meu povo hackeou o sistema, interrompemos a mensagem automática que a Terra havia configurado para vocês no desembarque. Manipulamos as informações, fazendo parecer que os

alienígenas eram a ameaça. Dei a ele um pouco de vidro solar. Mas então, uma mensagem verdadeira foi enviada. O coronel Martin foi persistente, muito mais do que eu pensei que seria. O IRF sabe que vocês pousaram, e eles estão a caminho.

Há uma pausa. Amy e eu estamos tentando entender essa informação, eu sei.

— A mensagem sobre a arma — Amy diz lentamente. — Essa é verdadeira. Essa é a mensagem que o IRF enviou para nós.

— Nós tentamos bloqueá-la, mas o suficiente da mensagem foi transmitida antes que pudéssemos pará-la. Não há muitos de nós. “Híbridos rebeldes”, ou seja lá o que você quiser nos chamar. Mas há mais de nós agora do que nunca antes. E o IRF... eles descobriram uma maneira de matar a todos nós.

— A arma.

— Exatamente. O problema é que temos um código genético um pouco diferente daquele dos seres humanos agora. E o IRF sabe disso. A arma? É uma bomba biológica. Há uma doença lá que irá atacar qualquer pessoa com DNA mutante, todos os híbridos, rebeldes ou não. Ela vai matar a todos nós.

Isso significa todos que o IRF escravizou, todas as pessoas com Phydus implantado em seus sistemas, bem como todos aqueles que, como Chris, não são afetados por Phydus, todos eles vão morrer. Por isso, o IRF não se preocupou com a possibilidade da arma nos matar. Não temos a mutação que torna Chris e seu povo suscetíveis. Eles vão morrer, e nós vamos viver.

Meu estômago se contrai quando percebo o que isso realmente significa: assim que o IRF destruir os híbridos, eles se voltam para nós. Nós seremos seus próximos escravos.

Órion estava certo o tempo todo.

— Mas então por que... por que vocês mataram o nosso povo? — Amy pergunta, e a tristeza que transborda do intercomunicador me traz de volta dos meus pensamentos sombrios para os dela. — Por que você matou minha mãe?

— Você ouviu o Coronel Martin — Chris diz, sua voz crepitando pelo intercomunicador. — Ele tem a intenção de detonar a arma.

— Você matou a minha mãe porque ela estava em um ônibus para a estação espacial.

A voz de Amy é oca agora.

— Ela simplesmente estava lá. Ela não tinha nada a ver com a bomba. Mas você a matou. Você matou quase quinhentas pessoas!

— Não apenas eu! — Há pânico em sua voz agora, e medo. — Eu relatei tudo de volta para o meu povo. Eles... eles acham que vocês estão com o IRF, que vocês vão fazer o que eles mandarem. E eles estão certos, não estão? O coronel Martin ia detonar a bomba. E ele ainda planeja fazer isso.

— Se ainda estiver vivo! — Amy grita. — Você contou aos seus amiguinhos sobre o plano com as flores. É por isso que eles sabiam que deveriam usar máscaras de gás. — Uma pausa, muito mais longa do que eu gostaria. — Isso é o que eles estavam usando, não é? Máscaras de gás? Bastante conveniente que isso os tenha feito parecer com alienígenas “reais”.

Amy zomba dele, na maneira como ela diz a palavra real, e estou tão preocupado com o que Chris fará em seguida que mal posso respirar. Não sei o que ela está falando agora, mas sei que, de alguma forma, tenho que fazer algo.

Meus dedos estão brancos, segurando a borda do console. Eu nunca, nunca me senti tão impotente. Penso sobre o módulo de fuga que Chris me mostrou, a coisa que eu tenho de usar, se algo der errado. Talvez eu possa usá-lo para ir para a estação espacial.

Eu posso detonar a arma.

Não quero matar todos eles. Não acredito no IRF, e eu não quero ser responsável pela morte de inúmeras pessoas, especialmente pessoas inocentes, autômatos já destruídos por Phydus.

Olho para o pequeno livro marrom que estava na caixa com o monitor de audiovisual do Eldest da época da Peste. Nesse livro, está a fórmula para medicamentos inibidores. Há uma chance...

— Somos nós ou vocês — Chris diz, sua voz alta.

— Só porque é isso que você decidiu.

— O coronel Martin deixou bem claro, muitas e muitas vezes, que, se puder, ele usará a arma. Será sempre uma ameaça que ele pode controlar. E quando o IRF chegar aqui, porque eles estão vindo, o coronel Martin se assegurou disso, eles vão matar qualquer um que encontrarem. Isso diz respeito à nossa sobrevivência. Esse é o nosso lar, e vocês são os invasores. — Ele usa as palavras como se fossem armas, cada sílaba uma facada, uma pausa a cada

golpe.

— Não — Amy diz, guinchando de terror pela primeira vez. — Por favor, não faça isso.

E eu sei: ela está implorando por sua vida.

Eu me viro para o intercomunicador.

— ESPERE! — berro.

65: AMY

Chris olha de mim para o intercom e de volta para mim. Ele tinha esquecido o link de comunicação; não percebera que eu o tinha deixado funcionando.

Ele agarra a arma em sua mão.

— Se você matar Amy — diz Elder através do intercom, sua voz cheia de paixão e raiva. — Eu vou matar você. Levarei o ônibus espacial direto para a estação espacial, e vou detonar a bomba biológica, e você e todo o seu povo morrerão.

Chris não abaixa a arma.

— Mas se você deixá-la viver — diz Elder —, eu pousarei esse ônibus. Nós encontramos mais do que o vídeo do Eldest.... Também achamos a fórmula para a droga inibidora que desenvolvemos para neutralizar os efeitos de Phydus.

— Uma... uma cura? — diz Chris. A ponta do rifle se inclina quando ele começa a abaixar a arma. — Você vai ser capaz de curar o meu povo, os outros híbridos?

A porta da sala de comunicação abre com um estrondo, e meu pai corre para dentro.

— Desgraçado! — ele grita, batendo em Chris e derrubando-o no chão. O rifle é jogado longe. Chris se esquivava de papai e lança-se para ele.

— Amy? Amy! O que está acontecendo? — diz Elder ansiosamente pelo intercom.

Eu saco meu .38 e o aponto para o chão, perto do rifle, meu dedo já puxando o gatilho. A bala crava-se no chão, e Chris para. Ele se vira para me ver, meu dedo no gatilho, minha arma apontada para o seu peito.

Meu pai se levanta e pega o rifle.

— Nós pegamos Chris — falo para Elder.

— Você está bem?

— Estou bem.

Papai senta-se à estação de comunicação.

— Só para sua informação — meu pai fala para Chris por cima do ombro.
— Nunca confiei realmente em você.

Não sei o quanto disso é verdade — eu acho que meu pai confiava em Chris, e muito. Não a princípio — Chris não tinha uma arma no primeiro dia. Porém, mais tarde, papai queria confiar nele. É a única razão pela qual eu vejo que Chris foi capaz de enganá-lo por tanto tempo. Isso, ou meu pai está planejando algo. Observo ambos cuidadosamente, à espera do momento em que papai atacará.

— Você estava trabalhando com o IRF — diz Chris. — Eu sabia que nunca deveria ter confiado em você.

— Sim, bem, agora o IRF matará todos vocês, então há algum conforto nisso. Para mim, de qualquer maneira. — Há um sorriso de triunfo no rosto do meu pai enquanto seus dedos tocam nos números e letras na tela para habilitar remotamente a detonação da bomba na estação espacial.

— Espere! — fala Chris. Ele faz um movimento para alcançar papai, mas eu me reposiciono, certificando-me de que ele se lembra de mim e do meu .38. — Apenas... quero mostrar quem você estará matando primeiro. Temos vídeos das câmeras de segurança, você pode acessá-los daqui.

Meu pai lança um olhar para mim. Há marcas de pólvora negra em suas mãos e no rosto, e noto uma mancha de sangue em seu ombro esquerdo. Ele deve ter escapado com dificuldade dos combates na colônia. E para ele sair da colônia e vir até aqui, a luta deve ter sido ruim. Detonar a bomba deve ser sua última chance.

— Como é a colônia? — pergunto baixinho.

— Prisioneiros, na maior parte — ele diz.

— Prisioneiros — diz Chris. — Prisioneiros. Nós tentamos não matar...

— Você não tentou o suficiente — diz papai. — Não nessa batalha e não antes disso, não com Emma ou Gupta ou a médica dos shipborns ou as quinhentas pessoas no ônibus espacial, incluindo minha esposa, seu maldito desgraçado.

Meu pai parece tão... não consigo nem mesmo descrever, a raiva em seu rosto, a fúria em seus olhos. Acredito que ele mataria Chris agora, com as próprias mãos, se eu não estivesse aqui.

O corpo de Chris cede com a derrota.

— Apenas... Apenas olhe para o sistema de segurança da cidade, onde os outros híbridos vivem — ele fala. — Por favor.

Aceno com a cabeça para papai. Eu quero ver.

Meu pai percorre os menus do painel de controle, encontrando o sistema de segurança. Depois de um momento, a tela ganha vida.

A cidade dos híbridos deve ser no vale da cordilheira que eu vislumbrei, muito além da colônia e do lago — é por isso nunca a percebemos antes. Posso ver as montanhas altas e irregulares elevando-se ao fundo.

Não há som no vídeo. Mas acho que mesmo se houvesse, não haveria muito para escutar. As pessoas nas ruas movem-se como robôs, sem emoção. Eles olham para frente enquanto caminham. A tela muda de câmera para câmera, mostrando uma rua, uma fábrica de embalagens, pessoas empurrando carrinhos de mão cheios de areia amarela, uma fábrica de vidro. As pessoas na fábrica estão soprando esculturas de vidro manualmente. Movem-se metodicamente, em ritmo perfeito, à medida em que fazem dezenas de esculturas idênticas de vidro — flores de algum tipo. Se eu tivesse visto as flores de vidro, sozinhas, sem saber como foram feitas, eu as chamaria de obras de arte. Elas são perfeitamente equilibradas, delicadas e encantadoras, com um cordão de ouro líquido em seu interior que eu sei que não desaparecerá — ele fará as flores brilharem por dentro, pétalas iluminadas que parecem vivas. Mas tendo visto como são feitas, com tamanha exatidão e sem emoção, as flores agora pareciam assustadoras e falsas.

— Elas são todas assim — diz Chris, depois de olharmos para a tela. — Milhares de pessoas nascidas para serem escravas, tão acostumadas à repetição rotineira que se algo dá errado, elas não sabem o que fazer, e assim acabam se ferindo ou... — Chris se levanta, olhando para a tela mostrando os sopradores de vidro — morrendo. Às vezes, essas pessoas enfiam suas mãos no fogo ou tocam no vidro fundido sem luvas. Elas só sabem trabalhar, e se as suas pinças se perdem, trabalham com as mãos nuas. Elas não sabem nada além disso, porque o IRF garantiu que jamais se rebelarão, jamais pensarão por si próprios.

Eu já vi isso antes. Em *Godspeed*. Eu odiava essa coisa lá, mas a odeio ainda mais aqui.

— Em intervalos de alguns anos, representantes do IRF aparecem e nos fiscalizam, para certificarem-se de que todos estão trabalhando ainda sob controle. Se eles observam quaisquer crianças como eu, nascidos sem o controle

de Phydus, eles simplesmente as matam. Eu os vi matarem minha irmã mais nova. Eles atiraram na cabeça dela e a deixaram na rua, e todos sob o controle de Phydus apenas passaram por cima de seu corpo até ele apodrecer.

Engulo em seco.

— Isso é o que eu queria que você visse — diz Chris para meu pai. — Eu queria que você soubesse para qual organização você está trabalhando.

Meu pai desliza a mão pela tela, deixando-a escura.

— Ao menos estão vivas — ele diz amargamente. — Ao contrário de minha Maria. Vocês mataram muitos do meu povo para que eu tenha qualquer simpatia pelo seu.

As mãos de meu pai se movem rapidamente, digitando códigos na tela e deslizando através de novos menus.

— O que você está fazendo? — Chris fala apressadamente. Ele dá um passo à frente. Eu balanço minha arma para ele, fazendo-o parar. — O que você está fazendo? — Pergunta ele de novo, o medo em sua voz.

— Estou armando a bomba — diz meu pai com naturalidade.

— Você está cometendo um genocídio!

— Estou protegendo o meu povo — diz papai. — Ou o que sobrou dele depois de vocês tentarem matar todos.

Alguma coisa na tela apita, e meu pai começa a pressionar mais botões.

Há uma batida na porta, e eu me viro, assustada. Chris aproveita esse momento para bater no meu braço, fazendo cair o .38. Nós mergulhamos em direção à arma. Papai se atira contra Chris — e isso é o que salva sua vida. Um segundo depois, a janela de vidro acima da estação de comunicação quebra e três homens em roupas de camuflagem — não posso acreditar que havia pensado neles como alienígenas verdes escamosos — saltam por ela. Eles passam sobre o painel de controle, e eu ouço Elder chamar meu nome em um grito desesperado enquanto a luz vermelha que mostra seu link de comunicação conosco é cortado.

Eu me pergunto se essa foi a última vez que vou ouvir a voz de Elder, se esse é o momento em que vou morrer.

Um dos homens separa meu pai de Chris, e Chris se levanta — com o meu .38 em sua mão, apontando para mim. Os homens são todos altos — mais altos até que Elder — mas muito mais fortes, com músculos que se parecem com

pedra esculpida sob suas camisas colantes. Mas o meu pai não se acovarda diante deles, e nem eu.

— Isso acaba agora — fala um dos homens camuflados. Ele aponta a sua própria arma para papai, uma arma que é fina e leve, com discos em seu interior, em vez de balas. Ele usa mais munição na cintura — fileiras de círculos finos e planos de vidro que brilham como ouro. Eu arquejo. Essa é uma arma que usa mais do que vidro explosivo, e os discos... eles são do tamanho e da forma exata da escama encontrada por Elder no túnel. Mas não era uma escama. Era parte de uma arma. E isso não vai apenas matar o meu pai, vai explodi-lo.

O homem que fala inclina a cabeça para o meu pai em uma imitação de civilidade.

— Sou o chefe dos híbridos rebeldes. — Percebo seus olhos azul-cristal, suas íris ovais, idênticas às de Chris. Agora que as vejo em um estranho, fico ainda mais abalada pelo fato de nunca ter me permitido reconhecer o quanto elas eram incomuns.

Os dois outros homens com ele se posicionam de ambos os lados da estação de comunicação, suas armas sacadas.

— Eu sou o líder do povo que você tentou matar — diz papai.

O homem ri alto.

— Você tem coragem, admito. É seu infortúnio que você tenha aterrissado o módulo agora. Algumas décadas antes, e não haveria muitos de nós. Algumas décadas mais tarde, e a revolução estaria encerrada. Nós poderíamos ter sido amigos então. Mas agora? Agora você é aliado do IRF, e não podemos aceitar isso. — Ele escarnece de meu pai. — Você vai fazer duas coisas para nós — diz ele.

— Prefiro morrer do que fazer qualquer coisa por você — meu pai rosna.

O líder dos rebeldes olha para Chris. Chris avança até que a ponta do cano do meu .38 esteja pressionada contra minha têmpora. Posso sentir o círculo de metal frio penetrando no meu crânio; posso sentir o cheiro dos restos de óleo e pólvora da arma.

— O que você quer que eu faça? — meu pai fala.

— Nós vamos começar com a sua rendição. Você vai chamar o IRF desse complexo, e você entregará sua rendição para mim e para o meu povo em seu nome e no nome do IRF.

— Eles virão de qualquer maneira — meu pai fala.

— A única arma que pode nos fazer algum mal é a bomba biológica. Temos estocado bombas solares há décadas. Sem falar em todos os reféns humanos que teremos para negociar. Sem a arma biológica, eles não têm chance contra nós.

Meu estômago se contrai. Fora da janela, o mundo é calmo e pacífico. Eu o imagino explodindo, dilacerado por bombas e a guerra.

Meu pai senta-se novamente na estação de comunicação, limpando os cacos de vidro espalhados sobre ele. Todos nós observamos enquanto ele digita seus códigos militares.

— A função do desarme não está lá.. — o líder rebelde diz. — O que você está fazendo? — Uma nova voz enche a sala de comunicação.

— Coronel Martin, nós recebemos o seu pedido de socorro — uma voz diz. — O IRF está pronto para ajudá-lo.

— Os híbridos assumiram o controle! — meu pai grita enquanto o líder rebelde se atira contra ele.

— Você quer que ativemos remotamente a bomba biológica? — homem na outra extremidade da linha fala. Sua voz é completamente seca. — Por favor, seu código de autorização militar.

— Não! — O líder rebelde grita. Ele empurra meu pai para longe do centro de comunicação.

— Zero-alfa-quatro-dois-gama — papai grita. Metade do código de dez dígitos. O líder rebelde bate com seu punho no rosto do meu pai antes que ele possa terminar de falar. Os dois lutam por um momento, as mãos de papai em torno do braço direito do homem, tentando arrancar a arma solar — então ela dispara, explodindo e criando um buraco ao lado do edifício. Meu pai finalmente consegue tirá-la das mãos do líder rebelde. Um dos homens que entrou no edifício de comunicações junto com o líder rebelde se junta à luta. Chris observa, pressionando meu .38 contra minha cabeça.

— Por favor, note — a voz no intercom diz — que sem o código completo nós não vamos autorizar o lançamento remoto das bombas. Não queremos destruir nossa força de trabalho escravo, exceto como último recurso.

E eu sei: as pessoas que nos enviaram aqui, em primeiro lugar, aqueles que prometeram nos proteger, não têm absolutamente nenhum problema em nos sacrificar. Não se isso não atrapalhasse a sua “produção”. Eles prefeririam que

nós e os híbridos rebeldes matássemos uns aos outros do que perder todos os recursos que poderiam retirar do planeta. Usando Phydus — de qualquer forma, isso resolveria os problemas deles.

O terceiro homem que veio ao edifício de comunicação com os outros fica entre eu e Chris. Os músculos do seu pescoço estão tensos, e ele parece estar silenciosamente perguntando a Chris algum tipo de questão.

Chris concorda, então se vira para mim.

— Você sabe uma coisa? Pensei... Pensei que poderíamos ser alguma coisa.

— Nós nunca poderemos ser o que você quer que sejamos.

Chris balança a cabeça.

— Porque eu sou um híbrido? — ele pergunta. — Ou por causa daquele garoto? — Eu me pergunto se ele percebe ter usado a mesma palavra para descrever Elder que meu pai usa.

Olho fixamente para ele, esperando que ele possa ver o ódio nos meus olhos.

— Seu DNA nada tem a ver com o fato do Elder ser um homem melhor do que você.

O outro híbrido saiu da minha linha de visão. Eu arquejo de dor quando algo afiado penetra em meu braço. O homem segura meu ombro com firmeza, cravando seus dedos em meu braço para que, entre o seu aperto e a arma na minha cabeça, eu não consiga me mexer.

Mas eu consigo ver o que está acontecendo. O outro homem tem uma seringa, e posso sentir o líquido gelado-quente sendo injetado na minha corrente sanguínea. O líder rebelde e seu laçao voltam a ter meu pai sob controle, eles o jogam na cadeira e viram seu corpo de frente para mim.

O líquido parece gelo, e eu tenho um flashback repentino e doentio de estar sendo bombeada com crio líquido.

— O que é isso? O que você está fazendo com a minha filha? — meu pai ruge, tentando levantar-se para me salvar, mas o líder rebelde o joga de volta, sorrindo maliciosamente.

— Em alguns momentos, ela não será mais humana. Não geneticamente, pelo menos. Você arma a bomba e irá matá-la da mesma forma. Ela agora é um híbrido também.

— Não! — Meu pai pula, jogando o líder rebelde para fora de seu caminho.
— Amy!

Meus olhos estão queimando, encharcados de água. Eu os fecho com força, incapaz de suportar o brilho da luz.

— A dor vai passar — Chris fala em voz baixa. Solidariamente. Sua arma abaixa enquanto o outro homem recua.

Tenho ânsia de vômito, mas não vomito. É a ideia de meu corpo estar sendo mudado irrevogavelmente. Não posso suportar isso. E não posso suportar a forma como Chris olha para mim agora, como se eu já fosse um deles.

— Amy! — papai grita. São necessários dois dos homens para segurá-lo.

— Ela vai ficar bem — diz o líder rebelde. Suas vozes são metálicas, altas demais. Agarro meu cabelo, puxando minha cabeça para baixo, balançando. Eu não posso suportar isso, não posso.

— Esse composto tem apenas os modificadores genéticos, não o Phydus. Ela terá todas as modificações genéticas, mas nenhuma alteração no controle da sua mente.

— Desgraçados — meu pai rosna. — Como você se atreve! Minha filha!
— Sente-se, Coronel Martin — o líder rebelde ordena. — Ou eu vou obrigá-lo.

Deslizo para o chão. Chris diz alguma coisa, não consigo entender o quê. Meus olhos turvos mal conseguem piscar, mas não posso deixar de notar que todos os híbridos rebeldes usam o mesmo tipo de bota, aquelas com biqueiras de metal, com três garras, afiadas, curvando-se sobre os dedos de seus sapatos. Aquelas botas fariam as mesmas pegadas que encontramos fora do módulo. Elder estava certo o tempo todo. Eles têm nos observado desde o primeiro dia.

Isso dói. O DNA do meu corpo está se reorganizando para se transformar em um mutante híbrido, e nem tenho certeza do que está acontecendo, só sei que isso não é humano. É doloroso, como se houvesse um fogo interior queimando meu sangue. Tento abrir meus olhos. Meu pai luta contra os híbridos enquanto eu me torno um deles.

Meu pai atinge o líder rebelde, jogando-o contra a estação de comunicação. Penso, por um breve momento, que ele está vindo me salvar. Ele vai me pegar e me levar embora e fazer a dor parar.

Mas ele não está vindo para me salvar. Ele se atira contra Chris, tentando agarrar o .38 em sua mão.

A arma dispara.

Meu pai cai com um baque no chão, os olhos abertos e fixos, a centímetros do meu rosto, embora já fora de alcance.

66: ELDER

Eu tento restabelecer o link de comunicação, mas ele se foi. Tudo o que ouvi foi o barulho de vidro se quebrando, batidas e estrondos, e então eu fui desconectado.

Não é tarde demais, digo a mim mesmo. Amy não está morta.

Digo isso a mim mesmo e me forço a acreditar.

Corro para fora da ponte e de volta à *Godspeed*. Bartie está em pé, perto da escotilha, parecendo feliz.

— Acho que não vai demorar muito tempo para carregar o ônibus espacial — ele diz, sorrindo para mim.

— Agora — arquejo.

— O quê?

— Agora — digo. — Temos que ir agora. Eles pegaram Amy, já tomaram conta de toda a maldita colônia.

— O que você está falando, Elder? — Bartie pergunta, agarrando meus ombros. — Acalme-se.

Eu o sacudo.

— Você não entende! Eu ouvi pelo sistema de comunicação — Bartie, eles pegaram Amy. Eles tomaram a colônia.

— Quem?

— Os híbridos! Eu levanto minhas mãos. Os alienígenas! Do que você quiser chamá-los! Os monstros com quem estamos lutando, aqueles que nos têm atacado! Eles pegaram o nosso povo!

Uma linha de preocupação perpassa o semblante de Bartie.

— O que podemos fazer?

— Temos que ir agora. Leve as pessoas para fora. E o que elas puderem carregar. Mas nós temos que ir agora.

Para seu crédito, Bartie faz a chamada geral. Algumas pessoas já estão cruzando os campos, indo em direção à escotilha, e eu as vejo acelerar o ritmo,

correndo próximas.

— Mas o que podemos fazer? — Bartie me pergunta. — Mesmo se partíssemos nesse segundo no ônibus espacial, o que poderíamos fazer?

— Venha comigo — digo.

Bartie tem que correr para me acompanhar enquanto corro para baixo através da escotilha, correndo para o painel de controle na ponte.

— Aqui estão os controles — Digo a ele. — É como você poderá voar de volta com o ônibus espacial.

— Eu? — Bartie se afasta. — Você estará pilotando o ônibus espacial!

— Não — digo a ele. — Não, não serei eu. Será você. Agora, preste atenção. — Mostro tudo a ele enquanto as pessoas de *Godspeed* começam a carregar o ônibus. Mostro como operar os controles e o sistema de comunicação. — É bastante simples, o ônibus espacial foi projetado para funcionar sem intervenção humana. — Quando tenho certeza que ele sabe o que fazer, corro para fora da ponte, passando pela multidão que já está se aglomerando nas caixas de transporte, e desço um lance de escadas.

O módulo de fuga sobre o qual Chris havia me falado é menor do que parecia visto do chão. Tenho que me contorcer através de uma escotilha que me faz cair diretamente sobre o assento. Os controles são os mesmos do ônibus espacial, mas apertados e com um “controle de manobra manual” adicional que se parece com um joystick. Não me sinto confortado pelos controles simples, mas eles têm que ser suficientes.

Aciono o sistema de comunicação e chamo Bartie, na ponte acima de mim.

— Sim? — diz sua voz imediatamente. Ele parece ansioso.

— Apenas testando — digo. — Queria ter certeza de que os controles funcionariam.

— Elder, isso é loucura — ele diz. Sua voz soa um pouco metálica no intercom, mas posso entendê-lo alto e claro.

— Sim — digo. — Provavelmente é. Mas é a minha única chance de salvar Amy. Eu posso ir para a estação espacial e posso detonar as armas de lá. Protegerei Amy, não importa a que custo.

Desligo o link de comunicação com Bartie e o transfiro para o sistema do complexo. Uma luz vermelha pisca várias vezes enquanto a comunicação com o

complexo no planeta é estabelecida.

— Não corte este link de comunicação — digo rapidamente quando os controles me informam que estou conectado.

— E por que não? — Uma voz que não reconheço fala com sotaque arrastado.

— Eu estou neste momento no módulo de fuga. Vou direto para a estação espacial. Vou atracar. E eu mesmo vou detonar a bomba biológica.

— Elder, não! — uma voz grita. Amy.

— Amy, o que está acontecendo?

— Eles injetaram em mim também — diz ela, em seguida sua voz é abafada. Soa como se estivesse sendo arrastada para longe.

— O que você quer dizer? — Sem resposta. — O que o diabos está acontecendo?

— Amy foi injetada com o composto híbrido. Ela será suscetível à arma biológica. Tentamos negociar com o outro líder, Coronel Martin. Nós encerramos a negociação.

— Deixe-me falar com o coronel Martin — digo.

— Ele está morto! — a voz de Amy chora pelo intercom. Sua voz parece mais áspera do que eu me lembro, talvez um pouco mais profunda. — Eles o mataram!

Mais sons abafados. Agora não tenho dúvidas de que estão tentando silenciar Amy, arrastá-la para longe do intercom. Mas também não tenho nenhuma dúvida de que o coronel Martin está morto. Amy nunca diria isso — não com tamanha angústia em sua voz — a não ser que fosse verdade.

Minhas mãos estão tremendo. Nunca estive tão assustado.

Há apenas uma coisa que eu posso fazer.

— Essa é a minha proposta — digo. Espero soar convincente. Não temos muito para oferecer aos híbridos, mas de fato possuímos uma moeda de troca. — Temos os planos para o medicamento inibidor. Chris pode falar para vocês que *Godspeed* tinha Phydus também, e vocês terão que confiar em mim quando digo que nós temos o antídoto que combate os efeitos da droga.

Ninguém me responde quando eu paro, então sigo em frente.

— Meu amigo Bartie vai pousar o ônibus espacial. Ele carrega a fórmula para o inibidor da droga. Derrube o ônibus espacial, mate meu povo quando pousarem e vocês perderão a fórmula.

Dessa vez, uma voz responde.

— Não vamos destruir o ônibus espacial.

— Estou no módulo de fuga agora — digo. — Vou desativar a bomba biológica. Se eu fizer isso, vocês deixam Amy e o resto livres.

O som do riso do homem no intercom me gela até os ossos.

— Não tememos apenas a bomba — ele diz. — O IRF está vindo, e agora o único homem que poderia evitar isso está morto. Se o IRF chegar, será a guerra para todos. Eles dizimarão o planeta.

— Nós falaremos com eles! — digo desesperadamente. — Vamos dizer a eles para não virem! Eu não sei se o IRF irá ouvir minhas súplicas, mas vou tentar. Farei qualquer coisa; apenas libertem Amy.

— Não é o suficiente — diz o homem. — A única coisa que poderia detê-los seria a destruição completa da estação espacial. A viagem de alta velocidade baseada no tesseracto precisa do sinal da estação espacial para funcionar. Se a estação for destruída, o IRF não poderá nos encontrar, por décadas. Mas acredito que você não tenha armas na sua nave, certo?

Há um nó em minha garganta, e eu não consigo falar por um momento.

Então eu digo.

— E se eu puder?

— E se você puder o quê? — o homem grita pelo intercom.

— E se eu puder destruir a estação espacial? Se eu fizer isso, eu acabarei com a possibilidade do IRF chegar até nós e eliminarei a bomba biológica. Se eu fizer isso, você concorda em deixar o meu povo em paz?

— Se você fizer isso — o homem diz —, eu mesmo vou escrever o tratado de paz.

Não respondo imediatamente. Eu me sento na cabine do módulo de fuga, e penso no que estarei sacrificando para fazer a paz entre nós. Fico olhando para as estrelas, e silenciosamente digo adeus.

Amy nunca me perdoará pelo que eu estou a ponto de fazer, mas *Godspeed* está morta. Apenas flutuando aqui. Tudo o que ela precisa é de um pequeno

empurrão. Posso usar o módulo de fuga para ficar atrás da nave, e então empurrá-la para a estação espacial. A inércia cuidará da maior parte, *Godspeed* vai bater na estação espacial, e então a estação — e suas armas — serão destruídas, os militares de Terra-Sol não serão capazes de vir e bagunçar as coisas.

— Dê-me apenas um pouco de tempo — digo para o intercom. — E deixe-me falar com Amy.

67: AMY

Chris me agarra pelo braço e me arrasta para a estação de comunicação. Posso sentir a pressão de cada um dos dedos que agarram minha pele. Cores nadam diante dos meus olhos; odores que não reconheço enchem o meu nariz. Tropeço e Chris me empurra enquanto percebo com horror que estou farejando o ar como um animal à procura do odor — porque é o que eu sou agora. Não humana. Animal.

É como se gelo estivesse sendo atirado através dos meus músculos, rasgando minha carne. Quando me desvencilho de Chris, fico surpresa ao perceber que sou forte o suficiente para fazê-lo — ele tem que usar toda a sua força para me forçar a seguir em frente.

Temos de passar por cima do corpo de meu pai para alcançar a estação de comunicação, e então eu quase paro. Meus novos olhos não me deixam perder nenhum detalhe: o suor ainda escorrendo até a ponta de seu nariz, o rosto achatado contra o chão, o dedo mindinho enrolado em sua mão esquerda, como se estivesse esperando que eu enrolasse o meu próprio mindinho em torno do dele e sussurrasse promessas que nunca serei capaz de cumprir. Não agora que ele está morto.

— Elder? — digo, minha voz embargada, desconhecida até mesmo para os meus ouvidos... meus ouvidos, que de repente escutam mais sons do que jamais escutaram antes.

— Amy. — Há alívio em sua voz, e outra coisa que não consegui reconhecer.

— O que você vai fazer? — pergunto. Um medo sinistro flui através das minhas veias, envenenando-me.

— Eu vou jogar *Godspeed* contra a estação espacial.

Chris desliza a mão sobre a tela sensível ao toque perto de mim. O líder rebelde olha por cima de meu ombro enquanto um mapa dos satélites em órbita ao redor do planeta ilumina a estação de comunicação. A tela acende e apaga, atualizando a cada período de poucos segundos. O ônibus espacial está bem próximo de *Godspeed*, seus pontos tão juntos que os seus nomes se sobrepõem na tela. Imagino a evacuação à medida que as pessoas lutam para sair da nave

para o ônibus espacial.

Perto dali, a apenas dez centímetros no mapa, está outro ponto, rotulado Estação de Preparação Interplanetária.

— Você ainda está aí? — Elder pergunta, sua voz pequena e assustada.

— Estou aqui — digo.

— Tenho que dizer a você — ele fala, e então para. Inspeciono a tela sob o intercomunicador. Não há nada de errado com o sistema de comunicação; Elder está lutando para encontrar as palavras que ele quer dizer. Por fim, ele fala.

— Sinto muito — ele diz.

A linha cai.

— O que aconteceu? — pergunto. Quero esmurrar os controles, trazer de volta a voz de Elder, mas não sei como.

Chris olha para os controles.

— Nada — diz ele. — Elder deve ter desconectado o link de comunicação. Ele não está respondendo às minhas chamadas agora.

Olho para o líder rebelde híbrido, que está me observando atentamente. E o meu estômago se torce ao ver pena em seus olhos.

68: ELDER

Leva algum tempo para carregar o ônibus espacial, e a demora me deixa ansioso. Agora que decidi o que tenho que fazer, só quero fazê-lo. A espera é horrível.

Antes de Bartie colocar tudo e todos amarrados, entro no módulo de fuga e me separo do ônibus espacial. Usando os controles manuais, manobro o módulo de fuga diretamente atrás de *Godspeed*. O mapa em minha tela apresenta uma linha de pontos: eu, então *Godspeed* e, em seguida, a estação espacial. Só preciso mover o ponto do meio até que ele se choque com o outro ponto.

Simples.

Bartie me chama do ônibus espacial.

— Estamos carregados e prontos — ele diz. Sua voz parece preocupada. — Você tem certeza disso?

— Absoluta — digo.

— Estou partindo agora — ele diz.

— Bartie?

— Sim?

— Obrigado por tudo.

— Te vejo em terra firme, certo, amigo?

Não respondo. Desconecto o link de comunicação e observo enquanto o ônibus espacial se separa de *Godspeed* e vai embora, um rastro de foguete explodindo enquanto ele se dirige para o planeta.

Godspeed flutua diante de mim, pendurada de forma impossível no céu negro. Ela parece quebrada, o fundo irregular sem o módulo, a Ponte explodida, de modo que ela parece uma sucata de metal torcida. E mesmo que eu não possa ver o vazio que eu sei que há dentro da nave através do metal, ela parece oca, da mesma forma que um cadáver parece não ter mais alma.

Godspeed está morta.

Mas ela tem uma última tarefa, um último serviço para as pessoas as quais ela viveu para proteger.

E eu também.

Não era uma parte oficial dos estudos que Eldest me ensinou quando eu vivia no Nível do Guardião com ele, mas Órion, uma vez, me deu um livro sobre o Titanic, um antigo navio de Terra-Sol que naufragou e matou muitos dos seus passageiros. Olhando para trás, eu me pergunto se Órion tinha algum ensinamento mais profundo em mente para me dar o livro, talvez alguma coisa sobre as diferentes classes ou que aqueles que ficaram presos nas profundezas do Titanic morreram congelados. Ou talvez apenas que todos estavam destinados a morrer, como as pessoas a bordo.

Mas a única coisa que realmente guardei foi a forma como o capitão afundou com o navio.

Esse módulo de fuga parece pequeno se comparado com a massa volumosa de *Godspeed*, mas aprendi, nesse mesmo livro que Órion me deu, que um rebocador minúsculo pode mover um navio enorme. *Godspeed* precisa apenas de um empurrão meu.

Vou devagar, muito devagar, até estar apenas a alguns metros de distância de *Godspeed*. Eu não quero bater de lado; preciso empurrar a nave gigante em direção à estação espacial. Respiro fundo e verifico o meu cinto de segurança. Felizmente, o fundo do módulo de fuga se estende além do painel de controle, mas ainda assim será difícil, especialmente se eu ainda estiver muito rápido.

Ajustando a saída dos foguetes de manobra orbital, desloco o módulo de fuga para frente.

Embora espere o impacto, ainda assim fico sem fôlego e trêmulo dos pés à cabeça. Meus olhos procuram freneticamente rachaduras no vidro pesado na janela da cabine.

Impacto detectado, uma voz computadorizada fala. Luzes vermelhas piscam ao longo de todo o painel.

A voz do computador continua: Aviso: danos externos. Aviso: danos externos. Ela repete essa mensagem repetidamente, e eu não tenho ideia de como silenciá-la.

— Você terá danos muito maiores do que isso antes que tudo esteja terminado — digo e aumento as saídas dos foguetes de manobra orbital. Os pontos piscando na tela, que indicam a minha presença e a de *Godspeed*, tomam vida, movendo-se cada vez mais próximos à estação.

Não demora muito para que eu consiga vê-la, minha visão obscurecida pela carcaça de *Godspeed*. A estação é grande, mas não é maior do que a nave. Ela me lembra muito os insetos da Terra-Sol chamados de libélulas. O centro é longo e cilíndrico, com braços mecânicos e escotilhas circulares que pontilham o topo, com a clara intenção de conectar-se ao tubo do ônibus espacial. A área central é grande o suficiente para as pessoas viverem confortavelmente, mas ninguém está lá agora. Talvez, em algum momento, o IRF tenha achado que ela seria um lugar para uma comunicação pacífica entre humanos e híbridos, mas acho que isso não é mais possível.

A estação espacial não armazena apenas as mercadorias de Terra-Centauri como também opera o link de comunicação entre os planetas, e as “asas” planas, estendendo-se de ambos os lados da estação, estão alinhadas com os satélites e receptores de retransmissão. Em algum lugar dentro de seu corpo de metal está o dispositivo de retransmissão por tesseracto, a coisa que permite viagens entre os planetas em alta velocidade. Destruí-lo vai isolar Terra-Centauri de comunicação e eliminar qualquer chance de visitas de Terra-Sol por décadas, se não mais.

Sob a estação espacial, apontado diretamente para Terra-Centauri, há um enorme míssil. A bomba biológica, a que irá matar todos os híbridos.

Incluindo Amy.

Tenho apenas uma chance.

Godspeed aderna em direção à estação.

Imagino tudo em câmera lenta, cada cenário de causa-e-efeito atravessando minha mente. *Godspeed* colidirá com a estação. A estação se partirá, quebrando-se para dentro de si própria.

Possivelmente, o míssil explodirá sem ser lançado para o planeta, desencadeando uma explosão maior do que consigo imaginar.

Ou talvez o motor da nave, um reator refrigerado a chumbo, cheio de urânio reciclado, explodirá primeiro.

E estarei lá, em meu pequeno módulo, sendo engolido por inteiro.

— Sinto muito, Amy — sussurro, apesar de ter cortado todas as comunicações. Sei que ela não vai me ouvir, mas também sei que um dia ela poderá me perdoar por não ter cumprido minha promessa.

Desta vez eu não vou voltar.

69: AMY

Acho que não entendi verdadeiramente o motivo para Elder cortar o link de comunicação até ver os pontos no mapa eletrônico começarem a mover-se no mesmo sentido. O módulo de fuga e *Godspeed*, em rota de colisão com a estação espacial.

E então percebo: ele não queria que eu o ouvisse morrer.

Fecho meus olhos e tampo os ouvidos, tentando segurar o grito que está crescendo dentro de mim.

Não consigo respirar. Não consigo respirar. Estou ficando enjoada.

— Olhe — diz Chris, apontando enquanto o mapa pisca e morre, mostrando nada além de uma tela preta.

Corro para a porta da sala de comunicação e a abro com força. Os híbridos não se incomodam em tentar me parar. Acho que é porque eu sou um deles agora, ou talvez eles simplesmente saibam que não há para onde correr. Uma rajada de ar frio bate em mim, fazendo o meu cabelo cair na frente do meu rosto. Eu o jogo para trás e corro para o centro do complexo, onde o ônibus espacial estava não muito tempo atrás, antes de Elder embarcar nele.

Jogo minha cabeça para trás e olho para o céu.

E vejo.

O céu escuro.

Uma centena de milhões de estrelas.

Mais estrelas do que jamais vi antes. Meus olhos me deixam ver mais longe, mas não me mostram a coisa que quero ver. Trocaria todas as estrelas do universo se eu apenas pudesse tê-lo de volta.

O vento assobia por entre as árvores próximas. Cantos de pássaros se entrelaçam dentro e fora do som.

Os híbridos saem do edifício de comunicação, cabeças voltadas para o céu.

E então vemos o fim.

O motor de *Godspeed* era nuclear; ninguém sabe o que alimentava a bomba biológica. Mas elas explodem juntas. No espaço, elas não geram a familiar

nuvem em forma de cogumelo. Elas não fazem o bum! da explosão de uma bomba.

Há, contra o céu escuro, um breve flash de luz. Ele está cheia de cores, como uma nebulosa ou a aurora boreal, explodindo como o estouro de uma bolha.

Nada mais — nenhum som de explosão, nem tremores na terra ou cheiro de fumaça. Não aqui, na superfície do planeta.

Nada mais que signifique a morte de Elder.

Apenas luz.

E então ela desaparece.

71: AMY

Estou entorpecida, por dentro e por fora.

Olho para o céu frio da noite até que esteja tão vazio como eu estou. Atrás de mim, os híbridos falam. Suprimo um arrepio. Agora sou um híbrido também. Meus olhos veem muito melhor no escuro do que eles jamais foram capazes. Observo cada folha das árvores na sombra, ouço os mínimos sons distintamente.

Escuto os híbridos falando.

— A ameaça está eliminada; nossos especialistas em comunicação confirmam — fala um dos híbridos.

— Elder salvou a todos nós — diz Chris.

O líder rebelde resmunga alguma coisa.

Eu me viro. Perdi tudo o que já amei. Mas, na ausência de amor, uma determinação feita de aço toma conta de mim. Dirijo-me com passos determinados na direção do líder rebelde. Chris levanta sua arma sem muita determinação — minha arma, a arma usada para matar o meu pai — e a aponta para mim, mas bato na lateral de sua mão como se ele estivesse segurando nada mais perigoso do que uma flor. Estou diretamente na frente do líder rebelde e o olho diretamente nos olhos. Estou desconfortavelmente perto dele; invadi seu espaço pessoal, e ele não gosta disso, mas ele não está disposto a dar um passo atrás.

— Acredito — digo sem rodeios — que temos um tratado de paz para negociar. E acho que podemos começar com a libertação da minha colônia, as pessoas que vocês estão mantendo em cativeiro.

— Isso pode esperar até que — o líder começa a dizer.

Eu o interrompo.

— Isso não pode esperar. Você aprisionou meu povo, abusou dele e nos matou. Você vai começar ao deixá-los ir. Agora. E então nós podemos falar sobre o resto da retribuição que você deve à minha colônia.

O líder rebelde balança a cabeça, olhando para mim. Finalmente, ele estende a sua mão. Quando eu a aperto, ele acrescenta.

— Meu nome é Zane. E agora que o IRF está fora da equação, acho que nossos povos podem aprender a viver muito bem juntos.

Zane tem algum tipo de dispositivo de comunicação que está muito além dos rádios e até mesmo dos com-wis que tínhamos. Ele pede que caminhões sejam trazidos e ao mesmo tempo envia a solicitação para libertar a colônia e trazer as pessoas de volta para as ruínas para viverem lá.

— Quantos dos edifícios ainda estão em pé? — pergunto. Quando eu fugi, pelo menos três dos edifícios, incluindo aquele no qual eu vivi com minha família, tinham sido destruídos.

— Tentamos causar o mínimo de danos — diz Zane. — E acredite ou não, também o mínimo de mortes.

Eu não acredito nisso, em absoluto. Eles poderiam ter destruído o ônibus espacial, em vez de matar todos lá dentro quando minha mãe estava partindo. Mas eles não o fizeram. Eles queriam nos intimidar, nos subjugar à força para que nos entregássemos. Ou talvez fosse mais simples nos matar.

Estreito meus olhos. Matar-nos teria sido mais simples.

— Você tentou destruir o módulo antes mesmo de desembarcarmos — eu digo, lembrando a forma como fomos tirados do curso.

Zane assente lentamente, olhando-me como se estivesse com medo de que eu o atacasse a qualquer momento. Mas estou muito ocupada juntando todas as peças. A comunicação interceptada por papai e Elder assim que chegaram. O bloqueio do módulo. Todos os obstáculos no meio do caminho e a falta de comunicação. Tudo por causa dos híbridos rebeldes.

— Você sabe — digo amargamente —, se você tivesse sido honesto conosco desde o início poderíamos ter trabalhado juntos.

Zane levanta a sobancelha.

— O coronel Martin não parecia ser o tipo de homem que abandona a sua missão.

Eu me forço a olhar para o corpo do meu pai, e não consigo acalmar a parte de mim que sabe que Zane pode estar certo. Talvez meu pai não teria negociado com os híbridos rebeldes. Não acredito que ele concordasse com o IRF e seu programa de escravidão forçada, mas é possível que meu pai, que foi militar a vida inteira e cujo primeiro instinto ao pousar tinha sido receber as ordens do IRF, não tivesse sido capaz de pensar em paz sem enxergar primeiro algum

derramamento de sangue.

Eu falo para essa irritante — mas verdadeira — parte de mim se calar.

Caminhões chegam, e apesar de serem maiores do que os maiores bebedores de gasolina de Terra-Sol, movem-se silenciosamente por todo o terreno irregular. Cubos de energia solar se alinham no teto de cada caminhão. Suspeito que os híbridos descobriram uma maneira de usar a energia dos sóis para abastecer os veículos, mas não me incomodo em perguntar sobre isso quando Chris e Zane me colocam no primeiro deles. Zane deixa o outro no edifício de comunicação, com ordens de que quando o ônibus espacial aterrissar, eles levem Bartie e a fórmula do medicamento inibidor para uma localização segura.

— Eu quero levá-la primeiro à cidade — diz Zane eventualmente. Quando não respondo, ele se mexe desconfortavelmente, olhando pela janela para a paisagem que passa. Ele e Chris estão um tanto nervosos comigo, esperam que eu desabe, emocional e fisicamente.

Mas eu não vou.

Não na frente deles.

O caminhão nos leva além do lago e em direção a uma das montanhas altas, irregulares, atrás da colônia. Mesmo quando eu contemplo como uma cidade inteira ao alcance da colônia foi escondida, percebo como não é natural que os híbridos não tenham se espalhado mais. O Phydus não apenas os fez obedecer ao IRF — ele matou seus sentidos de curiosidade e exploração.

Nós não falamos de novo enquanto o caminhão é conduzido através de um longo, escuro túnel recortado na montanha e emerge dentro de uma área povoada. Estamos no único veículo da rua, mas rodeados por pessoas e vastos edifícios, feitos de vidro e aço — fábricas, na maior parte, a julgar pela sujeira e suor das pessoas que saem deles.

Elas andam sempre em linha reta, sem parar, seus olhos e rostos voltados para frente. Embora todas elas pareçam ter uma direção, seus ombros são caídos, e os braços pendem inertes. Parecem mais zumbis que quaisquer monstros que já tenha visto em um filme de horror. O motorista para o caminhão no meio do maior cruzamento da cidade. Há tantas pessoas que eu espero uma cidade ruidosa, mas quando Zane abre a porta, a única coisa que ouço é o barulho rítmico dos passos nas calçadas.

Alguma coisa bate na porta que Zane ainda mantém aberta. Uma mulher com cabelo curto e encaracolado e olhos vazios — são olhos cor de azul cristal, com íris ovais, mas vazios de qualquer forma. Seus pés se movimentam, para cima e para baixo, para cima e para baixo, mas ela parece não entender que não está se movendo para frente. Nem sequer percebe que a porta está bloqueando o seu caminho. Zane bate a porta — ninguém sequer recua com o som reverberante, e a mulher pula para a frente como se nenhum obstáculo tivesse aparecido na sua frente.

— Por que você está me mostrando isso? — digo, minha voz quase um sussurro.

— Eu queria que você visse o motivo pelo qual estávamos lutando — diz Zane. Sua voz é alta, mas ninguém parece registrar a sua presença.

Eu vi o efeito de Phydus. Eu vi a cidade em *Godspeed*, vi os olhares ocos, as expressões vazias.

De alguma forma, isso é pior. Acho que devido ao céu aberto acima de nós. Eldest havia transformado o uso de Phydus em algo quase desculpável atrás das paredes de aço da nave. Mas nada assim pode ser jamais perdoável em um mundo sem paredes.

Zane volta sua atenção para mim. Ele está tentando mostrar tão pouca emoção em seu rosto quanto as pessoas que andam ao nosso redor, mas não está funcionando.

— Você sabia que a droga que vocês chamam de Phydus... ela foi desenvolvida em parte como uma pesquisa feita pela primeira colônia com plantas que descobriram aqui? Phydus não existiria sem este planeta, e ainda assim ela causou... tudo isso. — Ele move a sua mão fracamente, indicando toda a cidade.

Eu olho para cima e para fora, tentando determinar quantas pessoas estão espalhadas nessa cidade. Milhares, pelo menos. Todas drogadas por Phydus.

Zane espera minha reação antes de continuar.

— Eles misturaram Phydus, a qual, suponho, eles eventualmente gostariam de testar em Terra-Sol, com material geneticamente modificado.

Recuo. Não sei o que é pior, sua suposição de que a maior parte da população atual da Terra pode estar tão dopada quanto as pessoas-zumbis à minha frente, ou sua menção do mesmo material genético que minha mãe ajudou

a desenvolver antes de colocar os pés em *Godspeed*.

— A droga combinada foi projetada para atacar as glândulas adrenal e pituitária, bem como os sentidos e, como resultado, Phydus se torna uma parte natural da resposta do organismo a estímulos, criando passividade no lugar de pensamentos individuais.

— As primeiras pessoas foram infectadas gerações atrás — diz Chris. — O IRF não contava com pessoas como nós, aqueles que têm glândulas defeituosas.

— É uma mutação. — Zane encolhe os ombros. — Teria acontecido eventualmente.

As cascas vazias de pessoas se deslocam roboticamente pela rua. Mal parecem seres humanos.

Olho para mim mesma. Meus músculos ainda doem, meus ossos ainda pulsam dos efeitos da solução híbrida injetada em mim. Quem sou eu para julgar quem parece humano ou não?

Zane olha para algo no alto, e eu levo um instante para perceber que ele está olhando para um poste colocado na calçada com um alto-falante gigante empoleirado em cima dele.

— Eles costumavam ter pessoas do IRF aqui o tempo todo — ele fala para mim. — Eles viviam aqui até que um carregamento fosse feito, então novos mestres vinham para dar as ordens até que o próximo carregamento estivesse finalizado. Agora sequer se preocupam com isso. Eles sabem que tudo o que precisam fazer é dizer o que querem que façamos, e o meu povo o fará.

A maneira como ele fala — meu povo — lembra-me como Elder se sentia a respeito dos shipborns. Engulo um carço que sobe na minha garganta.

— Por pelo menos uma década, eles só usaram os satélites para emitir ordens. Agora nem mesmo isso eles têm condições de fazer, mas meu povo continua trabalhando da mesma forma.

E eu sei que eles vão continuar trabalhando, porque, mesmo sem o IRF dizendo-lhes para fazer isso, o Phydus em seus sistemas não vai deixá-los parar.

— O inibidor da fórmula que Bartie está trazendo vai funcionar — eu asseguro a Zane.

Zane encolhe os ombros. Ele não está disposto a ter muitas esperanças.

— Estou feliz porque, pelo menos, os seres humanos do IRF não estão mais

aqui. — Ele olha para mim, obrigando-me a encará-lo. — Era ruim quando eles estavam aqui. Eu me pergunto, às vezes...

— O quê? — pergunto. Levo um instante para reconhecer o sentimento que está surgindo em mim. Solidariedade.

— Eu me pergunto se a única razão dos híbridos rebeldes como eu terem sofrido mutações é porque os humanos do IRF... — Ele se vira, incapaz de terminar de falar.

No entanto, não preciso dele para explicar os seus próprios pensamentos. Se houvesse líderes do IRF aqui, verificando as operações do dia-a-dia da colônia transformada em escravos sem pensamento... Esfrego meus pulsos. As mulheres que viveram aqui, nascidas com o Phydus em seu sistema, nada mais eram que bonecas para os seus mestres de Terra-Centauri. O tipo de homem que não tinha nenhum problema em transformar pessoas em autômatos sem mente, não teria nenhum problema em fazer exatamente o que quisesse com as mulheres, mulheres que não poderiam sequer pensar em protestar.

Engulo em seco. Não posso fazer nada sobre o passado. Mas não vou deixar que esse tipo de coisa aconteça de novo no meu planeta, no meu lar.

73: AMY

As negociações de paz correm surpreendentemente bem. Zane tem uma equipe com seus próprios cientistas debruçados sobre a fórmula do inibidor fornecida por Bartie, e eles parecem confiantes que os medicamentos irão funcionar.

Mesmo assim, as negociações demoram horas. Principalmente porque eu insisto que tudo seja escrito, testemunhado e assinado por todos os presentes. Não deixo nada ao acaso ou como promessas faladas.

— E uma coisa que eu quero deixar claro — digo quando estamos perto do fim. — Meu povo é independente do seu. Não estamos fundindo as colônias. Nós estamos por conta própria. Vamos eleger nossos próprios líderes, teremos nossas próprias leis.

Zane começa a falar, mas Bartie o interrompe — uma das poucas vezes que Bartie falou. Ele e as outras pessoas de *Godspeed* ainda estão se recuperando de sua jornada.

— Elder iria querer isso — ele diz.

Levanto minha sobrelanceira para Zane, esperando que ele se oponha à minha exigência. Mas ele não o faz. Apenas balança a cabeça, adiciona isso ao contrato e assina o seu nome.

A pior parte foi a primeira noite. Quando eu realmente percebi que estou aqui, e ele não. Que eu estou viva e que ele está...

Deixei-me chorar naquela noite. Sozinha, em uma das construções de pedra não destruída pelos híbridos, chorei até não ter mais lágrimas, nenhuma.

Eu tenho o mundo inteiro agora, mas eu não o tenho.

Zane é fiel à sua palavra. No primeiro dia após nosso tratado de paz, ele envia metade do grupo de híbridos rebeldes para ajudar a limpar os danos da batalha no edifício. Ninguém do meu povo — nascidos na Terra ou na nave — quer trabalhar com eles.

— Eles mataram nosso povo — fala um dos shipborns, um homem chamado Tiernan. Ele tem uma arma em sua mão, uma arma que arrancou de um dos militares mortos, apontada para os caminhões dos híbridos rebeldes que

chegam.

— Eles mataram Elder!

— Eles mataram nosso povo. E os meus pais — eu digo, olhando de maneira firme em seus olhos até que ele recua, incapaz de continuar olhando para minhas íris ovais. — Mas eles não mataram Elder. Elder escolheu morrer. E ele fez isso para que pudéssemos ter uma vida aqui. Com eles.

Uma multidão de shipborns se reúne. O céu está nublado, o ar úmido. Teremos tempestade mais tarde. Mas eles sabem o que é uma tempestade agora e como sobreviver a ela. Uma das mulheres coloca a mão de forma protetora sobre seu estômago, e eu me lembro de que a maioria da população feminina está grávida. Em poucos meses, haverá bebês nascidos em nossa pequena vila que nunca conhecerão *Godspeed*. Seus pais vão contar-lhes histórias sobre paredes de metal e um céu pintado, e eles não vão entender, não realmente. Eles nunca terão uma jaula como casa.

Eles nunca serão capazes de compreender realmente o quanto foi perdido para que eles tivessem o seu céu sem limites.

— Não podemos confiar neles... — Tiernan diz, baixando a arma, mas sem largá-la.

— Nós precisamos — digo, colocando a mão em seu braço. — Não vamos sobreviver nesse mundo sem ajuda. Olhe ao seu redor. Não temos quase nada. Os suprimentos trazidos de *Godspeed* ajudaram, mas precisamos de mais. Precisamos de conhecimento, ajuda e treinamento.

— Não gosto disso — Tiernan rosna.

— Nem eu — lanço outro olhar atrás de mim e então olho além de Tiernan para os outros shipborns que se aglomeram em torno dele, seus olhos bem abertos, o medo estampado em seus rostos. — Mas é hora de trabalharmos juntos — eu falo, mais alto para todos ouvirem. — É o que Elder desejaria.

E esse é o verdadeiro legado de Elder: seu povo está disposto a aceitar a paz.

Poucos dias após o tratado de paz ser elaborado, Zane vem à colônia em um de seus grandes caminhões.

— Eu queria que você visse o primeiro tratamento — diz ele. — Nós não poderíamos ter feito isso sem vocês.

Bartie e eu vamos como representantes da colônia. Zane e Chris sentam-se à nossa frente. A tensão é palpável — não apenas entre nós e eles, mas também na forma como Bartie tem medo de sentar muito perto de mim. Ele continua a espreitar-me quando pensa que não estou olhando, comparando-me agora com a garota que ele conheceu.

Ele me acha uma aberração ainda pior do que antes, posso dizê-lo com certeza.

Zane montou sua base nos antigos túneis usados pelos primeiros colonizadores para operações de mineração — uma extensão dos mesmos túneis descobertos por Elder quando ele ajudou na escavação para as privadas. A entrada é bloqueada por uma porta de alta tecnologia que me lembra a do complexo. Zane escaneia o polegar no teclado, e a palavra HÍBRIDO aparece na tela. Olho para as minhas mãos. Elas não parecem diferentes, não agora que minha transformação — seja lá qual tenha sido — já está terminada, mas eu sei que, se eu pressionar meu dedo contra o dispositivo, a palavra HÍBRIDO também aparecerá na tela. Não humana. Nunca mais humana.

Eu me pergunto o que Elder iria pensar de mim se ainda estivesse vivo. Meus olhos são azuis agora, não verdes, com íris ovais. Posso ver muito mais agora, muito mais distante. Posso sentir a direção do vento antes que ele toque o meu rosto; posso fechar meus olhos e ainda assim dizer onde todo mundo está, com base no cheiro de cada um.

Elder é um clone; ele deve saber qual é a sensação de imaginar se o seu DNA ainda pertence a você.

E então eu me lembro: Elder morreu.

Algo dentro de minha alma estala como uma corda esticada ao máximo, mas eu coloco um pé após o outro e olho direto para frente.

Zane caminha a passos largos para os laboratórios — embora os seus centros de comando estejam em túneis de minas abandonadas, ele tem roubado da IRF por tempo suficiente para fazer essa base tão avançada tecnologicamente quanto qualquer coisa que tínhamos no módulo. Os híbridos rebeldes saem de salas construídas nas paredes do túnel e o cumprimentam enquanto ele passa.

Ele é verdadeiramente o seu líder. Em seus quase trinta ou trinta e poucos anos, não deve ter sido fácil assumir o controle de toda a população híbrida rebelde. Imagino como foi para ele, percebendo que tinha o controle de sua mente, mas seus pais não. Escondendo-se quando o IRF inspecionava as fábricas

de vidro. Querendo salvar o seu povo, um povo que, em sua maior parte, nem sequer sabia que era escravo.

Ele me lembra muito Elder.

Eu mordo minhas bochechas até sentir o gosto de sangue. Não vou chorar. Não mostrarei emoção. Não agora. Não aqui.

Chris se aproxima. Sua presença me deixa desconfortável, mas não vou deixá-lo perceber isso. Viro as costas para ele, mas isso não o impede de falar comigo.

— Observe o jeito que Bartie foge de você — diz Chris em um sussurro tão baixo que ninguém mais pode ouvi-lo. Eu não seria capaz de ouvi-lo, se não fosse o fato de que meus ouvidos me traíram, tornando-se sensíveis como os de morcegos, com a sua clareza híbrida.

Eu o ignoro.

— Vi a maneira como eles tratavam você antes. Você viveu com eles por quanto tempo? Meses? E eles ainda estavam com medo de sua cor de pele, perfeitamente normal. O que vão pensar de você agora?

Olho para a frente.

— Eles nunca vão aceitá-la.

Eu viro e agarro o colarinho de Chris, tudo em um rápido movimento que assusta Bartie de tal forma que ele profere maldições com a surpresa, saltando para trás e deixando um bocado de espaço entre nós e ele.

— Se você tem algo a dizer — rosno —, diga na minha cara, seu covarde.

Chris se desvencilha e, por um momento, parece estar com raiva. Mas enquanto arruma sua camisa, ele fala, quase como uma desculpa para mim.

— Um temperamento violento. Efeito colateral da hibridização. Suas glândulas adrenais estão mais propensas a fazê-la lutar do que fugir, em outras palavras.

O que eu não digo a ele é que sempre fui mais propensa a lutar.

— Há uma diferença entre eu e você — digo. — Eu sei que um dia, meu povo me aceitará novamente. Já fizeram isso uma vez. Eles se esquecerão da minha aparência porque se lembrarão de quem eu sou e como ajo. Mas eles não se esquecerão do que você fez. Você será aquele que nunca será aceito. Não eu.

Os olhos de Chris se desviam dos meus.

Posso sentir meu músculos se flexionando, ainda em processo de mudança, cada vez mais fortes à medida que meu corpo aceita o fato de eu não ser mais apenas humana. E posso sentir o cheiro de medo irradiando de Chris.

Chris não sussurra mais palavras cruéis para mim. Mas o fato permanece: uma parte de mim ficou com raiva porque eu sei que o que ele disse é verdade.

75: AMY

Zane finalmente nos leva ao laboratório e, como eu suspeitava, eles estão muito mais avançados do que os túneis simples indicavam.

Um homem está no centro do laboratório. Ele olha fixamente para frente.

— Sente-se — diz Zane, e o homem senta-se imediatamente, quase não acertando sentar-se na cadeira que Chris corre para colocar atrás dele.

Aceno minha mão na frente do rosto do jovem. Nada. Ele é tão vazio como uma folha de papel em branco.

— Estamos testando com métodos de distribuição em massa — diz Zane — então, eu tenho dado a este indivíduo uma versão diluída da droga inibidora, através da água.

Sorrio para Bartie, que — apesar de inicialmente hesitante — retribui o sorriso. Esta ideia foi nossa, inspirada nas bombas de água que distribuíam Phydus em *Godspeed*.

Zane entrega ao jovem um copo de água.

— Beba — acrescenta ele, quando o homem não faz nada além de encará-lo.

O homem engole a água.

Zane e Chris monitoram os sinais vitais do homem em seus computadores, mas eu e Bartie sabemos para onde olhar quando o Phydus desaparece, e por isso somos os primeiros a perceber a vida voltando aos seus olhos.

— O que está acontecendo? — O homem pergunta, com a voz embargada por falta de uso.

— Você foi drogado por toda a sua vida — explica Chris em um tom mais gentil do que eu jamais o ouvira usar antes. — E agora você está recuperando sua autonomia. — Os olhos do jovem estão grandes, cheios de medo e vagueiam pelo laboratório.

— Tome um pouco de água — digo, entregando-lhe outro copo. — Isso vai fazê-lo se sentir melhor.

Enquanto Zane e Bartie discutem maneiras de distribuir a droga inibidora

de forma mais ampla, Chris faz movimentos para eu segui-lo para fora do laboratório.

— Há algo que eu quero mostrar para você — ele diz.

Hesito.

— Vamos lá, Amy — diz Chris, um tanto exasperado. — Nós somos amigos.

— Nós não somos amigos — falo. — Nunca seremos amigos.

— Mas — o rosto de Chris parece devastado. As íris ovais se destacam em seus olhos lacrimejantes, mas tudo isso me faz lembrar que ele não é totalmente humano e que eu também não sou, não mais. — Eu fiz o que achava que tinha que fazer — ele diz.

— Como matar os meus pais.

— Eu quero que você saiba... — ele diz — Eu preciso que você saiba... sinto muito.

Sinto muito não significa nada vindo de seus lábios.

Chris segue para baixo no túnel, e eu o sigo — não para ouvir mais desculpas, mas para entender exatamente por que ele fez o que fez. Caminhamos em um silêncio desconfortável.

Eu farejo o ar. Alguma coisa está diferente.

— Você notou — diz Chris.

Sinto cheiro... de cobre, e alguma coisa... algo animal. Não é nada que eu reconheça, mas ainda assim é familiar, como a memória de um cheiro que eu nunca notei antes. Os pelos de meu braço se levantam e minha pele se arrepia.

Não pode ser. Não aqui. Estamos no subterrâneo. Esse é o único lugar de todos os lugares de Terra-Centauri onde não pode haver...

— Pteros! — grito quando, conduzida por Chris, viramos uma esquina e eu os vejo, todos agrupados na extremidade do túnel. Estou prestes a correr quando noto o vidro entre os monstros e eu.

— Está tudo bem, isso é vidro solar — diz Chris. — Não há maneira de eles o quebrarem.

O ptero — um dos menores do grupo — salta em suas massivas pernas escondidas, aproximando-se do vidro. Eu me arrasto para frente também. O

ptero estende suas asas lentamente — apenas para esticá-las; não há nenhum lugar para onde possa voar. As garras em forma de gancho nas extremidades de suas asas raspam contra o vidro, e eu estremeço com o som.

— Os pteros, eles foram feitos pela primeira colônia, antes das modificações genéticas e de Phydus — diz Chris. — Os cientistas da primeira colônia estavam tentando ver se animais extintos da Terra podiam ser ressuscitados nesse planeta.

Minha mãe sabia, acho. A similaridade entre o DNA dos pteros e do pterossauro real.

— Os pteros também tinham Phydus, entretanto — digo. Chris estava comigo quando eu fiz esse teste.

— Eu queria dizer a você antes, mas... — Chris não olha para mim. — Aquilo fomos nós que fizemos. Os híbridos rebeldes, quero dizer. Essa foi uma das razões para eu trazer você aqui, eu queria que você soubesse que você estava certa: nós descobrimos uma maneira de controlá-los. De usá-los para lutarem por nós. — Ele puxa um pequeno tubo de prata, como um apito para cachorro. Ele sopra algumas poucas notas, e todos os pteros olham para nós, balançando ao som estridente, até que Chris o guarda no bolso novamente.

O menor dos pteros esfrega a cabeça contra o vidro, gira ao redor de si mesmo por três vezes, e cai ao chão, encolhido.

Fecho os olhos e lembro-me de outro ptero, o que eu atirei na cabeça, aquele de cuja boca escorria o sangue dos restos mortais do Dr. Gupta.

— Você os usou contra nós — falo categoricamente. — É para mostrar isso que me trouxe até aqui?

Chris levanta as duas mãos.

— Não! Quero dizer, sim, mas não que... eu só... eu só queria explicar.

— Então explique — rosno.

— Eu não sabia que seria tão ruim. Eu... Zane e os outros... eles apenas deviam pegar aquela mulher shipborn que tinha recebido um adesivo de Phydus. Mas o médico estava com ela, então eles o pegaram também. E então a mulher militar apareceu também, e...

— E eles mataram a todos. — Talvez o pteros tenham destruído Juliana Robertson após a sua morte, ou talvez os híbridos rebeldes tenham feito com que

parecesse que Juliana morrera por causa deles, mas de qualquer forma, ela está morta.

— A mulher shipborn foi um acidente. Não tive a intenção de lhe dar uma overdose de Phydus.

— E o Dr. Gupta?

Chris franze a testa.

— Eu não sabia que eles iriam matá-lo. Eles... eles pensaram que ele sabia mais sobre Phydus porque estava com a mulher shipborn que tinha o adesivo verde. Quando ele não contou a eles...

— Pensaram que podiam controlá-lo. Fazê-lo falar, sob a influência do Phydus. — Minhas palavras são amargas. Penso sobre o que Elder havia dito uma vez, como tudo seria diferente se as pessoas apenas falassem a verdade.

— O Dr. Gupta — eu falo — Foi comido. Vivo.

A boca de Chris se contorce.

— Não era para ser assim — ele diz.

— Mas foi.

— Estou tentando pedir desculpas — Chris diz em voz baixa.

— Você não está fazendo um trabalho muito bom. — Eu mal consigo suportar olhar para ele. Gostaria de saber se a bala que ele colocou na cabeça do Dr. Gupta foi para lhe conceder uma morte misericordiosa ou para garantir que ele não nos contasse a verdade.

— Eu disse a eles que os médicos terráqueos não conheciam Phydus, que somente a médica shipborn sabia sobre ele... — A voz de Chris desaparece.

— Acho que Kit não conseguiu responder a todas suas perguntas bem o suficiente. Ela era novata como médica, você sabe, era uma aprendiz até pouco antes do lançamento do módulo. Então, eles apenas a mataram?

— Não foi assim! — Chris começa a protestar, mas posso ver no seu rosto que aconteceu exatamente dessa forma.

— E Emma? — pergunto.

Chris está observando o pteró dormir do outro lado do vidro.

— Ela sabia demais.

Eu franzo a testa. Chris começa a andar novamente, para longe de mim. Ele

para, e posso adivinhar que ele espera que eu o siga, que eu esqueça tudo o que foi dito.

E então percebo o que ele não quer que eu saiba.

— Ela não sabia nada sobre Phydus. Ela sabia muito sobre você — digo. — Ela não confiava em você. Ela tentou me alertar. Ela descobriu que você era um traidor.

— Eu não era um traidor! — Chris fala imediatamente, e sei que ele quer acreditar nisso. Ele fez o que tinha que fazer para o seu povo, os híbridos rebeldes.

— Você era um traidor para ela — digo. — E para mim.

— Não — diz Chris, sua voz suplicante. — Amy, só me escute...

— Você me escute. — Eu olho para ele. — Se você tivesse sido honesto desde o início, nada disso teria acontecido. Nada disso! Emma ainda estaria aqui. E Lorin e o Dr. Gupta e Juliana Robertson. E minha mãe e meu pai.

E Elder.

— Nós não sabíamos! — Chris está quase gritando agora. — Seu pai trabalhou com os militares do IRF; ele confiava cegamente!

— Mas eu não. E nem Elder.

— E como poderíamos saber? — Chris pergunta em um tom desesperado.

Eu dou de ombros.

— Você poderia ter perguntado.

— Mas...

Eu paro. Estou cansada de ouvir desculpas. Estou cansada de palavras.

— Você poderia ter tentado — falo em um tom calmo. — Você poderia ter valorizado nossas vidas mais do que seus segredos.

Eu saio em silêncio.

77: AMY

Terra-Sol — e o IRF — tentam nos contatar uma última vez. Zane vem me buscar em um de seus caminhões.

— Eu não sei como eles fizeram isso. Deve haver um satélite menor de comunicação ainda na órbita do planeta, ou eles encontraram uma maneira de aumentar o sinal a partir da extremidade deles. Todos os sistemas de comunicação da cidade foram ligados ao mesmo tempo. É um sinal, eles estão tentando nos alcançar.

Ele me leva para o centro de comunicação no complexo. O ônibus espacial, agora vazio, ainda está pousado no asfalto, fazendo sombra sobre o edifício de comunicação. Eu quase havia me esquecido do vidro quebrado, o buraco na parede. Nós passamos por ele para entrar no prédio. A fechadura biométrica teria mantido nós dois do lado de fora.

Luzes vermelhas piscam na estação de comunicação. Pouca coisa ainda funciona — a estação espacial abrigava os maiores satélites — mas quando mudamos o dial para ansível, escutamos uma voz.

— Tentando alcançar qualquer sobrevivente da missão *Godspeed*. Mensagem repetida: aqui é o IRF, tentando alcançar qualquer sobrevivente da missão *Godspeed*. Mensagem repetida...

Pressiono o botão do intercomunicador.

— Olá? — eu digo. — Aqui é Amy Martin, filha do coronel Martin.

A mensagem de repetição para.

— Alô? — a voz grita no intercom.

— O que você quer? — pergunto, incapaz de segurar a raiva na minha voz.

— Aqui fala o Presidente Li, do Intercâmbio de Recursos Financeiros, representante de todas as nações sob o IRF.

Meus olhos dirigem-se à águia de prata de asas duplas gravada na placa de memorial, acima da estação de comunicação.

— O que você quer? — pergunto novamente.

— Nós gostaríamos de saber o seu estado. Toda a comunicação foi cortada.

Não temos mais o controle remoto de qualquer das funções previamente ativas da estação espacial...

— A estação espacial explodiu — digo categoricamente.

— Os híbridos se revoltaram? — o Presidente Li diz. — O que aconteceu? Os rebeldes são em maior número do que se pensava?

— Nós juntamos nossas forças com os híbridos — falo. — Temos uma cura para a “vacina” que você deu a todos. — Levanto a minha voz quando o Presidente Li tenta me interromper. — Estamos garantindo que todos os híbridos serão capazes de pensar por si mesmos, e até o momento nenhum deles decidiu continuar como escravo.

— Confirme que você é a atual comandante-em-exercício da missão *Godspeed* — o Presidente Li grita no intercom.

Ele acha que os híbridos rebeldes estão falando com ele — que eles hackearam o sistema.

— Eu sou a comandante-em-exercício — digo. — Não tenho um código para você, mas eu lhe informo o seguinte: nós unimos nossas forças com os híbridos, rebeldes ou não, e nenhum de nós está mais sob seu controle.

— Nós já enviamos naves em direção ao planeta — fala o presidente Li com raiva. — Se essa é a maneira que você e seu povo se posicionam, vamos tratá-los como rebeldes e agir em conformidade!

— Está bem — digo. — Você deve saber que, sem a estação espacial, sei que levará boa parte de uma década até nos alcançarem. E enquanto você terá apenas as armas que carregará, vamos gastar esse tempo desenvolvendo tantas bombas solares e mísseis quanto quisermos. E vamos apontá-los diretamente para o céu. Assim que suas naves chegarem, vamos explodi-las.

— Esse é o nosso planeta! Nosso vidro solar! Você não pode simplesmente isolar-nos desta forma!

— Seu planeta? — Zane diz ao meu lado. Ele franze a testa para o intercom. É muito bom, para o Presidente Li, pelo menos, que ele esteja a tantos anos-luz de distância de nós.

— Simplesmente tente tomá-lo — falo para o intercom. — Mas de alguma forma acho que nossos mísseis são maiores que o de vocês. Aqui está uma coisa que você jamais esperou: se você escravizar todo um grupo de pessoas pelo tempo que escravizou os híbridos, eles ficam um pouco bravos. E pessoalmente?

Eu estou brava também. Então, se é guerra que você quer, por favor, por favor, venha até aqui. Nós ficaríamos felizes em lutá-la.

A estática crepita pelo intercom. Giro o botão até ouvir um clique, cortando a última ligação que tivemos com Terra-Sol.

Zane sorri em triunfo.

— Isso? Isso foi brilhante! — Ele diz.

Dou um sorriso fraco para ele. Eu posso simplesmente ter acabado de causar uma guerra interplanetária. Em uma década, quando — e se — as naves de guerra da Terra chegarem, ele talvez não fique tão feliz com o meu lado rebelde, amplificado pelo meu novo estado híbrido.

Mas eu também quis dizer o que disse. Se houver mesmo uma guerra, nós vamos lutá-la. Eu vou lutar.

Nunca desistirei de meu lar novamente.

79: AMY

— O que é isso? — Zane pergunta, apontando para uma das poucas luzes que ainda está piscando na estação de comunicação.

Eu retiro a sujeira e os detritos acumulados no topo do painel de controle.

— Sinal de localização — digo, lendo o rótulo sob a luz.

— Um sinal de localização? — Zane pergunta. — O que ele está detectando? O ônibus espacial pousou, o módulo de *Godspeed* não existe mais...

Um ruído enche meus ouvidos, deixando-me tonta.

O módulo de fuga só tem duas direções: ir para a estação espacial ou voltar aqui para o complexo.

O sinal de localização continua a piscar.

— Poderia ser...? — Zane pergunta, olhando para mim.

Ele aperta um botão e uma pequena bússola parecida com um dispositivo eletrônico, como uma que meu pai usou para encontrar a sonda, é ejetada de uma fenda sob a luz que pisca. Ela pisca mostrando um ponto talvez a uma milha de distância, na floresta.

Não pode ser, eu penso. É impossível.

Mas eu pego a bússola e corro para fora da sala.

Os bipes do sinal de localização crescem enquanto corro através da floresta. Corro sem pensar ou ter medo. Carrego uma das armas solares agora, mas nem sequer penso na possibilidade de perigo enquanto desvio de galhos de árvore e pulo sobre raízes expostas. Corro através da área que contém os restos queimados do módulo de *Godspeed*, passo pelo pequeno bosque onde Chris me beijou. Não me importa o quão perdida estou, ou se vou encontrar de novo meu caminho de volta.

Tenho que saber o que há do outro lado desse sinal de localização.

Enquanto eu corro, os galhos das árvores me chicoteiam, arranhando meus braços e rosto, rasgando minhas roupas. As batidas do coração ecoam em meus ouvidos, em sincronia perfeita com o bipe do sinal de localização da bússola em minha mão. Pela primeira vez, sou grata por ser uma híbrida por causa dos

músculos que me fazem mais rápida do que eu jamais fui.

Estou mais perto.

Mais perto.

Diminuo a velocidade, verificando o local, tentando descobrir para onde o sinal está apontando. Farejo o ar, meus olhos focados em cada detalhe. Abro caminho através dos galhos. Posso ouvir ruídos e movimentos enquanto pequenos animais e pássaros saem do meu caminho.

E então eu o vejo.

O módulo de fuga.

Ele claramente caiu, arrancando meia árvore com ele. Uma marca irregular na terra mostra onde o módulo de fuga deslizou até parar contra o chão. Ele parou de queimar há bastante tempo, mas posso sentir o cheiro de fumaça impregnado nas árvores queimadas que devem ter sido envolvidas pelas chamas dos foguetes durante a volta do módulo de fuga.

A parte da frente do módulo de fuga está amassada como papel, o nariz pontiagudo achatado, bordas afiadas de metal expostas. A cabine é revestida com vidro, mas a sujeira e os detritos a cobrem completamente e não consigo ver o interior.

Deixo cair a bússola no chão.

Fecho meus olhos.

Tento não pensar que estou prestes a encontrar o cadáver de Elder. Subo sobre a asa quebrada do módulo, lutando para encontrar algo em que eu possa me agarrar enquanto ando em direção à cabine. Escorrego, cortando o meu braço em um metal exposto, o sangue deixando minha mão escorregadia.

Quando alcanço a cabine, retiro os detritos com as mãos, espalhando o meu sangue junto com a sujeira no vidro. Olho fixamente com meus olhos híbridos, implorando para que eles enxerguem o interior da cabine.

Nada.

Nada de Elder — ninguém.

A cabine está vazia.

— Amy? — uma voz sai da floresta. Giro tão rápido que perco meu ponto de apoio na beirada do módulo, desabando e caindo com um baque metálico na asa. Eu subo, procurando freneticamente a direção da voz.

Uma pessoa emerge das árvores.

Alto, com pele morena escura, cabelo e olhos escuros, levemente amendoados. Maças do rosto salientes e lábios carnudos.

E mesmo com meu corpo gritando que isso não é possível, meu coração está cantando um nome:

Elder.

Fico em pé lentamente. E então ele está correndo em minha direção, e eu estou correndo em sua direção e nós não paramos até batermos um no outro, estou rindo e chorando, ele está sujo e mancando; há sangue coagulado em sua cabeça, e um braço pende de forma engraçada, ele grita quando o toco.

Minhas mãos tremem quando eu as levanto para tocar o seu rosto.

É ele. É sim. É sim.

— Quando *Godspeed* atingiu a estação espacial, o módulo de fuga perdeu a conexão — Elder diz logo que libero a sua boca para que ele possa falar em vez de me beijar. — Ele travou no sinal de localização do complexo e seguiu diretamente para ele. Fui pego pela explosão, e saí do curso.

— Por que você não voltou antes? — pergunto.

A voz de Elder está rouca e áspera.

— Eu tentei. Eu não sabia onde estava. — Ele olha ao redor da floresta. — Encontrei um riacho próximo, então eu tinha água. E minha perna. — Ele olha para baixo, e eu vejo a tala improvisada que ele fez para a sua perna. Ele não podia andar e não sabia para onde ir.

— Eu só tinha a esperança de você me encontrar — ele diz.

Então ele não pode falar mais, porque estou beijando-o, e acho que nunca mais vou parar. Mas eu paro. Inclino-me para trás e encaro seus olhos, e somente quando vejo a luz dentro deles é que percebo que é verdade. Ele está de volta.

Ele está magro, muito mais magro do que jamais o vi. Acho que seu braço está quebrado pela maneira como ele o segura contra o seu corpo, e sua perna definitivamente está quebrada. Está sujo e ferido, mas está aqui.

Ele pisca. Toca do lado do meu rosto, perto dos meus olhos. Meus olhos que são azuis agora, não verdes. Com íris ovais.

— Ainda sou eu — digo, porque o meu maior medo agora é que ele rejeite uma Amy híbrida.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Você acha que eu me importo se os seus olhos são azuis ou verdes? Eu só me importo com você. — Sua mão desliza pelo meu braço, e ele envolve seu dedo mindinho ao redor do meu.

— Você voltou para mim — falo, minha voz falhando por causa das lágrimas de alegria derramadas.

— Sempre vou voltar para você — ele me diz, puxando-me para perto.

Sempre.

FIM

^[1] Brinquedo do parque de diversões da Disney World que consiste em xícaras de chá gigantes, onde as pessoas se sentam, e que giram, de um lado para o outro e sobre o seu eixo, simultaneamente (NT).

^[2] Comunicador wireless, isso é, sem fio, embutido sob a pele dos habitantes de Godspeed assim que nascem (NT).

^[3] Literalmente: nascidos na nave (NT).

^[4] O Senhor das Moscas é um livro de alegoria escrito por William Golding, vencedor do Prêmio Nobel em 1983. A história retrata a regressão à selvageria de um grupo de crianças inglesas de um colégio interno, presos em uma ilha deserta sem a supervisão de adultos, após a queda do avião que as transportava para longe da guerra (N.T.).

^[5] Elder em inglês significa “mais velho” (N.T.).

^[6] A Colônia de Roanoke, na ilha de Roanoke no Condado de Dare na atual Carolina do Norte foi um empreendimento financiado e organizado por Sir Walter Raleigh, em fins do século XVI, para estabelecer um assentamento inglês permanente na Colônia da Virgínia. Entre 1585 e 1587, grupos de colonos foram deixados ali com esse intuito, todos os quais ou abandonaram a colônia ou desapareceram. O último grupo desapareceu após um período de três anos sem suprimentos vindos da Inglaterra, o que levou ao surgimento de um mistério que perdura até os dias de hoje, conhecido como “The Lost Colony” (A colônia perdida) (NT).

^[7] Arma de fogo de grosso calibre (NT).

^[8] Revólver de dupla ação significa que se pode disparar um tiro após o outro sem que seja preciso armá-lo manualmente (N.T.).

^[9] A figueira-de-bengala (*Ficus benghalensis*) é uma espécie de figueira típica de Bangladesh, Índia e Sri Lanka. Suas raízes aéreas delgadas crescem até atingir o solo, para então engrossar e formar troncos indistinguíveis do tronco principal. Assim, uma mesma árvore consegue crescer até o ponto de ocupar uma vasta área (N.T.).

^[10] A barba de velho ou musgo espanhol, como é mais conhecido, trata-se de uma planta epífita, espécie de musgo que fica pendurado em árvores e pode alcançar até 6 metros de comprimento (N.T.).

^[11] Mesa Verde National Park é um parque nacional dos EUA e Patrimônio Mundial da UNESCO localizado em Montezuma County, Colorado, Estados Unidos. O parque foi criado em 1906, pelo presidente Theodore Roosevelt, para proteger algumas das moradias construídas em penhascos rochosos mais bem preservadas do mundo (N.T.).

^[12] Referência à célebre frase de Carl Sagan: “O nitrogênio em nosso DNA, o cálcio em nossos dentes, o ferro em nosso sangue, o carbono em nossas tortas de maçã foram feitos no interior de estrelas em colapso. Somos feitos de material estelar” (N.T.).

^[13] Em Godspeed, os dispensadores de alimentos ficavam embutidos nas paredes dos aposentos, daí o termo “comida de parede” (N.T.).

^[14] Agulha para coleta de sangue a vácuo, com recipiente acoplado (N.T.).

^[15] Técnica que utiliza anticorpos para identificar ou quantificar uma substância. Geralmente a substância a ser investigada atua como antígeno tanto para a produção de anticorpos como para a mensuração do anticorpo pela substância-teste. (N.T.).

[{16}](#) Termo cunhado por Ursula K. Le Guin - Transceptor de pulsos capaz de enviar ou receber informações a velocidades superiores à da luz (N.T.).

[{17}](#) Desorientação, confusão, desnortamento. Em francês, no original (N.T.).

[{18}](#) Loop ou “laço” em inglês – refere-se a uma mensagem que é repetida infinitamente, voltando ao seu início, formando então um círculo completo (N.T.).

[{19}](#) Tesseracto, ou hipercubo, é um análogo ao quadrado e ao cubo, mas com quatro dimensões. (N.T.).

[{20}](#) O buraco de verme ou buraco de minhoca (wormhole) é um “atalho” hipotético através do espaço e do tempo. A analogia é: da mesma forma que um verme que perambula pela casca de uma maçã poderia pegar um atalho para o lado oposto da casca da fruta abrindo caminho através do miolo, em vez de mover-se por toda a superfície até lá, um viajante que passasse por um buraco de verme pegaria um atalho para o lado oposto do universo através de um túnel aberto no continuum espaço-tempo (N.T.).

[{21}](#) Referência ao filme de Steven Spielberg, baseado na obra de Michael Crichton, sobre um grupo de cientistas que trazem os dinossauros de volta à vida, utilizando DNA obtido de sangue de mosquitos conservados em âmbar (NT).

[{22}](#) Tempo de chegada (N.T.).

[{23}](#) As glândulas suprarrenais, ou adrenais, fabricam a adrenalina que tem importância no controle da pressão arterial, o cortisol (ou cortisona); alguns hormônios masculinizantes (os andrógenos) e, por fim, os mineralocorticoides, que também participam do controle da pressão arterial. Esses hormônios estão envolvidos em inúmeros aspectos do nosso metabolismo e da chamada homeostase (o equilíbrio do nosso meio interno). Em situações de estresse, têm um papel muito importante (N.T.).

[{24}](#) A glândula pituitária, também conhecida por hipófise, possui a função de secretar uma série de hormônios, inclusive o hormônio do crescimento. A hipófise é responsável pela regulação da atividade de outras glândulas, sendo por isso, no passado, chamada de glândula-mestre (N.T.).

[{25}](#) A reação fisiológica em resposta ao estresse é caracterizada por um aumento da frequência cardíaca e da pressão arterial, a elevação dos níveis de glicose no sangue e redistribuição de sangue do trato digestivo para os músculos. Essas mudanças são causadas pela ativação do sistema nervoso simpático pela adrenalina, que prepara o corpo para “lutar ou fugir” na presença de uma ameaça percebida (N.T.).